UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LUDMILA ÉRICA CAMBUSANO DE SOUZA

A SEÇÃO DE BRINQUEDOS DA METALÚRGICA MATARAZZO S.A. – METALMA –, ANOS DE 1930-1950 EM SÃO PAULO (ESTUDO SOBRE INDUSTRIALIZAÇÃO E CULTURA MATERIAL)

SÃO PAULO
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

A SEÇÃO DE BRINQUEDOS DA METALÚRGICA MATARAZZO S.A. – METALMA –, ANOS DE 1930-1950 EM SÃO PAULO (ESTUDO SOBRE INDUSTRIALIZAÇÃO E CULTURA MATERIAL)

Ludmila Érica Cambusano de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Maria Silveira Barbuy

São Paulo
2012

Aos meus pais, Juares e Maria Cristina, e ao Luiz, meu marido.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Heloisa Barbuy sou muito grata pela orientação dedicada. Além de grata, também me considero privilegiada pela oportunidade de convívio nesses últimos dez anos, desde o meu ingresso como estagiária no Serviço de Objetos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, onde pude, sob sua supervisão, realizar trabalhos e pesquisas, todos muito instigantes para a minha formação, sempre contando com o seu incentivo e generosidade.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por tornar possível a concretização desse trabalho e possibilitar o tempo necessário para o pleno aproveitamento de disciplinas que contribuíram para o desenvolvimento da dissertação, ministradas pelo Prof. Dr. Renato Perim Colistete (FEA-USP), José Sebe Bom Meihy (FFLCH-USP), e pela minha própria orientadora.

Às professoras que estiveram presentes na data do Exame de Qualificação: Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo, do Departamento de História da FFLCH-USP, incentivadora de minhas pesquisas desde os tempos de graduação, e Profa. Dra. Beatriz Mugayar Kühl, da FAU-USP, agradeço pelas indicações bibliográficas, pela leitura cuidadosa do trabalho e por terem oferecido outras sugestões relevantes, que foram fundamentais para a conclusão da dissertação.

Aos meus pais, Juares e Maria Cristina, e ao Luiz, meu marido, não só manifesto aqui o meu reconhecimento como também a eles dedico esse estudo, por todo o incentivo, amor e apoio recebido, sempre.

Aos meus irmãos, todos muito queridos por mim, Leurick, Lincoln e Lucas; e à Carla, querida amiga, há tantos anos.

O meu agradecimento ao Adilson José de Almeida (que também foi o meu supervisor no Serviço de Objetos) e ao Vagner Gusmão, por todo o auxílio prestado. Também às professoras da instituição, Margarida Davina Andreatta e Miyoko Makino, pelo incentivo.

À Márcia Mendo, supervisora técnica da Biblioteca do Museu Paulista, não só por ter me recebido como estagiária nos dois primeiros anos de graduação (e lá se foram mais de dez anos), pelo carinho ainda manifestado e, principalmente, porque me apresentou à

Profa. Heloisa para um estágio no Serviço de Objetos, quando tudo começou. E à toda sua equipe: Célia, Rosemary, Helton, Kátia e Márcia, afetuosamente.

Ao historiador Aparecido, ao Társio e a todos os funcionários do Centro de Apoio à Pesquisa do Arquivo do Estado de São Paulo, pelo atendimento sempre muito cordial e eficiente, mesmo nos períodos de obras para reforma da instituição.

O meu agradecimento à equipe que lida diretamente com o público da Biblioteca Central da Faculdade de Direito da USP: Sônia Maria D'Angelis dos Santos, Sr. Jair, Dona Agostinha, Regina Maria e Eduardo José Mercante, sempre solícitos.

À Luciana, bibliotecária da Associação Comercial de São Paulo; a todos os funcionários do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) e das bibliotecas da FFLCH, FAU e FEA da Universidade de São Paulo; aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís; das bibliotecas da Cinemateca Brasileira e da Fundação SEADE.

Ao Sr. A. Andrea Matarazzo, por ter disponibilizado horário para a realização de entrevista e pela autorização de registro fotográfico de sua coleção de brinquedos e catálogos Metalma, e à Sra. Rosa, secretária da família Matarazzo, que tornou possível tudo isso. À arquiteta Regina Helena Vieira Santos, que possibilitou o primeiro contato e encontro com a Sra. Rosa.

Sou grata ao pesquisador argentino Diego Lascano, que também se dedicou a estudos sobre brinquedos, pela troca de informações, indicação de publicações de seu país sobre o tema e pelos livros enviados de sua autoria.

À Virginia Costa e Gessônia Leite de Andrade Carrasco, pelo interesse manifestado no estudo de conservação do acervo de brinquedos de metal do Museu Paulista.

Ao José Rosael, fotógrafo do Museu Paulista, pelo auxílio com algumas imagens dos catálogos impressos.

Não posso deixar de mencionar a minha gratidão aos meus sogros, Seu Luiz Farat e Dorinda, e à minha cunhada, Thaís Helena. O meu reconhecimento por todas as gentilezas, apoio, carinho (o qual é recíproco) e incentivo a mim concedidos não caberia em um parágrafo.

Por fim, agradeço aos também orientandos da professora Heloisa, Carina Pedro, já Mestre, ao Diego, e, especialmente, à Mariana, pela amizade constituída nessa trajetória.

Resumo

O presente estudo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, vincula-se, também, por seus objetivos e condição de sua orientadora, ao Programa de Pesquisas em História da Cultura Material do Museu Paulista da USP, que vem se configurando, nas últimas duas décadas, como centro emergente neste campo.

Constitui, outrossim, aprofundamento de pesquisa em torno do comércio e fabricação de brinquedos na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, na qual, das 77 fábricas e fabriquetas de brinquedos mapeadas, ativas entre 1901 e 1937, sobressaiu-se a Seção de Brinquedos da Metalúrgica Matarazzo – "METALMA", que por uma conjunção de características relativas a porte, duração, tipologia fabril e, sobretudo, por participar de momento histórico marcado por um pensamento industrial de ideologia nacionalista e anseio de modernização, mostra-se como objeto de pesquisas de interesse, até então não realizado.

É objetivo da pesquisa esmiuçar e concretizar os modos como os ideais do nacionalismo e modernização puderam se desenvolver nos meandros da fabricação de brinquedos voltados ao mercado consumidor brasileiro de objetos de uso doméstico, desde os materiais e métodos fabris utilizados até o produto final – brinquedos de lata com temáticas variadas, que são recuperados e analisados enquanto parte do *corpus documental* (seja no plano da informação textual e iconográfica, seja no exame de exemplares ainda existentes), tornando-se o objeto como documento, na perspectiva da História da Cultura Material.

Palavras-chave: industrialização, Metalúrgica Matarazzo S.A., brinquedos, São Paulo, Cultura Material.

Abstract

The present study, developed at the Post-Degree Program at the São Paulo University (USP), is also related, due to its goals and supervisor's status, to the History of Material Culture Research Program at the Paulista Museum, from the same university, a center which, in the last two decades, has become an emerging center of research in the field.

Therefore, the present study is a deeper research on toys trade and manufacturing in the city of Sao Paulo during the first decades of the 20th century. From the 77 plants and small factories which have been mapped, actives between 1901 and 1937, the Seção de Brinquedos da Metalúrgica Matarazzo – "METALMA" (Matarazzo Metallurgical Section of Toys) is of special interest. Owing to a group of traits related to size, activity period, factoring type and, especially, for taking part of a historical moment of a nationalistic industrial mindset and an urge for modernization, this company is the object of this research.

The goal of this research is to scrutinize and actualize the way in which the ideology of nationalism and modernization could develop at the core of toy manufacturing targeted to the Brazilian end consumer, from materials and factoring procedures adopted to the final product – differently themed tin toys which have been retrieved and analyzed as part of the *documental corpus* (both as textual and iconographical information and as analyses of remaining objects), and have become the documents for this research on perspective to the History of Material Culture.

Key words: industrialization, Matarazzo Metallurgical, toys, São Paulo, Material Culture.

SUMÁRIO

Introdução 9

Objetivos do Estudo e Balanço Bibliográfico sobre o tema *Brinquedo* 9

Sobre *Corpus* Documental 19

Capítulo I – Origens e implantação das primeiras fábricas de brinquedos em São Paulo e contexto de instalação da Metalúrgica Matarazzo S.A. 25

1.1. O papel do comércio na constituição das primeiras fábricas de brinquedos na capital paulista 25

1.2. Os Brinquedos de Lata: Breve Histórico 52

1.3. A Seção de Brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A.: caso emblemático em São Paulo – anos de 1930-1950 63

1.3.1. Publicidade e Consumo dos Brinquedos Metalma 90

Capítulo II – O Nacionalismo e a Modernidade: Valores intrínsecos ao processo industrial, expressos na publicidade dos brinquedos..... 105

Capítulo III – Brinquedos Metalma e outros de origem paulistana: documentos históricos 133

Algumas considerações sobre o brinquedo visto como patrimônio da industrialização 165

Capítulo IV – O Acervo de Brinquedos Metalma do Museu Paulista da Universidade de São Paulo 175

Indicações para a construção de um catálogo dos Brinquedos Metalma do Acervo do Museu Paulista da USP: 45 Unidades 180

Catálogo dos Brinquedos Metalma do Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo 193

Bibliografia e Fontes..... 260

Anexos 276

Anexo I - Tabela: Mapeamento dos principais estabelecimentos que comercializaram brinquedos na cidade de São Paulo, primeira metade do século XX. 276

Anexo II – Dossiês: as Fábricas de Brinquedos Paulistanas, primeira metade do século XX..... 292

Introdução

Objetivos do Estudo e Balanço Bibliográfico sobre o tema *Brinquedo*

A proposta do estudo que ora apresentamos é tratar, do ponto de vista da História da Cultura Material, aspectos do processo de produção e consumo de brinquedos industrializados na cidade de São Paulo, com foco, sobretudo, na trajetória da Metalúrgica Matarazzo S.A., a qual, por uma série de características, mostrou-se emblemática nesse ramo na capital paulista. As décadas de 1930 a 1950 constituem o período abordado na pesquisa, que representa o início da produção de brinquedos de folha-de-flandres pela Matarazzo, até o seu auge, pois, em seguida, a elaboração desses bens de consumo foi transferida para filial em Minas Gerais e, gradualmente, houve a incorporação do plástico como matéria-prima em seu fabrico.

Muitos têm sido os estudos desenvolvidos no Brasil sobre o tema "brinquedo", principalmente a partir da década de 1980, quando a primeira edição brasileira da obra de Walter Benjamin, intitulada *Sobre crianças, juventude e educação*, foi publicada. A antologia benjaminiana, póstuma, somente foi divulgada na Alemanha no ano de 1969 e, em nosso país, a Summus Editorial lançou-a em 1984, com o título *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.* Em 2002, uma nova edição dessa obra de referência àqueles que se dedicam à compreensão da infância e temas a ela ligados veio a público, dessa vez lançada pela Editora 34 e Livraria Duas Cidades (Coleção Espírito Crítico)[1].

Entre ensaios e resenhas dedicados a assuntos como ensino de moral, pedagogia comunista, livros infantis, teatro infantil proletário – alguns escritos são antecedentes à Primeira Guerra Mundial –, Walter Benjamin também se voltou à análise, notadamente marxista, dos brinquedos em cinco diferentes textos, produzidos entre 1928 e 1930. Mormente um deles aqui nos interessa, de título *História Cultural do Brinquedo*[2], em que o autor afirma terem sido os brinquedos, no início, criações secundárias no ambiente de

[1] Walter BENJAMIN. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.* São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2002 (Coleção Espírito Crítico). Caroline Mitrovitch analisou as contribuições de Benjamin para área da educação na obra *Experiência e formação em Walter Benjamin*, publicada em 2011 pela Editora da UNESP. Foi, originalmente, Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual Paulista, sob orientação de Divino José da Silva.

[2] *Idem, ibidem,* p. 89-94.

diferentes tipos de indústrias, fenômeno observado também em relação às fábricas paulistanas, que versaremos no estudo.

Entre as obras de caráter mais técnico, pode-se considerar o estudo de Léo Claretie, *Les jouets (Histoire, fabrication),* uma das obras pioneiras sobre o assunto[3]. Lançado em fins do século XIX, por volta de 1893, aborda desde as origens da produção artesanal à ascensão da industrialização de brinquedos na França. Mais do que isso, tece também análise de interesse sociológico sobre o fenômeno, pois a situação dos trabalhadores/operários desse ramo, por exemplo, não deixou de ser examinada.

Roland Barthes, em meados da década de 1950, analisou o brinquedo (no caso, o de origem francesa, embora sua interpretação possa ser aplicada aos brinquedos industrializados de outros países) em um dos textos que compõem a sua obra *Mitologias*. Criticou, assim como Benjamin fizera, a sociedade capitalista de sua época ao constatar que os modelos que circulavam em seu país eram meras representações em miniatura de aspectos da vida adulta, simplesmente modelos prontos, que não estimulavam a criatividade da criança. Assim, concluiu que esse tipo de brinquedo comum na França pretendia formar crianças "proprietárias", e não "criadoras". O brinquedo, para ele, torna-se objeto aburguesado por tal feição e, além dela, a introdução do plástico como matéria-prima para o brinquedo foi contestada por Barthes, o qual viu na madeira o material adequado à elaboração desse objeto. Para ele, o plástico, visto como material de "aparência simultaneamente grosseira e higiênica, mata o prazer, a suavidade e a humanidade do tato"; ao passo que a madeira é "ideal pela sua firmeza e brandura, pelo calor natural do seu contato; é uma substância familiar e poética, que deixa a criança permanecer numa continuidade tátil com a árvore, a mesa, o assoalho"[4].

Outro pensador francês, Gilles Brougère, é considerado atualmente uma das principais referências em estudos relativos a brinquedos nas áreas de Pedagogia, Psicologia e Sociologia. Em 1992 foi lançada uma publicação sob sua direção, intitulada *Le jouet: valeurs et paradoxes d'un petit objet secret*[5], a qual reuniu artigos de diferentes especialistas, como pedagogos, psicólogos, jornalistas, museólogos especializados na

---

[3] Leo CLARETIE. *Les jouets (Histoire, fabrication).* Paris: Librairies-Imprimeries Réunies, 1893.
[4] Roland BARTHES. *Mitologias.* 4ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, pp. 59-62.
[5] Gilles BROUGÈRE (dir.). *Le jouet: valeurs et paradoxes d'um petit objet secret.* Paris: Éditions Autrement, 1992.

conservação desse tipo de acervo, dentre outros. Pesquisas arqueológicas sobre os brinquedos das sociedades antigas (egípcia, grega e romana), livros animados e o brinquedo impregnado de representações culturais são alguns temas discutidos pelos diferentes estudiosos. No Brasil, Brougère publicou *Brinquedo e Cultura*, composto por textos desenvolvidos durante período em que esteve ligado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo[6].

Robert Jaulin, em parceria com Gilles Brougère e outros autores, reuniu diversos artigos sobre jogos e brinquedos, em obra intitulada *Jeux e Jouets: essai d'ethnotechnologie*, em 1979. Na introdução da obra, P. N. Denieul define a etno-tecnologia como o estudo da interação de uma sociedade e de sua tecnologia ou, em outras palavras, considera o impacto da técnica sobre as relações cotidianas existentes no interior de uma dada civilização. Feita tal definição, justifica o seu uso para o caso do brinquedo porque o mesmo constitui uma das primeiras formas de relação do ser humano com os objetos, depois se apresenta como o microcosmo de nosso universo do qual ele faz o papel de porta-voz[7].

Em 1938 foi lançado o clássico estudo de Johan Huizinga, *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, em que o autor reconheceu o jogo como algo inerente ao homem e mesmo aos animais, além de considerá-lo uma categoria anterior à própria cultura. Esta, segundo Huizinga, evoluiu graças ao jogo e por isso a cultura tem um caráter lúdico[8].

Os estudos acadêmicos mais recentes a respeito do brinquedo, no Brasil, tendem, de fato, para as áreas de Pedagogia e Psicologia. Nesse sentido, podemos citar pesquisadores como Tizuko Morchida Kishimoto, docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, a qual, além de desenvolver pesquisas que relacionam o brinquedo à educação infantil[9] e a concepção de brinquedotecas, também é responsável pela coordenação do *Laboratório de brinquedos e materiais pedagógicos da USP* (LABRIMP-USP), local concebido para o desenvolvimento de pesquisas, cursos, catalogação e conservação de brinquedos educativos e espaço para exposições.

---

[6] Gilles BROUGÈRE. *Brinquedo e cultura.* São Paulo: Cortez Editora, 1995. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop.
[7] Robert JAULIN et alii. *Jeux et Jouets. Essai d'ethnotechnologie.* Paris: Éditions Aubier Montaigne, 1979.
[8] Johan HUIZINGA. *Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, 5ª Ed.
[9] Tizuko Morchida KISHIMOTO. *O jogo, a criança e a educação.* São Paulo, 1992, Tese de Livre-Docência, FE-USP.

No campo dos museus, uma referência importante é o Musée National de l'Éducation, fundado em 1980 e sediado em Rouen. Vem se dedicando desde então à pesquisa, à organização de exposições e à publicação de seus catálogos sobre diferentes aspectos da infância e, para isso, conta com o seu acervo de brinquedos antigos e outros objetos relacionados à criança, especialmente os materiais escolares de outros tempos. No ano de 1990, por exemplo, publicou catálogo da exposição que promoveu a respeito dos jogos e trabalhos da infância, bem como sobre o círculo familiar e o ambiente escolar em fins do século XIX[10].

Yves Gaulupeau, curador da referida instituição francesa, é também autor de diferentes artigos e catálogos de exposição sobre o ensino de história e da iconografia de manuais escolares e publicou, em 1992, *La France à l'école,* obra que busca esclarecer as origens do ensino de seu país e a formação da escola como instituição. Para isso, Gaulupeau recorreu não só a fontes primárias consideradas "tradicionais", mas também à documentação tridimensional, objetos como manuais e móveis escolares, brinquedos educativos, tabelas e iconografia desse ambiente de diferentes épocas[11].

Diana Gonçalves Vidal, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE), desenvolve estudos que tratam a constituição da escola primária em São Paulo e no Rio de Janeiro no século XIX, também a partir da cultura material da educação (móveis, carteiras, livros, lousas e outros artefatos escolares)[12].

Paulo de Salles Oliveira, já na década de 1980, defendeu dissertação de mestrado sobre os brinquedos, na área de Sociologia. Também publicou outros estudos sobre o tema, como, por exemplo, os brinquedos artesanais produzidos em diferentes localidades do

---

[10] Musée National de l'Éducation. *Jeux et travaux de l'enfance.* Rouen: Départment Mémoire de l'Éducation, INRP, 1990.

[11] Yves GAULUPEAU. *La France à l'École.*Paris: Gallimard, 1992.

[12] Diana Gonçalves VIDAL. "O Museu Escolar Brasileiro: Brasil, Portugal e a França no âmbito de uma história conectada (final do século XIX)". In: Alberto LOPES, Luciano Mendes de FARIA FILHO, Rogério FERNANDES (orgs). *Para a compreensão histórica da infância.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 199-220; *idem.* "A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos". In: Cláudia Engler CURY, Serioja Cordeiro MARIANO (orgs.). *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009, pp. 37-54.

Brasil[13], o qual está relacionado à realização, no mesmo ano, da exposição "Mil brinquedos para a criança brasileira", promovida pelo SESC Pompeia[14].

Ainda no que se refere aos brinquedos artesanais e tradicionais de diferentes culturas brasileiras, não podemos deixar de lembrar que instituições como o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro possuem esse tipo de acervo, caso do conjunto de bonecas Karajás.

Maria Cecília Marques da Costa Aflalo, por sua vez, desenvolveu estudo em nível de mestrado, na área da Antropologia, mas tendo como fonte principal a série de catálogos da Manufatura de Brinquedos Estrela S.A., do início da década de 1940 até o ano de 1986[15]. Procurou analisar o brinquedo como produto cultural, pois considerou que o mesmo reproduz simbolicamente o homem, o meio e a trama das relações de uma sociedade, em determinado momento histórico[16].

Na área de Psicologia, Edda Bomtempo, docente da Universidade de São Paulo, dedicou estudos à relação do brinquedo e a aprendizagem da criança[17].

Em trajetória distinta dos estudiosos brasileiros já citados, a pesquisadora Ângela Cardoso Guedes[18] viu o brinquedo como fonte de informação museológica e realizou significativo esforço ao discutir e promover esse tipo de objeto como um dos acervos basilares na instituição onde atua[19], assim como vem ocorrendo no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também desde o início dos anos de 1990. Coleções significativas de brinquedos de diferentes épocas já integram há tempos o acervo de

---

[13] Cf. Paulo de Salles Oliveira. *A inocência do brinquedo*. São Paulo, 1983, Dissertação de Mestrado, PUC-SP.; *Brinquedos artesanais e expressividade cultural.* São Paulo: Serviço Social do Comércio, 1982; *O que é brinquedo?* São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos).

[14] Catálogo *Mil brinquedos para a criança brasileira: uma exposição do Centro de Lazer SESC, Fábrica Pompeia*. São Paulo: SESC/ Museu de Arte de São Paulo, 1982.

[15] AFLALO, Maria Cecília Marques da Costa. *O brinquedo interessa a muita gente.* São Paulo, 1988, 149p., Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

[16] *Idem, ibidem*, p.9.

[17] Edda BOMTEMPO; C. L. HUSSEIN e M. A. R. ZAMBERLAN. *Psicologia do brinquedo.* São Paulo: EDUSP, Nova Stella, 1986.

[18] Assessora de comunicação do Museu Histórico Nacional desde 1990, no Rio de Janeiro.

[19] Ângela Cardoso GUEDES. *Brinquedo: Fonte de informação museológica.* Rio de Janeiro, 2004, 285f., Tese de Doutoramento em Ciência da Informação, UFRJ/ECO-RJ; *idem,* "Brinquedos: a formação da coleção do Museu Histórico Nacional", in: *Anais do Museu Histórico Nacional,* volume 34, 2002, Edição Comemorativa dos 80 anos de fundação do Museu Histórico Nacional (1922-2002), pp. 343-370; *idem,* "A formação da coleção de brinquedos do Museu Histórico Nacional – memórias afetivas, história e histórias", in: *Anais do Museu Histórico Nacional,* volume 42, 2010, Edição alusiva aos 70 anos de publicação do 1º volume dos Anais do Museu Histórico Nacional (1940-2010), pp. 107-123.

importantes instituições estrangeiras, como o Musée des Arts décoratifs, em Paris; o National Museum of American History, em Washington; Museum of the City of New York; Deutsches Historisches Museum, sediado em Berlim; o Victoria & Albert Museum of Childhood, em Londres; o Museu do Brinquedo/Fundação Arbués Moreira, localizado na cidade de Sintra, Portugal e o Museo de la Ciudad, em Buenos Aires[20].

Não podemos deixar de mencionar, também, a existência de abundante bibliografia técnica sobre brinquedos, publicada, sobretudo, em países europeus e nos Estados Unidos. Os estudos que a compõem, ao contrário das pesquisas de caráter acadêmico, preocupam-se com a realização de identificação de marcas, enumeração dos tipos de brinquedos fabricados, assim como os materiais e técnicas com os quais eram produzidos. Servem, portanto, àqueles que se dedicam ao comércio de antiguidades ou obras raras, a colecionadores, embora também tenham se tornado fundamentais a curadores de museus que lidam com tal tipo de acervo. São obras como a de Richard O'Brien, a respeito dos brinquedos norte-americanos[21], de Caroline G. Goodfellow, intitulada *Understanding Dolls*, e de Evelyn J. Coleman, onde se encontram definições de variadas matérias-primas utilizadas na confecção de bonecas, desde as mais antigas até aquelas mais recentes, principais marcas, estruturas do corpo e identificação de seus mecanismos, e outras informações[22]. Outras publicações desse repertório técnico e que abordam os brinquedos de folha-de-flandres, serão oportunamente citados, especialmente no capítulo 1.

A despeito de o presente trabalho não pretender abordar a história da criança e sim contribuir para a compreensão do brinquedo como objeto industrial destinado ao uso infantil no espaço e cotidiano domésticos, não podemos deixar de citar importantes obras historiográficas nessa área, as quais se tornaram referências para os demais campos que têm o brinquedo como objeto de análise, como a *História Social da Criança e da Família*, do

---

[20] O Musée des Arts décoratifs vem constituindo o seu acervo de brinquedos desde o ano de 1905 e conta, atualmente, com cerca de 12 mil desses objetos (de acordo com o *site* da instituição http://www.lesartsdecoratifs.fr/francais/arts-decoratifs/collections-26/parcours-27/thematique/galerie-des-jouets/); o Deutsches Historisches Museum preserva um acervo composto de 2500 brinquedos produzidos entre a Primeira Guerra Mundial e o período do III Reich, segundo informações obtidas no *site* http://www.dhm.de/ENGLISH/sammlungen/alltag3/spielzeug/.

[21] Richard O'BRIEN. *The story of american toys: from the puritans to the present.* New York: Abeville Press Publishers, 1990.

[22] Caroline G. GOODFELLOW. *Understanding dolls.* Woodbridge: Antique Collector's Club Ltd., 1986, Evelyn J. COLEMAN. *The Collector's Ecyclopedia of Dolls* (2 Vls.) London/New York: Robert Hale Limited, 1986.

historiador francês Philippe Ariès[23]; é de interesse também os *Annales de Démographie Historique,* publicados no início da década de 1970, sendo um dos volumes dedicado ao estudo da criança e sociedades em diferentes períodos, onde encontramos artigos que tratam "a atitude da sociedade a respeito da criança no século XIX" (A. Armengaud); o "advento da Revolução Industrial e o trabalho infantil" (C. Fohlen); "a sociedade militar e a criança" (A. Corvisier), e outros[24].

No Brasil, a coletânea precursora de estudos sobre o papel e a situação da criança no país, desde o período colonial até a fase republicana, foi organizada por Mary Del Priore[25]. Nessa obra, a historiadora Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura abordou o tema da situação do operariado infantil na cidade de São Paulo em tempos de república, sendo que outros estudos nessa mesma linha foram desenvolvidos por ela[26].

Conforme já mencionado, os estudos nas áreas de Pedagogia e Psicologia sobre o brinquedo no Brasil mostram-se mais desenvolvidos do que na área de História. Ao contrário dessas tendências elencadas, pretendemos abordar o brinquedo inserido no campo da história da industrialização de São Paulo (já amplamente discutida na área da História Econômica, mas não na perspectiva cultural) e, sobretudo, sob a óptica da História da Cultura Material, recorrendo, para tal objetivo, ao uso do acervo de brinquedos industrializados que vem sendo formado no Museu Paulista, principalmente os da marca Metalma, como conjunto de fontes, ao lado de outros documentos históricos. Ressalte-se, ainda, que o brinquedo industrializado aqui será visto como patrimônio da industrialização paulistana (designação com a qual nos identificamos e proposta por Beatriz Mugayar Kühl[27]), uma das contribuições de nosso trabalho que, embora não tenha a pretensão de

---

[23] Cf. Philippe ARIÈS. *História Social da Criança e da Família.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 (2ª edição brasileira). 1ª edição, Paris: Plon, 1960, título original: *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime.*

[24] Société de Démographie Historique. *Annales de Démographie Historique: Enfant et sociétés.* 1973.

[25] Mary Del PRIORE *et alii. História da criança no Brasil.* São Paulo: Contexto/CEDHAL, 1991.

[26] Cf. Esmeralda Blanco B. de MOURA. "Infância operária e acidente do trabalho em São Paulo". In: Mary Del PRIORE (org.), *op. cit.,* pp. 112-128; "Crianças operárias na recém industrializada São Paulo. In: Mary Del PRIORE (org.). *História das crianças no Brasil*, 1ª Ed., São Paulo: Contexto, 1999, pp. 259-288; *Mulheres e menores no trabalho industrial: sexo e idade na dinâmica do capital.* Petrópolis: Vozes, 1982; C. H. de CARVALHO, Esmeralda Blanco B. de MOURA e José Carlos de Souza ARAÚJO (orgs.). *A infância na modernidade: entre a educação e o trabalho.* 1ª Ed., Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia (EDUFU), 2007, v.1.

[27] Cf. Beatriz Mugayar KÜHL. Beatriz Mugayar KÜHL. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro.* Cotia, SP: Ateliê Editorial/FAPESP, 2008, pp. 37-115.

esgotar o tema, busca apresentar uma pesquisa histórica com outro olhar, a partir de fontes ainda pouco convencionais, de outra metodologia, ligada à curadoria museológica.

No que se refere à estrutura da dissertação, ela é composta por quatro capítulos, sendo que o primeiro versa sobre a ascensão do comércio de caráter cosmopolita realizado nas ruas centrais de São Paulo, desde meados do século XIX e início do XX, fenômeno que se mostrou determinante para a implantação de variados tipos de indústrias na cidade, incluindo-se aí a de brinquedos.

Citados os principais exemplos de casas comerciais que impulsionaram o consumo desses artigos infantis na cidade, em seguida abordamos, sucintamente, a origem dos brinquedos de folha-de-flandres (matéria-prima comumente conhecida no Brasil como "lata"), os principais países que se destacaram na sua produção e os seus fabricantes. Ainda que introdutória, essa parte do trabalho torna-se relevante à medida que nos possibilita relacionar e compreender as matrizes estrangeiras do brinquedo, as quais serviram, posteriormente, como modelos para os fabricantes paulistanos ou imigrantes que aqui se estabeleceram, embora se utilizando de matérias-primas nacionais e experiências distintas daqueles.

Assim, passaremos a circunscrever nosso objeto de estudos, a seção de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A. propriamente, desde a sua fundação – recorrendo, para isso, às origens da constituição das indústrias da família realizada pelo Conde Francesco Matarazzo – até o declínio da produção de tais objetos, os quais ficaram em segundo plano quando a empresa foi, ao longo dos anos, se especializando cada vez mais em determinados tipos de produtos, como embalagens para armazenamento de alimentos e latas para bebidas.

O segundo capítulo pretende examinar elementos presentes na publicidade dos brinquedos, que denotavam valores da sociedade paulista do período em questão. Temas como "nacionalismo", "modernidade" e outros que a eles se relacionam, como progresso e pujança industrial, produção maciça e seriada de brinquedos, valorização do produto nacional, foram disseminados pela imprensa periódica que veiculava naquele momento, a fim de demonstrar a equivalência, ou até muitas vezes conforme verificamos, a superioridade atingida no ramo em relação ao produto estrangeiro.

No terceiro capítulo, buscamos analisar os valores sociais tratados anteriormente, agora a partir dos próprios brinquedos, do artefato em si e, para tanto, servimo-nos da

coleção que integra o Serviço de Objetos de Museu Paulista da Universidade de São Paulo[28], bem como de coleções de particulares (antiquários e de descendente da família Matarazzo). Note-se que acervos de museus são normalmente fragmentários, além de tratar-se de fonte não muito usual para trabalhos de âmbito histórico. Tornam-se, assim, documentos restritos em quantidade e tipologia; todavia, os catálogos de brinquedos e anúncios diversos também compõem o *corpus* documental para o desenvolvimento do estudo e trazem uma sistemática mais clara do quadro geral de produção desses objetos. Constituem, em suma, um universo de Cultura Material.

O último capítulo, enfim, apresenta uma proposta de catalogação do acervo de brinquedos da marca Metalma que vem se constituindo no Serviço de Objetos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Roy Brigden, da mesma forma que outros estudiosos da História da Cultura Material, como Thomas J. Schlereth e Daniel Roche, apontou a importância das coleções de museus e de objetos de uso do cotidiano para os estudos históricos, ao observar que

> "Social history collections are reflections of the everyday lives of people and their communities. They are the product of a society where rapid social change has created, and is counterbalanced by, a heightened awareness of the past and a deep-seated need to hold on to what has gone before. (…) The object itself is the clearest tangible link with the people who made it, the people who used it and the era to which it belonged. Research bring us closer to an understanding of these people, and separates each item individually; for even with mass-produced goods, the story of ownership and use is different in each case"[29].

[28] Notamos que o presente trabalho vem contribuindo para a formação dessa coleção na instituição.

[29] Cf. Roy BRIGDEN. "Research – Social History". In: THOMPSON, John M. A. (ed.). *Manual of Curatorship: a guide to museum practice.* 2nd. ed. Oxford, 1992. Raquel Glezer, por sua vez, chamou a atenção para o desenvolvimento dos estudos relacionados à industrialização sob outras formas. Segundo suas palavras, "Aos estudiosos atuais da industrialização na cidade cabe ver o espaço urbano com novos olhares, percorrer os caminhos das indústrias, acompanhar as vias férreas, as marcas, sinais e resíduos das atividades industriais, buscar os produtos industrializados que sobreviveram ao passar dos anos, analisar as técnicas industriais existentes em determinados momentos, localizar sua distribuição e o mercado consumidor – enfim, recuperar o que até agora foi relegado ao esquecimento e olhar os fenômenos históricos, para traçar novos caminhos..." cf. Raquel GLEZER. "A cidade de São Paulo e as indústrias". In: Heloisa BARBUY (org.). *Suplemento do Diário Oficial do Estado de São Paulo.* Volume 113, no. 18. São Paulo: Imprensa Oficial, 25 de Janeiro de 2003 (número comemorativo do 449º aniversário de fundação de São Paulo).

Resultado de um aprofundamento de estudo sobre o mapeamento do comércio e da industrialização de brinquedos em São Paulo nos primeiros decênios do século XX, o qual foi também orientado pela Profa. Dra. Heloisa Barbuy e sob auspício da FAPESP durante o ano de 2004[30], a presente dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo entre os anos de 2009 e início de 2012, e devido aos seus objetivos e condição de sua orientadora, também está associado ao Programa de Pesquisas em História da Cultura Material do Museu Paulista da USP, que vem se configurando como centro emergente neste campo, nas últimas duas décadas.

Por fim, ressaltamos que se optou pela conservação da grafia original do período, que será mantida ao longo do trabalho quando houver citações de anúncios ou outros registros, assim como as citações bibliográficas em outros idiomas.

[30] Ludmila Érica Cambusano de SOUZA, *Comércio, circulação e fabricação de brinquedos em São Paulo, 1901-1937. Estudo sobre Comércio, Industrialização e Cultura Material.* Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à FAPESP, sob orientação de Heloisa Barbuy, São Paulo, 2004, 100 p.

Sobre *Corpus* Documental

Propusemo-nos, inicialmente, a pesquisar diferentes fontes[31] que permitissem a obtenção de dados bastante objetivos sobre a Seção de Brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A. (como datas, localização urbana, produtos oferecidos, etc.), assim como informações mais conotativas, relacionadas às formas de apresentação da empresa ou de seus produtos: obras oficiais, ou seja, publicadas por órgãos governamentais, como a *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*, que teve a sua primeira edição anual no ano de 1928 e se estendeu, pelo menos, até os primeiros anos da década de 1940[32]. Os volumes consultados foram correspondentes aos anos de 1928 a 1935, 1937, 1938 e 1943[33]. Constituiu fonte relevante para a pesquisa, pois ofereceu informações variadas como nome das empresas/fábricas de brinquedos (inclusive a Metalúrgica Matarazzo S.A.), endereço, tipos de artigos produzidos, matérias-primas empregadas, números de operários, dentre outras. Note-se que os prefácios desse documento anual também foram de interesse para o desenvolvimento do trabalho, pois em suas linhas se depreende a busca da valorização da indústria paulista, a crença em sua capacidade e ascensão no período.

Outra fonte oficial analisada foi a *Revista da Propriedade Industrial*[34], que, em sua origem, era uma das seções do Diário Oficial publicado no Rio de Janeiro, então sede do governo federal. Nela eram registradas e descritas novas marcas, patentes, invenções, que eram aprovadas ou não, através de parecer técnico, ou então contestadas por aqueles que se sentiam prejudicados por já terem inventado determinado produto ou nome. Além de poder nela constar o ano do registro da Metalúrgica Matarazzo (a marca "Metalma" foi registrada

---

[31] Heloisa Barbuy sublinhou que "os estudos de cultura material não se fazem apenas com base em fontes materiais (embora sejam prioritárias), mas em todas aquelas que possibilitem a compreensão de universos materiais". Cf. Heloisa BARBUY, *A Cidade-Exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, p. 24.

[32] Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de S. Paulo. Directoria de Estatística, Industria e Commercio – Secção de Industrias. *Estatística Industrial do Estado de S. Paulo.* São Paulo: Typ. Garraux/Siqueira/Freire & Cia (dependendo do ano).

[33] Observe-se que os anos antecedentes à década de 1930, embora não estejam inseridos no balizamento proposto da pesquisa, foram consultados para verificação e precisão dos dados sobre a constituição da Metalúrgica Matarazzo. Não foram localizados nas diferentes instituições de pesquisa, inclusive na Biblioteca da Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) os volumes anuais de 1936, 1939, 1940, 1941 e 1942. Não se sabe se estão indisponíveis para consulta ou se não foram publicados.

[34] Ministério do Trabalho, Industria e Comercio. Departamento Nacional da Propriedade Industrial. *Revista da Propriedade Industrial.* Rio de Janeiro: GB-Brasil.

no ano de 1938, (cf. **figura 37, no capítulo I, seção 1.3.)** e de possíveis divulgações de seus inventos e mercadorias, a publicação mostrou-se importante para a observação mais detalhada daquele contexto, em que tantos indivíduos, sobretudo aqueles da cidade de São Paulo, apresentavam invenções de novos brinquedos e sugestões de técnicas e aperfeiçoamentos para a produção desses mesmos artigos. Foram pesquisados os volumes de 1933 (disponíveis apenas os meses novembro e dezembro); os anos entre 1934 e 1939, 1941 e 1942, contendo todos os meses; 1943 (contém somente os meses de janeiro a março) e 1944 (janeiro a setembro)[35].

Além da documentação acima descrita, privilegiamos como documentos impressos os periódicos paulistas de maior circulação na capital, *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*, para a coleta de anúncios, notícias ou outras informações que revelassem as formas de comércio e estratégias de publicidade dos brinquedos METALMA e outros de origem paulistana ao leitor/consumidor da cidade em questão. Sublinhe-se que foi adotada como metodologia para a coleta de dados e anúncios sobre essa marca, bem como o universo dos brinquedos nos jornais, pesquisar somente o mês de dezembro de cada ano do período proposto (anos de 1930-1950), pois é o mês das festividades natalinas e época, portanto, da concentração de publicidade dos comerciantes e fabricantes de brinquedos[36]. São apresentados, a seguir, alguns casos que justificam a opção por tal procedimento: a Casa Flor, propriedade de Antônio Flor & Irmão, era uma fábrica e loja de móveis e brinquedos feitos a partir de vime, em atividade desde meados da década de 1930[37]. Somente no mês de dezembro, próximo ao Natal, anunciava a venda de brinquedos

[35] Fonte consultada na Biblioteca Central da Faculdade de Direito da USP.

[36] Método adotado também em estudo anterior, em nível de Iniciação Científica, em que o recorte do tema abrangia os primeiros anos do século XX, pesquisava-se, também, o início do mês de janeiro, pois era hábito, no Brasil, seguindo as tradições oriundas de Portugal, presentear as crianças no "Dia de Reis" (Seis de Janeiro; note-se que alguns países europeus ainda preservam esse costume). Assim, havia ainda anúncios de venda de brinquedos das lojas paulistanas nos periódicos de maior circulação. Porém, como foi constatado, os anúncios passaram a se concentrar, sobretudo, no mês de Dezembro, em razão dos presentes serem dados no dia 25 de Dezembro, costume esse de origem norte-americana, que aos poucos foi sendo incorporado em nosso país; isso é manifesto no período que a presente dissertação abarca. Sobre os costumes oriundos dos Estados Unidos e a figura do Papai Noel associada ao Natal e aos presentes às crianças, conferir: Gerry BOWLER. *Papai Noel: uma biografia.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

[37] A Casa Flor estava localizada em São Paulo em dois endereços: Avenida Tiradentes, 282 e Rua Líbero Badaró, 653 (provavelmente fábrica e loja, respectivamente). Havia uma filial também na cidade do Rio de Janeiro. Cf. Anexo 2, que apresenta dossiê das fábricas de brinquedos paulistanas. A princípio, durante a fase de Iniciação Científica, o mapeamento das indústrias e dos estabelecimentos comerciais relacionado a brinquedos tinha como balizamento o período de 1901 a 1937; no presente trabalho reunimos outras fábricas e lojas para formar um quadro da circulação de brinquedos na capital paulista na primeira metade do século XX. (Anexo 1 é relativo ao comércio, conforme explicado).

variados e a disponibilidade de catálogos dos mesmos. Nos demais meses do ano, entretanto, os seus anúncios nos jornais destacavam a venda dos móveis apenas. Também as grandes lojas paulistanas de caráter cosmopolita, como Casa Alemã, Mappin Stores, Mesbla, Casa São Nicolau, dentre outras, anunciavam da mesma forma, ou seja, estampavam sortimento de brinquedos nas páginas de dezembro, e nos demais meses do ano, roupas, tecidos, artigos de decoração, chapéus, malas, dentre outras mercadorias[38].

Embora não previstas inicialmente como materiais a serem pesquisados, outras fontes foram encontradas e examinadas, integrando o *corpus* documental acima descrito. A *Revista Industrial de S. Paulo* é uma delas, que teve a sua primeira publicação no mês de dezembro de 1944, patrocinada pela Federação e Centro das Indústrias do Estado de S. Paulo (FIESP), do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Era uma obra de periodicidade mensal e seu fundador foi Roberto C. Simonsen, nome comumente associado à história da industrialização brasileira, mormente paulista[39]. Em uma de suas edições, a de número 48, lançada em novembro de 1948, apresentou como matéria da capa um artigo sobre a indústria de brinquedos em São Paulo.

Da mesma forma que a revista publicada pela FIESP, a de título *Digesto Econômico* publicou artigo sobre os brinquedos, em que mostrou dados estatísticos sobre a produção industrial no Brasil de tais objetos, bem como outros aspectos. O texto foi intitulado *"Economia e Psicologia dos Brinquedos"*[40].

Publicações similares à *Estatística Industrial do Estado de S. Paulo*, citada anteriormente, como o *Catálogo das Indústrias do Município da Capital* e o *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo* foram

[38] Sobre o surgimento e aspectos das casas luxuosas de comércio da cidade, concentradas na região conhecida como "Triângulo" (ruas XV de Novembro, Direita e São Bento), ver: Heloisa Barbuy. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. Estudo de História Urbana e Cultura Material.* São Paulo: EDUSP, 2006; Marisa Midori DEAECTO. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: SENAC, 2002; Márcia PADILHA. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20.* São Paulo: Annablume, 2001.

[39] *Revista Industrial de S. Paulo*. O primeiro número dessa publicação foi lançado em dezembro de 1944; estendeu-se até, pelo menos, 1949, último registro encontrado.

[40] "Economia e Psicologia dos Brinquedos". In: *Digesto Econômico*, no. 13, Dezembro de 1945, ano II. Agradecemos ao Paulo Coelho Mesquita Santos a indicação desse artigo para pesquisa.

pesquisadas para coleta de dados que pudessem enriquecer o corpo de informações a respeito da trajetória da METALMA e da circulação de brinquedos em São Paulo[41].

Além dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*, que integram o acervo do Arquivo do Estado de São Paulo, foi lá consultada uma pasta contendo as "Sociedades Anônimas de 1883-1941 do 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca da Capital". Nela, dois documentos diziam respeito ao nosso principal objeto de estudo: a *"Ata da Assembléia Geral e Extraordinária da Metalúrgica Matarazzo S. A. realizada em 29 de abril de 1933"*, e *"a Escriptura de Transformação da Sociedade Pignatari, Matarazzo e Cia., em Sociedade Anonyma, Metallurgica Matarazzo S/A"*, de 22 de março de 1933[42].

Obras acerca do universo das exposições industriais, regionais ou nacionais lançadas no período em questão também se mostraram muito relevantes para a pesquisa, pois nelas se encontram informações a respeito da indústria paulista em geral e, especificamente, sobre a Metalúrgica Matarazzo. Destaquem-se aqui o *Catalogo Geral do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre*[43], publicado em 1935; *Exposição do IV Centenário e 1ª Feira Internacional de São Paulo de 1954*[44] e *Catalogo Oficial da Feira Nacional de Industrias de São Paulo*[45].

Alguns exemplares da revista *Paulistânia* e *Ilustração Brasileira* incluem-se nas fontes pesquisadas, por conterem não só anúncios da fábrica em questão, como também aspectos ligados ao desenvolvimento industrial em São Paulo e sua valorização de cunho nacionalista[46].

Outra fonte que se mostrou importante para o desenvolvimento do presente estudo foi a obra impressa anual *O Livro Vermelho dos Telephones*, um misto de lista telefônica e

---

[41] Departamento Estadual de Estatística. Divisão de Estatísticas da Produção e Comércio. *Catálogo das Indústrias do Município da Capital, 1945".* São Paulo: Tipografia Brasil, Rothschild Loureiro & Cia Ltda., 1947; *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, anos 1955 e 1959.*

[42] Primeiro Cartório de Registro de Imóveis da Comarca da Capital, 1883-1941. *Metalúrgica Matarazzo S.A.* Inscrição no. 101, código C 10378.

[43] São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935.

[44] *Exposição do IV Centenário e I Feira Internacional de São Paulo.* São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

[45] *Catalogo Oficial da Feira Nacional de Industrias de São Paulo.* Organizada sob o alto patrocínio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e sob os auspícios da Federação das Industrias do Estado de São Paulo. São Paulo, 1940.

[46] *Paulistânia: documentário.* São Paulo: s.n. números 6-11; 17, 21 e 48; *Ilustração Brasileira*: Rio de Janeiro, s.n., no. 109, anno X, set. 1929; edição de novembro de 1935.

catálogo de anúncios publicitários, publicada nos primeiros anos da década de 1930 e que se estendeu até meados da década posterior, pelo menos. Os jornais de maior circulação em São Paulo nesse período anunciaram freqüentemente a venda dessa publicação nas mais variadas casas de comércio da cidade, inclusive as consideradas mais luxuosas, mostrando fotografias de vitrines que a exibiam. Os anúncios sobre o *Livro Vermelho* ressaltavam o número considerável de páginas – em torno de quatrocentas – dos diversos anunciantes (fabricantes, comerciantes de São Paulo)[47]. Semelhantes a essa lista, o *Indicador Catalogado de Telefones Nova Lista*, do ano de 1955, o *Indicador Profissional São Paulo* e a *Lista de Assinantes São Paulo* também foram examinados[48].

Registros documentais relativos ao espaço físico da Metalma não foram encontrados, a não ser duas plantas do ano de 1919 apresentadas ao poder público municipal para autorização de expansão do prédio, anterior, porém, à existência da Seção de Brinquedos. Naquele momento, o local ainda era de propriedade das IRFM (Indústrias Reunidas F. Matarazzo), porém, como veremos a seguir, foi a origem da constituição da metalúrgica assumida por Francisco Matarazzo Sobrinho e Julio Pignatari[49] (ver Capítulo I, seção 1.3). Uma outra planta, da própria cidade de São Paulo, com seus bairros e ruas, foi utilizada, a fim de compreender a localização da metalúrgica estudada, situada em área marcadamente fabril, o bairro do Brás[50]. O estabelecimento que outrora abrigava uma das principais metalúrgicas da cidade de São Paulo é, hoje, sede de uma igreja neo-pentecostal.

---

[47] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 2 de Julho de 1933, p.21, onde há o anúncio do *Livro Vermelho dos Telephones* que destacava os seus exemplares exibidos em vitrine da Casa São Nicolau, na Praça do Patriarca. Foram pesquisados na Biblioteca do Museu Paulista da USP os volumes de 1928-29, 1934-35, 1935-36, 1943, 1944 e 1945. Ressalte-se que outra instituição onde a coleção de listas telefônicas antigas como essa poderia ser consultada é o Museu do Telefone, em São Paulo, que esteve indisponível para pesquisadores durante a realização deste estudo.

[48] *Indicador Catalogado de Telefones "Novalista".* São Paulo, 1ª edição, julho de 1955 (Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da USP); *Indicador Profissional São Paulo, 2ª edição de 1945,* e *1ª edição de 1946; Lista de Assinantes São Paulo, 1ª edição de 1946* (acervo particular de Ana Maria de Almeida Camargo).

[49] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo; AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo. Acervo do Arquivo Histórico Municipal "Washington Luís", fundo "Diretoria de Obras", série "Obras Particulares" (figuras 27 e 28, cf. Capítulo I, seção 1.3.). Observe-se que na Seção Arquivo de Negativos do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo não há registros fotográficos da Metalma durante o seu funcionamento. Ver Figura página...

[50] Planta disponível no seguinte endereço: http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/img/mapas/1924.jpg (Último acesso em dezembro/2011).

Registros fotográficos foram realizados pela autora somente da fachada do edifício[51], assim como nos é possível também visualizar imagens aéreas pelo site *Google maps.*

Houve uma entrevista com o Dr. A. Andrea Matarazzo[52], em 28 de Julho de 2009, para que alguns esclarecimentos sobre a trajetória da Metalúrgica Matarazzo fossem obtidos[53]. Posteriormente, foi possível visitar o escritório da METALMA Holding, localizado na Rua 15 de Novembro, no centro de São Paulo, para que fosse fotografado o acervo particular do Dr. Andrea Matarazzo, composto de alguns brinquedos e catálogos produzidos pela indústria em questão.

Um filme se inclui entre as fontes consultadas, produzido em 1930, intitulado *"São Paulo, a symphonia da metrópole"*, por seu conteúdo ufanista e de valorização do progresso da capital, recorrentes àquela fase e que se tornam objetos de análise da dissertação[54].

Os catálogos de brinquedos e artigos domésticos produzidos pela Metalma, bem como os brinquedos a que tivemos acesso e demais fontes serão indicados conforme sejam citados adiante.

Conforme se pode observar, a documentação acima citada parece, num primeiro momento, bastante abrangente e diversificada, no entanto, ela é justificada em função do próprio tema de pesquisa escolhido. O brinquedo, ao contrário de outros produtos industrializados, não foi tão divulgado pelas publicações que circulavam na primeira metade do século XX e, assim, tornou-se necessária a pesquisa em diferentes instituições, até por não existirem alguns títulos de periódicos completos num mesmo local de pesquisa.

Concernente às diferentes instituições de pesquisa, assim como acervos particulares visitados para o levantamento de fontes para o estudo, observamos que os mesmos encontram-se relacionados ao final do trabalho, na seção "Bibliografia e fontes".

---

[51] Não foi autorizado o registro fotográfico do interior do galpão onde a Metalúrgica Matarazzo esteve localizada por décadas. Isso será informado com maiores detalhes no Capítulo 3, onde versaremos sobre a questão do *Patrimônio Industrial.*

[52] O Dr. A. Andrea Matarazzo dispôs horário em seu escritório, onde foi realizada uma entrevista informal, que, por exigência das circunstâncias, não seguiu a metodologia utilizada em História Oral, mas possibilitou coleta de informações gerais a respeito da Metalúrgica Matarazzo.

[53] Ainda hoje a Metalma, sob nova denominação (Matarazzo Holding), desenvolve atividades, porém concentradas em extrusão de poliestireno. Cf. Ronaldo Costa COUTO. *Matarazzo: colosso brasileiro.* São Paulo: Editora Planeta, 2004, p. 93.

[54] *São Paulo, a symphonia da metrópole,* Adalberto Kemeny e Rodolpho Rex Lustig, 1930. Um dos objetivos do projeto é problematizar a relação entre a fabricação de brinquedos conduzida pela Metalúrgica Matarazzo e os valores em vigor naquele contexto histórico, como "modernidade"e "nacionalismo".

Capítulo I – Origens e implantação das primeiras fábricas de brinquedos em São Paulo e contexto de instalação da Metalúrgica Matarazzo S.A.

"Casa Fuchs
Rua São Bento, 83
Hoje nas vitrinas
Novidades em machinas a vapor
Motores
Automoveis
Barcos
Navios
Para crianças".
(Anúncio veiculado n'*O Estado de S. Paulo*, sexta-feira, 8 de dezembro de 1911)

1.1. O papel do comércio na constituição das primeiras fábricas de brinquedos na capital paulista

A cidade de São Paulo, caracterizada por suas feições provincianas, local de poucos habitantes[55] até as primeiras décadas do século XIX, "pouso de viajantes" na expressão de Ernani Silva Bruno[56], passou por um intenso processo de transformações a partir de meados daquele século, através de um conjunto de fatores que, em consonância, resultaram numa capital distinta daquela de outrora, ou seja, local de expansão da população, cada vez mais urbanizada, onde as primeiras casas de comércio de cunho cosmopolita despontavam, bem como as primeiras chaminés das fábricas que se instalavam, modificavam, em ritmo acelerado, a paisagem[57].

Embora haja novas pesquisas historiográficas que demonstram uma intensa dinâmica comercial e social na província de São Paulo anterior ao café, como aquelas

[55] Segundo Wilson Cano, no ano de 1872, a população de São Paulo correspondia a 32 mil habitantes, menor do que as capitais Recife (116 mil) e Salvador (129 mil). Em 1900, entretanto, a capital paulista superou tais cidades, com cerca de 240 mil habitantes. Recife, com 113 mil e Salvador, com 206 mil habitantes. Só não ultrapassou o Rio de Janeiro, então capital federal, com a população estimada em 811 mil pessoas. Cf. Wilson CANO. *Raízes da concentração industrial em São Paulo.* São Paulo: DIFEL, 1977, p. 97.

[56] Cf. Ernani Silva BRUNO. *História e tradições da cidade de São Paulo.* 3ª ed. São Paulo: HUCITEC/Prefeitura Municipal de São Paulo, 1984 (1ª edição 1953). 3 v.

[57] Sobre as transformações urbanísticas e arquitetônicas ocorridas em São Paulo durante os séculos XIX e XX, cf. Benedito Lima de TOLEDO. *São Paulo: três cidades em um século.* São Paulo: Cosac & Naify/Duas Cidades, 2004.

desenvolvidas por Ilana Blaj e Maria Aparecida de Menezes Borrego, dentre outras, que relativizam a pobreza e a estagnação que se associavam à São Paulo colonial pela historiografia tradicional[58], ainda se pode considerar que os fatores que desencadearam as amplas transformações de meados do século XIX foram o desenvolvimento da economia cafeeira, a chegada maciça e o trabalho dos imigrantes europeus e a construção das ferrovias para o escoamento da produção agrícola rumo ao exterior[59]. Além desses elementos, a inauguração da Faculdade de Direito, em 1828, no Largo São Francisco, contribuiu para dar novo aspecto à cidade, pois recebia os estudantes e os seus costumes variados de diferentes localidades do Brasil[60].

Cite-se ainda outro fator, não menos importante e que aqui nos interessa, que suscitou a formação de São Paulo como metrópole: é aquele descrito, primeiramente, pelo brasilianista Warren Dean, que viu, na introdução do comércio importador nas ruas centrais de São Paulo e a circulação de suas mercadorias estrangeiras, a origem da industrialização paulistana[61]. Em sua análise, a economia do café absorvia toda a mão-de-obra disponível

---

[58] Ilana BLAJ. *A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo Colonial (1681-1721).* São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2002; Maria Aparecida de Menezes BORREGO. *A Teia Mercantil: negócios e poderes em São Paulo Colonial (1711-1765).* São Paulo: Alameda, 2010, originalmente Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FFLCH-USP em 2006; também Denise A. Soares de MOURA. *Sociedade movediça: economia, cultura e relações sociais em São Paulo, 1808-1850.* São Paulo: Editora UNESP, 2005. Um dos trabalhos precursores nesse sentido foi o realizado por Mafalda Zemella, no início da década de 1950, a qual defendeu a importância econômica de São Paulo, pois era a região responsável pelo abastecimento de produtos alimentícios à região das minas auríferas no período de seu auge. Cf. Mafalda ZEMELLA. *O abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII.* São Paulo, 1951, Tese de Doutoramento, FFLCH-USP.

[59] Citem-se somente alguns autores que abordaram esses fatores em seus estudos: Richard M. Morse. *Formação histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole).* São Paulo: DIFEL, 1970; Warren DEAN, *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Tradução de Octavio Mendes Cajado. 4.ed. Rio de Janeiro, 1991; Edgard Carone. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: SENAC, 2001; Caio PRADO JUNIOR. *História Econômica do Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1967, 10ª edição; Flávio Azevedo Marques de SAES. "Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900". In Tamás Szmrecsányi (org.). *História Econômica da Independência e do Império.* São Paulo: HUCITEC, 1996, pp. 177-196. Sobre a importância das estradas de ferro, cite-se o próprio exemplo do Conde Francesco Matarazzo que optou por instalar suas indústrias próximas à ferrovia: "Nas andanças pela cidade, certo dia descobre, próximo ao córrego da Água Branca, na Zona Oeste, um terreno de 101 mil metros quadrados, ladeado pela ferrovia Sorocabana e pela São Paulo Railway, a 'Inglesa'. A região é quase deserta. (...) Olha para o futuro e antevê que o vasto vazio é quase perfeito para a formação de núcleo industrial de grandes proporções. Área ampla (...), plana, bem situada e providencialmente servida pelos trilhos das duas ferrovias. Localização estratégica, ideal para uma concentração industrial de grande porte. (...) Nasce a Estação Matarazzo, da *São Paulo Railway Company,* posteriormente Estrada de Ferro Santos a Jundiaí. Uma parada no complexo industrial, destinada principalmente ao embarque e desembarque de matérias-primas e produtos industriais. Servia também aos funcionários". Cf. Ronald Costa COUTO, *op. cit.,* pp.62-63.

[60] Cf. Ernani Silva Bruno, *op.cit.,* volume 2 ("Burgo de Estudantes, 1828-1872").

[61] Cf. Warren DEAN, *op. cit.,* pp. 25-40.

para a sua produção e, assim, até mesmo os produtos de subsistência eram, em fins do século XIX, oriundos do estrangeiro.

Muitas dessas mercadorias importadas que chegavam em São Paulo, segundo Dean, eram inacabadas, e o importador, nesses casos, executava o papel de industrial, fato que era bastante comum. Em suas palavras,

> "A instalação de equipamento hidrelétrico, por exemplo, de fiações ou pontes de báscula requeria uma perícia técnica cujo exercício o comprador, por via de regra, deixava a cargo do importador. Este, frequentemente, se via obrigado a completar no local a manufatura de artigos que eram muito caros para serem embarcados completamente transformados, como pregos, cerveja e caldeiras, mas havia numerosas outras considerações além do peso e do volume. Alguns artigos, como o acetileno, eram perigosos demais para se embarcarem; outros, como biscoitos ou *pasta*, eram demasiado perecíveis; outros ainda, como ferragens e material de encanamento, exigiam um estoque caríssimo"[62].

Outro elemento que o historiador destacou sobre a transição do comércio importador para a incipiente atividade industrial foi a posição estratégica que a figura do importador tinha na estrutura do comércio, como o acesso ao crédito, o conhecimento do mercado e de canais para distribuição do produto acabado[63]. José de Souza Martins retratou essa transição de uma atividade para outra no caso do Conde Francesco Matarazzo, que iniciou suas atividades no Brasil em fins do século XIX com a comercialização de banha, seguida pela farinha, para vir depois a fabricá-las, além de diversos outros produtos anos depois. Há, de fato, outros casos de famílias que seguiram essa mesma trajetória, como os Jafet, Crespi (ambas no ramo de tecidos), Gamba, Puglisi (farinha), Klabin (papel), dentre outros, que corroboram essa tese[64].

Neste sentido, José de Souza Martins notou que

---

[62] Cf. Warren DEAN, *op. cit.,* p. 26. Marisa Midori Deaecto também afirmou que a indústria nascente não inibiu, senão complementou e incentivou o mercado importador. Cf. Marisa Midori DEAECTO, *op. cit.,* p. 24.

[63] *Idem, ibidem,* p. 27.

[64] Cf. José de Souza MARTINS. *Conde Matarazzo: o Empresário e a Empresa. Estudo de Sociologia do Desenvolvimento.* 2ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1974, pp. 17-43; Warren DEAN, *op. cit.,* p.36-37.

> "A industrialização, como pode ser percebida através desse caso [Matarazzo], foi uma questão mercantil e o industrial um mercador, já que essa era a racionalidade dominante e o meio possível de efetivar o industrialismo."[65]

No caso de São Paulo, a atividade comercial dos mais variados artigos importados, sobretudo da Europa, esteve concentrada desde fins do século XIX até as primeiras décadas do século posterior na região central da cidade, onde o chamado "Triângulo" estava localizado. Compreendia a área delimitada pelas ruas XV de Novembro, Direita e São Bento, na qual as primeiras lojas de caráter moderno e cosmopolita se instalaram na capital. Produtos como ferragens, tecidos, chapéus, porcelanas, jóias, móveis, calçados, livros e outros tantos artigos industrializados de origem européia e norte-americana circulavam e eram consumidos em profusão nesse espaço e adjacências[66], inclusive os brinquedos, estes em lojas como Casa Alemã, Casa Edison, Mappin Stores, Casa Fuchs, Casa Lebre, Casa Garraux, Casa Fretin, Casa São Nicolau, Mesbla, etc[67] **(Cf. Figura 1)**. Podemos mencionar como exemplo um anúncio de um estabelecimento comercial localizado na então Rua da Imperatriz (que anos depois, após o advento da proclamação da República teria o nome substituído definitivamente para Rua 15 de Novembro), um dos primeiros, provavelmente, a destacar a venda de brinquedos, pois foi publicado no dia 4 de janeiro de 1866, no jornal *Correio Paulistano*:

> "No novo estabelecimento de Mme. Fretin
> 21 Rua da Imperatriz 21
> Ha para vender
> Papel para cartas de todos os gostos, envelopes, obreias, lacre, canetas, pennas, tinteiros, facas de cortar papel, lapis, caixas de tintas, caixas de mathematica, quadros para retratos, e em geral todos os artigos para escriptorio.
> No mesmo estabelecimento
> Encontrar-se-ha um bonito sortimento de bolças de gosto para senhoras, bolças de viagem para homem.
> No mesmo estabelecimento

[65] José de Souza MARTINS, *op. cit.,* p. 104.
[66] Cf. Heloisa BARBUY, *op. cit.,* p. 75 e segs.
[67] Cf. Ludmila Érica Cambusano de Souza, *op. cit.*

Ha um variado sortimento de brinquedos para crianças. Estes brinquedos chegados ultimamente da Europa para serem expostos á venda no dia do Natal e do Anno Novo, são muito bonitos e baratos."[68] (grifos nossos)

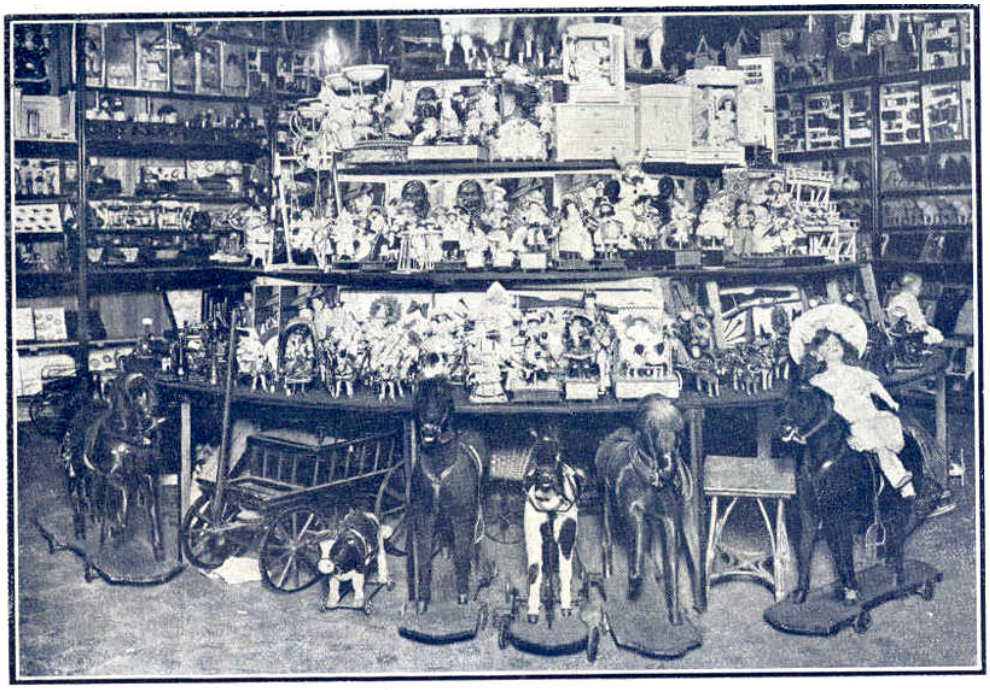


Figura 1: A exposição de brinquedos à venda no interior da Casa Lebre, fundada em 1858, estabelecimento comercial localizado entre as ruas Direita e 15 de Novembro.
Fonte: Revista *A Cigarra*, número 14, Anno I, 11 de Dezembro de 1914[69].
Acervo Digitalizado do Arquivo do Estado de São Paulo, disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/a_revistas.php (última consulta em dezembro de 2011).

Conforme já assinalado, muitos importadores estabelecidos em São Paulo iniciaram, concomitantemente, atividades fabris a partir dos últimos decênios do século XIX. No caso dos brinquedos, objetos cuja produção e oferta o presente estudo quer melhor compreender, houve um empreendedor, de nome Alcides H. Pertica, que exemplifica tal processo: de acordo com levantamento e estudo sobre o comércio e a introdução da fabricação de

[68] Ver *Correio Paulistano,* quinta-feira, 04 de janeiro de 1866, página 3. Sobre o estabelecimento da Sra. Victorine Amélie Delaunay Fretin, bem como a Casa Fretin, fundada por seu filho em 1895, ver Heloisa BARBUY, *op. cit.*, pp. 141-148.
[69] Note-se que há outra figura de exposição de brinquedos da mesma casa comercial publicada na obra de Heloisa Barbuy, op. cit., p. 158, do Album de Vistas de São Paulo e Rio de Janeiro, de 1914.

brinquedos na capital paulista, Pertica foi o primeiro fabricante paulistano de brinquedos de que se tem notícia[70], mas era, ao mesmo tempo, comerciante importador. Segundo descrição de Bandeira Junior, a *Fábrica de Brinquedos e Quinquilharia Grand Bazar Parisien*

> "é a única existente em São Paulo. Não sendo grande, fabrica o necessário para o consumo local, evitando em parte a importação do artigo.
>
> Produz com especialidade além dos pequenos objectos, necessários á diversão da infância; bonecos, manequins e carros para creanças.
>
> O seu pessoal é diminuto, porque dispondo de oito machinas, estas bastam para as necessidades do seu commercio, que dependendo de varias circumstancias, não pode ser determinado.
>
> A menção desta e de outras fabricas, tem por fim salientar a ramificação da industria.
>
> Foi seu fundador a 1º de janeiro deste anno, o proprietário ALCIDES E. PERTICA, que a instalou á rua Líbero Badaró n.10, com deposito á rua S. Bento n.87, capital."[71]

Heloisa Barbuy destacou um anúncio do Grand Bazar Parisien, localizado à Rua de São Bento, número 87, propriedade de Pertica. Provavelmente publicado no ano de 1903, o anúncio destacava, em primeiro lugar, a fabricação de manequins e brinquedos, além da venda de produtos diversos, tais como artigos de bilhar, perfumaria, papelaria, sanfonas italianas, dentre outros. E, sob o nome de Alcides H. Pertica, a sua denominação como "industrial importador"[72]. Outro anúncio, datado de 1914 e publicado no *Album de Vistas de S. Paulo e Santos*[73], apresentou aos leitores fotografia da fachada do edifício onde funcionava o estabelecimento de Pertica, fundado em 1895, além do interior de sua loja,

---

[70] Ludmila Érica Cambusano de SOUZA, pp. 45-46. O registro mais antigo de fabricação de brinquedos na cidade de São Paulo foi encontrado na obra de Antonio Francisco Bandeira Junior, intitulada *A Industria no Estado de São Paulo em 1901,* publicada no mesmo ano. A descrição das atividades de Pertica está na página 45 da referida obra. Diferentes almanaques publicados ao longo do século XIX e veiculados em São Paulo foram pesquisados, a fim de se encontrar registros sobre produção de brinquedos na cidade. Constatou-se, então, que não havia esse tipo de registro. Utilizamos como referência, para localização dos almanaques do século XIX, a obra de Ana Maria de Almeida Camargo, intitulada *Os primeiros almanaques de São Paulo: introdução à edição fac-similar dos almanaques de 1857 e 1858*, publicada em 1983, pelo IMESP/DAESP.

[71] Antonio Francisco BANDEIRA JR., *op. cit.,* p.45.

[72] Cf. Heloisa BARBUY, *op. cit.,* p. 85.

[73] *Álbum de Vistas de S. Paulo e Santos.* Editora Portella e Puente, 1914.

com as suas vitrines, seus cavalinhos de madeira e carrinhos de bebê expostos. **(Cf. Figura 2)**

Possivelmente o proprietário do Grand Bazar Parisien, que exerceu suas atividades no ramo de brinquedos até fins da década de 1920 na capital paulista[74], via no brinquedo importado o modelo para a confecção de seus artigos para a infância[75]. E, certamente, não deve ter sido diferente esse caso para os demais pequenos fabricantes de brinquedos que foram surgindo a partir dessa primeira experiência em São Paulo, conforme verificaremos adiante.

[74] O último registro encontrado das atividades exercidas por Alcides Pertica foi no ano de 1928, na publicação *Almanak Laemmert para o Estado de São Paulo.* Seu estabelecimento comercial se encontrava em outro endereço: Rua Brigadeiro Tobias, número 61. Vide Anexo 2.

[75] O estudo elaborado por Heloisa Barbuy, que analisou, entre outros fatores, a circulação dos produtos importados como vetores de valores como "modernidade" e modelos para a produção fabril, originou ramificação de estudos, a destacar: José Hermes Martins PEREIRA. *Louça Paulista. A implantação da indústria de louça em São Paulo, 1912-1937 (Estudo de História na perspectiva da Cultura Material).* São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2010. (Originalmente Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sob orientação de Heloisa Barbuy. São Paulo, 2002). Em 2004, foi a vez da pesquisa de Iniciação Científica que tratou do comércio e indústria dos brinquedos, já citado (SOUZA, 2004).

Figura 2: Anúncio do Grand Bazar Parisien, estabelecimento comercial de Alcides H. Pertica, localizado na Rua São Bento, 87. Além da foto da fachada do edifício, em que há um cavalinho de madeira exposto, há também a foto do interior da casa comercial, com carrinhos de bebê e outro cavalinho à mostra (em primeiro plano). A legenda da foto observa que foi tirada no interior da "secção de varejo", pois, aos fundos da propriedade, havia a fábrica propriamente, com acesso à Rua Líbero Badaró, onde eram confeccionados brinquedos e guarda-chuvas, segundo Antonio Francisco Bandeira Junior, em levantamento das indústrias existentes em São Paulo no início do século XX.
Fonte: *Album de Vistas de S. Paulo e Santos*. Editores Portella e Puente, 1914.
Acervo do Museu Republicano "Convenção de Itu" – Museu Paulista/USP, Coleção Washington Luís.

Entre os anos de 1901 – data da primeira experiência fabril de brinquedos em São Paulo – e 1937 – ano da inauguração da Manufatura de Brinquedos Estrela (por muito tempo a maior fábrica desse ramo no Brasil)[76], cerca de 105 estabelecimentos comerciais ofereceram a venda dessas mercadorias infantis aos consumidores paulistanos, importadas da Europa (principalmente de países como Alemanha e França) e Estados Unidos[77]. Sublinhe-se também que a maioria dessas lojas estava localizada nas ruas que formavam o "Triângulo" e arredores, poucas delas se localizavam nos bairros afastados do centro ou naqueles que se configuravam notadamente fabris. Note-se que a Alemanha era, no início do século XX, o principal produtor mundial de brinquedos, assim como maior exportador dos famosos soldadinhos de chumbo, trenzinhos, bonecas de porcelana e outros materiais, casinhas, e outros[78].

O mapeamento do comércio de brinquedos na capital paulista foi elaborado a partir de diferentes títulos de almanaques que circulavam naquele período, em que, além de alguns poucos anúncios, relacionavam em seção específica, os endereços comerciais[79]. Entretanto, não há dúvidas de que foram os jornais e as revistas de variedades os veículos, por excelência, da publicidade dos brinquedos ao longo das primeiras décadas do século XX. Eram, afinal, os principais meios de comunicação disponíveis à sociedade[80].

---

[76] A Manufatura de Brinquedos Estrela foi fundada pelo imigrante Siegfried Adler e sua esposa. Não só foi a maior indústria desse ramo no Brasil, mas da América Latina em determinado período. Cf. Ângela Cardoso GUEDES, *op. cit.,* p. 229 e segs. De acordo com a *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* para o ano de 1937 (p. 275), a fábrica foi inaugurada na Rua Miller, nº 62, no bairro do Brás e contava com 16 operários, os quais produziam bonecas de pano. Anos mais tarde ela diversificou a produção de brinquedos com outras matérias-primas, dentre elas, a madeira, que seria uma das principais utilizadas. Além disso, transferiu-se para unidade maior, na Rua Joaquim Carlos e tornou-se Sociedade Anônima no ano de 1944.

[77] A Casa Edison (localizada na Rua XV de Novembro entre 1902 e 1922, pelo menos) e o estabelecimento com o sugestivo nome "Bazar Yankee" (registros apontaram dois endereços em diferentes datas: Rua Direita em 1922; Líbero Badaró, 83, posteriormente) foram dois casos de estabelecimentos que comercializaram brinquedos de origem norte-americana. Cf. Ludmila Érica Cambusano de SOUZA, *op. cit.,* p. 28.

[78] Cf. Walter Benjamin. *Op. cit.,* p. 89-91; 129; Diego LASCANO, *Juguetes del fin del mundo: juguetes fabricados em Chile, Argentina e Uruguay entre 1910 e 1960.* Santiago del Chile: s.n., 2004, p.2.

[79] O *Almanak Laemmer* foi uma das fontes fundamentais para a produção do mapeamento do comércio na fase de Iniciação Científica.

[80] Ana Luiza Martins destacou que as revistas foram o veículo ideal para a disseminação da publicidade. De acordo com a autora, "Dos vários suportes que se prestaram à propaganda e à publicidade, a revista talvez tenha sido dos mais efetivos, concentrando a força da propaganda e a evolução dinâmica da publicidade, expressando-as em suas representações mais acabadas. Para a última, em particular, tornou-se de tal forma o veículo ideal que, em sua essência, quase se confundia com ela, uma vez que ambas, *revista e publicidade,* direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja: dar-se a conhecer, divulgar-se, 'produzir-se para vender-se', razão pela qual muitos periódicos revelaram-se economicamente viáveis, tão-só pela proposta de divulgação de produtos, isto é, pelo seu caráter publicitário. A revista, pois, era a publicidade; ou por outra, no periodismo da época, a revista transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade". Ver Ana

Geralmente, os anúncios relativos aos brinquedos eram publicados somente no mês de dezembro e nos primeiros dias do mês de janeiro, em razão das festividades natalinas[81]. Nos primeiros anos do século XX, o dia 6 de Janeiro – Dia de Reis – integrava, de fato, as comemorações e era a data em que as crianças ganhavam os seus presentes. Já nos primeiros anos da década de 1930, os anúncios de brinquedos tornaram-se raros na primeira semana de janeiro, provavelmente devido à introdução gradual de costumes norte-americanos em relação ao Natal e à figura do Papai Noel[82]. Nos Estados Unidos, as crianças eram presenteadas somente no dia 25 de dezembro e, no Brasil, tal hábito também se consolidou[83].

Grandes lojas como Mappin Stores, Casa São Nicolau (fundadas em 1913 e 1925, respectivamente[84]) e Casa Allemã (inaugurada em 1883, manteve-se em plena atividade até os anos de 1950, pelo menos, no endereço da Rua Direita, no.16-20)[85], são exemplos de

---

Luiza MARTINS. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922).* São Paulo: EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, pp. 244-269. As principais revistas *consultadas* para o mapeamento das casas comerciais que venderam brinquedos, durante a fase de Iniciação Científica, foram *A Cigarra* e *A Vida Moderna*, dentre outras. Cf. também Heloisa de Faria CRUZ. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana, 1890-1915.* São Paulo: EDUC/FAPESP/Imprensa Oficial-SP, 2000.

[81] Esse mesmo fenômeno ocorria também nos países produtores de brinquedos pesquisados por Diego Lascano (os do atualmente denominado Cone Sul). Conforme suas palavras: *"De inmediato, comenzamos la investigación del otro lado de los Andes, comprobando la inexistência absoluta de bibliografia relativa al tema. Por ello, lãs guias telefónicas e industriales nos dieron lãs primeras señales de más de um centenar de fabricantes que afortunadamente publicaban sus creaciones durante cada diciembre em El Mercurio y en otros medios gráficos chilenos".* Cf. Diego LASCANO, *Juguetes Uruguayos, 1910-1960.* Santiago de Chile: Ediciones Pictoria Ltda., 2004, p.6

[82] Segundo Gerry Bowler, a primeira menção ao Papai Noel ("Sancte Claus") como figura gorducha, coberta de peles e que presenteava as crianças no dia de Natal, ocorreu em 15 de Dezembro de 1810, em poema publicado no *New York Spectator.* Ver Gerry Bowler. *Op. cit.*, p.38 e segs. Note-se que também Claude Lévi-Strauss não deixou de analisar a figura do Papai Noel em um ensaio no ano de 1952, sob perspectiva da Antropologia, associando-o a mitos indígenas e de outros povos ao longo da história, embora não tenha desconsiderado que determinados costumes e símbolos do Natal em prática na França tivessem sofrido influência dos Estados Unidos. Cf. Claude LÉVI-STRAUSS. *O suplício do Papai Noel.* São Paulo: Cosac Naify, 2008.

[83] No que se refere à comemoração do Dia da Criança, o Brasil, foi o pioneiro em sua criação: em fevereiro de 1940 era assinado o decreto-lei que instituiu a data de 12 de outubro como o Dia da Criança. A primeira comemoração mundial foi em 1953, promovida pela União Internacional da Proteção à Infância, organização não-governamental reconhecida pela UNICEF, conforme informações de Mário de ALMEIDA. *O Comércio no Brasil: iluminando a memória.* Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1995, p.167.

[84] Ver Heloisa BARBUY, *op. cit.*, p. 209, sobre fundação do Mappin Stores. Dois anos depois o estabelecimento iniciaria a publicação de anúncios de brinquedos em jornais paulistanos. Essa informação e a respeito da inauguração da Casa São Nicolau, ver SOUZA, *op. cit.*

[85] Sobre a fundação da Casa Allemã e sua transformação, ver Heloisa BARBUY, *op. cit.,* pp. 209-214; cf. Beatriz Mugayar KÜHL, *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo. Reflexões sobre a sua preservação.* São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP/Secretaria da Cultura, 1998, pp.110-111, a respeito do

casas comerciais de produtos variados que anunciavam o sortimento de brinquedos durante o último mês de cada ano. Nos demais, destacavam os diferentes artigos para casa, indumentária, tecidos finos e outros objetos. No caso da publicidade dos brinquedos, geralmente a figura do Papai Noel era retratada, assim como os tipos desses objetos eram demonstrados, fossem na forma de ilustrações ou, simplesmente, descritas. **(Cf. figuras 3 a 14)**

mesmo estabelecimento que, na sua construção para a inauguração em 1910, empregou o ferro em alguns elementos arquitetônicos.

Figura 3: Anúncio da Casa Fuchs no periódico *Correio Paulistano*, publicado no dia 12 de dezembro de 1937 (domingo). A figura do Papai Noel (que alegra as crianças na ilustração) e da árvore natalina eram constantes na publicidade desse estabelecimento comercial, que estava localizado na Rua de São Bento, desde 1855. Um local de bastante longevidade, portanto, na cidade de São Paulo. O texto assim destacava:
"Brinquedos Casa Fuchs. A casa dos bons brinquedos, offerece-lhe artigos lindíssimos, das mais afamadas procedências, por preços ao alcance de todas as bolsas. Leve as suas crianças à Casa Fuchs, diariamente das 17 às 17,15, para que peçam ao Papae Noel, deante do microphone da Radio São Paulo, os brinquedos que mais lhe interessam. Como lembrança, o Papae Noel offerecerá um cartão para o sorteio de uma optima bicycleta".
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 4:
Anúncio da Casa São João, propriedade de Francisco Sálvia e no ramo de brinquedos desde 1937[86], na página 18 de 4 de Dezembro de 1938, do jornal *Correio Paulistano.* Destacava, através de ilustrações, o sortimento de brinquedos oferecidos à venda, tais como ferrinhos de passar, regadores, panelinhas, maquininha de costura (brinquedos para meninas eram geralmente associados ao ambiente doméstico, daí o adestramento para a vida adulta), bola, instrumentos musicais, etc. São os dizeres: *"Brinquedos procedentes de todos os recantos do mundo, para satisfazer a todos os gostos e ao alcance de todas as posses. Mais de 2.000 artigos por preços razoáveis! Casa São João (Francisco Sálvia) – Rua Líbero Badaró, 370".*
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

[86] Cf. Anexo 1.

Figura 5: No dia 3 de dezembro de 1939 (domingo), a Casa São Nicolau (fundada em 1925 por Júlio D'Eça) anunciou *n'O Correio Paulistano* a proximidade do Natal e, assim, a disponibilidade dos seus brinquedos à venda. O anúncio traz a ilustração de Papai Noel levando árvore de Natal e sua sacola de presentes, sendo carregado por um burrico. O texto, com as seguintes informações: *"Natal está chegando: Em exposição têmos lindas novidades em brinquedos finos, jogos de salão e artigos para presentes próprios para creanças e adultos. Não deixe suas compras para última hora! Procure hoje ainda a Casa S. Nicolau, rua do Patriarcha, 8. A Casa Tradicional dos Brinquedos Finos."*
Esse mesmo anúncio foi publicado no dia 17 de dezembro de 1938 no mesmo periódico, página 9.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figuras 6 e 7: Na mesma página, dois anúncios: um de comerciante, outro de fabricante de brinquedos. Acima, da Casa São João, destacou em ilustração todos os tipos de veículos disponíveis em sua loja, com os dizeres: *"Brinquedos que dão força, saúde e alegria aos seus filhos. Todos os typos de vehiculos para qualquer edade e a preços convidativos."*

Já no anúncio seguinte, o fabricante Hachya, Irmãos & Cia, relacionava os brinquedos que produzia, ressaltando as diferentes matérias-primas empregadas em sua confecção, como bonecas e bebês, artigos de celulóide, massa, pano, folha [de flandres, ou "lata"], madeira. Ressaltava a venda somente por atacado, e estava situado à Rua Brigadeiro Tobias, número 688[87].

Fonte: Correio Paulistano, 3 de Dezembro de 1939, página 24.

Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

[87] Em 1935, o fabricante contava com 55 operários para a fabricação de brinquedos feitos a partir de matérias-primas diversificadas. Cf. Ludmila Érica Cambusano de SOUZA, *op. cit.,* pp. 56-57.

Figura 8: Com a sacola cheia de presentes: era o que sugeria a Casa São Nicolau e o seu Papai Noel no anúncio, que mais uma vez alertava: *"Faça suas compras cedo!"*
Fonte: Correio Paulistano, terça-feira, 3 de Dezembro de 1940, página 9.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 9: A Casa Allemã, fundada em 1883 e ainda em plena atividade no ano de 1940, ocupou página inteira para anunciar seus artigos para o Natal; os brinquedos, em destaque, inclusive com sugestão de caixas com brinquedos variados (3 tipos, à esquerda).
Há a seguinte inscrição: *"Todas as classes sociaes encontrarão as maiores facilidades na escolha de presentes. Os nossos sortimentos são grandiosos. A variedade de artigos é incomparável e os nossos preços representam possibilidades para todos, pois já foram marcados de accordo com a nossa orientação de vendas".*
Cf. O Correio Paulistano, domingo, 15 de dezembro de 1940, página 11.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 10: A partir da ilustração do anúncio da Casa Casoy, em dois endereços (Rua José Bonifácio e Rua Santa Ephigenia, podemos constatar a variedade de brinquedos com temáticas modernas à venda: a velocidade, o exercício físico, o transporte em diferentes meios (terra, água, ar). Destacava que a loja permanecia aberta até às 22 horas.
Cf. Correio Paulistano, domingo, 22 de dezembro de 1940, página 27.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 11: Em 1942, a Mesbla S.A. (Mestre & Blatgé), localizada na Rua 24 de Maio, anunciou venda de sortimento de brinquedos importados: *"Bicicletas inglesas e americanas, velocípedes, patinetes, automóveis, voadores, etc., últimas novidades em brinquedos americanos, brinquedos mecânicos com corda e instrutivos. Bonecas, bebês, bichos, pinochio e outras figuras do cinema. Jogos diversos. Aberto até às 21 horas".*
Correio Paulistano, quinta-feira, 17 de dezembro de 1942.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figuras 12 e 13: Papai Noel moderno e veloz! Entrega dos brinquedos feita não pelo trenó, mas pelo avião. Sinal dos tempos? Os brinquedos lançados sugerem a variedade da Casa São Nicolau, para meninos e meninas. Na mesma página do periódico, a Casa Lemcke, em atividade na Rua Líbero Badaró desde 1920[88], destacou a oferta também de brinquedos.
Ver Correio Paulistano, terça-feira, 22 de dezembro de 1942, página 6.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

[88] Cf. Ludmila Érica Cambusano de Souza, *op. cit.,* p. 34.

Figura 14: Brinquedos modernos, em consonância com o anseio pelo progresso no período, como caixas e ferramentas, aviões e aeromodelos, patinetes e velocípedes, autos e caminhões, bicicletas, trens elétricos e de corda, piões, tambores, revólveres, barcos, lanchas, etc. estavam à disposição na Mesbla, que permanecia em funcionamento até às 22 horas. Note-se que muitos desses exemplos (como caminhões, tambores e especialmente os trenzinhos) eram fabricados pela Metalúrgica Matarazzo S.A. Certamente os brinquedos Metalma foram comercializados pela loja do referido anúncio, e, devido ao período em que foi publicado, em plena Segunda Guerra Mundial, as importações dos brinquedos teriam diminuído consideravelmente.
Correio Paulistano, domingo, 19 de dezembro de 1943, página 15.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Além dos anúncios originais e criativos, vinculados à ideia de modernidade e cosmopolitismo, havia outra estratégia que as principais lojas paulistanas adotaram a partir da década de 1930, a fim de incitar a prática do consumo nas crianças: importantes lojas de departamentos, como Casa Allemã e Mappin Stores, realizavam o evento "Chá Infantil ou Chá das Crianças", em que elas, reunidas e acompanhadas dos pais, poderiam assistir às apresentações de "João Minhoca e seus bonecos falantes" e participar da distribuição de brinquedos e balões. **(Cf. figuras 15 e 16)**

Figura 15: Fotografia do Dia do Chá das Crianças na Casa Allemã, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo,* em dezembro de 1936.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito da USP.

Figura 16: Além da Casa Allemã, a Casa Mappin também realizava esse mesmo evento para atrair crianças paulistanas no estabelecimento. A edição número 387, anno 17 da revista *A Cigarra*, publicou, em dezembro de 1930, fotos do Mappin e a realização de seus "chás", à página 22. Destacou que "*a petizada gostou do chá e dos brinquedos. Vê-se logo. É só olhar p'ra elles."*
Acervo Digitalizado do Arquivo do Estado de São Paulo, disponível em:
http://www.arquivoestado.sp.gov.br/a_revistas.php

Havia, originalmente, um salão – o "Tea Room" na Casa Allemã, onde as senhoras poderiam descansar, e experimentar sortimento de doces e refrescos, para, em seguida, retornarem às compras[89]. Dessa idéia que surgiu, certamente, o evento para as crianças,

[89] Anúncio do Tea room cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 11 de dezembro de 1910, p. 15.

para criarem o hábito de freqüentar diversas vezes grandes lojas e serem estimuladas ao consumo.

Foram freqüentes, no mês de dezembro dos anos 30, anúncios em jornais e em revistas (como *A* Cigarra, por exemplo) a respeito da ocorrência do evento direcionado às crianças. A seguir, um exemplo dele, divulgado pela Casa Allemã no ano de 1936:

> "Casa Allemã
> Fundada em 1883
> O maximo de alegria aos petizes!
> Hoje das 15 ás 18 horas em nosso salão de chá
> Chá Infantil (Natal 1936)
> Profusa distribuição de brinquedos e balões
> No palco: João Minhoca e seus bonecos falantes
> Aviso: não haverá reserva de mesas, pedimos, portanto, a fineza de comparecerem o mais cedo possível para tomarem posse das mesmas
> Única despesa por pessoa, com direito a chá, doces, sorvetes, etc. 6$000
> Schaedlich, Obert & Cia. – Rua Direita, 16-18."[90]

Vê-se, assim, que o mercado consumidor paulistano de brinquedos tornava-se cada vez mais significativo em São Paulo nos primeiros decênios do século XX. Essa constatação pode ser comprovada a partir da presença da publicidade diversificada, muitas vezes sugestiva e também criativa nos veículos principais de comunicação daquele período. Deste modo, é possível depreender que o surgimento de fabriquetas e instalações de "fundo de quintal" que produziram brinquedos naquela época ocorreu com a perspectiva de aproveitar esse mercado interno em potencial.

Sublinhe-se aqui que o presente trabalho, por se tratar de um estudo da História da Industrialização na perspectiva da Cultura Material, leva em conta o surgimento e o estabelecimento de fabriquetas ou fábricas de "fundo de quintal", de composição familiar, ao contrário dos estudos de História Econômica, que, via de regra, se debruçam apenas sobre a análise das indústrias quantitativamente relevantes. A instalação das pequenas

[90] Ver *O Estado de S. Paulo*, sexta-feira, 11 de dezembro de 1936, p.9.

fábricas nos primeiros decênios do século XX era episódio habitual que ocorria na capital que se transformava em metrópole e, nas palavras do brasilianista Richard M. Morse,

> "A grande maioria das firmas industriais paulistanas não se expandiu, naturalmente, como os gigantes considerados. Por toda a cidade coexistem grandes fábricas bem equipadas e pequenas oficinas, mesmo *ateliers* domésticos, que empregam técnicas há muito ultrapassadas. Por volta da passagem do século Bandeira Junior assinalou centenas de fábricas escondidas 'em logares que o publico não vê'. Essas oficinas conseguiam competir com a produção em grande escala porque seus custos fixos eram insignificantes, seus proprietários obtinham lucros apenas para a subsistência e porque os consumidores estavam interessados nos preços dos artigos, não estando habituados a examinar sua qualidade".[91]

Também Edgard Carone apontou em estudo sobre a evolução industrial de São Paulo essa existência de pequenas instalações fabris na capital. Ao analisar as diferentes fábricas em São Paulo no início do século XX, percebeu que, embora havendo fábricas modernas, para o caso de sapatos, a atividade daquelas consideradas pequenas não deixou de existir e a maioria das fábricas desse produto era de pequeno porte. O mesmo ocorre, segundo Carone, para o caso das indústrias de móveis: a maioria das 134 oficinas desse tipo de mercadoria que existiam em 1928 poderia se chamar de "fundo de quintal".[92]

Para o caso da produção dos brinquedos em São Paulo, não foi diferente daqueles exemplos citados por Morse, Dean e Carone. Entre 1901, quando Alcides Pertica empreendeu a primeira experiência no ramo de brinquedos na capital e 1937, ano da inauguração da Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda. na Rua Miller, no. 62, no bairro do Brás (que foi considerada por anos a maior indústria desses artigos do Brasil), foi possível recuperar outros 72 estabelecimentos que fabricavam tais mercadorias para a infância, através dos anúncios em jornais que circulavam pela capital e, sobretudo, das obras

---

[91] Cf. Richard M. MORSE. *Formação histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole).* São Paulo: DIFEL, 1970, p.305.
[92] Ver Edgard CARONE. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.116 e 122.

estatísticas de indústrias que começaram a ser produzidas pelo poder público estadual a partir da década de 1920, como a *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* [93].

Na região central da capital, sobretudo no Triângulo, havia a concentração das lojas que exibiam nas vitrines e em seções em seus interiores os brinquedos à venda; por outro lado, acompanhando o deslocamento das estradas de ferro, as fabriquetas de brinquedos foram se instalando em bairros de configuração fabril como Brás, Mooca, Pari, Belenzinho, Bom Retiro, Barra Funda, além do Ipiranga, Vila Mariana e Cambuci, Santa Cecília, dentre outros, incluindo-se aí a seção de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A., localizada, em seus primórdios, na Rua Carneiro Leão, no Brás, próxima ao Parque D. Pedro II[94]. Em consonância com a expansão das ferrovias que cortavam a cidade de São Paulo, começava a haver uma especialização de funções relacionadas à formação ou transformação da área central e dos bairros; em outras palavras, as atividades fabris ficavam apartadas do centro, local onde o comércio destacava-se como atividade preponderante[95]. Pouquíssimas foram as fábricas instaladas nas ruas do centro paulistano; a pequena fábrica de Alcides Pertica foi uma delas, na Rua Líbero Badaró, propriedade aos fundos de sua casa comercial[96].

Trenzinhos com ou sem mecanismo de corda, automóveis, tico-ticos, patinetes, cavalinhos, velocípedes, bicicletas, móveis, aeroplanos, instrumentos musicais para crianças, piões, soldadinhos, chocalhos, bolas, bonecas, bebês e outros tantos brinquedos eram confeccionados nos estabelecimentos fabris paulistanos no início do século XX. Aqueles brinquedos importados, que circulavam nas principais ruas comerciais de São

---

[93] Cf. Ludmila Érica Cambusano de SOUZA, *op. cit.,* pp. 41-72.

[94] Sobre a formação dos bairros fabris como Brás e Mooca, ver o estudo de Margarida Maria de ANDRADE, *Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho.*São Paulo, 1991, 253 p. Tese de Doutoramento, FFLCH-USP; e de Manoela Rossinetti RUFINONI, *Preservação do Patrimônio Industrial na cidade de São Paulo: o bairro da Mooca.* São Paulo, 2004, 183 p., Dissertação de Mestrado, FAU-USP.

[95] Marisa Midori Deaecto ressalta que, além do papel das ferrovias para o estabelecimento de unidades fabris em determinado local na capital paulista, existiram outras razões em consonância a esse fenômeno. Segundo a historiadora, "(...) as áreas industriais, nos terrenos rebaixados, justificam-se devido à presença de rios, cujas águas eram aproveitadas como força motriz; ao baixo valor imobiliário dos terrenos, por se encontrarem em áreas insalubres, em virtude de sua situação topográfica (...)". Ver Marisa Midori DEAECTO, *op. cit.,* p. 157, também Margarida Maria de ANDRADE, *op. cit.,* Fernando de Pádua LAURENTINO. *Várzeas do Tamanduateí: industrialização e desindustrialização.* São Paulo, 2002, 155 p., Dissertação de Mestrado FFLCH-USP.

[96] Antonio Francisco BANDEIRA JUNIOR, *op. cit.* Outras fábricas localizadas no Centro foram a Casa Flor (Rua Tiradentes), a fábrica de bonecas de José Ramalho, na Rua Quintino Bocayuva, e a de Paul F. Buckup, que, entre 1933 e 1935 estava localizada na Rua Álvares Penteado e, a partir de 1937, transferiu-se para a Rua Líbero Badaró (vide anexo 2). Segundo Heloisa Barbuy, *op. cit.,* pp. 69-89, foi o período em que as fábricas foram incentivadas a deixar o Triângulo, no processo de reurbanização da cidade baseado nas experiências de Haussmann, as quais também foram adotadas em outras capitais do mundo.

Paulo no início do século XX, tornaram-se modelo para a produção seriada de brinquedos, não obstante houvesse o emprego de matérias-primas nacionais, como madeira, ferro, folha-de-flandres (ou "lata" termo que ficou mais conhecido no Brasil), gesso, papelão, louça, borracha, massa, pano, feltro, papel maché, etc[97]. No caso dos brinquedos METALMA, a matéria-prima fundamental empregada em sua elaboração era a folha-de-flandres, por se tratar de uma das maiores instalações metalúrgicas da capital. Antes de tratarmos da seção de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A. propriamente, vejamos um breve histórico das indústrias de brinquedos de folha-de-flandres.

[97] Wilson Suzigan observou que a abundância de matérias-primas de produção local, bem como o afluxo de imigrantes europeus e o rápido crescimento do potencial energético, principalmente de origem hidráulica, foram fatores decisivos para a projeção de São Paulo como o local de maior concentração industrial do Brasil. Cf. Wilson SUZIGAN. "A Industrialização de São Paulo: 1930-1945". In: *Revista Brasileira de Economia.* Rio de Janeiro: O Instituto, abr./jun.1971, pp. 89-90.

1.2. Os Brinquedos de Lata: Breve Histórico

Walter Benjamin, em coletânea de textos redigidos sobre o universo da criança e os brinquedos entre o final da década de 1920 e início dos anos 30, destacou a hegemonia da Alemanha em relação à produção de brinquedos[98]. Segundo o filósofo, o país foi o que ele chamou de "centro espiritual" no terreno do brinquedo e cita Nuremberg como a "pátria" dos soldadinhos de chumbo e das arcas de Noé, assinalando também que a mais antiga casa de bonecas de que se tem notícia teve a sua origem em Munique. Em texto escrito em 1928, afirmava que ainda naquele período, os brinquedos alemães eram predominantes no mercado mundial, sendo a sua indústria dessas mercadorias a mais tradicional de todo o mundo[99].

Há considerável bibliografia técnica ou empírica sobre a história dos brinquedos, incluindo-se aí os confeccionados em folha-de-flandres (*"fein-blech"* em alemão;*"fer-blanc"* em francês; *"tinplate"*, em inglês), produzida em alguns países da Europa e nos Estados Unidos[100]. Ainda há, porém, poucas obras sobre a história da produção dos brinquedos de lata na América Latina, mas há algumas de um mesmo pesquisador argentino, Diego Lascano, que se dedicou ao estudo sobre a implantação de fábricas desses artigos no século XX em países que compõem o chamado "Cone Sul" (Argentina, Chile e Uruguai)[101]. O autor em questão também publicou, posteriormente, dessa vez com a colaboração de Daniel Sudalsky, antiquário especializado em brinquedos de lata, um estudo

---

[98] Cf. Walter BENJAMIN. "História Cultural do Brinquedo", 1928; "Brinquedos russos", 1930. In: *op. cit.,* p.89-94; p.127-130.

[99] Tal informação de Walter Benjamin pode ser constatada na própria coleção de brinquedos do Museu Paulista da USP, não só através de exemplares doados à instituição por famílias paulistanas, como os adquiridos por compra: citem-se bonecas de porcelana de marcas alemãs como "Simon & Halbig" e "Armand Marseille"; bebês de porcelana, como o famoso "Bebê Kaiser", produzido por "Kämmer & Reinhardt Puppenfabrik", dentre outros. Sobre marcas e histórico de fabricantes de bonecas alemãs, ver Sue PEARSON & Judith MILLER. *Miller's Antiques Checklist: Dolls and Teddy Bears.* London: Reed International Books Limited, 1993.

[100] Cf. Jack TEMPEST. *Collecting Tin Toys.* Londons: New Cavendish Books, 1994; François THEIMER. "L'Allemagne et le jouet en fer-blanc". In: *Le Guidargus des Jouets de Collection.* Paris: Les Éditions de l'Amateur, 1990, p. 175-80; David SALISBURY. *Toy Trains.* Buckinghamshire: Shire Publications Ltd., 1994; Hugo MARSH. *Miller's: toys and games. Antiques checklist.* London: Reed International Books Limited, 1995; Richard O'BRIEN, *op. cit.*; Gerhard G. WALTER. *Metal toys from Nuremberg. The unique mechanical toys of the firm of Georg Kellermann & Co. of Nuremberg, 1910-1979.* West Chester: Schiffer Publishing Ltd., 1992.

[101] Diego M. Lascano. *Juguetes uruguayos, 1910-1960.* Santiago del Chile: Ediciones Pictoria Ltda., 2004; *idem, Juguetes del fin del mundo: juguetes fabricados em Chile, Argentina e Uruguay entre 1910 y 1960.* Santiago del Chile, s.n., 2004.

de caso sobre os brinquedos desse material produzidos pela fábrica Matarazzo na Argentina, pertencente ao irmão caçula do conde Francesco Matarazzo, que lá se estabeleceu nas primeiras décadas do século XX[102]. Além de Lascano, Daniela Pelegrinelli elaborou relevante estudo, em forma de dicionário (e por isso constitui obra de referência), não só acerca dos fabricantes de brinquedos de folha de flandres na Argentina, como realizou levantamento das demais indústrias desses artigos, relacionando-os à infância e à educação daquele país[103].

Segundo Jack Tempest, o advento da Revolução Industrial condicionou o aumento da disponibilidade de uma ampla variedade de produtos e foi nesse período da história que os brinquedos de folha-de-flandres começaram a aparecer no mercado. Antes disso, os brinquedos das classes mais pobres, por exemplo, eram muito simples, confeccionados em casa e de madeira, geralmente. Um catálogo comercial datado de 1826 ilustrava brinquedos feitos de vários materiais, incluindo a folha-de-flandres e, na *Great Exhibition* de Londres, realizada em 1851[104], os brinquedos de folha-de-flandres foram expostos pela primeira vez[105]. São, provavelmente, os primeiros registros da circulação de tais artigos elaborados com esse material. Ainda segundo Tempest, tal como já havia afirmado Walter Benjamin, o comércio mundial de brinquedos estava sediado em Nuremberg, Alemanha, local onde uma das matérias-primas em abundância era o estanho, e onde havia também trabalhadores habilidosos na produção de miniaturas para certos tipos de produtos, como relógios e na

---

[102] Diego M. LASCANO & Daniel SUDALSKY. *Matarazzo: juguetes de hojalata argentinos.* Buenos Aires: Pictoria, 2005. Note-se que esse autor estabeleceu contato conosco por e-mail, no início de 2005, após encontrar o resumo de nosso trabalho de Iniciação Científica que foi apresentado no XII SIICUSP (Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo) de 2004. Solicitava algumas informações a respeito da atuação da família Matarazzo no Brasil no ramo de brinquedos, pois o irmão mais novo do Conde Francesco Matarazzo se estabeleceu na Argentina e lá implantou uma fábrica de brinquedos que produziu esses artigos também a partir de folha-de-flandres, em plena atividade na década de 1940 (sobre a Fabrica de Juguetes Matarazzo no presente estudo, ver Seção 1.3.). As informações enviadas por nós, sobre a Metalúrgica Matarazzo brasileira, foram publicadas pelo autor nesse livro de 2005 (cf. pp.12-13).

[103] Daniela PELEGRINELLI. *Diccionario de juguetes argentinos. Infância, industria y educación, 1880-1965.* Buenos Aires: El Juguete Ilustrado Editores, 2010. A autora aborda a "Fabrica de Juguetes Matarazzo" nas páginas 158 a 161.

[104] Essa exposição em Londres, no ano de 1851, é considerada a primeira das chamadas "Exposições Universais". Sobre esse tema, ver Heloisa BARBUY. *A Exposição Universal de 1889 em Paris.* São Paulo: Edições Loyola/História Social USP, 1999; Sandra Jatahy PESAVENTO. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX.* São Paulo: HUCITEC, 1997, entre outros.

[105] Cf. Jack TEMPEST. *Op. cit.,* p.19.

fabricação de instrumentos musicais[106]. E entre as fábricas de brinquedos implantadas em Nuremberg estavam a Bing (fundada em 1863-5)[107], Carette (1886), Issmayer (1861), Plank (1866) e Schoenner (1875). Os dados desse autor corroboram, portanto, as afirmações de Benjamin contidas em seus escritos das primeiras décadas do século passado[108]. Em sua obra *Collecting Tin Toys*, em capítulo dedicado à história dos brinquedos de folha-de-flandres, ressaltou que

> "Germany was definitely the world leader in toy production from the early days to the end of the 1930s. The toys produced there were invariably of a high standard of quality and excellent value for money within a wide price range".[109]

Considerada a mais famosa indústria de brinquedos da Alemanha, a Märklin foi fundada no ano de 1859 por Theodor Friedrich Wilhelm Märklin e sua mulher Caroline, em Göppingen, cidade localizada no sudoeste do país. Tempest sublinhou que tal indústria, originalmente, produziu uma variedade de pequenos brinquedos, inclusive sortimento de cozinha para crianças e, com o passar do tempo, a firma expandiu-se e iniciou a produção de uma grande variedade de brinquedos, como navios, trens, automóveis e acessórios de trens, como estações e pontes[110]. No ano de 1914, por exemplo, contava com 600 empregados na produção. Além da Märklin, a Bing, acima citada, foi uma das líderes no mercado de brinquedos na Alemanha, com vendas anuais em torno de 27 milhões de marcos, até 1928. Com o advento da Grande Depressão de 1929, a Bing sofreu as consequências impostas pela crise, como a maior parte do comércio mundial, tendo sido

---

[106] Sobre a questão da matéria-prima disponível em determinado local condicionar a produção de objetos, a cidade de Waltershausen, por exemplo, localizada no estado da Turíngia, foi considerada o centro de produção de bonecas de porcelana da Alemanha. Cf. Sue PEARSON, *op. cit.*

[107] Há discordância na bibliografia referente a brinquedos quanto à data de fundação da Bing; Hugo Marsh, por exemplo, cita o ano de 1879 como data de sua fundação; David Salisbury aponta a mesma data citada por Tempest, ou seja, 1863. Cf. Hugo MARSH. *Toys and Games: antiques checklist.* London: Reed Internatinal Books Limited, 1995, p.15; David SALISBURY, *op. cit.,* p.3. Há catálogo de brinquedos Bing em edição fac-símile, publicado em 2002: *The 1912 Bing Toy Catalogue, including the 1912 plush & felt special catalogue.* USA: Antique Collecto, 2002.

[108] De acordo com Jack Tempest, "Because most of the German toymakers were to be found in the area around Nuremberg, the city became an important centre for toy marketing. Indeed, even though Nuremberg's toy-making image is long gone, it is still the regular venue for an important international toy trade fair". Ver Jack TEMPEST, *op. cit.,* p.31.

[109] *Idem, ibidem,* p.30.

[110] *Idem, ibidem,* p.30. Sobre a história da Märklin, ver também David PRESSLAND. *Jouets d'autrefois: histoire illustrée des jouets de fer-blanc.* ____: Edita-Vilo S.A., 1976.

sucedida pelo rival, o fabricante Karl Bub[111]. Segundo Hugo Marsh, a Bing encerrou suas atividades no ano de 1933, ao contrário da Märklin, que atualmente continua ativa[112].

Os brinquedos de folha-de-flandres na França foram produzidos, inicialmente, nas proximidades de Paris e um de seus precursores nesse ramo foi Fernand Martin que, estabelecido no Boulevard de Menilmontant, na própria capital francesa, empregou, já na década de 1880, cerca de 200 trabalhadores que produziram em torno de 8.000 brinquedos mecânicos por ano, até a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Os dados de Hugo Marsh confirmam os de Tempest, pois, segundo aquele, Martin permaneceu nessa atividade até 1912[113].

Quanto à produção de brinquedos feitos a partir da lata no Reino Unido, afirma-se que esse tipo de indústria não foi tão desenvolvido naquele país. Firmas como Burnett (fundada em 1905 e encerrada em 1939), Chad Valley (desde 1823 e, até a década de 1990, pelo menos, em atividade) foram algumas das poucas fábricas britânicas dessa especialidade[114].

Países como Itália e Espanha também produziram brinquedos dessa matéria-prima, embora não sejam conhecidos, a não ser em seus países de origem[115].

Nos Estados Unidos, assim como em alguns países europeus, a produção de brinquedos de lata teve início desde meados do século XIX. A fábrica Ives foi fundada em 1868 e permaneceu em atividade até 1928, produzindo uma série de brinquedos, inclusive locomotivas. A Lionel, marca extremamente famosa por seus trenzinhos, foi fundada por Joshua Lionel Cowen[116] entre 1900 e 1902[117], e sabe-se que lojas cosmopolitas paulistanas, como Casa São Nicolau e Mappin Stores, importavam essa marca para vendas a varejo,

---

[111] TEMPEST,*op. cit.,* p.31.

[112] Cf. Hugo MARSH, *op. cit.,* 1995, p.15. A Märklin ainda permanece em atividade na área de ferromodelismo, conforme constatado em pesquisa na internet. Sua sede prevalece na mesma cidade de fundação. Endereço internet, disponível em http://www.maerklin.com/. Última consulta em dezembro/2011.

[113] *Idem, ibidem*, p.15.

[114] cf. Jack TEMPEST, *op. cit.,* p.32 e 35; Hugo MARSH, *op. cit.,* p.15. David Salisbury aborda, em estudo, marcas como Hornby e Basset-Lowke. Cf. David SALISBURY, *op. cit.,* p.3 e segs.

[115] Jack TEMPEST, *op. cit.,* p.35. Ressalte-se que a Itália foi famosa no ramo de brinquedos, porém graças à produção de diferentes bonecas e bonecos de feltro, da marca LENCI, fábrica estabelecida em Turim, principalmente durante a primeira metade do século XX. Há no acervo do Museu Paulista da USP alguns modelos dessa marca que foram doados à instituição.

[116] Sobre a história da Lionel, ver Richard O'BRIEN. *The history of American Toys. From puritans to the present.* New York: Abeville Press Publishers, 1990, p.68 e segs. Note-se que o Museu Paulista da USP possui em acervo no Serviço de Objetos um trenzinho dessa marca.

[117] Cf. Hugo MARSH, *op. cit.,* p.15.

conforme anúncio no jornal *O Estado de S. Paulo*, em dezembro de 1939 **(Cf. Figura 17).** Trenzinhos e carrinhos elétricos (movidos a bateria) produzidos pela Lionel foram divulgados em catálogo em 1902, e, em 1908, a fábrica lançou caminhões de brinquedo com guindastes que executavam movimentos. Dominou o mercado norte-americano, mesmo durante a Depressão dos anos 30, produziu série de brinquedos Disney em 1934 e manteve-se em atividade até os anos de 1950[118].

Figura 17: Anúncio no mês de dezembro, próximo ao Natal, dos trenzinhos americanos da marca Lionel, fundada no início do século XX, que era importada no Brasil através de casas comerciais luxuosas, como Mappin Stores e Casa São Nicolau, conforme podemos averiguar em texto publicitário. Certamente os modelos desse fabricante que circularam em São Paulo, serviram de modelo para os fabricantes paulistanos, inclusive a METALMA.
Fonte: O Estado de S. Paulo, terça-feira, 19 de dezembro de 1939, página 16.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito – USP.

A folha de flandres – ou "lata" –, matéria-prima fundamental na elaboração dos brinquedos METALMA, era composta por ferro laminado e revestimento de estanho fundido, embora o aço (liga de ferro e carbono) também tenha substituído, anos depois, o

[118] Hugo MARSH, *op. cit.,* p. 93 e 174.

ferro puro. De acordo com R. L. Atkinson, a folha de flandres é feita de aço maleável com um revestimento muito fino de estanho e sua utilização está relacionada, principalmente, à produção de latas para armazenamento de alimentos e bebidas, não obstante seja também empregada no fabrico de refletores, brinquedos, pilhas e aquecimento elétrico[119].

A produção de artigos domésticos pela Metalúrgica Matarazzo S.A., como latas de tamanhos variados para armazenamento de cereais, farinhas, etc., corroboram a afirmação de Atkinson. Tais artigos foram exibidos em catálogos produzidos por essa fábrica, em seção intitulada "Artigos Domésticos", precedida pela seção de brinquedos[120]. A lata de biscoito e a bandeja, a seguir, do acervo do Museu Paulista da USP, foram elaboradas pela Metalma. **(Cf. Figuras 18 e 19)**.

Figuras 18 e 19: Lata de biscoito Petybon, comemorativa do IV Centenário da cidade de São Paulo[121] (RG 9693); bandeja de lata (RG 9918).
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Os primeiros brinquedos de folha de flandres fabricados na Alemanha eram pintados a mão e, a partir de 1903, tais produtos passaram a ser litografados nas fábricas de Nuremberg, conferindo velocidade à produção seriada, para depois se tornar o método de produção de brinquedos mais aceito em outros países europeus, nos Estados Unidos e no Japão nos setenta anos seguintes[122]. Além disso, o mecanismo de corda colocado nos brinquedos desse material foi a fonte de energia favorita empregada pelos fabricantes ao

[119] Ver R. L. ATKINSON. *Tin and tin mining.* _____: Shire Publications Ltd., 1985, pp.29-30.
[120] Ver referências sobre os catálogos Metalma em Bibliografia e Fontes.
[121] Observe-se que Ciccillo Matarazzo presidiu a comissão do IV Centenário de São Paulo.
[122] Hugo MARSH, *op. cit.,* p.13.

redor do mundo, embora alguns deles, após o fim da Segunda Guerra Mundial, tenham introduzido em alguns brinquedos baterias ou pilhas[123].

No caso de São Paulo, algumas fábricas confeccionaram brinquedos utilizando a folha de flandres como matéria-prima[124], como foi o caso da firma de Alexandre Bitincof, fundada na Rua Paulo Bregaro, no. 341, no Ipiranga, em fins da década de 1930 e contando com 21 operários[125]. Recenseada pela primeira vez no ano de 1937 pela *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*[126], até 1942, pelo menos, a "Fábrica de Brinquedos Ypiranga" permaneceu no endereço citado[127]. Entretanto, três anos depois, encontrava-se em novo endereço, à Rua Bom Pastor nº 1426, ainda nas proximidades do Museu Paulista[128], onde prosseguiu no fabrico de diferentes brinquedos de lata e madeira, como pequenos instrumentos musicais para crianças, os quais, segundo anúncios do período, foram sua especialidade. **(Cf. Figuras 20 e 21)**

---

[123] Ver Jack TEMPEST, *op. cit.,* p.30.

[124] Segundo A. Andrea Matarazzo, a matéria-prima utilizada pela Metalúrgica Matarazzo S.A. era de origem nacional, principalmente após a inauguração da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Entrevista realizada em 28 de Julho de 2009.

[125] Vide Anexo 2, dossiê das fábricas paulistanas de brinquedos da primeira metade do século XX. Ressalte-se que há alguns pianos de brinquedo (de madeira) produzido por essa fábrica de Alexandre Bitincof no acervo do Museu Paulista da USP. Os brinquedos, possivelmente dos anos 40, têm como emblema a imagem do museu, possivelmente porque a fábrica estivesse localizada próxima à instituição naquele período. Ver **Figuras 22 e 23**.

[126] *Estatística Industrial do Estado de São Paulo,* ano de 1937, p. 275.

[127] Cf. *Anuario Geral das Profissões B.P.* Registrado no Departº da Imprensa e Propaganda sob o número 13.258. Organização e Propriedade: Lygio de Souza Mello. Diretor Gerente: F. Koucher. 1ª Edição, Estado de São Paulo, 1942, p. 56.

[128] Ver *Indicador Profissional São Paulo*, 2ª Edição de 1945, p. 70; e também do ano de 1946, 1ª Edição, p. 84. No ano de 1952 fábrica de Bitincof ainda se encontrava em atividade, conforme o *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo,* p. 308.

TITULOS DE ESTABELECIMENTOS E INSIGNIA DE COMÉRCIO

Termo n. 61.485, de 22-8-38

Alexandre Bitincof — São Paulo

FABRICA DE BRINQUEDOS YPIRANGA

Classe 49 — Título

Figura 20: Registro na Revista da Propriedade Industrial do estabelecimento fabril de Alexandre Bitincof, a "Fábrica de Brinquedos Ypiranga" (localizado próximo ao Museu Paulista), sob o termo no. 61.485, do dia 22 de agosto de 1938.
Fonte: Revista da Propriedade Industrial, sexta-feira, 26 de agosto de 1938, página 17.252.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito da USP.

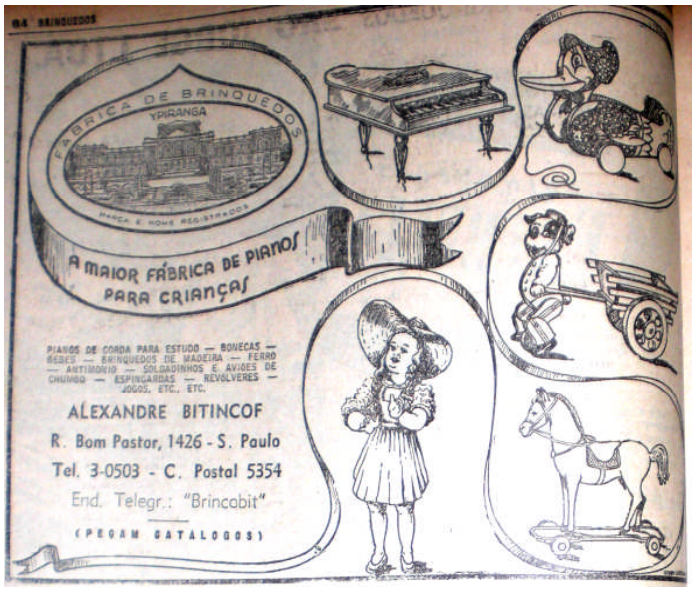


Figura 21: No ano de 1946, Bitincof anunciou no *Indicador Profissional de São Paulo*, p.84. A marca da fábrica, com o desenho do Museu do Ipiranga (no auto, à esquerda), era estampada nos brinquedos por ela produzidos. O reclame destacou que o estabelecimento era "a maior fábrica de pianos para crianças", embora produzisse brinquedos diversos, de diferentes matérias-primas, como a folha de flandres.
Acervo pessoal de Ana Maria de Almeida Camargo.

Figura 22: Piano para criança produzido por volta da década de 1940 pela Fábrica de Brinquedos Ypiranga, de Alexandre Bitincof. Madeira é a matéria-prima predominante.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP-USP). RG: 9210.

Figura 23: Piano de brinquedo, de madeira, da mesma fábrica localizada no bairro do Ipiranga. RG: 9869. Dimensões: H: 7 x L: 22,5 x C: 29 cm.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Além de Bitincof, Cândido Barboza, na Rua dos Donatários no. 49, na Mooca, em 1937[129]; Elemer Vass & C. que, a partir de 1934 produziu brinquedos de folha de flandres em estabelecimento da Rua Major Diogo[130]; da Fábrica de Brinquedos de Oronzo Scattone, na Avenida Celso Garcia desde meados da década de 1930, com cerca de 21 operários[131] no fabrico de "automóveis, auto-caminhões, *avoadores* (sic), baratinhas, bicycletas, patinetes, tico-ticos, velocípedes[132]"; Indústrias Reunidas Manfredi, com instalações no Brás e contando com 28 operários para a produção de brinquedos musicais, como tambores, pandeiros, cornetas, chocalhos, além de espingardas, espadas e carrinhos[133]; e a "Grande Fábrica de Brinquedos Sansão", de Luiz Sansone, que, no ano de 1935, chegou a contar com um quadro de 61 operários em estabelecimento localizado na Barra Funda[134] **(Cf. figura 24)**. Não obstante, a principal indústria que produziu brinquedos com esse material foi a Metalúrgica Matarazzo S.A. Por uma conjunção de particularidades relativas a porte, duração, tipologia fabril e, sobretudo, por participar de momento histórico marcado por um

[129] Ludmila Érica C. de SOUZA, *op. cit.,* p.50.
[130] *Idem, ibidem*, pp.52-53.
[131] *Idem, ibidem,* p.53.
[132] São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935, s/ p.
[133] Ludmila Érica C. de SOUZA, p.58.
[134] *Idem, ibidem,* p.62.

pensamento industrial de ideologia nacionalista e anseio de modernização, é o objeto principal do estudo, conforme veremos a seguir[135].

Figura 24: A fábrica de brinquedos de Luiz Sansone, localizada no bairro Barra Funda, anunciava com freqüência a produção de seus brinquedos feitos, sobretudo, a partir da folha-de-flandres, em diferentes publicações paulistanas. Pelo reclame acima, podemos perceber que os brinquedos da Fábrica Sansão eram comercializados em lojas paulistanas e, assim como a Metalúrgica Matarazzo e outros fabricantes de brinquedos, elaborava catálogo para divulgação de seus artigos infantis.
Fonte: O Estado de S. Paulo, domingo, 9 de janeiro de 1938, p. 19.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito da USP.

[135] Além dos artigos de madeira produzidos pela Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda, que tornar-se-ia, anos depois, "S.A.", muitos colecionadores de brinquedos, atualmente, valorizam os produzidos pela Metalúrgica Matarazzo S.A., conforme podemos constatar a partir de uma matéria de capa da *Revista da Folha* (suplemento do diário Folha de S. Paulo que veiculava aos domingos, atualmente substituído pelo título *sãopaulo*), do dia 4 de maio de 2008. Nela, os brinquedos antigos e seus colecionadores foram os temas da mesma, em que se destacava a valorização desses objetos (segundo algumas observações, como "ano de fabricação", "disponibilidade no mercado", "embalagem original", "integridade das peças", dentre outras). Embora alguns dos colecionadores entrevistados se dediquem à procura de determinados brinquedos importados (como trenzinhos da famosa marca alemã Märklin), há um trecho do artigo que ressalta a importância da marca METALMA nesse ramo: *"Entre os fabricantes brasileiros, os brinquedos de madeira da Estrela, confeccionados nos anos 40 e 50, são os mais procurados. Outra prestigiadíssima é a Metalma (Metalúrgica Matarazzo), dos anos 20* [sic], *que produziu séries de lata. Como gostam de frisar os colecionadores, não se trata de simples brinquedos. Todos eles trazem consigo uma carga de história e memória".* (grifo nosso). Cf. *Brinquedo de gente grande.* In: Revista da Folha, 04 de maio de 2008, p. 18.

1.3. A Seção de Brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A.: caso emblemático em São Paulo – anos de 1930-1950

A trajetória do Conde Francesco Matarazzo, de seus descendentes e demais familiares na implantação de indústrias diversas e a sua perpetuação na capital paulista e outras cidades do Estado já foi amplamente abordada pela historiografia e outras ciências sociais, em estudos de Edgard Carone[136], Warren Dean[137], José de Souza Martins[138], Jacques Marcovitch[139], Ronaldo Costa Couto[140], dentre outros, além da publicação de obras de caráter comemorativo, caso da edição *Matarazzo: 100 anos*[141]. Em tais casos, o complexo industrial analisado é o conjunto conhecido por "Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo"[142] de 1911, ou simplesmente, "IRFM", que teve a sua origem com a chegada de Francesco Matarazzo ao Brasil, em 1881, quando iniciou as suas atividades como importador, para, em seguida, estabelecer fábricas que produzissem artigos que, originalmente, tinham sido por ele importados, como a banha e a farinha de trigo[143]. O complexo industrial de Matarazzo passou a agregar novas atividades, como fabricação de óleo, sabão, fiação, tecelagem e tinturaria[144], dentre outras[145].

---

[136] Cf. Edgard CARONE, *op. cit.,* pp.165-172.
[137] Cf. Warren DEAN, *op. cit.*
[138] Cf. José de Souza MARTINS, *op. cit.*
[139] Cf. Jacques MARCOVITCH, *Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil.* São Paulo: EDUSP, 2003. (principalmente o volume 1).
[140] Cf. Ronaldo Costa COUTO, *op. cit.*
[141] *Matarazzo: 100 anos.* São Paulo: CL-A Comunicações Ltda., 1982.
[142] Essa denominação existiu até o ano de 1929, quando houve alteração registrada pela Junta Comercial do Estado de São Paulo para "S.A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo", em sessão de 01 de fevereiro de 1929. Cf. Ronaldo Costa COUTO, *op. cit.,* p.161. José de Souza Martins, por sua vez, considerou em seu estudo que o "F" seria de "Francisco" quando ocorreram as modificações do grupo empresarial naquele ano. Cf. José de Souza MARTINS, *op. cit.,* p.41.
[143] Cf. José de Souza MARTINS, *op. cit.,* pp.16-43.
[144] Cf. Ronaldo Costa COUTO, *op. cit.,* p.17, v.1
[145] Em 1950, a S/A IRF Matarazzo divulgou anúncio onde destacava ser "a maior organização industrial da América Latina", e não deixou de enumerar as suas muitas atividades: "moinhos de trigo, fábrica de massas alimentícias 'Petybon', moinho de fubá, fiação, tecelagem, tinturaria e cascamifício 'Mariângela', fiação, tecelagem e estamparia 'Belemzinho', fiação fina de algodão 'Lídia', fiação de seda natural, tecelagem, tinturaria e estamparia de sedas, Manufatura de fios de seda, crepe e fantasia, fábrica de fios de raiom, fábrica de 'Matfil', fábrica de esponjas artificiais 'Espuma', fábrica de celulose, fábrica de papel e papelão, fábrica de papel transparente 'Celosul', fábrica de sulfureto de carbono, fábrica de ácidos, fábrica de sulfato de alumínio, fábrica de desinfetantes, moinho de soda cáustica, descaroçadores de algodão, reprensagem e armazenamento de algodão, fábricas de óleo de caroço de algodão 'Sol Levante', refinação e hidrogenação de óleos vegetais e comestíveis, fábrica de margarina 'Margarite', extração e refinação de óleos vegetais, fábricas de sabões e saponáceos, fábrica de velas, fábrica de sabonetes, perfumes e artigos para toucador, fabricação de glicerina, frigoríficos, refinação de banha, refinação de açúcar, destilaria de álcool, engenhos de arroz, fecularia e

Contudo, não há estudos que abordem, de forma mais aprofundada, a Metalúrgica Matarazzo, ainda menos a seção de brinquedos; ambas são, no geral, citadas pontualmente em determinadas obras[146]. Tal fato não ocorre por acaso, pois a Metalúrgica Matarazzo não era parte integrante das IRFM, embora esta última tenha sido, por muitos anos, a sua principal cliente.

Tal estudo trata, então, da análise de um microcosmo dentro do complexo industrial desenvolvido em São Paulo e, ao abordá-lo sob a óptica da Cultura Material, pretende-se analisar a constituição da seção de brinquedos em questão, pois há, nesses objetos por ela produzidos, valores culturais intrínsecos que permitem a compreensão de aspectos da sociedade que os desenvolveu e deles se utilizou. Marc Bloch já havia chamado a atenção, no início da década de 1940, sobre a importância, no trabalho do historiador, do uso de fontes variadas, além daquelas consideradas "oficiais", geralmente escritas e privilegiadas durante o século XIX. Segundo ele,

> "a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele (...). Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego. Quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça por atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza[147]".

Nesta esteira, Heloisa Barbuy salientou que

---

fábrica de amido, moinhos e refinação de sal, extração de cafeína, extração de mentol, extração de essências, extração de caulim, extração de quartzo, fábrica de cimento, fábricas de louças, azulejos e artigos sanitários, fábrica de cal, fábrica de pregos, fábrica de giz, serrarias e caixotarias, oficina mecânica e fundição". Ver: *Facts about the State of São Paulo.* Published by the British Chamber of Commerce of São Paulo & Southern Brazil, 1950.

[146] Margarida Maria de ANDRADE, *op. cit.,* pp.176-7 e 202-204; José de Souza MARTINS, *op. cit.,* p.31 e 40; Ronaldo Costa COUTO, *op. cit.,* p.81-7; 90-5.

[147] Marc BLOCH. *Apologia da História.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp.79-80. Da mesma forma que Bloch, Jacques Le Goff, Fernand Braudel (o qual, além de nos legar o conceito de "Longa Duração", também foi responsável pelo importante conceito de "Civilização Material") e outros historiadores da *História Nova* destacaram a importância do uso de objetos tridimensionais como novas fontes históricas. Ver também Jacques LE GOFF (org.). *A História Nova.* Trad. por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990; Fernand BRAUDEL, *Civilização Material, economia e capitalismo.* Trad.: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 3 v. (1ª Ed. Fr. 1979).

> "Com larga tradição de uso nas áreas de arqueologia e etnografia, cultura material é uma expressão que vem sendo amplamente estendida ao domínio da história da cultura por historiadores ingleses e norte-americanos. Adotam-na para referir-se a uma história que se utiliza principalmente da análise de artefatos – sua morfologia, usos e significados – para obter uma compreensão de aspectos socioculturais que somente esse tipo de documento tridimensional permite atingir, associando-o, em geral, a fontes escritas e iconográficas que também forneçam elementos relativos a um dado universo material". (grifos nossos)[148]

Também Thomas J. Schlereth, considerado um dos maiores especialistas sobre Cultura Material e que publicou diversos estudos sobre esse tema, observou a importância dos artefatos relativos à infância para o entendimento de questões culturais de determinada sociedade. Segundo Schlereth,

> "Toys are the artifacts of two cultures. They can reveal as much about a society's adults as its children. I also became intrigued with how much the material culture of children past revealed about the adult society of the same era"[149].

A Metalúrgica Matarazzo, localizada num quarteirão no bairro do Brás, entre as ruas Carneiro Leão e Caetano Pinto, próximas ao Parque D. Pedro II (**Figuras 25 e 26)**, surgiu com essa denominação no ano de 1933, quando Francisco Matarazzo Sobrinho tornou-se o maior acionista da empresa e seu presidente. Anteriormente a esse fato, o estabelecimento foi comprado pelo Conde em 1917, quando já era uma fábrica de estamparia de metais, de nome "Metal Graphica Aliberti". Em 1919, as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo planejaram a expansão desse estabelecimento, pois o objetivo era que lá pudessem ser fabricadas todas as latas de que o complexo industrial necessitava para os demais artigos produzidos[150]. Solicitou-se, então, a reforma do prédio, com a planta anexa, para o seu aumento conforme documentação encaminhada ao então prefeito municipal da cidade de São Paulo:

---

[148] Heloisa Barbuy, *op. cit.,* pp. 23-24.
[149] Thomas J. SCHLERETH. "The Material Culture of childhood: research problems and possibilities". In: *Cultural History and Material Culture. Everyday Life, Landscapes, Museums.* Ann Arbor, Mich: UMI Research Press, pp.87-111; ver também Gilles BROUGÈRE. *Brinquedo e Cultura.* São Paulo: Cortez, 1995.
[150] Ver Ronaldo Costa COUTO, *op. cit.,* p.37.

“Prefeitura Municipal de São Paulo”.

Directoria de Obras e Viação

(...)

Assumpto: Augmento de uma fabrica na Rua Carneiro Leão 147

Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo, 1919

Sociedade Anonyma

Industrias Reunidas F. Matarazzo

S. Paulo

Exmo. Snr. Dr. Prefeito Municipal da Cidade de S. Paulo

Diz Industrias Reunidas F. Matarazzo, por seu director, abaixo assignado, que desejando augmentar alguns salões, no seu Estabelecimento Industrial Metal Graphica, rua Carneiro Leão no.147, com fundos na Rua Caetano Pinto. Vem, por meio deste, requerer a Va. Exia. a devida licença.

Junto, ao presente, segue a planta em 4 copias.

São Paulo, 2 de Abril de 1919.

(Assinatura de Ermelino Matarazzo)”[151]. **(Cf. Figuras 27, 28 e 29)**

[151] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo. Acervo do Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís”, fundo “Diretoria de Obras”, série “Obras Particulares”, doc. 37/Cx C3/1919.

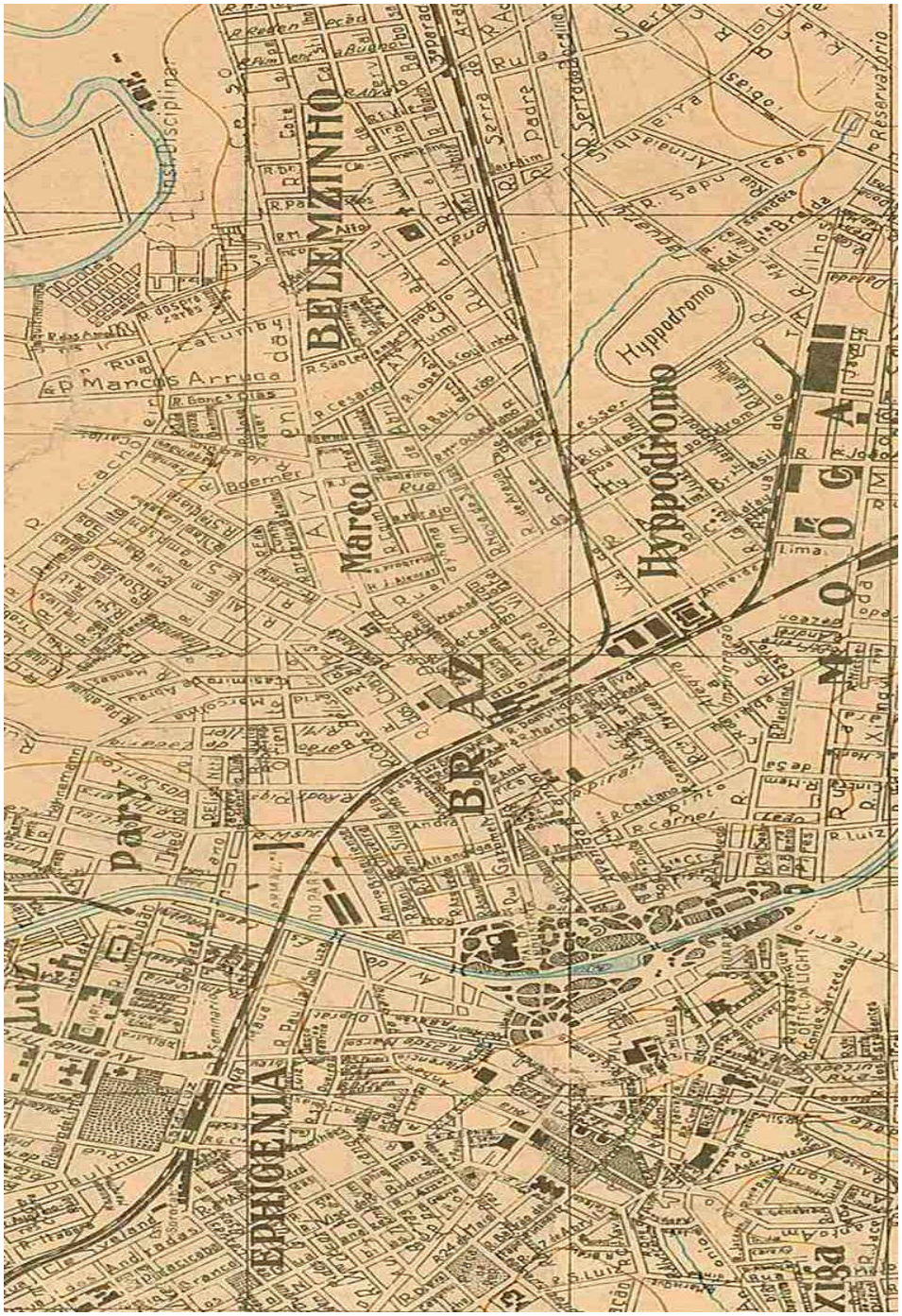

BELEMZINHO
Hyppodromo
Hyppodromo
Marco
Party
Luz
EPHIGENIA
Mangueira
Xiba

Figura 25 (página anterior): Mapa contendo a região do Brás, próxima à área do Palácio das Indústrias, e do Parque D. Pedro II, um dos principais bairros de concentração fabril da cidade de São Paulo, ano de 1924.
Fonte: *Planta da cidade de S. Paulo mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados, 1924.* (Recorte) Extraído de http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/img/mapas/1924.jpg .

Figura 26: Pormenor do mapa anterior, contendo a quadra formada pelas ruas Carneiro Leão e Caetano Pinto (ambas atravessam a Avenida Rangel Pestana), onde a Metalúrgica Matarazzo S.A. esteve instalada por décadas (ao centro).
Fonte: *Planta da cidade de S. Paulo mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados, 1924.* (Recorte). Extraído de http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/img/mapas/1924.jpg .

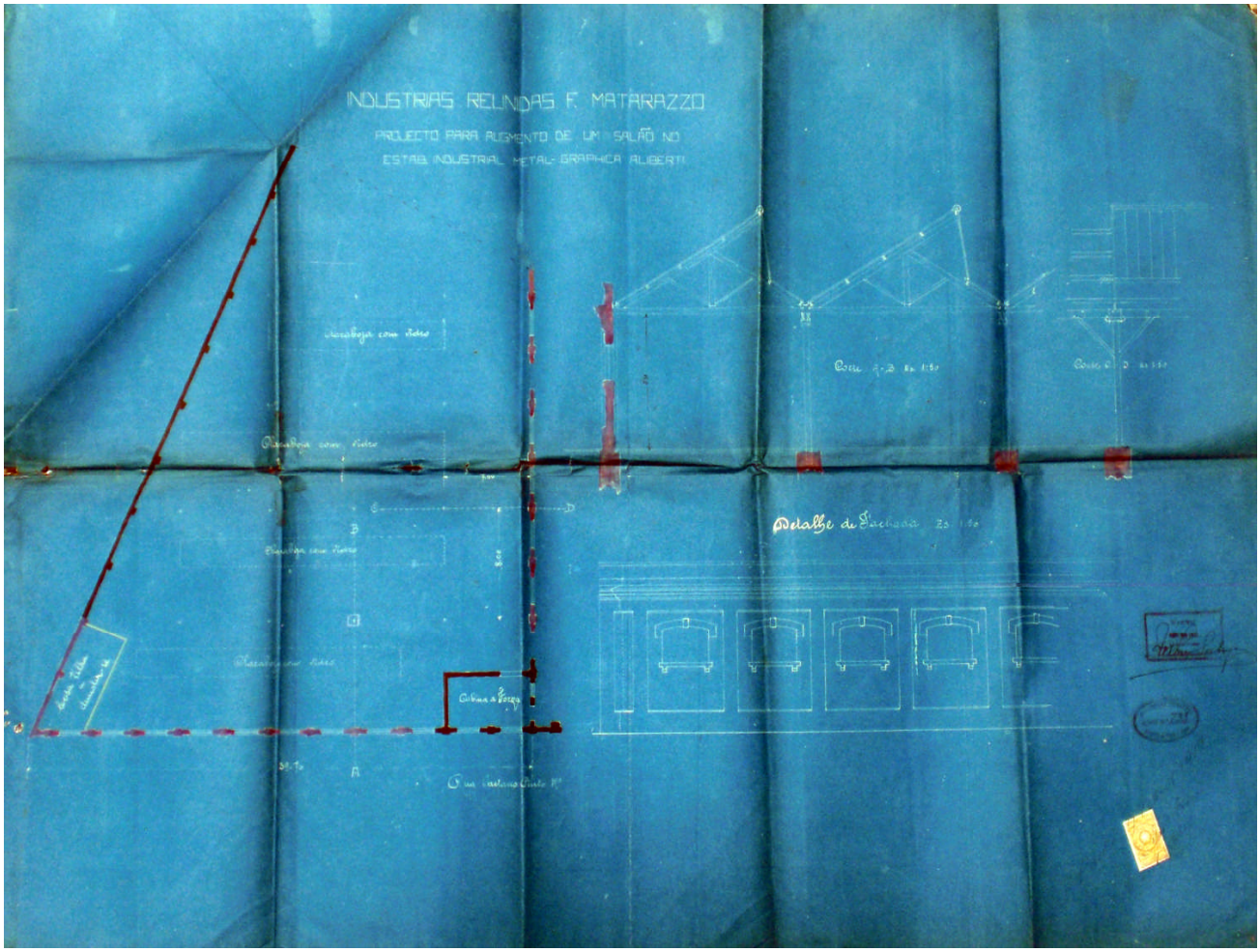


Figura 27: Uma das plantas da Metal Graphica Aliberti, que foi apresentada pelas IRFM para solicitação de autorização do poder público municipal, para expansão de um salão.
Fonte: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo.
Acervo do Arquivo Histórico Municipal "Washington Luís", fundo "Diretoria de Obras e Viação", série "Obras Particulares".

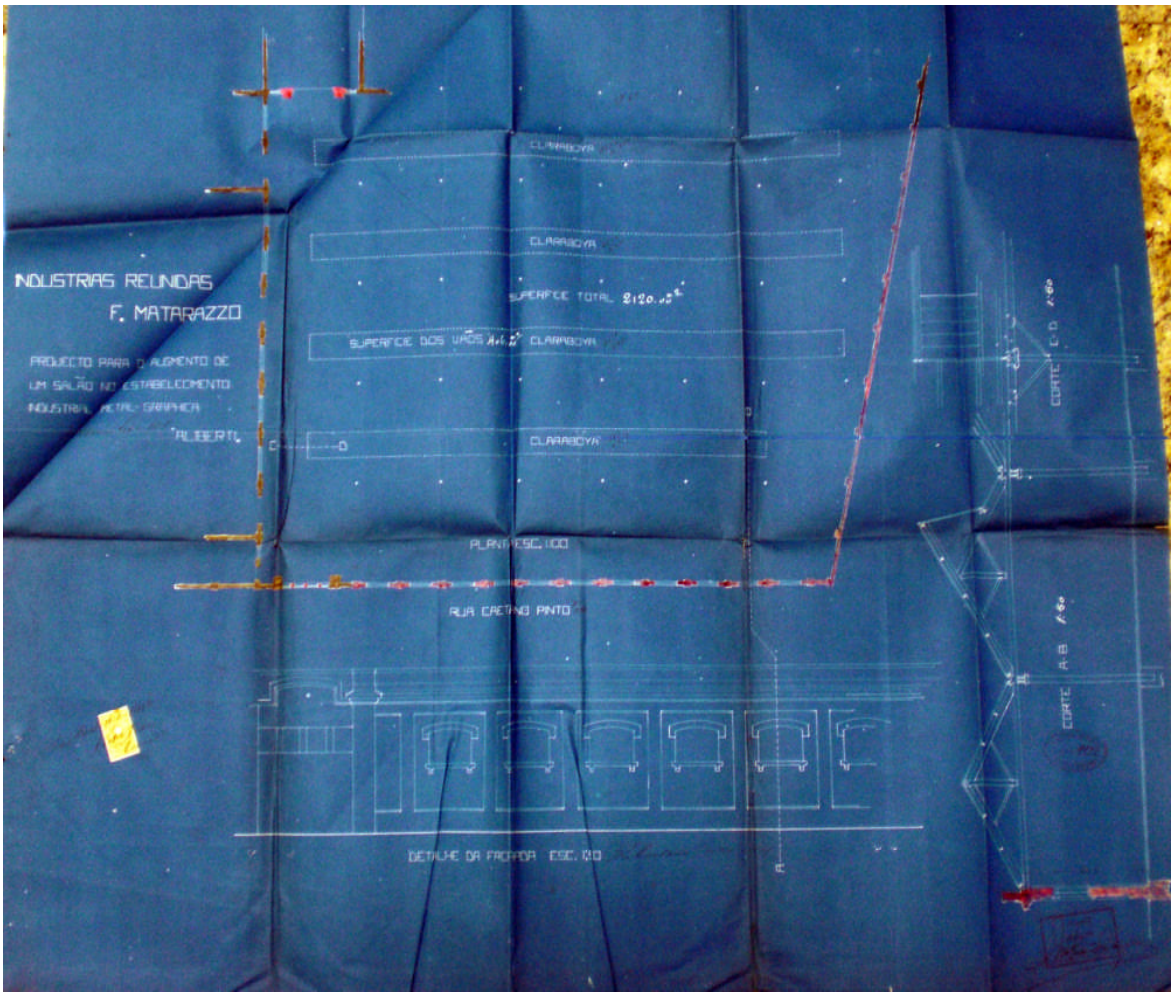


Figura 28: Outra planta apresentada pelas IRFM, dessa vez com a fachada da indústria que dava para a Rua Caetano Pinto.
Fonte: AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo.
Acervo do Arquivo Histórico Municipal "Washington Luís", fundo "Diretoria de Obras e Viação", série "Obras Particulares".

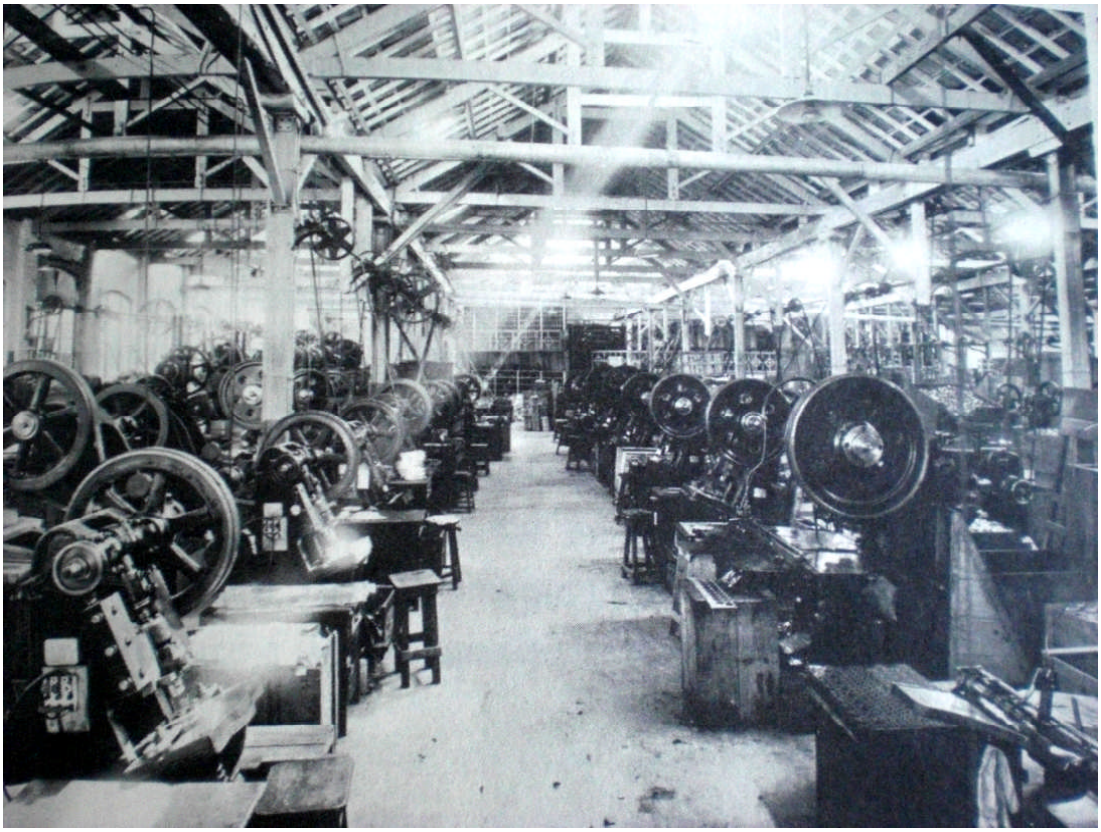


Figura 29: O único registro encontrado do interior da fábrica em questão foi uma reprodução fotográfica na obra de Ronaldo Costa Couto, *op. cit.,* p.95, com o seu maquinário exposto. Podemos perceber, aqui, a entrada de luz natural no ambiente fabril, proporcionada pelas clarabóias previstas nas duas plantas anteriormente apresentadas[152].

No ano de 1924, o estabelecimento foi comprado por Ciccillo Matarazzo em associação com o marido de sua prima Lydia, Giulio Pignatari. Segundo José de Souza Martins, havia, por parte do Conde Francisco Matarazzo, o plano de transferir parte de seu poder aos filhos; no entanto, com o falecimento de seu filho Ermelino, os rumos tomados foram outros. De acordo com suas palavras,

> "De certo modo, desde 1917, pelo menos, Francisco já estava transferindo parcela maior do seu próprio poder aos filhos, em particular Ermelino, que se destinava a substitui-lo na chefia do grupo, mais tarde falecido em acidente automobilístico na Itália. É possível que a chegada dessa época inevitável seja a razão do desdobramento

[152] A tese de doutoramento de Margarida Maria de Andrade, que abordou as fábricas de bairros fabris, inclusive a Metalúrgica Matarazzo, não apresentou fotografias. No Arquivo de Negativos do Arquivo Municipal "Washington Luís", também não há nenhum registro disponível.

do grupo em 1924, quando Francisco Matarazzo Sobrinho (...) e Giulio Pignatari, respectivamente sobrinho e genro do conde, adquiriram as suas instalações metalúrgicas para constituir a sociedade Pignatari & Matarazzo (...) de que o grupo original seria o maior cliente. Se a separação de André[153] e seus filhos não se consumou integralmente nessa ocasião, ela acabou ocorrendo, com o surgimento do grupo Matarazzo Sobrinho (...), enquanto os descendentes do Conde ficaram com o Grupo Matarazzo, propriamente dito".[154]

O estabelecimento de Pignatari & Matarazzo, como foi então denominado, tornar-se-ia, em seguida, "Pignatari, Matarazzo & Cia", até o início do ano de 1933, quando, conforme já mencionado acima, transformou-se em Metalúrgica Matarazzo S.A., com a abertura de novas ações e tendo Ciccillo como o seu presidente. Na Junta Comercial do Estado de São Paulo, tal processo foi formalizado, conforme podemos ver a seguir[155]:

"Metallurgica Matarazzo S/A

Saibam quantos esta escritura virem que, aos vinte e dois dias do mês de março de mil novecentos e trinta e três, nesta cidade de São Paulo, em meu cartório e perante mim tabelião, compareceram partes entre si justas e contratadas, sendo como outorgantes e reciprocamente outorgados, doutor Julio Pignatari, italiano; Francisco Matarazzo Sobrinho, brasileiro; comendador André Matarazzo, italiano; Costabile Matarazzo, brasileiro; Giannicola Matarazzo, brasileiro; Paulo Matarazzo, brasileiro; conde Eduardo Matarazzo, brasileiro; todos comerciantes, domiciliados e residentes nesta capital, pessoas de mim conhecidas como as próprias de que trato e pelas testemunhas adiante nomeadas e assinadas, do que dou fé. Então por todos, falando cada um por sua vez, me foi dito o seguinte:

---

[153] Pai de Ciccillo, um dos irmãos, portanto, do Conde.
[154] Cf. José de Souza MARTINS, *op. cit.,* p.40.
[155] Este documento foi arquivado, a pedido de Francisco Matarazzo Sobrinho, na 1ª Circunscrição do Registro de Imóveis da Capital, em fins de março de 1933. Esse tipo de documentação foi encontrado e pesquisado no Arquivo do Estado de São Paulo, em pasta "1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca da Capital (1883-1941), Primeiro Cartório: Sociedades Anônimas 1932/1933". Além das Sociedades Anônimas, há documentação relativa a "Sociedades Civis" (1893 a 1929); Consórcios (1936 a 1937) e "Sindicatos" (1914 a 1928) e documentos diversos.

I – Por contrato de sociedade lavrado nestas notas, livro 288, folhas 29-v em nove do corrente mês e ano e arquivado na Junta Comercial de São Paulo, sob no. 41.733, por despacho de 17 de março de 1933, a sociedade Pignatari e Matarazzo, então constituída na fórma do contrato por escritura publica nas notas do terceiro tabelião, arquivado sob no. 24.971, na Junta Comercial de São Paulo, por despacho de 19 de abril de 1924, modificou seu primitivo contrato pela elevação do capital social, admissão de novos sócios e adoção de clausula permissiva de transformação da sociedade para outra de qualquer espécie, de pessoas ou de capital, e especialmente a anônima, passando a firma a ser de Pignatari, Matarazzo e Companhia, de vez que se verificou a entrada de novos sócios, na forma da escritura de aditamento nestas notas, a folhas 35v. do livro 289, em 16 do corrente mês e ano.

II – Que, o capital realizado, em dinheiro, por cada sócio , perfazendo o capital social de 3.000:000$000, é o seguinte: 1) – dr. Julio Pignatari, 250:000$000; - 2) – Francisco Matrazzo Sobrinho, 1.050:000$000; - 3) – Comendador André Matarazzo, 1.050:000$000; 4) – Costabile Matarazzo, rs. 50:000$000[156]; 5) – Giannicola Matarazo, 50:000$000; 6) – Paulo Matarazzo, 500:000$000; 7) – Conde Eduardo Matarazzo, 50:000$000.

III – Que todos os sócios estão justos e contratados usar da clausula permissiva da transformação da sociedade em nome coletivo Pignatari, Matarazzo e Companhia, a mesma Pignatari e Matarazzo, em sociedade anônima, conservando a sociedade os seus mesmos elementos, o mesmo objeto, o mesmo capital e os mesmo sócios, continuando a pessoa jurídica gravada com o passivo ora existente não se alterando, assim, o fundo, mas somente a forma da sociedade.

IV – Que, por conseguinte, os outorgantes e reciprocamente outorgados, formando numero legal para a constituição de uma sociedade anônima, pela presente declaram, como declarado têm, a sua expressa vontade, e transformarem a sociedade em nome coletivo – Pignatari, Matarazzo e Companhia, a mesma Pignatari e Matarazzo, em sociedade anônima, com a denominação de Metalúrgica Matarazzo S/A.

V – Que havendo as partes já nomeadas por transformada a sociedade Pignatari, Matarazzo e Companhia, em Sociedade Anônima Metalúrgica Matarazzo, passará esta a se reger pelos seguintes estatutos, que os sócios ora dão por aprovados em todos os seus termos. Estatutos da Metalúrgica Matarazzo S.A.

[156] No caso, Costabile Matarazzo foi um dos irmãos de Francisco Matarazzo Sobrinho. Isso foi ressaltado pois, o tio de ambos, também de nome Costabile Matarazzo, foi o irmão caçula do conde e o fundador da Fabrica de Juguetes Matarazzo na Argentina, na década de 1930.

Capitulo I – Da sociedade, seus fins e duração. Art. 1º. – A Metalúrgica Matarazzo S/A. em que se transforma a sociedade Pignatari, Matarazzo e Companhia, a mesma Pignatari e Matarazzo, desta praça, tem por objeto a litografia e estamparia sobre metais, confecção de lataria em geral, produção de artigos de metais, em geral, como sejam, artefatos de alumínio, brinquedos, bisnagas de chumbo e estanho, cartazes-reclames, e outros similares.

Art. 2º. – A Companhia tem sua sede administrativa e foro nesta Capital de São Paulo, regendo-se por estes estatutos e pelas disposições de lei em vigor sobre sociedades anônimas.

Art. 3º. – A duração da sociedade será de vinte anos, contados da data de sua transformação, podendo esse prazo ser prorrogado por deliberação da assembléa geral.

Art. 4º. – O ano social será de um de janeiro a trinta e um de dezembro. No fim de cada ano social será levantado o balanço geral das operações da sociedade.

(...)

VII – Que, pelo presente ficam nomeados para constituírem a diretoria: para presidente – Francisco Matarazzo Sobrinho e para vice-presidente, Paulo Matarazzo, residentes nesta capital, á avenida Paulista, n.75, comerciantes, começando a correr, da presente data, o prazo dos respectivos mandatos.

(...)

Certidão

JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Certifico que a firma Pignatari, Matarazzo & Cia., desta capital, arquivou nesta Repartição, sob. N. 9034, por despacho da Junta Comercial, em sessão de 24 de março corrente, a escritura publica de sua transformação em sociedade anônima, com a denominação METALURGICA MATARAZZO S.A., lavrada nas notas do 7º tabelião desta capital, em 22 de março corrente, na qual vem transcritos os seus estatutos e mais documentos de constituição, do que dou fé. – Secretaria da Junta Comercial do Estado de São Paulo, 24 de Março de 1933. Eu José Alves de Campos, 1º escriturário, a escrevi e assino. – José Alves de Campos. E eu, Paulo Barrero, chefe da 1ª. Secção, a subscrevi e assino. – Paulo Barrero.

(Publicado novamente por ter saído com incorreções)". (grifos nossos).

Observe-se que a fabricação de brinquedos é mencionada, no documento, como um dos fins da empresa que se constituiu em março de 1933. No ano de 1931, porém, a *Estatística Industrial do Estado de S. Paulo*, publicação oficial produzida por órgão governamental, registrou, em seção de levantamento das "fábricas de brinquedos", que a firma de Pignatari & Matarazzo, localizada na Rua Carneiro Leão, número 141, já produzia esse tipo de objeto, além de uma variedade de artigos metálicos, como latas litografadas, papel de alumínio, papel de estanho, artigos de alumínio para uso doméstico, artefatos de folha-de-flandres brancos e litografados, tubos de estanho e baldes zincados[157] **(Cf. Figura 30)**.

[157] Cf. *Estatistica Industrial do Estado de S. Paulo,* 1931, pp. 70, 77, 187.

Figura 30: a Metalúrgica Matarazzo S/A apresentava produção bastante diversificada: além das latas de mantimentos, artigos de folha de flandres e alumínio para uso doméstico, brinquedos, entre outros, também fabricava em escala seriada recipientes de uso farmacêutico, conforme anúncio acima, em almanaque italiano publicado em 1936.
Fonte: *Almanacco degli italiani del Brasile pel 1936.* São Paolo: Empreza Italo-Brasileira de Publicidade, 1936, p.263.
Acervo particular de Ana Maria de Almeida Camargo.

No início da década de 1930, a empresa contava, ao todo, com 465 operários e, em 1933, a *Estatística Industrial* registrou fabricação de brinquedos pela nova firma, a Metalúrgica Matarazzo S.A., no mesmo endereço, embora a numeração do prédio tenha se modificado para o número 439, o qual se manteve pelas décadas seguintes[158]. Sublinhe-se que, na publicação de 1933, há o registro do número de operários que se dedicavam somente à produção de brinquedos: 95 empregados, ao passo que a empresa, ao todo,

[158] O sistema de numeração definido em 1886 permaneceu até os anos de 1930, quando foi adotado o sistema métrico por determinação do Ato nº 1.013 de 13 de Fevereiro de 1936. Nesse ano a numeração foi definida pela distância em metros em relação a um marco inicial". Cf. Ayres Netto & Ramos, *Código de obras,* 1968, *apud* José Eduardo de Assis Lefèvre, *Entre o discurso e a realidade: a quem interessa o Centro de São Paulo? A Avenida São Luiz e sua evolução.* São Paulo: Tese de Doutoramento FAU-USP, 1999, p.26.

dispunha de 730 operários para a fabricação de artefatos de folha-de-flandres litografados[159].

Tendo-se tornado acionista minoritário, conforme podemos depreender pelo documento da Junta Comercial, Pignatari assumiu, em seguida, A "Laminação Nacional de Metais", com matriz localizada na Água Branca, próxima ao complexo das IRFM, mas que contava com filiais em outros locais, como em São Bernardo, próximo à ferrovia São Paulo Railway. Afastou-se da Metalúrgica Matarazzo, definitivamente, em 1936, conforme dados de Ronaldo Costa Couto[160]. Nesse caso, não havia a fabricação de brinquedos, mas, segundo anúncio de uma publicação de 1934/5, produção de papéis de alumínio e estanho, chapas, discos, rolos de todos os metais, bem como laminação e trefilaria de alumínio, latão, alpaca, níquel, prata, ouro e suas ligas. **(Cf. figura 31)**

[159] Cf. *Estatistica Industrial do Estado de S. Paulo,* 1933, pp. 242-243

[160] Ver Ronaldo Costa COUTO, *op. cit.,* p.90. Ainda segundo o autor, a Laminação Nacional de Metais, no período da II Guerra, chegou a contar com a mão de obra de cinco mil operários, tendo sido, portanto, uma empresa bem sucedida também.

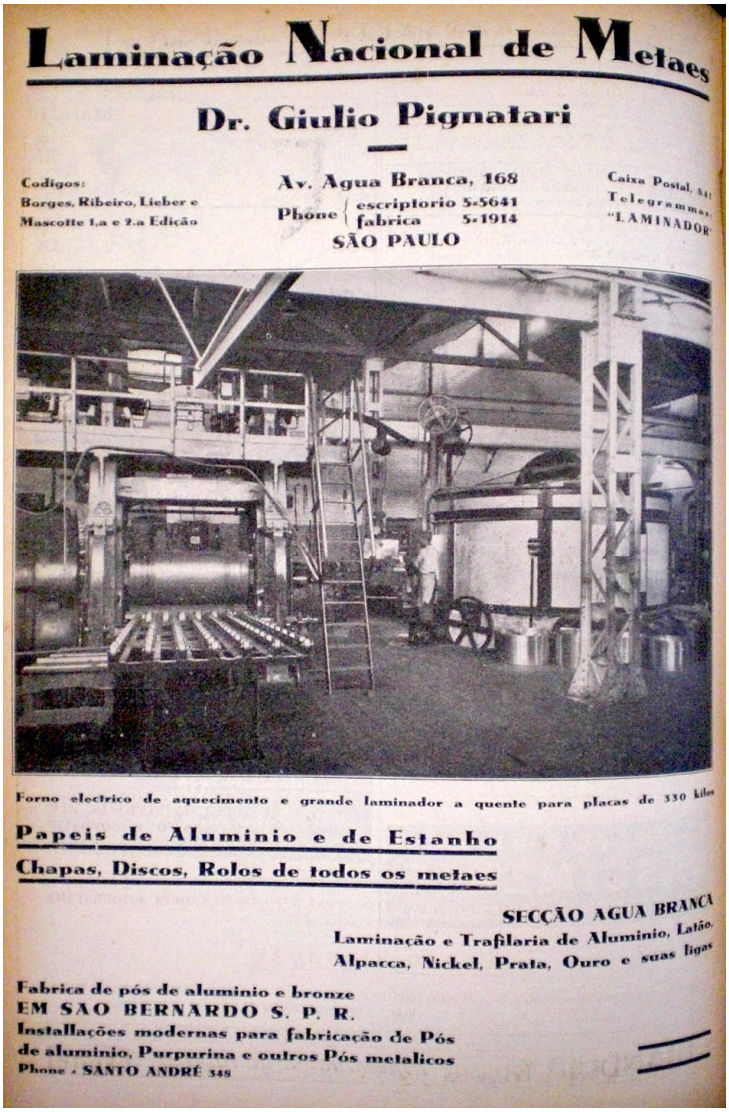


Figura 31: Anúncio da Laminação Nacional de Metais, propriedade de Giulio Pignatari, que até 1936 foi acionista da Metalúrgica Matarazzo S.A.
Fonte: *O Livro Vermelho dos Telephones*, 1934/5, p.116.
Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Nos anos seguintes, a obra estatística não mais citou o número de operários na seção de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo; somente citou que os mesmos, além de produzidos a partir da folha-de-flandres, eram feitos também com alumínio. Em 1935, a empresa continuou se expandindo, pois o número de operários foi registrado em 920, e os artigos lá elaborados, ao que parece, foram diversificados. Não era mais simplesmente produção de latas para o armazenamento de produtos elaborados nas IRFM, como foi a intenção original quando Francesco Matarazzo adquiriu a Metal Graphica Aliberti; em

meados da década de 1930, a *Estatística Industrial do Estado de S. Paulo* registrou a fabricação de artigos para mesa e cozinha, objetos de adorno, recipientes para laboratório, latas para acondicionamento, pulverizadores, brinquedos, e outros artigos[161].

Leo Claretie, falando do contexto francês do final do século XIX, já apontava a fabricação de brinquedos em indústrias onde os principais bens de consumo produzidos eram outros. Observou que

> "(...) on peut juger du nombre considerável d'industries que met em mouvement la bimbeloterie.
>
> Un grand nombre de corps d'état sont ses tributaires: em première ligne, le cartonnier, presque tous les articles de bimbeloterie étant vendus dans um carton.
>
> Les industries méttalurgiques lui fournissent les cuivres, zincs, fers noirs et blancs, les aciers, les étains, plombs et alliages connus sous le nom de caractère; les fils de cuivre.
>
> Les filatures lui donnent les fils noirs et blancs, la ficelle, la boldue, etc.
>
> Les industries textiles: les tissus, tulles, pour l'habillage des bébés, poupées, etc.
>
> La vannerie: ses paniers et corbeilles pour nécessaires de travail, ses corps pour les voitures em osier, etc., etc.
>
> De même la bimbeloterie se procure ses ouvriers dans um grand nombre de corps d'état. C'est ainsi que (...) les horlogers font le jouet mécanique, les oiseaux chanteurs; les ébanistes font le petit meuble; un nombre considerável d'ouvrières ne sont ocupées qu'à parer les bébés et poupées qui feront le charme de nos enfants: les menuisiers font le meuble à bom marché, les jeux de tonneau, crocket, etc., etc"[162].

Walter Benjamin também observou que, até o século XIX na Europa, foram comuns os casos como o descrito por Claretie em sua obra publicada em 1893. De acordo com a matéria-prima disponível, confeccionava-se o artigo infantil. Segundo o filósofo,

> "No início, (...) os brinquedos não foram invenções de fabricantes especializados, mas surgiram originariamente das oficinas de entalhadores em madeira, de fundidores de estanho, etc. Antes do século XIX, a produção de brinquedos não era função de uma única indústria. O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se

[161] Cf. *Estatistica Industrial do Estado de S. Paulo,* 1935, p. 84 e 228.
[162] Ver Leo CLARETIE, *op. cit.,* 1893, pp.71-72.

pela circunstância única de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas oficinas manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia ao seu ramo. Quando, no decorrer do século XVIII, afloraram os impulsos iniciais de uma fabricação especializada, as oficinas chocaram-se por toda parte contra as restrições corporativas. Estas proibiam o marceneiro de pintar ele mesmo as suas bonequinhas; para a produção de brinquedos de diferentes materiais obrigavam várias manufaturas a dividir entre si os trabalhos mais simples, o que encarecia sobremaneira a mercadoria.

Por conseguinte, entende-se por si só que a venda ou, pelo menos, a distribuição de brinquedos não era, no início, função de comerciantes específicos. Assim como se podiam encontrar animais talhados em madeira com o marceneiro, assim também soldadinhos de chumbo com o caldeireiro, figuras de doce com o confeiteiro, bonecas de cera com o fabricante de velas."[163] (grifos nossos)

Destarte, podemos afirmar que esse modelo de produção de brinquedos descrito por Benjamin permaneceu no Brasil, ainda nas primeiras décadas do século XX; a Metalúrgica Matarazzo, grande indústria no ramo de metais, confeccionava, então, brinquedos de metal, mais precisamente de folha-de-flandres ao longo dos anos. Em conversa informal com o Dr. A. Andrea Matarazzo, o mesmo afirmou que possivelmente, os brinquedos Metalma eram produzidos para aproveitamento de aço que não servia ou que estava fora de especificação para as embalagens de alimentos ou demais produtos, embora, ainda assim, tais artigos infantis por ela elaborados sempre tivessem sido bem acabados[164].

Também fabricante de artigos variados de alumínio, como das *"afamadas marcas Rochedo, Matarazzo, Martelo* e *Combate"*, conforme destacou anúncio publicitário no ano de 1940[165], a Metalúrgica Matarazzo não deixou de fabricar brinquedos segundo a prática acima citada com esse metal, no caso, da marca Martelo. Citemos como exemplo um tacho, feito de alumínio, para que as meninas da época brincassem de casinha, que aprendessem,

---

[163] Ver Walter Benjamin, *op. cit.,* p.90.

[164] Entrevista com o Dr. Andrea Matarazzo, sobrinho-neto de Ciccillo Matarazzo, no dia 28 de Julho de 2009.

[165] Revista *Paulistânia: Documentário*, nº 7, edição maio/junho de 1940, página 4. Anúncio também foi publicado nos dois números seguintes da publicação, na página 8 de ambos. Note-se que, além da Metalúrgica Matarazzo S.A., podemos citar como exemplos outras metalúrgicas paulistanas que confeccionaram brinquedos como produção secundária: foram os casos da marca "Fracalanza" e "Alumínio Fulgor" em São Paulo. Dessa última marca, o Serviço de Objetos do Museu Paulista possui panelinha (RG 9442); panelinha de escorrer (RG 9445); ralador de queijo (RG 9449); espiriteira (RG 9452). Da Fracalanza, um conjunto de brinquedo de talheres (RG 9662).

com o brinquedo, miniatura de um artefato do cotidiano das mulheres, funções da vida adulta. O brinquedo citado, doado ao Museu Paulista em 2005 pela Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães[166], tem dimensões apropriadas para o brincar: sua altura é de 3,5 cm e o diâmetro não ultrapassa os 16 cm. A marca do objeto, a figura de um martelo, prensada sob sua base, até então não havia sido identificada, pois não se sabia da relação da Metalúrgica Matarazzo com as demais marcas aludidas. A partir do levantamento de anúncios da indústria em questão, os quais citaram, vez ou outra, as outras marcas de artigos de alumínio, foi possível depreender que houve, no período, toda essa conexão. **(Cf. figuras 32 e 33)**

[166] A Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães, nascida em 1926, viveu os primeiros anos de sua vida em São Paulo, na rua Brasílio Machado, onde tinha um "quarto de brinquedos", fase em que brincava de bonecas. Em 1934, quando tinha 8 anos, foi morar em Araras, onde seus pais compraram um terreno para a construção de uma residência para a família. Na construção, que data de 1938/39, foi incluída uma casinha para Inah, montada com todos os móveis e pertences necessários, onde a usava para brincadeiras de menina que realiza os afazeres de uma dona-de-casa. Usou a casinha até 1941/42, quando retornou a São Paulo para estudar. As bonecas, brinquedos e outros objetos utilizados em sua casinha foram doados ao Museu Paulista em 20/06/2005, onde foi inaugurada, no dia 03 de outubro do mesmo ano, a exposição intitulada *"Brincando de Casinha com Inah"*, sob curadoria de Heloisa Barbuy, mostra de seus pertences usados no final da década de 1930. Acompanharam a exposição, atividades lúdicas para meninas e meninos, orientados pelo Serviço Educativo da instituição.

Figura 32 a, b, c: Tacho de brinquedo, feito de alumínio, da marca “Martelo” (*vide* pormenor), fabricado pela Metalúrgica Matarazzo S.A. Possivelmente produzido entre meados da década de 1930 e início da década de 1940, pertenceu à Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães.
Dimensões da peça: H: 3,5 cm X D: 15,7 cm; C: 21 cm.
Acervo do Serviço de Objetos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, RG 9446.

Códigos: Borges, Ribeiro, Lieber e Mascote, 1.ª e 2.ª ed. - Telegramas: "Metalma,

SECÇÃO METALGRÁFICA
Lataria bránca e litografada de todos os tipos e para todos os fins desejados. Cartazes litografados para reclames, etc.

SECÇÃO BRINQUEDOS
Fabricação em larga escala de brinquedos de fôlha de flandres litografadas, simples, com corda, etc., etc.

Metalúrgica Matarazzo S/A

SECÇÃO ARTEFATOS DE ALUMÍNIO
Modernas instalações para fabricação de todo e qualquer artefato de alumínio. Fabricantes das afamadas marcas:
ROCHEDO - MATARAZZO
MARTELO e COMBATE

Rua Carneiro Leão, 439 - Telefone 3-2133 - Caixa Postal, 2400

4

Figura 33: Anúncio publicado no ano de 1940, na revista *Paulistânia*, edição de maio/junho, página 4. Além dos artefatos de folha de flandres, a Metalúrgica Matarazzo fabricava artigos de alumínio de diferentes marcas, inclusive brinquedos, como o tacho da figura anterior, da marca “Martelo”, uma das mencionadas.
Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Das metalúrgicas instaladas pelo Estado de São Paulo, a Matarazzo foi aquela com o maior número de operários empregados, pelo que se pode concluir através dos dados sistematizados pela *Estatística Industrial de S. Paulo*. Para o ano de 1937, há o registro de 1500 funcionários e a expansão não parou por aí: outras instalações da empresa foram

abertas na capital – como as localizadas no Pari, na Rua Rodrigues dos Santos nº 799 e na Rua Rio Bonito nº 899, unidade esta fundada no ano de 1938[167] e que passou a sediar, nos anos seguintes, pelo menos, a seção de brinquedos da marca, conforme apontado em diferentes publicações do período, como *O Livro Vermelho dos Telefones,* o *Indicador Profissional de São Paulo*, e outras[168]. Além dessas, novas filiais em outros Estados do Brasil surgiram, nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), Lavras (MG) e Recife (PE)[169]. **(Cf. Figura 34)**

Figura 34: Anúncio publicitário da Metalúrgica Matarazzo S.A., o qual cita três das filiais em que foram fundadas pelo país.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo*, ano 1, número 1, dezembro de 1944, p.8[170].
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

---

[167] Cf. *Catálogo das Indústrias do Município da Capital, 1945:* São Paulo, Tipografia Brasil Rothschild Loureiro & Cia Ltda., 1947, p. 109.

[168] Cf. *O Livro Vermelho dos Telefones,* ano de 1943, p. 125-126 (seção "Profissões"); 1944, p. 34 (seção "Profissões); 1945, p. 34 (seção "Profissões"); *Indicador Profissional de São Paulo,* 2ª edição 1945, p.72; 1ª edição de 1946, p. 87; *Lista de Assinantes São Paulo (...) 1946,* p. 186-187.

[169] As filiais da Metalúrgica Matarazzo em outros Estados brasileiros existiram, pelo menos, desde 1944, data do primeiro registro encontrado com referência a elas. Cf. *Revista Industrial de S. Paulo*, ano 1, número 1, dezembro de 1944, p. 8. Segundo Ronaldo Costa Couto, *op. cit.,* p.85, "Ciccillo investe incessantemente, cresce muito. Monta enorme organização, diversifica, forma um dos grandes complexos industriais da América Latina. Não demora a criar uma recuperadora de estanho tirado das aparas de folha-de-flandres. E a implantar, em Recife, uma fábrica de latas para atendimento do mercado nordestino. Dá-lhe o nome de Metalgráfica do Norte S.A. No Rio de Janeiro, (...) constrói moderna fábrica de latas, a Metalgráfica Brasileira S.A. Em Minas, põe unidade de enlatar manteiga de leite e queijo, que começou em Lavras e depois foi para Belo Horizonte.(...) Instala em Porto Alegre mais uma unidade, a Metalgráfica do Sul. (...)".

[170] Obs.: Note-se que tal anúncio foi publicado bimestralmente na publicação citada acima.

Há indicações de que o sucesso alcançado pela Metalúrgica Matarazzo na capital paulista tenha tido repercussão em outros locais, inclusive na Argentina, onde, no ano de 1945, a revista *Patentes y Marcas* descreveu detalhes de seu funcionamento[171]. De acordo com Daniela Pelegrinelli, o modelo de organização fabril descrito da unidade paulistana seria aquele ao qual se aspirava. O trecho do periódico assim informou a respeito da seção de produção da metalúrgica:

> "Toda la fábrica ha sido planificada de acuerdo a um todo orgánico que tiende al máximo de producción y al mínimo esfuerzo de los obreros, los cuales no realizam ningúm movimiento fatigoso ni deben trasladarse de uma parte a otra de la fábrica, pues todos los desplazamientos son realizados por las cintas sinfín. Un detalle que bastará para dar uma idea de la perfección y el orden de esta magnífica fábrica lo tenemos en el hecho de que, a pesar de tratarse de una superfície cubierta útil de vários miles de metros cuadrados, todo el pavimento de la fábrica es de parquet, para silenciar la traslación de los implementos rodantes y hacer más sano el medio ambiente em que deben trabajar los obreros. Sobre el parquet están pintados los lugares exactos que deben ocupar los materiales y útiles a emplear, y bajo las máquinas que eventualmente dejen caer salpicaduras de aceite, grandes bandejas enlozadas rellenas de aserrín impiden que em lo más mínimo se empañe la esmerada pulcritud que impera em toda la fábrica."

Até meados dos anos 40, a Metalúrgica Matarazzo concentrou, num só local – no caso, a unidade matriz, na Rua Carneiro Leão, nº 439 – a diretoria, a fábrica, o escritório, a chefia de vendas e a seção de compras, mesmo com as expansões já mencionadas anteriormente[172]. Porém, no início da década seguinte, uma nova unidade foi inaugurada pela empresa, para sediar o escritório da mesma e a sua seção de vendas, embora bastante próxima do endereço principal, na Rua Caetano Pinto, nº 575, no mesmo quarteirão no Brás[173].

---

[171] Agencia de Patentes y Marcas, *Patentes y Marcas* (publicación no oficial). Obligado & Cía. Ltda. Buenos Aires, *apud* Daniela PELEGRINELLI, *op. cit.,* pp. 158-159.
[172] Encontramos essas referências, por exemplo, na *Lista de Assinantes São Paulo (...)*, p. 186.
[173] Foram encontradas não só referências a esse novo endereço da Metalúrgica Matarazzo em anúncios, como foi o caso do catálogo oficial da "Exposição do IV Centenário da Cidade de São Paulo", p. 542, mas também

Também em 1937, mesmo ano em que a *Estatística Industrial do Estado de S. Paulo* destacou o expressivo número de trabalhadores ligados à Metalúrgica Matarazzo, foi publicado um livro de características comemorativas concernentes ao cinqüentenário da imigração italiana no Estado de São Paulo. O autor, Salvatore Pisani, quis evidenciar nas páginas da obra a contribuição da sociedade italiana para o desenvolvimento da capital paulista, além de outras cidades. Para o caso de São Paulo, não deixou de mencionar o número das metalúrgicas inauguradas por italianos ou seus descendentes, tendo contabilizado, só nesse setor, 27 sociedades anônimas. Nessa lista, as Indústrias Reunidas F. Matarazzo, Metalúrgica Matarazzo e *S.A. Laminazione Nazionali di Metalli* (Laminação Nacional de Metais, de Pignatari), foram as três primeiras citadas, seguidas por nomes também significativos do ramo metalúrgico, como Fracalanza, Filizola, dentre outros[174].

Conforme já mencionado, as Indústrias Reunidas F. Matarazzo foram uma das principais clientes da Metalúrgica Matarazzo na capital. Possivelmente, não foi a única a ter realizado encomendas de latarias diversas para armazenamento de seus produtos, pois, a partir do acervo de objetos do Museu Paulista da USP, pudemos constatar que a marca paulistana de chocolates *Falchi* possa ter solicitado à metalúrgica a produção de cestinhas-brinde para venda no varejo. A cestinha da *Falchi*, cotejada com um brinquedo Metalma recentemente doado à mesma instituição – uma cestinha de piquenique para bonecas –, revela-nos que ambas são idênticas, considerando-se ainda que tenham sido fabricadas no mesmo período, isto é, nos anos de 1930. **(Cf. Figuras 35 e 36)**

---

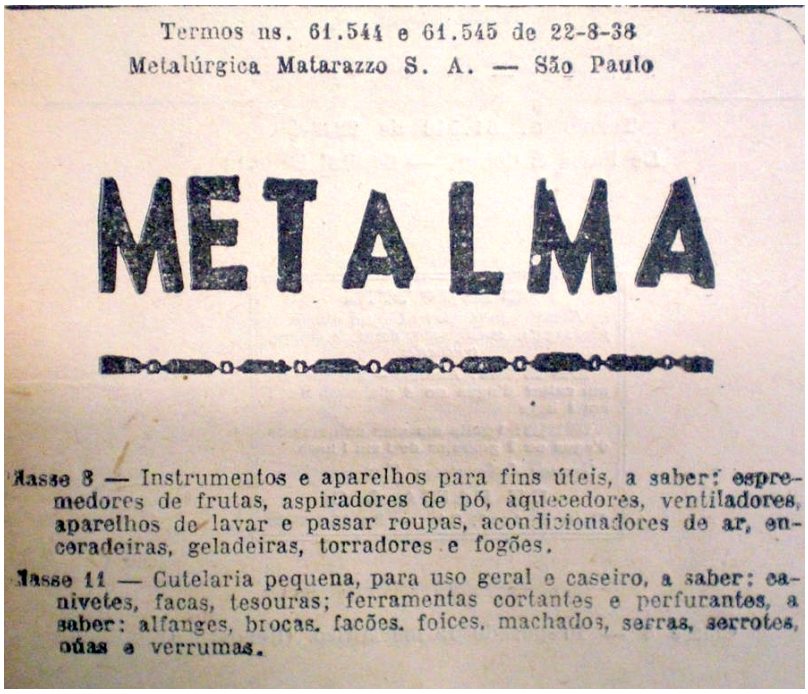
nas próprias caixas originais de seus brinquedos, as quais integram a coleção do Museu Paulista, onde há o registro "Rua Caetano Pinto, nº 575".

[174] Salvatore PISANI. *Lo Stato de San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione.* São Paulo: Typ. Napoli, 1937, pp. 1129-1130.

Figuras 35 e 36: Cestinhas de lata. A primeira (RG 7583), com a marca de chocolates Falchi em uma das tampas, foi doada por Ricardo Mendes à instituição, em 10/02/1994. O mesmo informou que foi usada como enfeite de árvore de Natal.
A outra cestinha, sem identificação da marca, mas provavelmente fabricada pela Metalúrgica Matarazzo, era um brinquedo, acessório de bonecas. Dimensões: H:10 X C: 10 cm. (Patrimoniação em processamento)
Acervo do Museu Paulista da USP.

Em agosto de 1938, a marca "Metalma" foi, afinal, registrada na *Revista da Propriedade Industrial,* mesma denominação que se tornaria, a partir dessa data, presente tanto nos brinquedos e suas caixas ou invólucros, como nas embalagens e utensílios domésticos[175]. Note-se que tal publicação, do Ministério do Trabalho e integrante no Diário Oficial da União, era responsável por tornar públicas novas marcas, patentes e invenções. **(Cf. Figura 37)**

[175] Cf. *Revista da Propriedade Industrial*, sexta-feira, 26 de agosto de 1938, p. 17250.


Termos ns. 61.544 e 61.545 de 22-8-38
Metalúrgica Matarazzo S. A. — São Paulo

METALMA

Classe 8 — Instrumentos e aparelhos para fins úteis, a saber: espremedores de frutas, aspiradores de pó, aquecedores, ventiladores, aparelhos de lavar e passar roupas, acondicionadores de ar, encceradeiras, geladeiras, torradores e fogões.

Classe 11 — Cutelaria pequena, para uso geral e caseiro, a saber: canivetes, facas, tesouras; ferramentas cortantes e perfurantes, a saber: alfanges, brocas, facões, foices, machados, serras, serrotes, óuas e verrumas.

Figura 37: Registro da marca "METALMA" na *Revista da Propriedade Industrial* em 1938.
Fonte: *Revista da Propriedade Industrial,* sexta-feira, 26 de agosto de 1938, página 17250.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Pudemos verificar, dessa forma, que exemplares de brinquedos da empresa em questão os quais possuem a inscrição *"Metalurgica Matarazzo S.A. – São Paulo – Industria Brasileira"*, foram, portanto, fabricados anteriormente a 1938, quando se deu o registro na *Revista da Propriedade Industrial*[176]. Os demais brinquedos, com a inscrição *"Metalma"*, bem como com as letras *"MM" em forma de símbolo*, são de confecção posterior ao depósito no veículo oficial destinado à divulgação de marcas e patentes. Note-se que, no acervo de brinquedos do Museu Paulista, são três os brinquedos, então, produzidos antes de 1938, a saber: uma casinha, um bonde e um regador, todos de lata litografada, relacionados no capítulo IV do presente trabalho[177].

Em fevereiro de 1938, foi publicada na *Revista da Propriedade Industrial* uma solicitação da Metalúrgica Matarazzo para aprovação de patente de melhoramento na fabricação de potes metálicos. Registros de marcas, patentes, invenções, enfim, de

[176] Às vezes também a palavra "metalúrgica" era gravada com dois "L" ("metallurgica") nos brinquedos e nos anúncios, dependendo da época.
[177] RGs 10.158; 10.150 e 9.422, respectivamente (ver capítulo 4, Proposta de Catálogo da acervo de Brinquedos Metalma do Museu Paulista da Universidade de São Paulo).

diferentes localidades do Brasil e de outros países, eram veiculados em tal publicação, podendo ser deferidos ou não, de acordo com o decreto nº 16.264, do ano de 1923, que destacava da seguinte forma:

> "§ 2º. Da data da publicação de que trata o presente artigo, começará a correr o prazo para o deferimento do pedido. Durante 60 dias, poderão apresentar suas oposições ao Departamento Nacional de Propriedade Industrial, aqueles que se julgarem prejudicados com a concessão da patente requerida."[178]

A Metalúrgica Matarazzo assim descreveu a invenção a ser publicada na referida revista, a fim de reivindicar a patente de melhoramento:

> "Pontos característicos da invenção de: 'Novos aperfeiçoamentos no fabrico de potes metálicos', melhoramentos introduzidos no objeto do pedido de privilégio depositado sob o nº 19.684, de 8-11-de 1937 (patente de melhoramento).
> Novos aperfeiçoamentos no fabrico de potes metálicos, sobretudo de alumínio, com paredes duplas, de espessura reduzida e de diminuto peso, destinados a conter matérias pastosas, como sejam cremes, pomadas, linimentos e similares, constituindo melhoramentos introduzidos no objeto do pedido de privilégio depositado sob o n. 19.684, de 8-11-37, consistindo essencialmente na obtenção de dois tipos melhorados dos mesmos potes, pelo acréscimo de duas a três operações, conforme se segue:
> 1º tipo melhorado – Depois de obtido, em 4 operações iguais às descritas no 1º ponto característico da reivindicação do pedido de patente principal, faz-se, numa 5ª operação, a estampagem numa 6ª operação, o reviramento da parede externa do pote, a fim de fixar o fundo definitivamente;
> 2º tipo melhorado – de fórma abaulada, executado em operações perfeitamente iguais às descritas para o sistema reivindicado no pedido de patente principal, sendo acrescentada, porém, entre a 1ª e a 2ª dessas operações, uma outra, consistindo em abaular a parte interior do cilindro, podendo este abaulamento ser executado em um torno de repuxar ou com ferramenta mecânica apropriada em uma prensa, tudo de acôrdo com o descrito e representado no desenho anexo."[179]

---

[178] *Revista da Propriedade Industrial,* segunda-feira, 04 de abril de 1938, p. 6431.
[179] *Revista da Propriedade Industrial,* Termo nº 20.258 de 18.2.1938, sexta-feira, 25 de fevereiro de 1938, página 3758.

No boletim de 13 de abril daquele mesmo ano, na seção "Privilégios de Invenção", a solicitação de privilégio da Metalúrgica Matarazzo foi deferida, de acordo com os laudos técnicos[180]. Vê-se, então, que, aliada à expansão dessa indústria, buscava-se também inovações em formas de produção de seus artefatos, tudo isso em consonância a um período marcado na história da industrialização paulistana por uma tentativa constante de afirmação e discurso para o alcance de progresso, modernidade, conforme veremos no capítulo II deste estudo. Esse dado pode ser relacionado com uma matéria sobre a indústria de estamparia de metais em São Paulo, contida no catálogo oficial da exposição industrial de 1950, organizada pelo Departamento da Produção Industrial da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, com a colaboração do Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. O artigo referente àquela indústria destacou que a mesma

"atingiu índices culminantes no setor de vasilhames. Em qualidade, em apresentação e em eficiência, os nossos vasilhames são ímpares dentre os seus congêneres do estrangeiro. Nesse sentido, famosa já se tornou a litografia sobre folha de flandres que São Paulo vem produzindo e abastecendo não só todo o Brasil, como inclusive vários países da América Latina"[181].

Pelo que vimos do histórico da Metalúrgica Matarazzo, é muito provável que a matéria tenha sido escrita, baseada, pelo menos, na trajetória dessa empresa.

---

[180] *Revista da Propriedade Industrial,* 13 de abril de 1938, página 7132.

[181] *Catálogo Oficial da Exposição Industrial organizada pelo Departamento da Produção Industrial da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, com a colaboração do Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo*. São Paulo, Agosto de 1950. Capítulo "Indústria de Estamparia de Metais".

1.3.1. Publicidade e Consumo dos Brinquedos Metalma

A fim de compreender a questão do consumo e veiculação de ideias relacionadas à empresa, foram verificadas as estratégias de comercialização dos brinquedos METALMA na cidade de São Paulo, como formas de anúncio, público-alvo (famílias somente burguesas ou se demais eram visadas), e os discursos utilizados na publicidade[182]. Não foram encontrados, contudo, anúncios da METALMA em jornais, por exemplo, como determinados fabricantes estavam habituados a publicar[183]. Sabe-se, por exemplo, que os brinquedos da metalúrgica em questão foram comercializados pelas Lojas Brasileiras, estabelecimento localizado na Rua Direita, no ano de 1937. O anúncio da loja, único encontrado em jornal com referência à metalúrgica, que ocupou toda a primeira página do dia 12 de dezembro, domingo, contém nos quadros que apresenta, as marcas de produtos em geral que eram disponíveis à venda. Assim, Nadir Figueiredo, Chocolates Sultana, Sabonete Dorly e Metalúrgica Matarazzo foram encaixadas na publicidade da casa comercial. Sublinhe-se que, no caso da Metalma, os brinquedos de folha-de-flandres foram destacados, enquanto "Alumínio Rochedo" e outros produtos da mesma indústria foram postos secundariamente no anúncio dessa loja. **(Cf. Figura 38)**

[182] Sobre a diferença entre os termos "propaganda" (de caráter ideológico) e "publicidade" (mais relacionado à prática do consumo de produtos) e os seus usos na imprensa paulistana entre 1890 e 1922, ver Ana Luiza Martins, *op. cit.,* pp. 244-269.

[183] Casos como a Casa Flor, a Fábrica de Brinquedos Sansão e, com destaque, a Manufatura de Brinquedos Estrela.

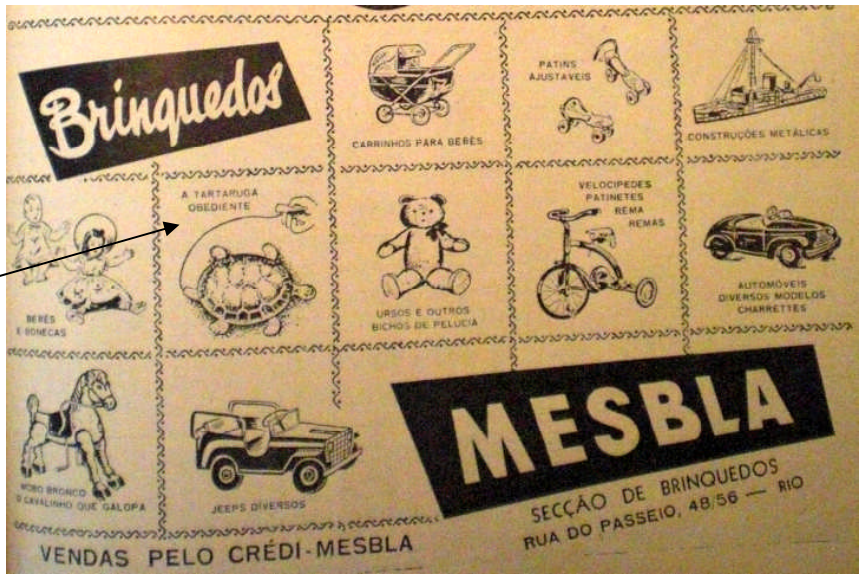
Detalhe do anúncio

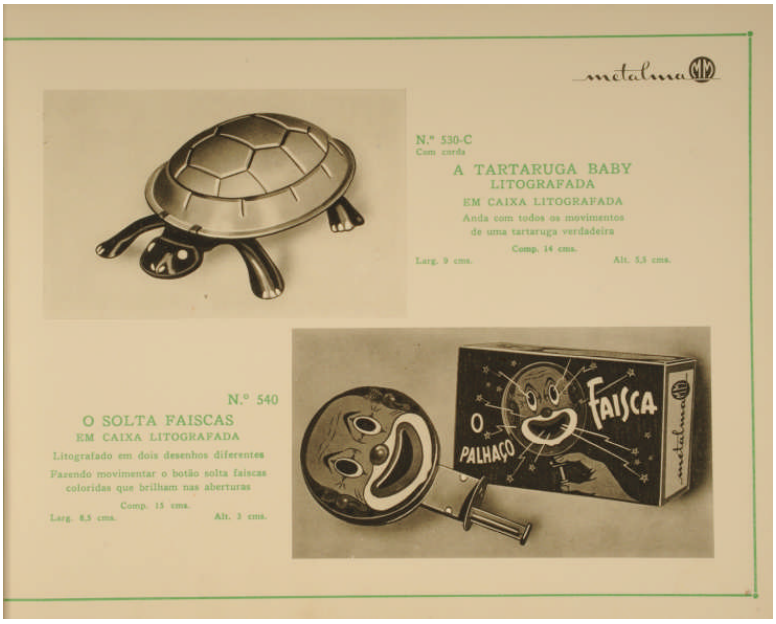
Figura 38: No dia 12 de dezembro de 1937, a Metalúrgica Matarazzo era anunciada na primeira página do jornal O Estado de S. Paulo. Os brinquedos de folha-de-flandres foram destacados (no alto, à esquerda).
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Embora tenha sido encontrada somente uma citação da Metalúrgica Matarazzo concernente aos artefatos infantis em determinado estabelecimento comercial, é muito plausível que os brinquedos da marca que temos nos dedicado a compreender tenham sido comercializados em lojas de grande porte na capital paulista. Destacamos o caso da loja Mesbla, a qual contava com estabelecimentos em outras cidades do Brasil, além de São Paulo[184], e no ano de 1950 divulgou anúncio de página inteira no *Almanaque de Vida* Infantil, publicação dirigida a crianças, editada na capital federal nesse período, mas que

[184] No *Almanach d'O Tico-Tico* de 1938, por exemplo, publicação anual dirigida às crianças, um anúncio publicitário das Casas Mesbla (Mestre Blatgé) citou estabelecimentos em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Niterói. Cf. *Almanach d'O Tico-Tico.* Edição e Propriedade da S.A. "O Malho". Diretor: Antonio A. de Souza e Silva. Rio de Janeiro.

certamente circulou em São Paulo[185]. Um dos brinquedos destacados era a de uma tartaruga "obediente", extremamente semelhante ao mesmo animal de brinquedo relacionado num catálogo Metalma, distribuído em fase concomitante. **(Cf. Figuras 39 e 40)**





Figuras 39 e 40: Na primeira figura, trecho de anúncio de página inteira da seção de brinquedos da Mesbla, publicado em 1950, onde podemos ver a "tartaruga obediente" (entre as bonecas e o ursinho de pelúcia). Embora fosse da unidade do Rio de Janeiro, os brinquedos da Mesbla vendidos em São Paulo deveriam ser os mesmos. Na figura seguinte, página de catálogo de brinquedos e artigos domésticos Metalma, com o mesmo modelo de tartaruga.

[185] Cf. *Almanaque de Vida Infantil 1950*. Editado pela Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., empresa fundada por Jesus Gonçalves Fidalgo. Redação e Oficinas na Rua Riachuelo, 414, Rio de Janeiro, e sucursal em São Paulo na Rua Barão de Itapetininga, 50, 6º andar, sala 622.

Fontes: *Almanaque de Vida Infantil,* 1950, página 113 (Acervo Particular de Ana Maria de Almeida Camargo); *Catálogo Ilustrado de Brinquedos e Artigos Domésticos Metalma* (Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo).

Não obstante, a Metalúrgica Matarazzo anunciou constantemente em outras publicações diversas, como revistas (caso da *Paulistânia*), listas telefônicas (como *O Livro Vermelho dos Telephones)*, anuários de indústrias e catálogos de exposições industriais (um catálogo de uma exposição do "Centenário Farroupilha", de 1935, e outro encontrado no catálogo oficial do "IV Centenário da cidade de São Paulo", do ano de 1954[186]. Tais anúncios não eram, de forma alguma, chamativos por sua criatividade e pelos brinquedos exibidos; ao contrário, pareciam seguir sempre um mesmo padrão com o passar dos anos. Pode-se depreender, com isso, que tal forma de publicidade tinha um direcionamento específico: para os lojistas, para os varejistas, e não aos pais e suas crianças em primeiro lugar, isso é, não se dirigiam diretamente ao consumidor final. Como exemplo, faz-se a transcrição de um anúncio contido n'*O Livro Vermelho dos Telephones*, edição para os anos de 1934 e 1935:

> "Metalúrgica Matarazzo S/A
> Rua Carneiro Leão, 439 São Paulo
> Fones 9-0325, 9-2405, 9-1474
> Telegramas "Metalma"
> Caixa Postal 2400
> Códigos Borges-Ribeiro-Lieber-Marcote (1ª e 2ª ed.)
> Secção Metalgráfica:
> Lataria branca e litografada de todos os typos e para todos os fins desejados – cartazes litografados para reclames, etc.
> Secção Artefatos de Alumínio
> Modernas instalações para fabricação de todo e qualquer artefato de alumínio – fabricantes das afamadas marcas "Imperador", "Matarazzo" e "Combate"
> Secção Brinquedos
> Fabricação em larga escala de brinquedos de folha-de-flandres litografada simples, com corda, etc.
> Secção Bisnagas

[186] A citação completa das fontes citadas está nas mesmas páginas onde se encontram as figuras 38 a 42.

Tubos de estanho puro e chumbo estanhado, para pastas dentifrícias, pomadas, etc."[187]

(Cf. Figuras 41 a 45)

[187] Cf. *O Livro Vermelho dos Telephones*, 1934/1935, p.117.

METALÚRGICA MATARAZZO S/A

RUA CARNEIRO LEÃO, 439 SÃO PAULO

FONES 9-0325 9-2405 9-1474

Telegramas "METALMA"
Caixa Postal 2400

Codigos: BORGES-RIBEIRO-LIEBER-MASCOTE (1.ª e 2.ª ed.)

SECÇÃO METALGRÁFICA

LATARIA BRANCA E LITOGRAFADA DE TODOS OS TYPOS E PARA TODOS OS FINS DESEJADOS — CARTAZES LITOGRAFADOS PARA RECLAMES, ETC.

SECÇÃO ARTEFATOS DE ALUMINIO

MODERNAS INSTALAÇÕES PARA FABRICAÇÃO DE TODO E QUALQUER ARTEFATO DE ALUMINIO — FABRICANTES DAS AFAMADAS MARCAS "IMPERADOR", "MATARAZZO" E "COMBATE"

SECÇÃO BRINQUEDOS

FABRICAÇÃO EM LARGA ESCALA DE BRINQUEDOS DE FOLHA DE FLANDRES LITOGRAFADA SIMPLES, COM CORDA, ETC.

SECÇÃO BISNAGAS

TUBOS DE ESTANHO PURO E CHUMBO ESTANHADO, PARA PASTAS DENTIFRICIAS, POMADAS, ETC.

Figura 41: No *Livro Vermelho dos Telephones*, de 1934-5, p. 117, um anúncio da Metalúrgica Matarazzo, que não saía deste padrão. Não obstante, os brinquedos eram destacados novamente. Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

FONE 3-2133
(Rêde interna ligando dependencias)
TELEGRAMAS "METALMA"
CAIXA POSTAL, 2.400

MM S.A.

CODIGOS:
BORGES, RIBEIRO,
LIEBER, MASCOTE
(1.a e 2.a EDIÇÃO)

METALLURGICA MATARAZZO S/A

RUA CARNEIRO LEÃO, 439 - SÃO PAULO - BRASIL

Modernissima instalação completamente automática, para a fábricação de lataria branca e litografada, de todos os tipos e para todos os fins desejados

Confecção aprimorada, sob a direção de desenhistas tecnicos competentes, de cartazes para reclames, litografados em folha de flandres pelo processo norte-americano mais moderno

Fábricação de artisticos brinquedos litografados em folha de flandres

Tubos de aluminio, brancos ou litografados, para embalagem de produtos quimicos e medicinais

Caixas e tubos para produtos de toucador, confeccionados em material plastico de primeirissima ordem

Figura 42: Anunciado no livro Vermelho dos Telephones nos anos de 1943, 1944 e 1945, já com o símbolo "MM" que seria impresso nos brinquedos e demais produtos da empresa pelas décadas seguintes. Note-se a forma da citação da produção dos brinquedos: *"fabricação de artísticos brinquedos litografados em folha de flandres"*.
Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Metallurgica
Matarazzo S|A

Telegrammas : « METALMA »

SECÇÃO METALGRAPHICA

Lataria branca e lytographada de todos os typos e para todos os fins desejados. Cartazes lytographados para reclames, etc.

Pulverizadores para Lavoura

▲

SECÇÃO BRINQUEDOS

Fabricação em larga escala de brinquedos de tolha de flandres lythographada, simples, com corda, etc.

▼

SECÇÃO ARTEFACTOS de ALUMINIO

Modernas installações para fabricação de todo e qualquer artefacto de aluminio. Fabricantes das afamadas marcas: «*Imperador*» - «*Rochedo*» - «*Matarazzo*» «*Martello*» e «*Combate*»

▼

SECÇÃO BISNAGAS

Tubos de estanho puro e chumbo estanhado, brancos e lythographados, para Pastas dentifricias, Pomadas, etc.

Rua Carneiro Leão, 439 - S. PAULO

CAIXA POSTAL, 2.400

Figura 43: Anúncio de página inteira da Metalúrgica Matarazzo S.A., de 1935, em que os brinquedos de folha-de-flandres, simples, com corda, como os modelos estrangeiros, foram evidenciados.
Fonte: *Catálogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre*, 1935. Esta publicação, além de relacionar os expositores da referida exposição, dedicou-se à apresentação da situação industrial paulista, de sua origem até aquele período, a fim de demonstrar o crescimento e o progresso que tanto ansiava.
Outras fábricas de brinquedos da capital de São Paulo foram também citadas no catálogo.
Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Figura 44: Este anúncio da Metalúrgica Matarazzo está inserido no Catálogo Oficial da Exposição do IV Centenário de São Paulo, 1954, p.542. O telefone da fábrica, nesse período com os números "33-2133", serviu para a numeração dada nas placas dos carrinhos de brinquedo da Metalma.
Na Seção dos "Expositores" da obra, a Metalúrgica Matarazzo era uma das indústrias a expor seus produtos no Palácio das Indústrias, pavimento térreo, nos estandes 16 e 17. Lá, consta: "Latas de Folha de flandres e brinquedos estampados" (p.227).
Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Figura 45: Ainda em 1959, ano da publicação onde o anúncio acima foi encontrado, a Metalúrgica Matarazzo S.A. citava a unidade da Rua Caetano Pinto número 575, onde estavam sediados o escritório e a seção de compras, também no Brás, bairro onde a fábrica foi fundada.
Fonte: Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Acervo da Biblioteca da FEA-USP.

Pode-se observar que a Metalúrgica Matarazzo divulgou seus produtos em diferentes publicações impressas enquanto esteve em pleno funcionamento. Entretanto, se comparada à fábrica de brinquedos de folha-de-flandres estabelecida na Argentina, que só produzia esse artigo, a publicidade foi ínfima e quase sempre com um mesmo padrão. Não obstante, foram encontrados anúncios, que, inclusive, destacaram a fabricação de brinquedos, o que demonstra uma importância considerável desse tipo de objeto no contexto fabril da Metalúrgica Matarazzo de São Paulo, desde a sua constituição em sociedade anônima, nos primeiros anos da década de 1930.

Quanto à implantação da fábrica na Argentina, esta foi conduzida pelo irmão mais novo do Conde Francesco Matarazzo, Costabile Matarazzo. Segundo Diego Lascano, que publicou um estudo de caso dessa fábrica argentina, a metalúrgica e fábrica de brinquedos de folha-de-flandres foi fundada em 1934 em Buenos Aires e, por essa razão, o autor não descarta a hipótese de que a experiência de Ciccillo, que teve bastante êxito no Brasil, tenha sido referência para o tio implementá-la no país onde residia[188]. No caso da fábrica de Costabile, Lascano destacou a produção diária de 5 mil brinquedos, com seus 250 funcionários, por volta de 1942, quando a "Fabrica de Juguetes Matarazzo" se transformou em sociedade anônima[189]. Permaneceu em atividade até o ano de 1960. **(Cf. Figura 46)**

[188] Cf. Diego LASCANO, *op. Cit.,* pp. 9-21; Daniela PELEGRINELLI, *op. cit.,* pp. 158-161.
[189] *Idem, ibidem,* p.15.

Figura 46: Ao contrário da Metalma, a publicidade da "Fabrica de Juguetes Matarazzo" foi mais criativa e, certamente, teve como público-alvo os pais e as crianças, de uma forma direta.
Fonte: Diego LASCANO. *Matarazzo: Juguetes de Hojalata Argentinos.* Buenos Aires: Pictoria Books, 2005, p.15. Segundo o autor, o anúncio foi publicado no *Anuario Kraf* de 1943.
Acervo pessoal.

Ainda que os anúncios dos fabricantes de ambos os países fossem destoantes, havia fatores em comum, tais como a qualidade e a semelhança dos brinquedos. Há, por exemplo, uma motocicleta, com um motorista e uma passageira, com roupas da época (ela com trajes com detalhes em xadrez) que foram fabricadas tanto na Metalma como na instalação argentina. Em suma, o brinquedo é idêntico e as únicas alterações foram os nomes das cidades colocados na placa e o logotipo das marcas, que eram distintas[190]. **(Cf. Figuras 47, 48 e 49)**.

[190] Na obra de Jack TEMPEST, *op. cit.,* p.124, há uma reprodução de uma página de um catálogo de brinquedos (possivelmente alemão), onde se encontra o mesmo modelo de motocicleta produzido pelas metalúrgicas paulistana e argentina. Destarte, compreende-se que os brinquedos Metalma tinham como modelos de inspiração aqueles produzidos no exterior, mais tradicionais e valorizados. Conceitos esses, que os fabricantes paulistanos ansiavam por obtê-los.

Figuras 47 e 48: Os mesmos brinquedos de lata produzidos pela Metalma e pela Fábrica de Juguetes Matarazzo. Acima,à esquerda, a moto "paulistana", com a marca Metalma e Metalúrgica Matarazzo S.A. escritas no tanque, a placa com o "S.P.", indicativo do local, nacional, portanto; no livro de Lascano, lê-se na placa do brinquedo argentino "Ciudad de B. Aires".
Fontes: Diego LASCANO. *Matarazzo: Juguetes de Hojalata Argentinos.* Buenos Aires: Pictoria Books, 2005, p.30.
O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 12 de outubro de 2009, p. C6. (Matéria sobre um colecionador de brinquedos, com acervo de 2 mil desses objetos).

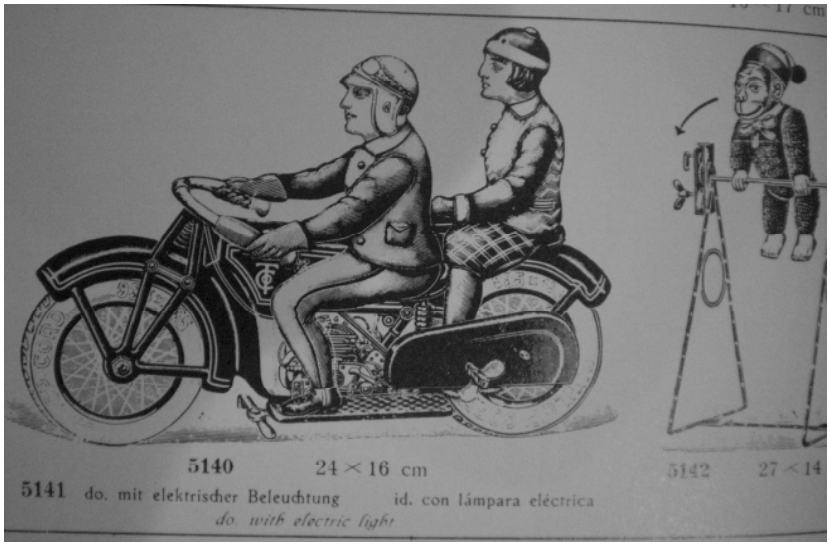


Figura 49: A matriz estrangeira: motocicleta de lata de um catálogo, provavelmente, de origem alemã. Modificava-se, para conferir um *status* nacional ao brinquedo, a marca, o chapéu e, no caso desse veículo, a placa com a cidade. Segundo Jack Tempest, a motocicleta estava numa página do Catálogo de Moses Kohnstam (Moko) de 1928, que era comerciante de brinquedos, e não fabricante. O seu vasto estoque vinha de fabricantes alemães e o brinquedo acima é um produto da fábrica Tipp & Co. (marca está no veículo: símbolo com as letras "T" e "C"), fundada em 1912 em Nuremberg.
Fonte: Jack TEMPEST. *Collecting Tin Toys,* London: New Cavendish Books, 1994, p.124-125 e 136.

Além das fontes citadas, a Metalma elaborou catálogos de seus brinquedos e demais artigos domésticos, como latas para armazenamento de alimentos e bandejas[191]. Esse dado, em conjunto com os anúncios que destacavam os brinquedos, já mencionados, certamente demonstra a preocupação e valorização da fábrica em relação à produção dos produtos infantis, mesmo que o foco dessa grande empresa fosse embalagens para outras indústrias. Ressaltamos que, nesses catálogos, as primeiras páginas eram reservadas à apresentação dos diferentes brinquedos Metalma; somente em seguida os artigos domésticos costumavam ser elencados. Outra importante fábrica do ramo que publicava anualmente catálogos comerciais, no período, dirigidos a lojistas, foi a Estrela, uma forma eficiente, portanto, de fazer chegar os brinquedos aos consumidores[192].

Trenzinhos, casinhas de boneca, aviões e hangares, baldes e pazinhas para praia e parque, carrinhos, caminhõezinhos, coelhinhos com carrinho porta-ovos-de-Páscoa, telefones, piões, panelinhas, fogõezinhos, regadores, foram alguns exemplos da variedade produzida pela Metalúrgica Matarazzo S.A. entre 1933 (quando passou a ter esse nome) e os anos de 1950. Ressalte-se que em catálogo produzido quando a seção de brinquedos da metalúrgica ainda estava localizada em São Paulo, além dos tradicionais brinquedos de lata, há exemplares de bichinhos e bonecas confeccionados em tecido. Supõe-se, a partir desse dado, que possa ter havido um interesse em expandir a seção de brinquedos, pois a presença de novas matérias-primas pode ser entendida como indício disto, assim como que o negócio possa ter sido próspero, em período marcado, como alguns historiadores e economistas denominam, pela "industrialização substitutiva de importações", isto é, pelo processo que buscou aumentar a produção industrial do país e diminuir as suas importações[193].

---

[191] Foram consultados três catálogos dos brinquedos Metalma: dois, sendo um o mais antigo dos localizados, quando a sua produção ainda estava em São Paulo, e outro produzido na década de 1970, pertencem ao acervo particular de A. Andrea Matarazzo, que os disponibilizou para consulta e reprodução; o terceiro, sem data, adquirido pelo Museu Paulista, publicado provavelmente nos últimos anos de fabricação dos brinquedos, pois é em cores e a fábrica endereçada na cidade de Lavras, Minas Gerais. Esse tipo de fonte é, pelo que constatamos, bastante raro, não sendo encontrado com frequência nem mesmo em antiquários que lidam com brinquedos Metalma, como por exemplo, o criador do site "Brinquedos Raros", www.brinquedosraros.com.br.

[192] Há, no acervo da Biblioteca do Museu Paulista da USP, a coleção dos Catálogos Estrela, parte reproduzida de original (anos 1939 a 1959) e parte original (anos 1960 a 1997). Ressalte-se que a Casa Flor, a fábrica de brinquedos Sansão (de Luiz Sansone), dentre outras fábricas, também remetiam catálogos a lojistas, conforme citado nos próprios anúncios em jornais e revistas; porém nenhum desses catálogos foi localizado.

[193] Maria da Conceição TAVARES. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972; Rosemary THORP. "A reappraisal of the origins of Import-Substituting

A partir dos anos de 1950, com o avanço da tendência de especialização das indústrias, a seção de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo foi deixada em segundo plano pelos acionistas da empresa, os quais priorizaram a produção de bens intermediários. E, nesse contexto, viu-se a ascensão de indústrias especializadas em brinquedos, como a Estrela, a Atma, a Trol (esta na década de 1960), etc[194]. O sistema (ou prática) citado por Walter Benjamin (produção secundária de brinquedos em fábricas maiores) persistiu por muitos anos no Brasil, embora, a partir de meados do século XX, tenha se tornado obsoleto, como podemos perceber através do caso da Metalma.

Saliente-se que embora a produção de brinquedos da Metalma tenha se estendido até o início da década de 1970[195], a análise de sua trajetória a que nos propusemos tem, como delimitação, os anos de 1950. Com efeito, a transferência da seção de brinquedos para Lavras, em Minas Gerais, no início da década de 1960[196], coincide com o final de um período no próprio processo industrial paulista[197].

Fato bastante semelhante ocorreu também nas fábricas de brinquedos de folha-de-flandres instaladas em outros países da América do Sul, estudadas por Diego Lascano: a partir da década de 1950 ocorreu o declínio da produção dos brinquedos de lata, devido à substituição gradativa dessa matéria-prima por uma nova, o plástico, o qual dominaria no setor de brinquedos e outros tantos produtos nos decênios posteriores. Segundo o autor,

> "La década de 1950 comienza em um marco de enorme competencia y de cambio em los materiales de producción. La adopción definitiva del plástico em la industria plantea a la mayoría de los productores de juguetes de hojalata, madera y composición la reconversión del proceso fabril em um corto lapso de tiempo para estar

---

Industrialization, 1930-1950". *Journal of Latin American Studies.* 24 (1992), pp. 181-195; Pedro MALAN *et alii. Política econômica externa e industrialização no Brasil, 1939-52.* Rio de Janeiro: IPEA, 1980.

[194] Informações de A. Andrea Matarazzo, em 28 de Julho de 2009.

[195] De acordo com informações dadas por A. Andrea Matarazzo em 28 de Julho de 2009 e pela observação de catálogos e brinquedos produzidos.

[196] De acordo com A. Andrea Matarazzo.

[197] Segundo Andrea Matarazzo, "quando a gente começou a fazer lata de bebidas já não tinha mais brinquedos. Isso foi em 1974. Os brinquedos terminaram no começo de 70. Por pura falta de vocação da empresa, era um negócio muito pequeno, muito artesanal, pouco automatizado, optou-se por um investimento grande, na automação de todas as linhas de grande volume. E foi quando a Matarazzo entrou inclusive nas latas de bebida, o que era inédito, a primeira no Brasil e teve o monopólio disso até 1995". De acordo com Margarida Maria de Andrade, *op. cit.,* p. 203, "de 1974 a 1988 a Metalúrgica Matarazzo S.A. esteve associada à norte-americana Continental Can Company, empresa da qual sempre comprou equipamentos e tecnologia. Desde 1988 voltou a ser uma empresa nacional ao comprar a parte da Continental Can."

a la altura de sus pares internacionales. (...) Esta situación y las dificultades com los sindicatos a comienzos de la década de 1960 preanuncian la decadencia de gran parte de los jugueteros tradicionales que prácticamente cierran sus puertas com la llegada de los años ´70”[198].

Pode-se constatar a importância de determinada matéria-prima para marcar uma época. Vimos que a folha-de-flandres teve o seu auge até meados do século XX no Brasil, a despeito de ainda ter sido utilizada nos anos seguintes na elaboração de embalagens e brinquedos. Da mesma forma que esse tipo de material, podemos citar o caso do celulóide, um tipo de plástico primitivo, utilizado em larga escala não só em produtos fotográficos, mas em brinquedos e outros artigos, em países como Alemanha e Japão. Em São Paulo, o celulóide também foi empregado na fabricação de brinquedos, assim como havia a importação desse tipo de artigo, durante as décadas de 1930 e 1940. A partir de meados da década de 1950, foi substituído pelo plástico (então recentemente criado), mesmo tendo sido considerado um material extremamente barato. A substituição, no entanto, fazia sentido, pois o celulóide tinha como características ser extremamente inflamável e quebrável[199].

Os brinquedos de lata tiveram a sua decadência também por questão relacionada à segurança: ao longo dos anos, passaram a ser substituídos por brinquedos feitos de materiais que não pudessem causar ferimentos ou outros danos às crianças, assinalando, assim, uma nova fase industrial.

---

[198] Diego LASCANO. *Juguetes Uruguayos, 1910-1960...*, p. 12.

[199] Sobre a história dos brinquedos de celulóide, inventados pelos itmãos Hyatt em 1869 nos Estados Unidos, ver Teruhisa KITAHARA. *Yesterday’s toys: celluloid dolls, clowns and animals.* San Francisco: Chronicle Books, 1989. Há no acervo de brinquedos do Museu Paulista pequenas bonecas e animaizinhos confeccionados em celulóide, datados da década de 1930, os quais, segundo o doador, eram usados como enfeites de árvore de Natal. Também na década de 1950, as bonecas que, anteriormente eram feitas de composição (ou “massa”; ou “pasta” em espanhol e composition, em inglês), mistura de vários materiais como tecido, madeira, polpa de madeira, cola e serragem, foram sendo substituídas pelas bonecas de plástico rígido (poliestireno) e, posteriormente, passaram a ser confeccionadas com vinil, tipo de material mais flexível. Cf. Hugo MARSH, *op. cit.,* p. 178.

Capítulo II – O Nacionalismo e a Modernidade: Valores intrínsecos ao processo industrial, expressos na publicidade dos brinquedos.

A partir da década de 1930, período de nacionalismo manifesto[200], há nitidamente uma valorização do produto nacional ao lado do estrangeiro, inclusive no que se refere aos brinquedos. Warren Dean observou que em fins do século XIX e nos primeiros anos do século seguinte, os produtos manufaturados de origem nacional ainda eram mal vistos pelos consumidores na cidade de São Paulo, e, em decorrência de tal fato, não foram poucos os incipientes industriais que utilizavam rótulos de marcas estrangeiras para marcar seus produtos para, assim, os colocarem à venda. Note-se que, já em 1901, na introdução da obra de Bandeira Jr. há referências claras a essa prática, conforme as palavras do autor:

> "Em calçados, chapeos e guarda-chuvas a industria paulista avantaja-se excessivamente. Só importamos parte da matéria-prima, fabricando artigos que são marcados com etiquetas em inglez e francez e vendidos como productos dessas nações! O custo de certa qualidade de chapeos feitos aqui, é egual ao valor do imposto dos importados. Muita gente prefere pagar duas vezes mais do que pagaria, só porque a etiqueta diz falsamente, que o chapéo é extrangeiro! O fabricante não póde ser condemnado por isso. Si o comprador souber que o chapéo é nacional, embora lhe custe 60% menos, não o quererá! Parece incrível, mas é verdade"[201].

De acordo com Warren Dean,

> "O negociante (...) precisava oferecer à venda os artigos nacionais a preço inferior ao dos artigos estrangeiros da mesma espécie ou disfarçar a origem do produto nacional. E era isso, às vezes, o que ele fazia, como uma espécie de contrabando ao

[200] Exemplo desse nacionalismo presente na sociedade paulistana pode ser averiguado através do filme *"São Paulo, a symphonia da metrópole,* de Adalberto Kemeny e Rodolpho Rex Lustig, de 1929/30, disponível para consulta na Cinemateca Brasileira, em São Paulo. Citações como "o café, ouro verde", São Paulo, a "oficina do progresso", "titãs de cimento armado", "cidade fabril: os bairros do Brás, Mooca e Belém"; "a metalurgia: indústria nacional que revolucionou os velhos processos de fundição de tubos", "São Paulo: metrópole formidável e ciclópica, na vanguarda dos maiores centros de atividade do mundo", constituem indícios desse anseio de valorização e ufanismo, bem como da busca por uma imagem da capital moderna com tônica na indústria, semelhante às cidades industriais européias e norte-americanas.

[201] Cf. Antonio Francisco BANDEIRA JR., *op. cit.,* p. XX.

revés, visto que a margem de lucro de um produto feito em São Paulo poderia ser muito maior que a de um artigo importado, que tivesse pago direitos alfandegários, bastando para isso que sua origem fosse falsificada com um rótulo ou um recipiente emprestados. Os custos desse preconceito, talvez inevitável, contra as manufaturas locais foram elevados. Os industriais paulistas insistiam, com razão, em que os direitos aduaneiros, para protegê-los, deveriam ser suficientemente altos não só para permitir a igualdade dos preços, mas também para facultar-lhes uma vantagem de 10% ou mais, visto que o artigo importado oferecido pelo mesmo preço sempre seria preferido"[202].

Além dessas medidas protecionistas defendidas pelos industriais paulistas, não foram poucos aqueles que também recorreram à criação e ao patrocínio de obras impressas destinadas à valorização do produto nacional, as quais, num primeiro momento, apresentavam-se como publicações de caráter oficial, comemorativas de determinadas datas, como o Centenário da Independência, ou então de conteúdo informativo a respeito da história e desenvolvimento das cidades do Estado de São Paulo. Na verdade, muitas dessas obras eram publicitárias e serviram, sobretudo, ao propósito de divulgar os estabelecimentos industriais de procedência nacional, a fim de convencer o público consumidor sobre suas vantagens frente ao artigo importado. Cite-se como exemplo a obra *Monographias Paulistas*, de 1922, onde foi bastante destacada a fábrica de brinquedos da família Prandini, localizada na Avenida Rangel Pestana, Brás, e especializada na confecção de cavalinhos de madeira, em diversos tamanhos[203].

Em texto de página inteira, onde há destacado um registro fotográfico de quatorze tamanhos dos cavalinhos de madeira, não só os brinquedos da referida fábrica foram equiparados àqueles de origem alemã, como exaltados pela publicação. Também não deixou de destacar que o proprietário, o Senhor Prandini, recebera no ano de 1918[204] a medalha de ouro na Exposição Industrial de São Paulo, mais um recurso lançado, portanto,

---

[202] Cf. Warren DEAN, *op. cit.,* pp.17-18.

[203] *Monographias Paulistas – Os Estados do Brasil, I Volume*, 1917-18-22, director: Absay de Andrade (das Sociedades Paulista de Agricultura e Scientifica de S. Paulo). S. Paulo: Typ. Mercúrio, Campos, Alcides, Taveira & C., s.p.

[204] Segundo estudo de Paula Coelho M. de Lima, a exposição industrial na cidade de São Paulo ocorreu no ano de 1917, e não no ano posterior, no Palácio das Indústrias. Cf. Paula Coelho Magalhães de Lima. *A Exposição de 1917 em São Paulo: representações do industrialismo na metrópole nascente.* São Paulo: Relatório final de Iniciação Científica, sob orientação de Heloisa Barbuy, apresentado à FAPESP, 2008.

para o convencimento do público consumidor de suas qualidades. O texto versava, entre outros detalhes, o seguinte:

> "A 'Fabrica de Brinquedos Brasil', de Prandini & C. Limitada, e seus progressos – compete (sic) os seus productos com os melhores europeos – a sua especialidade em 'cavallinhos' é incomparável, ultrapassando mesmo os da Allemanha – uma visita ao futuroso estabelecimento.
>
> Não fazia muito tempo, em visita ao Snr. Prandini, tivemos, sempre no empenho de propagar e insentivar a industria brasileira, o ensejo de trocarmos ideias com o mesmo sobre a sua industria de brinquedos no Brasil, tendo, então, occasião de verificarmos, de visu, o muito que a FABRICA BRASIL tinha já conseguido neste particular. É assim que o digno industrial com a solicitude e inthusiasmo de seu gênio emprehendedor, mostrou-nos quatorse modelos de fino acabamento de cavallos, lindos especimens de 'puros sangue' de... páo. Ficamos deveras encantados. Na mesma occasião fallava-nos elle sobre a grande acceitação que os seus productos tinham nos mercados de todo o Brasil, e dos grandes melhoramentos porque estava passando a sua indústria. (...)
>
> A pequena fabrica-ensaio, da Rua Santa Rosa, 32, deu logar ao surgimento do estabelecimento da Avenida Rangel Pestana, 318 aonde (sic) se encontra acreditada e em pleno desenvolvimento, não sem grandes dispêndios de energia do snr. Prandini, porquanto se tratava então de uma industria absolutamente nova em São Paulo. Teve o esforçado industrial de cuidar desde a escolha do operário habilitado até a dos moldes, matéria-prima, e, finalmente, collocação do novo artigo nos principaes bazares de brinquedos de S. Paulo, obra que levou a bom termo, graças as suas qualidades extraordinárias hoje evidenciadas para honra de seu nome e gloria da industria da nossa terra. (...)
>
> Dentre os variados productos de sua fabricação, os 'Cavallos', notadamente, merecem destaque e preferência; cerca de 20 modelos variados em tamanho, attitudes, pêllos, cores e posições, cada mais mais digno de attenção. São taes as attitudes dos 'cavallos' que tem-se perfeita illuzão de que os mesmos são animados, arfam, vivem, enfim!" (...) **(Cf. Figura 50)**

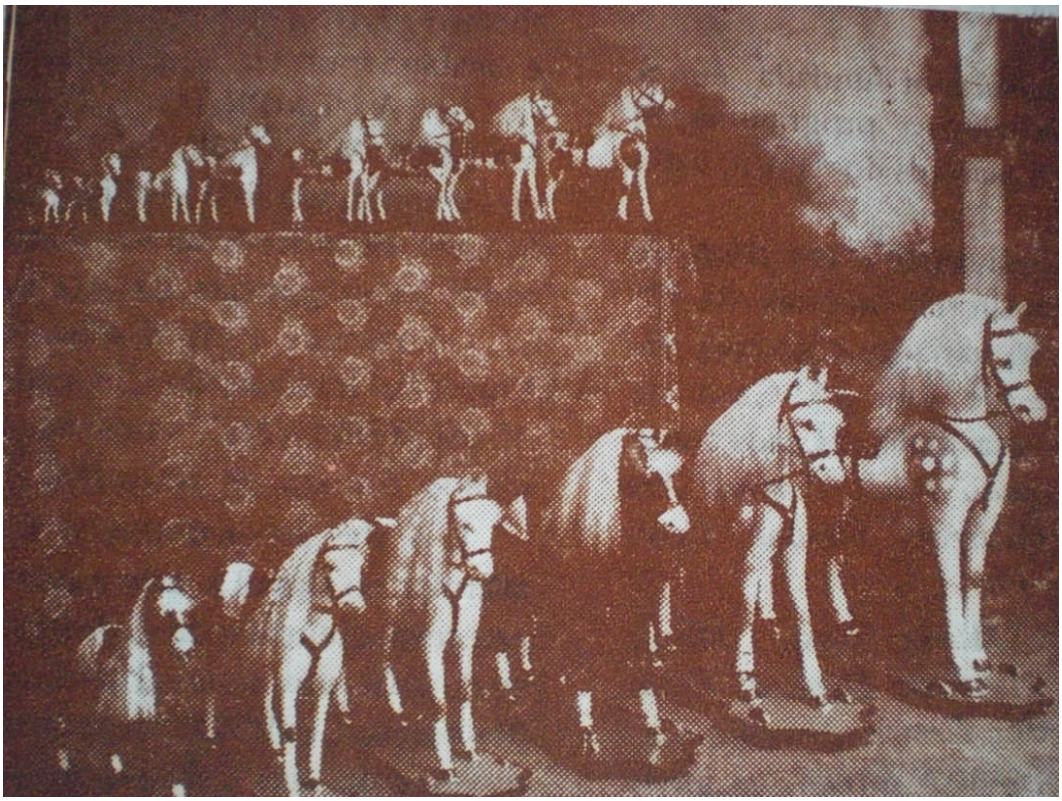


Figura 50: Os quatorze tamanhos e modelos produzidos pela fábrica de Prandini nos primeiros anos da década de 1920.
Fonte: *Monographias Paulistas – Os Estados do Brasil, I Volume*, 1917-18-22, director: Absay de Andrade (das Sociedades Paulista de Agricultura e Scientifica de S. Paulo). S. Paulo: Typ. Mercúrio, Campos, Alcides, Taveira & C.
Acervo particular de Ana Maria de Almeida Camargo.

Ao fim da matéria sobre a história da constituição da fábrica de cavalinhos de madeira, um lembrete foi destacado aos leitores, para que os mesmos não deixassem de conhecer e comprar os brinquedos da Fábrica de Brinquedos Brasil de Prandini & Cia Limitada, mais um indício, como podemos notar, das feições publicitárias da publicação:

> "ATTENÇÃO: Estamos com o Natal e Anno Novo á porta; é de justiça que o publico não se esqueça da CASA PRANDINI como homenagem á Industria Brasileira em S. Paulo, além de serem alli servidos com vantagens em preços e qualidades.

Prandini & Comp. – Avenida Rangel Pestana, 318 – S. Paulo”[205]

As fontes analisadas, do período a que se refere o presente trabalho, demonstram uma alteração dessa situação e daquela apresentada pelo brasilianista Warren Dean, conforme citada no início do capítulo. Além de quantidade significativa de produtos paulistanos anunciados em jornais e revistas, os próprios veículos de comunicação noticiavam a qualidade dos artigos de procedência nacional e que eram capazes de enfrentar a concorrência daqueles oriundos de outros países, bem como as lojas cosmopolitas de São Paulo também ressaltaram a venda de brinquedos aqui fabricados, como foi o caso da Casa Anglo-Brasileira (sucessora do “Mappin Stores”), que em dezembro de 1939, anunciou não só a venda de brinquedos importados (como era prática muito comum até os anos 20), mas também os nacionais foram destacados, conforme o texto publicitário a seguir:

> “Brinquedos na Gruta Encantada!
>
> Está de alviçaras a petizada paulistana!... Este Natal vai trazer-lhe a revelação de innumeras surpresas no que se refere a brinquedos tão engenhosos, quanto originaes!
>
> É o que V. Exa. poderá desde já observar na Gruta dos Brinquedos localisada em nossos salões do sub-solo onde mostramos, em grande profusão, interessantes novidades recebidas da França, Inglaterra e Estados Unidos e <u>outras das melhores manufaturas nacionais</u>. (...)
>
> Casa Anglo-Brasileira S/A, successora de Mappin Stores”[206]. (grifos nossos). **(Cf. Figuras 51 e 52)**

[205] O último registro de fabricação de brinquedos pela fábrica da família Prandini foi encontrado em almanaque *Laemmert de São Paulo* de 1928. Nas décadas posteriores, nenhuma informação de atividade no ramo foi localizada; assim, a duração da companhia não ultrapassou os dez anos de funcionamento.

[206] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 3 de dezembro de 1939, p.13.

Figura 51: Anúncio da Casa Anglo Brasileira, sucessora do Mappin Stores que, além de ter destacado a venda de brinquedos *"engenhosos e originais"*, características associadas à modernidade e ao progresso, também ressaltou a venda de brinquedos oriundos das *"melhores manufacturas nacionais"*.
Fonte: *O Estado de S. Paulo*, domingo, 3 de dezembro de 1939, p.13.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito USP.

Figura 52: O anúncio da casa São João, localizado nas proximidades do Triângulo (Rua Líbero Badaró), colocou, em primeiro lugar, a venda de brinquedos “nacionais”, para depois citar os estrangeiros.
Fonte: *O Estado de S. Paulo,* domingo, 3 de dezembro de 1939, p. 26.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito USP.

No mesmo ano, embora publicado no jornal *Correio Paulistano*, outro estabelecimento comercial localizado na região central de São Paulo, destacou em anúncio, em primeiro lugar, a venda de brinquedos nacionais, para depois fazer menção aos brinquedos de países como Alemanha, Estados Unidos e Japão. A loja em questão era a *Feira dos Brinquedos*, situada na Rua Dr. Miguel Couto nº 24, nos arredores do Triângulo, conhecida como a antiga travessa do Grande Hotel[207]. No ano seguinte, a Casa Lemcke, localizada na Rua Líbero Badaró desde o início da década de 1920 (com outra unidade em Santos, também), publicou no *Correio Paulistano,* no mês do Natal, reclame em que sugeria, como aviso, "não deixar de aproveitar as vantagens da nossa oferta especial de bonecas com preços reduzidos". Os bebês estrangeiros, de preços variados, como 32$, 35$, 40$ e 52$, tiveram, como podemos depreender, concorrência com os bebês de procedência nacional, a partir de 8$5, embora alguns também com preços compatíveis aos importados, entre 19$ e 44$. Além deles, o valor de bonecas também foi listado[208].

No caso das notícias que demonstraram a valorização dos brinquedos paulistanos frente aos importados, há um exemplo publicado no dia 8 de dezembro de 1939, intitulado *"O mez das crianças"*[209], que destacou a seguinte frase:

> "Brinquedos nacionaes e estrangeiros. Já não se distinguem mais um dos outros, tal a perfeição de acabamento que a industria paulista attingiu nesse ramo. E...a noite de natal se aproxima para gáudio do mundo infantil".

A matéria, propriamente, analisa a modificação do comércio paulistano nos dias próximos às festividades natalinas, e conclui que a figura do Papai Noel, tradição e elemento cultural do exterior, teve a sua carga de contribuição para o desenvolvimento da indústria de brinquedos em São Paulo, conforme se pode ler, a seguir:

> "Com a entrada do mez de dezembro e aproximação das festas de fim de anno, Natal e Anno Bom, além da festa de Reis, a cidade modifica seu aspecto habitual: o transito de pedestres pelas ruas centraes se intensifica, os mostradores das lojas são ornamentados a caracter, com algodão imitando neve, "confetti"dourado, ramos

[207] Cf. *Correio Paulistano,* domingo, 03 de dezembro de 1939, p.23.
[208] Ver *Correio Paulistano,* quinta-feira, 19 de dezembro de 1940, p.12.
[209] Cf. *O Estado de S. Paulo,* sexta-feira, 8 de dezembro de 1939, p.6

artificiaes de pinheiro em substituição aos naturaes, grandes estrellas prateadas etc. Em muitos ‘magazins’ postam-se ‘papaes’ Noel com o typico traje vermelho, longas barbas brancas e a ambicionada saccola de brinquedos ás costas, além do bordão em que se apóia para subir pelos telhados e caminhar pelas estradas...

O tradicional e bondoso velhinho causa espanto e desperta curiosidade nas crianças que as mamães trazem á cidade para, de antemão, fazerem a escolha do que elle lhes deve trazer na mais bella noite do anno. A imaginação infantil é provocada, assim, pela visão real do Papae Noel e, em seus sonhos, talvez, se lhes apresente o mesmo que viram aqui e alli, nas ruas ou nas lojas, junto aos balcões, entre os brinquedos expostos. A lenda e as historias que os adultos lhes contam tomam visos de verdade e a crença no bom ancião adquire maior consistência no seu espírito.

Depois, ao crescerem, com a chegada das primeiras illusões, lá no fundo da alma, perdida em algum escaninho, permanece, obscura, apagada, quase evanescente, a saudade desses bons tempos...

O christianismo, se não tivesse outras virtudes, só com a festa do Natal teria adquirido direito à gratidão da humanidade.

A espiritualidade que cerca a commemoração do nascimento de Christo, todavia, é perturbada, pelos divertimentos profanos, que modificaram de certa maneira o Natal occidental.

A Missa do Gallo é essencialmente popular, mas a sua freqüência é notável apenas no interior. Nesta capital as festas tem caracter mais intimo, salvo as ceias em logares públicos, como os grandes hotéis, que costumam reunir publico numeroso.

No lar o Natal, além do seu aspecto propriamente infantil, tem a parte relacionada com a ceia da meia noite, que as colônias estrangeiras aqui radicadas introduziram nos nossos hábitos, com requintes que outrora não possuíam. Hoje, as frutas seccas, as uvas, os vinhos, o champagne (quando se pode...), os pudins, em summa, as comesainas substituíram de algum modo velhos hábitos brasileiros que tínhamos recebido dos nossos ancestraes. O presépio perde terreno dia a dia para arvore de Natal e, dessa forma, por diversos lados que o encaremos, o Natal se diversifica do de 30 ou 40 annos passados.

A modificação dos costumes teve como resultado a ampliação do commercio de brinquedos e de alimentos para as festas. E não é necessário ser-se observador profundo para se notar a accentuada differença entre o commercio de Dezembro e o dos restantes mezes do anno. É innegavel que não é somente o commercio de

brinquedos que tem a sua actividade triplicada. Todos os outros ramos sentem esse accrescimo, não obstante em termos que variam de accôrdo com a sua importância junto aos consumidores. Em these, todas as casas de negocio da cidade ampliam suas transacções.

O Natal produziu em S. Paulo um effeito de ordem industrial: provocou a criação da indústria de brinquedos entre nós, hoje, de tal maneira aperfeiçoada, que, são muitos aspectos, não teme cotejo com a estrangeira. Resultou dahi o trabalho para centenas de operários e o nascimento de outras industrias connexas. O brinquedo nacional ainda não tem igual acceitação nas classes melhor aquinhoadas, como se pode verificar através de rápido inquérito entre os interessados. O brinquedo aqui fabricado, por ora, tem maior sahida entre as classes pobres, em virtude do seu preço accessível[210]. As lojas procuradas são as que limitam os preços das suas mercadorias até 3$ ou 5$. Vendendo mais em conta é natural que o grosso da população nellas se abasteça. Festejam o Natal mais economicamente, principalmente as famílias pobres que, no geral, contam grande numero de crianças.

O espírito altruísta das senhoras paulistas não esquece, também, por essa occasião, as crianças cujos Paes não lhes podem proporcionar o encanto de algumas horas divertidas, na noite de Natal, ao pé da poética arvore.

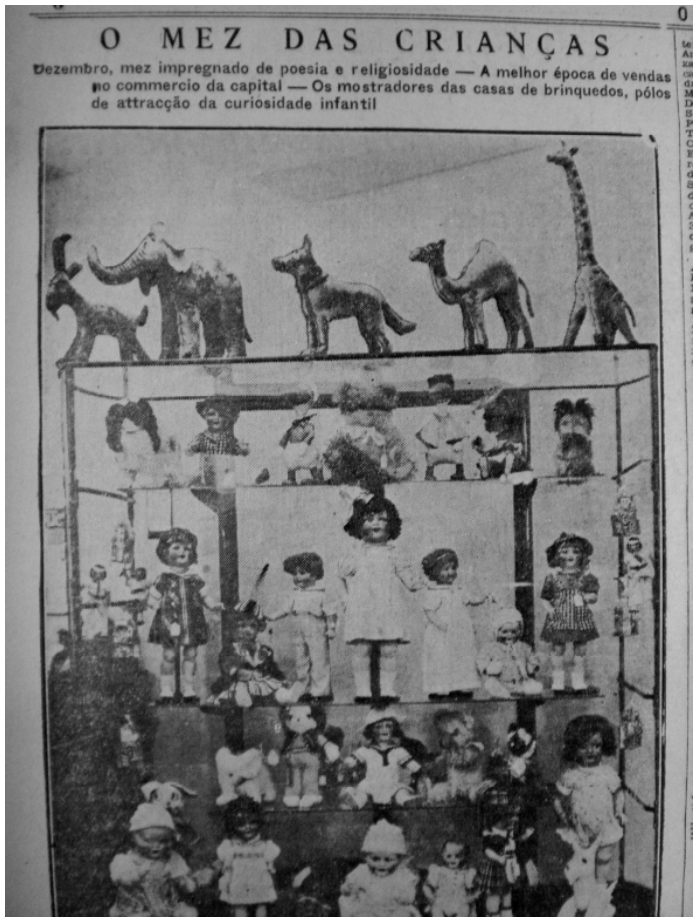
O Natal é assim uma festa a toda a gente. Nem poderia ser de outra maneira. Ao contrario desmentiria as palavras daquelle que disse: "Deixae vir a mim as criancinhas"...Ellas o conhecem e o procuram, mas idealisando-o através do vetusto Papae Noel"[211]. (grifos nossos)

A fotografia publicada junto à matéria acima mostra uma vitrine de uma casa comercial repleta de brinquedos que, segundo o texto, são de procedência estrangeira e nacional. No topo da prateleira, há bichinhos de pano das mais variadas espécies, inclusive como os que foram fabricados pela Metalúrgica Matarazzo, conforme publicado em

[210] Em 2005, conforme já mencionado, o Museu Paulista da Universidade de São Paulo recebeu uma doação de brinquedos de Dona Inah Meirelles Faria Guimarães, os quais integravam a sua casinha de bonecas (construída no quintal de sua residência em Araras) quando criança (últimos anos da década de 1930). Dentre os muitos brinquedos de procedência estrangeira, há um regador produzido pela Metalúrgica Matarazzo S.A. Assim, a afirmação da notícia veiculada em 1939, a respeito dos brinquedos nacionais terem sido consumidos somente "entre as classes mais pobres", não condiz com o caso da família Meirelles Faria e, possivelmente, com outras famílias de situação econômica semelhante.

[211] *O Estado de S. Paulo,* 8 de dezembro de 1939, p.6.

catálogo, quando a produção de seus brinquedos ainda estava sediada na capital paulista. **(Cf. Figuras 53 e 54).**


O MEZ DAS CRIANÇAS

Dezembro, mez impregnado de poesia e religiosidade — A melhor época de vendas no commercio da capital — Os mostradores das casas de brinquedos, pólos de attracção da curiosidade infantil

Figura 53: Em matéria sobre o mês natalino, fotografia de um armarinho-vitrine onde estavam expostos brinquedos nacionais e estrangeiros. Destacou-se que os brinquedos nacionais (principalmente os de procedência paulista), por sua qualidade, já não mais se distinguiam dos importados. Os bichinhos de feltro no topo são extremamente semelhantes aos produzidos pela Metalma, exibidos em catálogo (ver figura 51).
Fonte: *O Estado de S. Paulo,* Sexta-feira, 08 de dezembro de 1939, página 6.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito USP.

Figura 54: Os bichinhos de feltro em catálogo da Metalma. Também se produziu o camelo, cachorro "fox", gato, veadinho, burro e cavalo, segundo texto da página.
Fonte: Catálogo Metalma (elaborado entre décadas de 1940 e 1950, provavelmente)
Acervo particular de A. Andrea Matarazzo.

Warren Dean, em seu estudo sobre a industrialização de São Paulo, assinalou a existência desse fato. Segundo ele,

> "Algumas casas importadoras de São Paulo, a despeito do relativo declínio do setor de importação, conseguiram ampliar seus negócios assumindo as funções de atacadistas e retalhistas, como as firmas Cássio Muniz e Mesbla. Tornaram-se, assim, grandes mercados compradores de mercadorias, tanto locais quanto estrangeiras"[212].

De acordo com o mesmo autor, a partir da década de 1920, São Paulo tornou-se o centro industrial mais importante do país, ultrapassando o Rio de Janeiro, então capital federal. Dean afirma ainda que nos anos de 1940, a maior aglomeração industrial da América Latina estava concentrada na capital paulista[213].

[212] Cf. Warren Dean, *op. cit.,* p.36.
[213] Cf. Warren DEAN, *op. cit.,* p. 20.

Foi nesse contexto histórico que surgiu uma publicação mensal produzida pela FIESP, pelo CIESP, SESI e SENAI: a *Revista Industrial de S. Paulo*, fundada por Roberto C. Simonsen[214], a qual, já no primeiro número (edição do mês de dezembro de 1944), destacou que seriam apresentadas "inúmeras novidades nos termos da iniciativa e do engenho, que refletem a pujança do parque industrial brasileiro"[215]. Eram comuns os anúncios da própria revista, que chamavam a atenção para a importância da valorização da indústria nacional, como dois exemplos a seguir:

> "Consumir produtos nacionais
> é um dever de patriotismo
> é contribuir para o desenvolvimento da nossa produção
> é ajudar a libertação econômica do Brasil"[216]

> "A Revista Industrial de S. Paulo é o órgão de defesa da indústria. Prestigia-la é zelar pelo próprio interesse"[217]

Em 1948, na edição de número 48, a *Revista Industrial de S. Paulo* publicou, como matéria da capa, artigo sobre a "Indústria de Brinquedos no Brasil". Com o intuito de valorização desse tipo de indústria, o texto exaltava a produção paulistana, a qualidade dos produtos e a especialização dos operários, além de destacar que o país tinha chegado a exportar brinquedos para os Estados Unidos durante o conflito da Segunda Guerra (considerado um grande feito, por ser aquele país o grande produtor mundial desse tipo de mercadoria àquela época), embora tenha notado que não foi muito significativa. O artigo ainda apresentava diversas fotografias da produção de brinquedos em São Paulo, para realçar a qualidade, a produção seriada (característica fundamental de uma "grande

---

[214] Sobre o papel de Roberto Simonsen no que concerne à industrialização de São Paulo, ver o estudo de Fábio MAZA. *O idealismo prático de Roberto Simonsen. Ciência, tecnologia e indústria na construção da nação.* São Paulo: FIESP/CIESP/IRS, 2004. (Originalmente Tese de doutoramento apresentada na área de História Social da FFLCH-USP em 2002). Para Simonsen, de acordo com Maza, a industrialização estava diretamente ligada à construção da nação.
[215] *Revista Industrial de S. Paulo,* ano 1, número 1, dezembro de 1944, p.1.
[216] *Revista Industrial de S. Paulo,* ano IV, número 39, fevereiro de 1948, p.64.
[217] *Revista Industrial de S. Paulo,* ano IV, número 40, março de 1948, p.71.

indústria”) e a variedade dos artigos confeccionados[218]. Em outras palavras, valores nacionalistas, os quais, segundo a observação de Edgard Carone, durante aquele período,

> “o conceito [de nacionalismo] varia, sofrendo duas fases distintas. Em nenhuma delas ele toma caráter radical e nacionalizador. Ele é acentuadamente ufanista e de conteúdo estreito, vinculado ao problema em si, o da defesa da produção industrial; na segunda fase, ele se amplia e o nacionalismo toma sentido mais abrangente, tratando não só da defesa da indústria, mas ligando-se a um conteúdo mais largo e geral”[219]. **(Cf. Figuras 55 a 62)**

Figura 55: Capa da *Revista Industrial de S. Paulo,* que, na edição de Novembro de 1948, número 48, apresentou o artigo principal relativo à Indústria de Brinquedos no Brasil. Acima, diferentes tipos de brinquedos confeccionados em madeira.

[218] *Revista Industrial de S. Paulo,* ano IV, número 48, novembro de 1948, pp.54-62.
[219] Cf. Edgard CARONE, *O pensamento industrial no Brasil (1880-1945).* São Paulo: DIFEL, 1977, pp.9-10.

Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

Figura 56: Operária no trabalho de confecção de um dos modelos de bonecas da indústria paulista. Demonstração do esmero e qualidade superior que se buscava nas fábricas nacionais, para competir com as de outros países.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

Figura 57: Operárias, em grande número, na seção de costura da Manufatura de Brinquedos Estrela em 1948. Quantidade do número de operários em fotografia pretendia demonstrar o desenvolvimento das fábricas paulistas, e era, assim, dado importante.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

Figura 58: A variedade e qualidade das bonecas produzidas em fábrica paulistana. Condições para competir com o mercado de brinquedos importados, em plena fase de nacionalismo, que se refletia na indústria e nos órgãos a ela vinculados.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

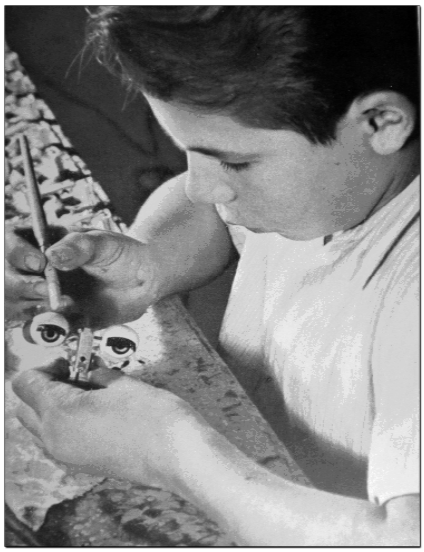


Figura 59: O trabalho infantil para execução de trabalhos mais minuciosos (como a pintura de olhos de bonecos) em fase que, provavelmente, ainda não era visto como tabu no país.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

Figura 60: Emprego de variadas matérias-primas em diferentes brinquedos: o cavalinho de madeira, coberto por pelúcia. Atrás do brinquedo que era executado por operário, outro cavalinho, em tamanho diferente.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

Figura 61: Produção seriada de brinquedos na Manufatura de Brinquedos Estrela. Os artigos de madeira eram sua especialidade nesse período, e são, atualmente, os mais procurados por colecionadores.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

Figura 62: Os piões confeccionados pela Estrela, sendo armazenados pelo operário. Além da madeira, emprego de outras matérias-primas de origem nacional, como o ferro e outros metais.
Fonte: *Revista Industrial de S. Paulo,* novembro de 1948, número 48.
Acervo da Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo.

O texto, dentre outros temas, destacava tais aspectos de valorização da seguinte forma:

> "Como todos sabem, a Segunda Guerra Mundial constituiu fator poderoso para o recente e acentuado desenvolvimento da indústria brasileira. E, no momento atual, muitos setores da nossa manufatura se esforçam por conservar certos mercados mundiais que, com relativa facilidade, puderam conquistar durante o período da conflagração. No que diz respeito a diversos ramos do mercado interno, a posição da indústria brasileira era, ao findar o conflito, naturalmente favorável, muito embora imediatamente se tivesse começado a operar o reajustamento imposto pelo reinicio das atividades fabris nos tradicionais países manufatureiros, que durante anos somente se-haviam dedicado á produção de guerra.
>
> Assim, vários setores industriais que aqui se haviam desenvolvido ante as condições anormais do mundo evidenciaram sinais de fraqueza, decorrentes das facilidades com que seus produtos eram então recebidos por toda parte. O desenvolvimento desordenado foi sustado, dando lugar a planejamentos e organizações mais condizentes com a realidade, de modo a permitir á nossa indústria uma vida em bases sólidas, de acordo com as necessidades do país e em função do movimento manufatureiro internacional. Se muitas indústrias brasileiras ainda lutam bravamente para poderem concorrer com os produtos estrangeiros, numerosas outras já conseguiram atingir uma fase em que podem viver folgadamente, graças ao bom nível de produção, á sua elevada qualidade, ao razoável custo do produto manufaturado. (...) Um dos setores mais recentes da manufatura brasileira é o da produção industrializada de brinquedos. Até o inicio da segunda guerra mundial, não havia no Brasil indústria de brinquedos propriamente dita. Nossa produção, nesse ramo, restringia-se a atividades isoladas, com uma ou outra tentativa de maior vulto, mas sempre com parcos resultados. De modo geral, limitavamo-nos a produzir por assim dizer "domesticamente", isto é, havia por todo o território nacional fabricação de brinquedos em escala simplesmente local, sem maior significação para a economia do país. O grande consumo, principalmente nos centros urbanos importantes, era de brinquedos importados, em cuja produção se haviam especializado muitos países europeus, e, ultimamente, o Japão, que praticamente nos inundava de artigos baratos e de má qualidade. Durante a guerra, não houve importação alguma de brinquedos, o que permitiu o desenvolvimento desse

ramo de manufatura no Brasil, podendo-se, agora, afirmar que constitui elemento positivo em nossa economia". (...) (Grifos nossos)

A matéria observou que esse tipo de indústria também possuía capacidade para exportar seus produtos, como o fez para os Estados Unidos (país que já era um grande produtor de brinquedos diversos desde o século XIX), durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, apontou um problema que impedia o crescimento definitivo das exportações: a deficiência do setor de transportes no Brasil:

> "Desde que foi instituído o regime de licença previa, o Brasil deixou de importar brinquedos. É que o Banco do Brasil não tem concedido licença para a importação desses artigos, por ter certamente adotado o ponto de vista segundo o qual constituem mercadorias dispensáveis num momento de escassez de cambiais. Durante a última guerra, não houve importação alguma de brinquedos. Foi somente em 1946 que se reiniciaram as compras de tais objetos no exterior, ano em que importamos cerca de 10 milhões de cruzeiros. Já em 1947, elevou-se a 40 milhões de cruzeiros a soma dispendida no estrangeiro com a compra de brinquedos. Fato interessante é que durante a guerra chegamos a exportar brinquedos para os Estados Unidos, exportação sem maior significação econômica, mas que indica nossas possibilidades nesse terreno. O certo é que havia maiores quantidades desses artigos para exportação, que só não se fez por falta de transporte".

O trecho seguinte sublinha a importância da variedade e disponibilidade das matérias-primas no país para o engendramento da indústria de brinquedos, bem como a formação da mão-de-obra qualificada para esse trabalho. O mercado consumidor em potencial também era fator em destaque para o incentivo e valorização desse tipo de indústria:

> "(...) até a deflagração da guerra não havia, praticamente, indústria de brinquedos no Brasil. Ainda agora, limitamo-nos a produzir certas qualidades, especialmente os de madeira, de massa, de papel, etc. É que não dispomos de elementos para a produção, por exemplo, de aparelhos elétricos. Mas tal não quer dizer que não possamos proporcionar ás crianças brasileiras brinquedos perfeitos,

interessantes e a preços razoáveis. Temos a matéria prima apropriada para a produção de larga e variada quantidade de brinquedos para o que se torna essencial mão de obra especializada cuja formação foi favorecida pelo período de guerra, que impossibilitou toda espécie de importação. Fez-se agora necessário o desenvolvimento e a melhoria dessa mão de obra, o que possibilitará á indústria novo surto de progresso, e em bases mais firmes.

Para se ter uma idéia das possibilidades da indústria de brinquedos no Brasil, basta dizer que em 1947, segundo cálculos de um técnico (não conhecemos estatísticas seguras a esse respeito), foram dispendidos aqui de 150 a 200 milhões de cruzeiros em tais artigos. Por aí se pode ver o quanto o Brasil já representa como mercado para brinquedos, muito embora ainda seja baixo nosso consumo "per capita". Nos Estados Unidos são dispendidos anualmente 300 milhões de dólares em brinquedos, o que significa gasto de 2 dólares "per capita", o qual em nosso país não passa de 4 cruzeiros, isto é, a décima parte do norte-americano. Nota-se como é pequeno o nosso consumo médio, o que pode ser atribuído, em parte, ao elevado custo do brinquedo".

A fim de demonstrar a qualidade dos brinquedos produzidos no Brasil, o artigo recorria à comparação daqueles fabricados na Europa e Estados Unidos, os locais considerados mais tradicionais e hegemônicos nessa indústria:

"Como dissemos antes, nossa produção não abrange certos artigos com os elétricos, de ferro, etc., se são aqui fabricados, apenas respondem a uma necessidade do momento, em que praticamente estão proibidas as importações devido á exigência de licença prévia. Mas nos outros setores, produzimos artigos de primeira qualidade, que nada ficam a dever aos europeus ou norte-americanos. Já dispomos de fábricas aparelhadas, com os maquinismos mais modernos, os quais, ao lado de mão de obra especializada, permitem a produção de mercadorias de finíssima qualidade. Ainda mais, para essa espécie de brinquedos a matéria-prima é 98% nacional. Já agora se pode dizer que a qualidade dos artigos brasileiros é igual á do melhor estrangeiro".

Os brinquedos, segundo a fonte indica, eram consumidos principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, grandes centros econômicos do país no período em questão[220]. Havia a defesa clara de maiores incentivos governamentais em relação a essa indústria para o seu desenvolvimento, já que os problemas que ela enfrentava foram enumerados ao longo do artigo. Em contrapartida, o texto da *Revista Industrial de S. Paulo* destacou o papel empreendedor dos industriais do ramo em questão, que crescia graças aos esforços dos mesmos:

> "Conforme se disse, calcula-se que se gastam no Brasil de 150 a 200 milhões de cruzeiros em brinquedos, anualmente. E também se pode estimar que a metade da produção nacional é consumida em dois grandes centros: Rio de Janeiro e São Paulo. Na opinião de ilustre técnico no ramo, a clientela brasileira vai melhorando rapidamente seu gosto, ou, em outras palavras, se vai tornando mais exigente e também mais compreensiva dos objetivos dos brinquedos. Esse técnico, que há 12 anos dirige uma grande fábrica de brinquedos, onde trabalham cerca de 500 pessoas e cuja produção se elevará este ano a cerca de 50 milhões de cruzeiros, vem observando a aceitação cada vez maior que vem tendo os brinquedos educativos. Tal fato constituiu, e disso não há a menor dúvida, indicio seguro da melhoria do nível cultural da população.
>
> Interessante é ainda verificar que todas as camadas sociais demonstram igual cuidado pelos artigos destinados á distração das crianças, fato em si mesmo cheio de significação. O aumento do consumo de brinquedos no país está, assim, condicionado a seu custo, ao mesmo tempo que á sua qualidade. O objetivo será, pois, o de proporcionar á clientela artigos bons e a preços acessíveis. E para isso, pode-se observar, se está caminhando paulatina e firmemente, graças aos esforços, á compreensão e á inteligência de numerosos industriais brasileiros, não obstante sejam múltiplas as dificuldades que encontram"[221].

O artigo acima, com os seus trechos principais, não mencionou, em momento algum, o local onde as fotografias foram tiradas. Provavelmente com a intenção de querer demonstrar que as indústrias de brinquedos paulistanas e demais nacionais possuíam aquele

---

[220] Conforme notou Daniel Roche, a cidade constitui o local privilegiado para o consumo. Cf. Daniel ROCHE, *op. cit.*

[221] *Revista Industrial de S. Paulo*, ano IV, número 48, dezembro de 1948, pp. 54-62.

mesmo desenvolvimento e variedade de produtos, em fins dos anos 40. No entanto, em outra página, a publicação explicou a origem daquelas imagens, no caso, a Manufatura de Brinquedos Estrela, conforme se pode observar a seguir:

> "Nossa capa:
>
> A fotografia que estampamos em nossa capa foi tirada na Fábrica de Brinquedos Estrela, sendo do mesmo estabelecimento industrial as demais que ilustramos a reportagem principal deste número, dedicada à produção de brinquedos entre nós.
>
> A perfeição dos artigos e o bom gosto no seu acabamento mostram que nesse ramo de atividade também já atingimos um desenvolvimento apreciável, que honra a indústria nacional.
>
> E trata-se de uma produção nova no país, pois até o começo da última guerra, ainda estávamos na fase artezanal desta atividade, sendo quase todo o consumo constituído de mercadorias de importação. Hoje, porém, já podemos dispensar a compra no estrangeiro de brinquedos para as nossas crianças. E dentro de breve tempo poderemos até exportar, tal o incremento que este ramo industrial está tomando. Quando chegarmos a isso será o ideal, porque seu preço de custo baixará consideravelmente, tornando-se maior o consumo, em virtude de seu preço de venda ser igualmente bem menor".[222]

Da mesma maneira que a publicação produzida pela FIESP citada acima, o periódico *Digesto Econômico* no mesmo período publicou matéria sobre os brinquedos, relacionando-os com o "progresso da indústria brasileira", com a qualidade frente aos fabricados em outros países e como objetos dotados de valores instrutivos e modernos (veja-se, por exemplo, o interesse das crianças mencionadas pelos veículos e acessórios bélicos, no texto produzido concomitantemente à época da Segunda Guerra). A revista em questão foi uma publicação da Associação Comercial de S. Paulo, órgão que também defendia os interesses da indústria paulista.

Na conclusão do referido texto, podemos perceber a defesa da ideia de que houve o desenvolvimento e aumento das fábricas paulistas, em função de diversos fatores (refletindo a defesa da ideia de pujança e progresso desse Estado), e não somente pelo fato

[222] *Idem,* p.26.

da queda de importações de brinquedos provenientes da Alemanha e Japão. Assim, de acordo com o artigo,

> "No tempo, por exemplo, em que o cavalo era um dos meios de transporte mais comuns ao homem, sem dúvida que o cavalo de pau – uma bela cabeça de corcel espetada num cabo de vassoura, foi um dos brinquedos preferidos pelos meninos, que cavalgando aquele pedaço de madeira, partiam pelos corredores – heróis e cavaleiros, à conquista dos últimos cômodos da casa e do fundo de quintal.
>
> Quando as estradas de ferro começaram a desenvolver-se e não constituíam mais segredos ou mistérios para ninguém, um dos divertimentos preferidos foi o trem elétrico, ou mesmo de corda, que dava voltas intermináveis pelos pequenos trilhos marginados de estações e lanterninhas coloridas, sob o olhar vigilante e maravilhado das crianças.
>
> Já nestes tempos de agora é inegável a preferência pelos automóveis, aviões, submarinos e 'tanques'. Um senhor, pai de menino de seis anos, contava-nos que no dia do aniversário do filho recebera este uma quantidade enorme dos mais variados brinquedos. Entretanto, o menino desprezara tudo por um pequeno navio, ligado a um submarino. (...)
>
> Está aí, bem claro, um 'sinal dos tempos' – a influência do cinema, com seus jornais de guerra e fitas de aventura, fazendo a criança interessar-se pelos fatos atuais, que o aproximem da vida, que lhe dêm uma parcela de realidade[223]. (...)
>
> Numa época de guerras e desentendimentos entre os homens, como a que estamos vivendo, o que as crianças querem são revólveres, espingardas, canhõezinhos, barcos e

[223] Heloisa Barbuy ressaltou a importância do brinquedo como objeto difusor de valores. Segundo a autora, "Objeto indissociável da infância, é, na verdade, uma auto-representação adulta. Veicula o modo como uma sociedade se vê e como se apresenta para as crianças. Assume a função de modelo (...) e entre os muitos recortes que se podem fazer do brinquedo enquanto modelo, está aquele que examina como vetor de modelização do trabalho. Pelo brinquedo, muito se ensinou a meninas e meninos sobre sua função na sociedade. Quais as atividades, quais os trabalhos 'apropriados' para um e para outro sexo. Para elas, as atividades domésticas se exercitaram nos conjuntos de fogõezinhos, panelinhas, louças em miniatura, maquininhas de costura e ferrinhos de passar; pequenas mobílias, casinhas inteiras, o mundo doméstico, enfim, povoado de bonecas e bebês. Para eles, máquinas, veículos, revólveres de brinquedo. (...) A sensação de atuação sobre o mundo e a compreensão dos modos de funcionamento de máquinas moldavam o homem de ação, pronto para trabalhos de inteligência e enfrentamento. Controlar todo o trajeto de um trem, construir prédios e cidades, acionar uma caldeira a vapor – princípio da movimentação das fábricas – e ter como seus semelhantes soldadinhos, por exemplo, americanos, sérios ou engraçadamente simpáticos, estes seriam os quadros onde inscrever as atividades profissionais do adulto futuro". Cf. Heloisa BARBUY. "Brinquedos: modelos introjetados". In: Adilson Avansi de ABREU (org.). *Quantos anos faz o Brasil?* São Paulo: EDUSP, 2000, pp. 49-51.

submarinos, aviões e automóveis e, em geral, brinquedos que lhes dêm a sensação de estarem vivendo a vida dos mais velhos. (...) As meninas continuam não dispensando as bonecas, os pequenos fogões e as panelas em miniatura, para fazer "comidinha". E, ainda aqui estamos notando a tendência da menina para imitar a mulher, fazendo-se mãe e dona de casa.

(...)

Falemos um pouco do que tem sido o desenvolvimento de sua indústria, em nosso país (...). Tomando o ano de 1939 como referência, nos números citados sobre essa indústria, temos que São Paulo foi – e continua a ser – o maior produtor nacional de brinquedos. A produção do Estado corresponde a 78,64% da produção de brinquedos no país.

(...)

Esses números indicam bem como a indústria de brinquedos se vem desenvolvendo e crescendo em nosso Estado.

(...)

Com a queda da importação, proveniente em sua maior parte da Alemanha e do Japão, e com o desenvolvimento e aumento das nossas fábricas, cuja produção aumenta de ano para ano, não será exagero prognosticarmos que dentro em breve o Brasil poderá transformar-se num grande exportador de brinquedos. Já abastecemos vários países do continente. Na África portuguesa são encontrados brinquedos de nossas fábricas. (...)"[224]

Sabemos que a Manufatura de Brinquedos Estrela, por sua trajetória duradoura no ramo em questão, era sempre citada como referência no que diz respeito à fabricação de brinquedos em território nacional. Contudo, as demais fábricas que foram surgindo simultaneamente na cidade de São Paulo, realizaram um esforço, através da veiculação de anúncios, por exemplo, para associar o empreendimento a um discurso nacionalista. A Condor, fabricante de brinquedos e carrinhos, não só mostrou no periódico *Correio Paulistano* no ano de 1942 a variedade que produzia, mas ressaltou ser "uma grande marca e orgulho da indústria nacional". **(Figura 63)**.

[224] Cf. *Digesto Econômico,* no. 13, Dezembro de 1945, Ano II, pp. 43-48.

Figura 63: No dia 29 de Novembro de 1942, a Condor, fabricante de origem paulistana de carrinhos e brinquedos, ressaltou a sua origem nacional, valorizando-a.
Fonte: *Correio Paulistano*, página 17.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Os exemplos de notícias ou matérias de cunho nacionalista, de exaltação do processo de industrialização no Brasil (ou, especificamente em São Paulo) corroboram a tendência estudada por Nícia Vilela Luz, aquilo a que ela chamou de "movimento industrialista", o qual, segundo ela

> "fundamentando-se argumentos de ordem nacionalista, advogava a industrialização do país como condição imprescindível de prosperidade, de estabilidade econômica e grandeza nacional."[225]

Por fim, destaca-se aqui um brinquedo fabricado pela Metalúrgica Matarazzo, por volta do contexto da Revolução Constitucionalista de 1932. É um tanque de guerra, feito de lata, que integra, atualmente, o acervo de um colecionador em São Paulo. Em consonância

[225] Nícia Vilela LUZ. *A luta pela industrialização do Brasil (1808-1930).* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, pp. 9-11.

com a época, o veículo bélico em miniatura, para crianças, repleto de valor regionalista, foi produzido pela Metalma[226]. **(Cf. figura 64)**.

Figura 64: Tanque produzido pela Metalúrgica Matarazzo S.A. Colaboração de Francisco Matarazzo Sobrinho na produção de capacetes e outros objetos para os paulistas durante a Revolução de 1932, e, para a representação de uma época, a fabricação de um brinquedo e seu significado.
Fonte: *O Estado de S. Paulo,* segunda-feira, 12 de outubro de 2009.
O brinquedo integra o acervo particular de Sérgio Campos, entrevistado pelo jornal para a matéria que versava a respeito de colecionadores de brinquedos antigos.

[226] Giannandrea Matarazzo, sobrinho de Ciccillo, revelou em entrevista a Ronaldo Costa Couto, que o seu tio chegou a cooperar com os rebeldes em 1932. O parente ainda se lembra de ter visto cantis e capacetes fabricados na empresa naquele período. Cf. Ronaldo Costa COUTO. *Op. cit.,* p.186 (volume 2). O catálogo da Exposição Industrial de 1950 tratou o mesmo tema, no capítulo onde destacava a importância do setor de estamparia de metais do Estado de São Paulo e sublinhava que "(...) a indústria de estamparia de metais é importante porque abarca inúmeros setores e uma infinidade de aplicações práticas. Por outro lado, essa indústria se reveste de capital importância para a defesa nacional devido a sua fácil reconversão, como aconteceu por ocasião da mobilização bélica de São Paulo que gravou com letras de ouro na nossa história a epopéia constitucionalista. Em 1932 desse setor promanaram os capacetes de aço. E na presente conjuntura mundial, é bem possível que aqui voltaremos a fabricar capacetes de aço para uma nova epopéia democrática contra as forças demoníacas de exóticas ideologias que ameaçam a civilização ocidental". *Catálogo Oficial da Exposição Industrial organizada pelo Departamento da Produção Industrial da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, com a colaboração do Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo*. São Paulo, Agosto de 1950. Capítulo "Indústria de Estamparia de Metais".

Capítulo III – Brinquedos Metalma e outros de origem paulistana: documentos históricos

> *"Os livros de História e os brinquedos, às mãos de técnicos, transformam-se em poderosos instrumentos de educação para a paz. É indispensável começar de madrugada, quando as inteligências das crianças se encontram ainda em condições de receber o influxo das ideias nobres. Os livros e os brinquedos ensinam divertindo. Um revolver em miniatura, graças à perfeição a que chegou a industria dos revolveres de brinquedo, despertará invariavelmente instintos sanguinários, dado que a ideia de crime, e portanto, de morte, anda ligada ao gatilho. Um trensinho elétrico, não. Um trensinho elétrico despertará nas crianças o apetite de viagens longas, de um lado e o gosto das comunicações rápidas e fáceis, de outro.*
>
> *O nosso apelo aos fabricantes de brinquedos como aos produtores de livros infantis é o mais caloroso possível. Urge formar gerações pacíficas. É claro que não foram os livros de História nem os brinquedos belicosos que arrastaram o mundo, no século sob o qual vivemos, à guerra de 1914 e à guerra de 1939. Ensina, porém, a pedagogia que uma ideia de bondade se fixando no cérebro do homem ao tempo da meninice pode desabrochar, na idade da razão e do entendimento, em compreensão, solidariedade e simpatia".*
>
> *("Livros e Brinquedos"*, artigo extraído d'*O Correio Paulistano*, terça-feira, 14 de dezembro de 1943, p. 4)

Uma vez realizada a circunscrição e contextualização da Metalúrgica Matarazzo S.A. em relação à industrialização de brinquedos em São Paulo durante a primeira metade do século XX, pretendemos compreender de que maneira os ideais do "nacionalismo" e "modernidade" se concretizaram através dos brinquedos da marca "Metalma", bem como de outras marcas paulistanas desses objetos, que também integram o *corpus* documental de nosso estudo. Para tanto, os brinquedos (objetos em si, além de anúncios publicitários e outras formas de sua divulgação no período) constituirão a nossa principal fonte para análise neste capítulo, seguindo os preceitos de estudiosos da História da Cultura Material, como Daniel Roche, o qual notou o desinteresse de objetos do uso cotidiano como conjunto de documentos em diferentes áreas das Ciências Humanas por muito tempo e sustentou, ao contrário, o seu devido valor. Segundo ele, a

nossa cultura banaliza o objeto e seu papel na sociedade; ela esquece seu lugar e sua função, ou então só quer ver neles a expressão e a causa da nossa alienação definitiva"[227].

Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, em artigo sobre a importância da Cultura Material para o estudo das sociedades antigas (embora as demais sociedades aí estejam também incluídas para análise, conforme ressaltado pelo próprio autor), apontou que:

> "(...) várias vantagens fornecidas pelo documento material podem ser listadas. Já se mencionou sua ubiqüidade que não encontra paralelo na documentação textual. Acrescente-se sua menor permeabilidade ideológica, as facilidades para tratamento quantitativo e comparativista, o caráter preponderante de anonimato. Tal caráter de anonimato, associado à serialidade, à repetição, faz dos artefatos excepcional veículo para estudo de um domínio cuja importância visceral os historiadores, nos últimos anos, têm chamado a atenção: o quotidiano, o domínio do banal, da purificação do evento, das tendências quase em estado 'natural': o banal e a recorrência não costumam integrar as prioridades do registro escrito"[228].

Nesta esteira, Heloisa Barbuy salientou que os artefatos, ou objetos tridimensionais, constituem fontes bastante relevantes para a compreensão das sociedades, afinal, foram elas, inseridas em contextos determinados, que os conceberam e produziram. Assim, segundo a autora,

> "De fato, se tratados do ponto de vista histórico, os artefatos são, sem dúvida alguma, poderosos portadores de informações, mesmo individualmente, mas, sobretudo, enquanto integrantes de sistemas culturais configurados materialmente. Basta nos questionarmos sobre as noções que se tem, mesmo em senso comum (e talvez principalmente nesse âmbito), sobre a história, sobre o passado, sobre 'como eram as coisas' nesse ou naquele tempo, em um ou outro lugar, para nos darmos conta de que grande parte das idéias que se tem sobre o mundo diz respeito à dimensão material da cultura, isto é, dificilmente se pensa no passado como algo abstrato, mas sim como

[227] Daniel ROCHE, *op. cit.,* p. 12.
[228] Cf. Ulpiano Toledo Bezerra de MENESES. "A Cultura Material no estudo das sociedades antigas". In: *Revista de História,* São Paulo, Departamento de História da FFLCH/USP, no. 115, p.103-117, jul.-dez. 1983.

algo estruturado por condições e características materiais relacionadas a modos de vida e mentalidades. Assim, a dimensão material, além de constituir-se em condição *sine qua non* da própria existência humana, é também, e por isso mesmo, condição estruturante da compreensão intelectual e psíquica da realidade"[229].

Susan M. Pearce, em artigo intitulado *Thinking about things*, também destacou a importância do papel dos objetos e de coleções de museus para o estudo das sociedades, notando que

> "Objects embody unique information about the nature of man in society: the elucidation of approaches through which this can be make to our understanding of ourselves. (…)
> Objects exist in a locational relationship to other artefacts and to landscape and the study of these relationships can be very fruitful for our understanding of the role of the artefact"[230].

Walter Benjamin, que se tornou referência para as diversas áreas que versam sobre o universo da criança, inclusive as que abordam o tema sob a óptica da Cultura Material, em 1928 já havia considerado que os brinquedos industrializados serviam como objetos de adestramento das crianças para a vida adulta. Assim como ele, Roland Barthes, anos depois, criticou os modelos concebidos para a produção dos brinquedos em seu país, pois representavam meramente aspectos da vida adulta em forma de miniatura (residindo aí o que ele chamou de *mitologias*, ou seja, os códigos transmitidos e que se tornam padrões). Com isso, via ele que as crianças tornar-se-iam proprietárias, jamais criadoras, caso tivessem somente o brinquedo industrializado para brincar[231].

Daniela Pelegrinelli, a qual desenvolveu estudo sobre a indústria de brinquedos argentina – que surgiu, segundo ela, em fins do século XIX –, avaliou que os brinquedos nada têm de inocentes, pois a cultura os molda segundo costumes, modos de pensar e

---

[229] Cf. Heloisa BARBUY. "Documentação museológica e a pesquisa em museus". In: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. *Documentação em museus*. Rio de janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2008, p. 34.
[230] Susan M. PEARCE. "Thinking about things". In: Susan M. Pearce. *Interpreting objects and collections.* London/New York: Routledge, 1994, p. 125, 130.
[231] Cf. Walter BENJAMIN, "*História Cultural do Brinquedo"*, *op. cit.*, p.89-94; Roland BARTHES, *op. cit.*

trabalhar. Os produtos de uma indústria, incluindo-se aí os brinquedos, são fieis a sua época[232].

Em relação aos diferentes estudos desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos a respeito do brinquedo industrializado, não são poucos os autores especializados no assunto que também consideram esse artefato como portador de informações sobre determinada sociedade; seja para tecer-lhe críticas, seja para valorizá-lo, pensam-no como documento cultural.

Richard O'Brien, em obra sobre a história dos brinquedos nos Estados Unidos, tomou como exemplo de brinquedo a Arca de Noé, conjunto de peças o qual, segundo ele, foi um dos brinquedos mais bem sucedidos no período que compreendeu os últimos decênios do século XIX. Feito de diversos tipos de materiais e tamanhos, foi particularmente popular nas residências de famílias que seguiam rigorosamente os preceitos religiosos, como guardar o domingo. E o uso do brinquedo era permitido nesses dias, pelo fato de representar e transmitir à criança um episódio bíblico[233].

Hugo Marsh, por sua vez, em capítulo onde versou a respeito de brinquedos europeus de lata, destacou que colecionadores especializados nesses artefatos têm particular interesse em determinadas figuras humanas de folha de flandres produzidas na Alemanha nos anos imediatamente seguintes ao fim da Segunda Guerra Mundial. Esses brinquedos, movidos a corda, representam trabalhadores comuns, como fazendeiros ou estivadores, executando suas atividades diárias. O que desperta interesse aos que colecionam, bem como aos historiadores, segundo ele, são as suas feições determinadas, como se refletissem a decisão de reconstruir a economia alemã[234].

Em consonância à recuperação econômica observada no pós-guerra, por volta dos anos de 1950 esses brinquedos tornaram-se muito mais alegres, despreocupados. Assim que a Alemanha voltou a desfrutar de uma economia próspera, esses brinquedos refletiram a nova riqueza; o semblante dos bonecos de brinquedo é, conforme Marsh, frequentemente mais contente em aparência, enquanto os veículos representavam, simultaneamente, os mais luxuosos modelos em circulação[235].

---

[232] Daniela PELEGRINELLI, *op. cit.*, p.11.
[233] Ver Richard O'BRIEN, *op. cit.,* p. 138.
[234] Hugo MARSH, *op. cit.,* p. 161.
[235] *Idem, ibidem.*

Embora os brinquedos alemães do período fossem de qualidade equivalente àqueles dos anos pré-guerra, o último conflito entre a Alemanha e os países Aliados ainda persistia na memória popular. Consequentemente, o autor afirmou que países tradicionalmente consumidores dos brinquedos de fabricantes alemães, como Inglaterra e França, preferiram comprar os produzidos em seus próprios países. Para Marsh, esse traço patriótico é evidente, sobretudo, nos brinquedos de lata ingleses, com uma campanha nacional no fim dos anos 40 a qual estimulava as pessoas a comprarem brinquedos ingleses (*"Buy British"*). Os brinquedos foram ferramentas convenientes para anunciar essa mensagem, e é comum, aqueles que colecionam, encontrar brinquedos de lata desse período com *slogans* patrióticos estampados. Além da difusão de publicidade, Hugo Marsh notou que, embora uma variedade de veículos de brinquedo fosse produzida nos últimos anos da década de 1940 e inícios dos anos 50, foram os trens e os *trolley-bus* (nesse caso, os modelos de ônibus elétricos de dois andares) os exemplos mais populares, justamente no período em que um grande número de pessoas não tinha o seu próprio carro[236].

No *Deutsches Historisches Museum*, instituição que preserva em seu acervo cerca de 2500 brinquedos produzidos entre a I Guerra Mundial e o III Reich, há, como em tantos outros museus que possuem esse tipo de objeto, um exemplo bastante elucidativo sobre o mesmo portar informações, prestar-se como fonte histórica: é uma casa de bonecas elaborada no tempo do regime Nacional-Socialista (1933-1945). Informa-nos o museu que o artefato foi confeccionado em madeira, papel, tecidos e metal, assim como descreve o seguinte:

> *"mesmo os mais jovens membros da família foram doutrinados pelos nazistas. Assim, a casa de bonecas, como um mundo em miniatura, representa o cotidiano no III Reich. Motivos da vida da Juventude Hitlerista (Hitlerjugend) decoram a tapeçaria da cozinha. (...) Os outros dois quartos da casinha são também mobiliados com símbolos da ideologia dominante."*[237]

---

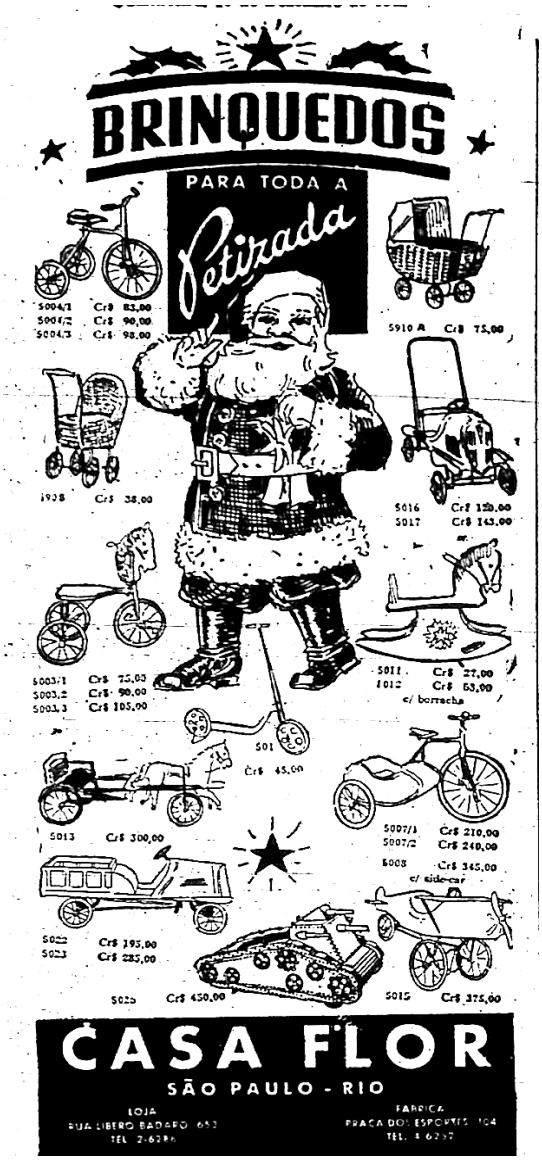
[236] *Idem, ibidem.*

[237] Dimensões da casinha: 42,3 X 140 X 38,5 cm. Endereço: http://www.dhm.de/ENGLISH/sammlungen/alltag3/spielzeug/ak92_153.html (tradução nossa). Último acesso em dezembro/2011.

Além dos anúncios do período abordado em nosso estudo, conforme já demonstrado no capítulo precedente, o próprio brinquedo paulistano, examinado como artefato, apresenta determinados elementos que se traduziam como valores à sociedade paulistana da época, como o nacionalismo e a modernidade, da mesma maneira que os exemplos citados acima transmitiram valores às crianças de acordo com o seu próprio contexto[238]. Podemos destacar, quanto a esses elementos: os tipos de matérias-primas empregadas ou o modelo do brinquedo estrangeiro como inspiração para a confecção nacional (indicando que a modernidade se relacionava ao estrangeiro, mas seu modelo podia servir à veiculação de uma afirmação nacional), a apropriação de eventos históricos contemporâneos (guerras, por exemplo, conforme vimos no caso do tanque produzido pela Metalúrgica Matarazzo durante a "Revolução de 1932") como temas para a produção de tais objetos, dentre outros.

Note-se que, em texto da revista *Digesto Econômico*, do mês de dezembro de 1945, sublinhava-se que os fatos recentes relacionados à Segunda Guerra Mundial propiciavam a elaboração de brinquedos com temáticas bélicas e o conseqüente interesse das crianças por esses tipos de objetos, conforme mencionado. Com efeito, logo no início da década de 1940, a Casa Flor, outro exemplo de fabricante de brinquedos estabelecido em São Paulo desde meados dos anos 30 e com filial no Rio de Janeiro, anunciou como novidade o "Carro de Assalto": um tanque de guerra, em cuja publicidade se lia: "o brinquedo do momento". Acontecimentos recentes, assim, incitavam a produção desses artigos para a criança, embora a sua fabricação tenha sido tema de discussão e preocupação em artigo publicado no jornal *Correio Paulistano*, em dezembro de 1943, segundo epígrafe deste capítulo. **(Figuras 65 e 66)**.

[238] Sobre a difusão de valores, como a modernidade, feita pela publicidade na cidade de São Paulo, ver Márcia PADILHA, *op. cit., passim.*



Figuras 65 e 66: Dois anúncios da Casa Flor contendo o "carro de assalto" (tanque de guerra). O anúncio do topo foi veiculado no jornal Correio Paulistano, no dia 7 de dezembro de 1941, p.13; o seguinte, contendo a figura do Papai Noel e variedade de brinquedos produzidos pelo estabelecimento dos irmãos Flor, foi a público no ano seguinte, no dia 16 de dezembro, p.7.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

No caso de São Paulo, também, o trem, meio de transporte associado à ascensão da indústria e ao desenvolvimento econômico do Estado paulista[239], foi, por muitas décadas, modelo concebido para a confecção de brinquedos e, frequentemente, a publicidade de lojas paulistanas destacava esse brinquedo, tanto o importado como o nacional, como vetor de valores e representação do moderno, da velocidade, enfim, do progresso. A Metalúrgica Matarazzo, inclusive, foi uma das que mais produziu trenzinhos de lata no período abordado pelo estudo, fossem modelos "de luxo" (denominação para aqueles que tivessem, em sua composição, vagões de passageiros e acessórios, como estações e sinais) ou "de carga" (aqueles que, ao contrário de vagões destinados a pessoas, possuíssem tender ou mesmo vagões para transporte de produtos), com diferentes mecanismos de acionamento de movimento, como tração, fricção ou corda. (**Cf. figs. 67 e 68**).

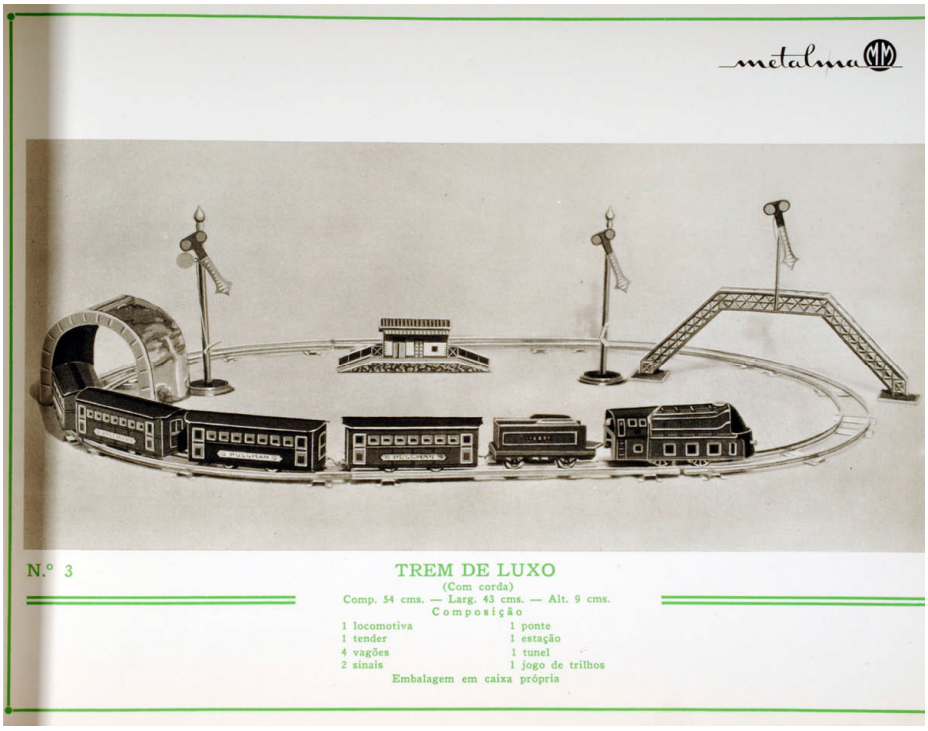


Figura 67: Modelo de Trem de Luxo produzido pela Metalúrgica Matarazzo, composto também por ponte, estação, túnel, jogo de trilhos e sinais, divulgado em catálogo contendo brinquedos e artigos domésticos da fábrica em questão.

[239] Em 1935, a revista *Ilustração Brasileira* publicou matéria a respeito da ascensão das estradas de ferro no Brasil. Nela, há um trecho que deixa claro o papel da ferrovia para a conquista do progresso, para o imaginário da época: "Os caminhos de ferro constituem elemento primordial no futuro de um povo, representando sempre o melhor índice do progresso de um paiz". Cf. *Ilustração Brasileira*, s.n., novembro de 1935, p. 33 e segs.

Fonte: Catálogo Ilustrado de Brinquedos e Artigos Domésticos Metalma (década de 1940 ou 1950, provavelmente).
Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

Figura 68: Diferentes modelos de trenzinhos de folha-de-flandres litografada, em catálogo produzido pela Metalma. Note-se que há o modelo de “locomotiva com tender e um vagão” no Serviço de Objetos do Museu Paulista da USP.
Fonte: Catálogo Ilustrado de Brinquedos e Artigos Domésticos Metalma (década de 1940 ou 1950, provavelmente).
Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

Dessa forma, ainda que os tipos de brinquedos produzidos pelos fabricantes da capital paulista fossem baseados numa matriz estrangeira, podemos afirmar que havia uma seleção do tipo de brinquedo a ser produzido pela Metalúrgica Matarazzo. A fabricação realizada por ela dos modelos de trenzinhos de lata para as crianças era, provavelmente, deliberada, se considerarmos que havia, concomitantemente, diferentes tipos de veículos associados à modernidade sendo fabricados nos países considerados mais tradicionais quanto à sua confecção. Acreditamos que essa opção se devia ao fato de se querer, através do brinquedo, estabelecer um sentido para a criança, de relacioná-la com a realidade e as transformações pelas quais a capital paulista passava, como no caso do trólebus na Inglaterra e daqueles anteriormente mencionados. Enquanto diferentes modelos de trenzinhos de folha de flandres foram produzidos e comercializados pela Metalma, a mesma indústria não incluiu em seu repertório modelos de navios, transatlânticos, barcos e

submarinos, justamente porque eram brinquedos que, para o caso de São Paulo, não estabeleciam a associação que se pretendia com o cotidiano; em outras palavras, não havia conexão com a realidade paulistana do período[240].

Citemos um anúncio difundido no dia 13 de agosto de 1933 da marca de sapatos Clark que, a fim de convencer o leitor/consumidor das suas características modernas, assim como notar que fazia parte do mercado de calçados nacional por mais de 100 anos, não deixou de associar a figura de um modelo de sua marca com a de um avião e, sobretudo, a de uma locomotiva em movimento. A Casa São Nicolau, no mês de dezembro de 1936, indicou em seu reclame publicado n'*O Estado de S. Paulo* uma criança brincando com o seu novo trenzinho, com sinal, trilhos, e destacou que tudo ali se encontrava, "do mais valioso brinquedo até o mais modesto, fino, bem acabado, instrutivo e durável". **(Cf. figura 69 e 70)** Vê-se, assim, que um valor que já vinha sendo veiculado na publicidade, também passou a ser feito pelo objeto tridimensional de uso da criança.

[240] A Märklin, por exemplo, que é referência no que concerne à produção de trenzinhos de brinquedo, ao contrário da Metalúrgica Matarazzo, também produziu série de navios com detalhes muito realistas. Cf. Jack TEMPEST, *op. cit.,* pp. 62-68. Os catálogos, o acervo de brinquedos Metalma que vem se formando no Museu Paulista da USP e a preferência de colecionadores de brinquedos nacionais pelos trenzinhos da marca constituem indícios sobre essa questão da não-opção em elaborar modelos de barcos, aviões diferentes, enfim, a não ser um ou outro, em catálogos de diferentes anos, e modelo de lancha, já nos últimos anos de funcionamento de sua seção de brinquedos.

Figura 69: anúncio publicitário veiculado n'*O Estado de S. Paulo*, domingo, 13 de agosto de 1933, página 13.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 70: Anúncio da Casa São Nicolau que destacava trem como brinquedo "instrutivo".
Fonte: *O Estado de S. Paulo,* domingo, 20 de dezembro de 1936, p. 18.
Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Mas não foram somente trenzinhos “de carga” ou “de luxo” que a Metalma produziu, de acordo com aqueles utilizados no cotidiano do trabalho, no mundo dos adultos. Outro caso significativo é do veículo conhecido como “Rolo Compressor”, utilizado para os trabalhos de pavimentação no processo de urbanização das cidades (e, assim, associado à ideia de sua modernização). Em 1929, um anúncio, na revista *Ilustração Brasileira,* do importador alemão Theodor Wille[241] destacava o modelo “Henschel”, que era fornecido para o serviço de pavimentação da cidade de São Paulo. A Metalúrgica Matarazzo, por sua vez, em sua seção de brinquedos, produziu o veículo em questão como brinquedo, em modelo extremamente semelhante àqueles que executaram serviços na capital paulista. **(Cf. figuras 71 e 72).**

Figura 71: O Rolo Compressor em anúncio do comerciante-importador Theodor Wille...
Fonte: *Ilustração Brasileira*, número 109, Anno X, Setembro de 1929.
Acervo da Biblioteca do Museu Paulista da USP.

[241] Sobre o papel de Theodor Wille no ramo de importação e exportação, ver o estudo de Maria Luiza de Paiva MORAES, *A atuação da firma de Theodor Wille & Cia no mercado cafeeiro do Brasil, 1844-1918.* São Paulo, 1988, Tese de Doutoramento, História, FFLCH-USP, e também de Carina Marcondes Ferreira PEDRO. *Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material (1870-1900).* São Paulo, 2010, 109 p., Dissertação de Mestrado, História, FFLCH-USP, pp.56-59. Em linhas gerais, Wille chegou ao Brasil em 1838. Trabalhou, de início, no Rio de Janeiro e, no ano de 1844, transferiu-se para Santos. Além de importador, foi também exportador de produtos primários do Brasil, como café, açúcar e algodão. Sua filial em São Paulo foi aberta no ano de 1852.

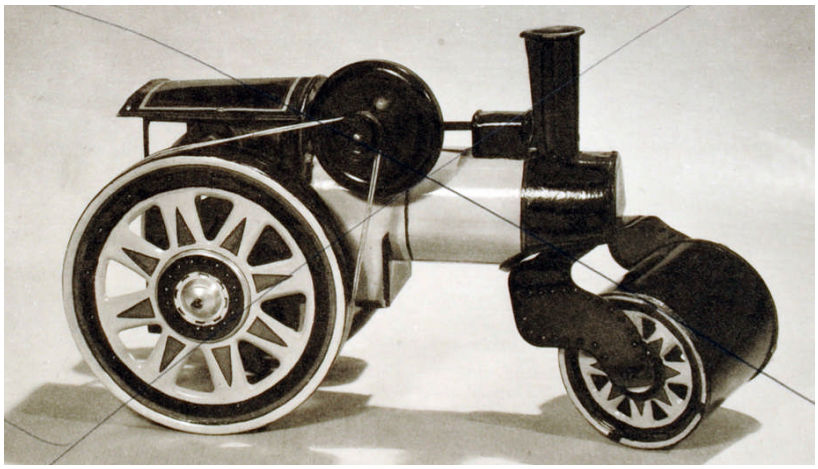
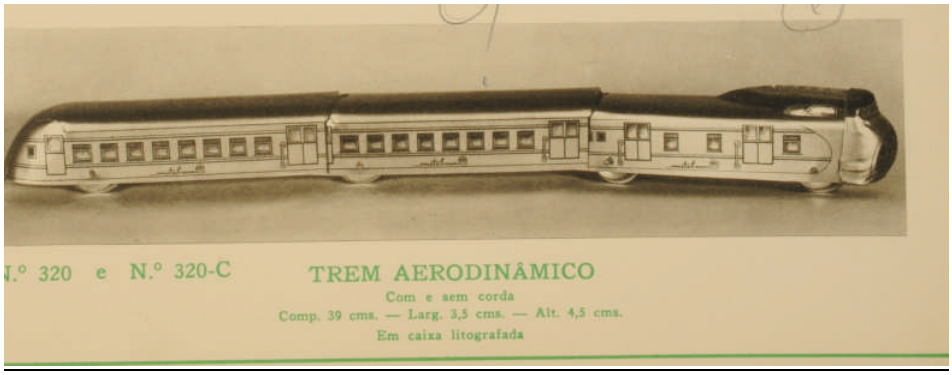
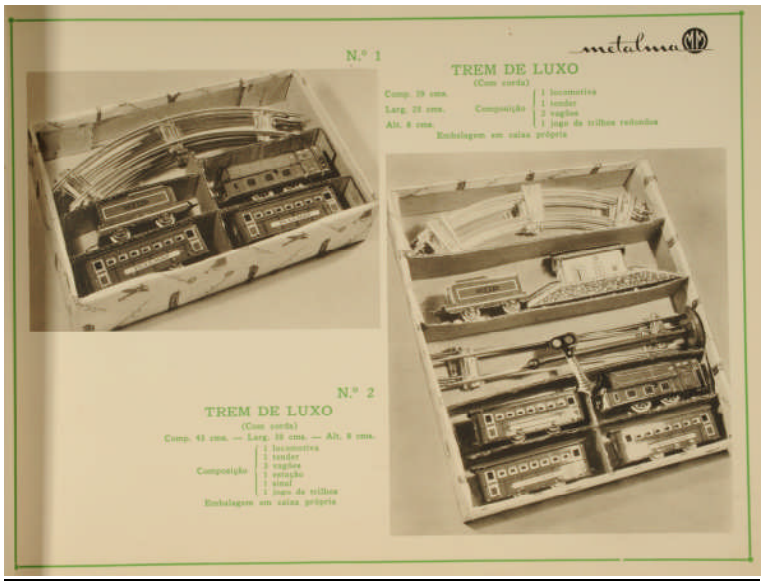


Figura 72: ... o qual serviria de exemplo para a produção na Metalúrgica Matarazzo como brinquedo feito a partir de folha-de-flandres. Página de catálogo de brinquedos e utilidades domésticas da Metalúrgica Matarazzo S.A.
Fonte: Catálogo Ilustrado de Brinquedos e Artigos Domésticos Metalma (década de 1940 ou 1950, provavelmente); também há dois exemplares desse modelo no acervo do Serviço de Objetos do Museu Paulista da USP.
Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

No mesmo catálogo, datado dos anos 50 provavelmente, ao lado de modelos de carrinhos, jipe de guerra, carrinhos com garagem, dentre outros brinquedos, foi colocada em destaque na publicação variedade significativa de trenzinhos: um trem aerodinâmico[242], três diferentes modelos de trem de luxo, um trenzinho de vagão, um trenzinho de três vagões, uma locomotiva, e, por fim, uma locomotiva com tender e vagão contendo as inicias "E.F.C.B." (Estrada de Ferro Central do Brasil), todos de folha de flandres litografada e quase todos contendo conjunto de trilhos e pequenos acessórios ferroviários, como estação, sinal e ponte[243]. **(Cf. figuras 73 e 74)**



[242] O modelo de trem aerodinâmico era visto como "sensação", segundo O'Brien, em meados da década de 1930 nos Estados Unidos. Cf. Richard O'BRIEN, *op. cit.,* p.138.
[243] Além das figuras 64e 65, já apresentadas, ver também figuras 67 e 68.



Figuras 73 e 74: os outros modelos de trens no catálogo Metalma: o aerodinâmico e outros dois modelos "de luxo".
Fonte: Catálogo Ilustrado de Brinquedos e Artigos Domésticos Metalma (década de 1940 ou 1950, provavelmente).
Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

Simultaneamente à decadência das ferrovias frente à inauguração das rodovias em São Paulo e pelo Brasil – principalmente a partir do governo de Juscelino Kubitschek, em meados da década de 1950[244] –, o trem de brinquedo, para o caso da Metalúrgica Matarazzo, foi sendo gradativamente substituído por automóveis diversos, como carros de passeio e modelos de ônibus, conforme podemos verificar a partir dos próprios brinquedos e pela divulgação de alguns catálogos impressos da Metalma. Em outros termos, o brinquedo expressou as transformações econômicas e sociais pelas quais o país passava; o trem, antes expressão da modernidade no contexto paulista, deixou de fazer sentido com a ascensão do transporte rodoviário e a sua conseqüente obsolescência.

Ao contrário do catálogo da década de 1950, com os seus variados modelos de trenzinhos, a Metalma produziu um catálogo nos anos 70 onde publicou somente dois modelos de trenzinho, sendo um deles a miniatura do metrô, movido por impulso com mecanismo a fricção; e o outro denominado "trem de luxo", em nada semelhante àqueles já mencionados, pois apresentava somente duas peças (locomotiva e vagão), com movimento

[244] Sobre essa questão ver Fernando de Pádua LAURENTINO. *Várzeas do Tamanduateí: industrialização e desindustrialização.* São Paulo, 2002, 155p., Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.

simples de tração, sem acessórios. Os trenzinhos de luxo da década de 1950 eram todos movidos a corda, e mesmo os demais tipos foram produzidos tanto na versão "com corda", como "simples". **(Cf. figura 75)**

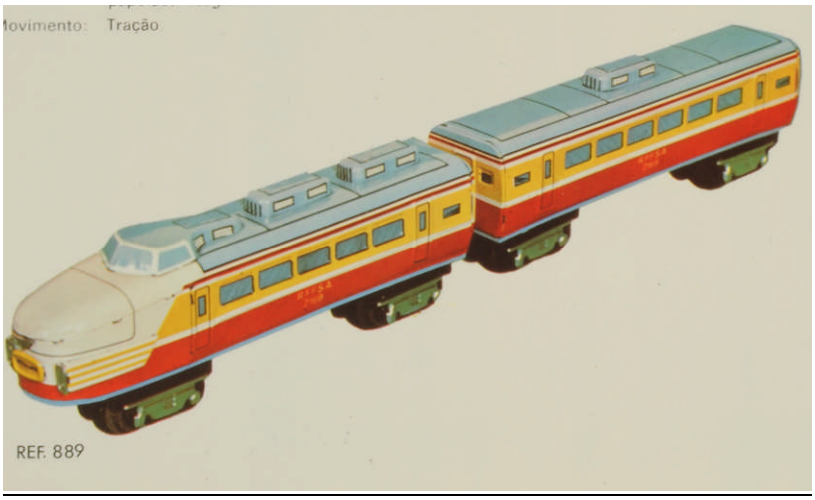


Figura 75: Na década de 1970, o modelo de "trem de luxo" da Metalma já não era tão luxuoso assim, se comparado aos produzidos nas décadas de 1940 e 1950. Acionado com movimento simples de tração, também não teve conjunto de acessórios, como trilhos, por exemplo.
Fonte: Catálogo "Brinquedos Metalma – uma alegria para as crianças", década de 1970.
Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

Além dos dois modelos de trem do catálogo da fase final da Metalúrgica Matarazzo, os brinquedos para os meninos fabricados em maior variedade foram os carrinhos, caminhões e ônibus. Um deles, por exemplo, o chamado "Scania Luxo", todo de lata litografada, deveria atrair a atenção pelas dimensões: 60 cm de comprimento, embora o movimento fosse realizado somente por tração.

Quanto aos carrinhos, esses também tornaram evidentes o processo de declínio e a decisão de encerramento da produção de brinquedos da fábrica que tratamos, ao constatarmos a simplicidade de seu acabamento e a redução da variedade de produtos oferecidos em catálogo. O auge da fabricação desses artigos de lata foi, como pudemos perceber, de fato, entre o início da década de 1930 e os anos de 1950[245]. **(Cf. figuras 76 e 77)**

[245] O catálogo da década de 1950 apresentou por volta de 70 modelos de brinquedos para consumo; o catálogo Metalma produzido na década de 1970 mostrou 39 brinquedos de sua fabricação.

Figura 76: Mini caminhão basculante, cabine toda de plástico e carroceria feita de folha de flandres, Metalma. Dimensões: H: 4 X L: 3 X C: 11 cm.

Figura 77: mini carrinhos de diferentes cores, em pacote de polietileno contendo 10 unidades. Os carrinhos têm 5 cm de comprimento.
Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

Nos anos 60 e 70, a Metalma também artefatos infantis inspirados em modelos de brinquedos japoneses, os quais, alguns anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, tornaram-se competitivos no mercado internacional. Os brinquedos europeus e americanos, então, foram perdendo espaço para a indústria japonesa de brinquedos, que retomou o crescimento e a exportação em larga escala dos seus produtos, mais baratos devido à simplicidade, embora também tenha fabricado e lançado novidades como robôs, discos voadores, etc[246].

No que se refere à industrialização de brinquedos em São Paulo, se analisada sob a perspectiva da Cultura Material, podemos compreender que o seu crescimento foi significativo – não foi à toa, portanto, a fabricação de brinquedos da Metalúrgica Matarazzo ter sido iniciada na década de 1930 – e incentivado não só pela publicidade, conforme vimos no capítulo anterior, mas também pelas obras oficiais do governo. Estas também

[246] Afirmamos que o Japão "retomou" o crescimento de sua indústria de brinquedos, porque nos anos 30, por exemplo, já havia sido um exportador em larga escala de brinquedos confeccionados, principalmente em celulóide.

mostram indícios de que houve o apoio e fomento a esse setor e, até mesmo as pequenas fábricas, com um quadro de operários que muitas vezes se resumia à própria família, eram recenseadas e publicadas na *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo*, por exemplo, o que denota a preocupação em mostrar o número crescente de indústrias formadas na capital e formar, assim, uma imagem de "estado na dianteira do Brasil", tal qual se pretendia.

Neste sentido, Daniel Roche observou a importância e a contribuição da História da Cultura Material para melhor compreensão de temas mais tradicionais abordados pela historiografia. Segundo o autor,

> "Duas razões principais se conjugam atualmente para que nos interessemos pela história da civilização material, da cultura material, da vida cotidiana. Primeiramente, é um meio de contribuir para uma releitura mais geral da história econômica e social – de sermos fiéis a nossas origens intelectuais pessoais –, mas também de reencontrar as interrogações que mobilizam historiadores (...) sobre a compreensão das economias dominantes de consumo e de comercialização, seu nascimento e seu desenvolvimento, a natureza das fronteiras que as separam das sociedades de onde se originam e às quais as opomos facilmente"[247].

Em 1930 a primeira *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* foi publicada. Com o intuito de exaltar o avanço desse ramo, comumente associado à ideia de progresso e autonomia econômica, além do recenseamento dos fabricantes instalados na capital, destacava-se também a utilização de matérias-primas "nacionais", uma forma bastante ufanista e característica do período, em que se buscava demonstrar que São Paulo e o país eram plenamente dotados de condições para o desenvolvimento industrial. Quanto aos brinquedos, a obra não deixou de mencionar que os fabricantes sediados em São Paulo empregavam como matérias-primas a borracha nacional, ferro batido, folha de flandres, madeiras nacionais, papelão, latão, crina animal, etc[248].

Logo na introdução da obra, as qualidades e os recursos disponíveis da indústria paulista foram evidenciadas da seguinte forma,

---

[247] Cf. Daniel ROCHE. *História das coisas banais. Nascimento do consumo, séculos XVII-XIX.* Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.11.
[248] Cf. *Estatistica Industrial do Estado de S. Paulo correspondente ao anno de 1928.* São Paulo: Typ. Casa Garraux, 1930, p. 37.

> "Espelho magnífico da expansão econômica do povo paulista, a industria manufactureira apresenta-nos um dos aspectos mais característicos da nossa actividade na communhão brasileira. É um dos melhores elementos da nossa riqueza, não só attendendo ás necessidades do nosso consumo, como também proporcionando-nos apreciáveis recursos para fornecer aos outros Estados irmãos"[249].

Em 1931, publicado pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, a obra *O Brasil Atual,* de subtítulo sugestivo – "riquezas naturais, forças econômicas, progresso", também pretendeu mostrar o desenvolvimento pelo qual o Brasil passava, relacionando-o às matérias-primas aqui existentes. Na introdução, o Diretor Geral Joaquim Eulálio destacou, logo de início, que a primeira edição havia sido publicada dois anos antes e que obteve êxito, devido ao fato de

> "reunir, em pequeno volume, informações e dados capazes de dar ao leitor uma ideia tão perfeita quanto possível da produção agrícola e industrial e do aparelhamento econômico do nosso país".[250]

O ferro, por exemplo, matéria-prima essencial para a produção dos brinquedos de lata, foi um dos pontos mais destacados na publicação, a qual informava ao leitor que o Brasil era o país, na época, que acumulava as maiores reservas de minérios de ferro, encontradas em Estados como Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Santa Catarina, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul. Também se fez referência ao estanho, utilizado também para a lata (folha de flandres), e, segundo informações levantadas pela

---

[249] *Idem, ibidem,* p.3. O próprio Conde Francisco Matarazzo viu a importância da variedade de matérias-primas no Brasil para o desenvolvimento da indústria. Disse ele que "Como admitir-se que este país tão rico de forças hidráulicas, de fibras têxteis, de madeiras raríssimas, de tubérculos, de substâncias gordurosas, animais e vegetais; país até onde se aclimata a cultura do bicho-da-seda e que possui mais opulento patrimônio mineral, desde as pedras preciosas aos metais de todas as espécies, como admitir-se, repito, que um país nestas condições sem igual no mundo, possa renunciar a posição privilegiada, para ajoujar-se perenemente ao carro dos produtores estrangeiros?" Cf. *Matarazzo: 100 anos*. São Paulo: CL-A Comunicações Ltda., 1982, p.51.

[250] Ministério do Trabalho, Industria e Comércio. Departamento Nacional do Comércio. *O Brasil Atual. Riquezas naturais – forças econômicas – progresso.* Rio de Janeiro, 1931.

obra, havia sido constatada a sua presença nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul[251].

Nas páginas destinadas à publicidade, a Siderúrgica Belgo-Mineira, com sede social em Belo Horizonte e usinas na cidade mineira de Sabará, anunciou na publicação oficial, sem deixar de destacar o papel da matéria-prima de origem nacional em sua produção, da seguinte maneira:

> "A Usina da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira é a maior do gênero da América do Sul estando aparelhada moderna e eficientemente para fabricar em larga escala grande variedade de produtos de ferro e aço EMPREGANDO EXCLUSIVAMENTE MATÉRIA-PRIMA NACIONAL. Possue dois altos fornos produzindo diariamente 100 toneladas de ferro gusa, três fornos Martin produzindo diariamente 120 toneladas de aço (...)"[252]

Somados a esses exemplos, foram realizadas na cidade de São Paulo importantes feiras e exposições industriais, ambas organizadas por órgãos governamentais e que contaram, também, com a colaboração da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Na década de 1930 foi realizada a *Feira de Amostras de S. Paulo*, a qual foi amplamente anunciada pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*. Numa das divulgações para o evento, lia-se:

> "a grandiosidade dos trabalhos no Parque da Água Branca, onde, a 16 do corrente, será solenemente inaugurado o maior certame até hoje realizado em São Paulo – como se poderá avaliar da grandeza do Brasil, através da eloqüência dos estados nos pavilhões de S. Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Ceará."[253]

No dia 07 de setembro de 1940, o então interventor federal do Estado de São Paulo, o Dr. Adhemar de Barros, inaugurou a Feira Nacional de Indústrias. No mesmo dia, Roberto Simonsen, presidente da FIESP, bem como do Conselho Deliberativo da Feira, associou a importância da indústria nacional para a emancipação política. Em fase

---

[251] *Idem, ibidem,* p. 118 e 120.
[252] *Idem, ibidem.*
[253] *O Estado de S. Paulo,* 10 de setembro de 1933, p.6.

marcadamente nacionalista no país, a data escolhida para a abertura da feira certamente não foi escolhida por acaso. De acordo com suas palavras, em trecho de discurso, notou que

> "Hoje, comemorando os 118 anos de nossa independência política, cabe-me, também, entregar, em nome da maior associação de classe patronal de S. Paulo, ao chefe do governo do nosso Estado, por si e como representante do Sr. Presidente da República, um expressivo monumento demonstrativo das atividades de nossa gente, agora em assinalado e crescente esforço pela nossa emancipação política"[254].

Note-se também que, no catálogo da Exposição Industrial realizada em São Paulo no ano de 1950, novamente organizada pelo governo do país e também pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, os artigos nele incluídos ressaltavam a importância das matérias-primas para o crescimento industrial e, consequentemente, do próprio país. O ferro, mais uma vez, foi o principal elemento apontado, assim como as fábricas e indústrias de estamparia de metal da cidade de São Paulo.[255]

Importante também foi o papel da *Revista da Propriedade Industrial* nesse contexto. Na década de 1930 a publicação era parte integrante do Diário Oficial da União e responsável pela divulgação e patenteamento de novas marcas, novos produtos e fabricantes no Brasil. Assim, até mesmo nomes e invenções de outros países aqui foram registrados na obra citada, para que não fossem copiados, já que se valiam de registros de patentes em seus respectivos locais.

Os brinquedos não deixaram de fazer parte da publicação, pois, conforme vimos, a Metalúrgica Matarazzo e a Fábrica de Brinquedos Ypiranga de Alexandre Bitincof foram algumas das fábricas a obter o registro de seus nomes através do veículo governamental. Além delas, a Manufatura de Brinquedos Estrela S.A. teve o registro de seu

---

[254] Catálogo Oficial da Feira Nacional de Indústrias de São Paulo, 1940, p.40.

[255] *Catálogo Oficial da Exposição Industrial organizada pelo Departamento da Produção Industrial da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, com a colaboração do Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.* São Paulo, Agosto de 1950.

estabelecimento publicado no dia 22 de janeiro de 1938. Dessa maneira, nenhum outro estabelecimento poderia se apropriar do nome a partir daquela data[256].

Porém, não eram somente as fábricas que recorriam à divulgação de seus nomes e inventos. Embora os brinquedos não fossem o artigo com o maior número de registros quanto à solicitação de patente por invenção, exemplos bastante relevantes foram publicados na *Revista da Propriedade Industrial*. Note-se aqui que a maioria dos registros foi realizada por pessoas da cidade de São Paulo. Poucos foram os casos de apresentação de projetos ou inventos de brinquedos que partiram de inventores de outras cidades ou Estados do Brasil no período[257].

No ano de 1933, Fernando Hrescak, de São Paulo, descreveu a sua invenção que consistia num "novo modo de preparação de café torrado e moído, prensado por vibração e compressão[258]". Hrescak, ligado ao café, no mesmo dia apresentou um novo invento de embalagem para esse produto, porém com um detalhe a mais: também poderia servir como brinquedo. Um desses invólucros possuía a forma de um vagão de estrada de ferro, conforme descrito e publicado na seção do Diário Oficial daquele ano:

> "Termo 668 de 30/11/1933
> Ponto característico da invenção de um 'novo modelo de invólucro de café, aproveitável como brinquedo' (Modelo de Utilidade).
>
> 'Um novo modelo de invólucro de café, aproveitável como brinquedo, caracterizado pelo fato de ter a forma de um vagão de Estrada de Ferro em miniatura, sendo o recipiente do pacote do café representado pelos lados e pelo teto do vagão e a tampa pelo chassis com as rodas, tampa essa que é corrida sobre o recipiente mediante o encaixe dos seus lados, longitudinais em guias canaliformes de que são dotados os

[256] *Revista da Propriedade Industrial, s*ábado, 22 de janeiro de 1938 página 1392. (título de estabelecimento termo nº 57.221 de 20-1-38, depósito nº 4.951 de São Paulo, de 22-12-1937).

[257] De todos os anos consultados do título, os registros referentes a brinquedos para outras cidades foram feitos somente para nomes de estabelecimentos. No dia 23/06/1938 foi registrado o estabelecimento de José de Oliveira Cunha Graça, denominado "Feira de Brinquedos", localizado na então capital federal, Rio de Janeiro; no dia 08/08/1938, também do Rio de Janeiro, C. Fonseca solicitou o mesmo para o seu "Bazar de brinquedos"; no caso de um invento, somente Keller & Cia., de Minas Gerais, apresentou descrição da "invenção para aperfeiçoamentos na fabricação de bonecas", também em agosto de 1938.

[258] *Revista da Propriedade Industrial,* dezembro de 1933, pp. 23346-7 (Termo nº 664 de 30/11/1933).

bordos inferiores dos lados longitudinais do recipiente, tudo como descrito e demonstrado nos desenhos juntos”[259].

Outros modelos de invólucros também foram apresentados, contendo as formas para que fossem montadas de um “ônibus moderno em miniatura”, “avião em miniatura”, “auto-fourgon em miniatura”, “transatlântico em miniatura”, “dirigível em miniatura” e, por último, “submarino em miniatura”, todos eles tipos de veículos contemporâneos, associados à ideia de modernidade e velocidade.

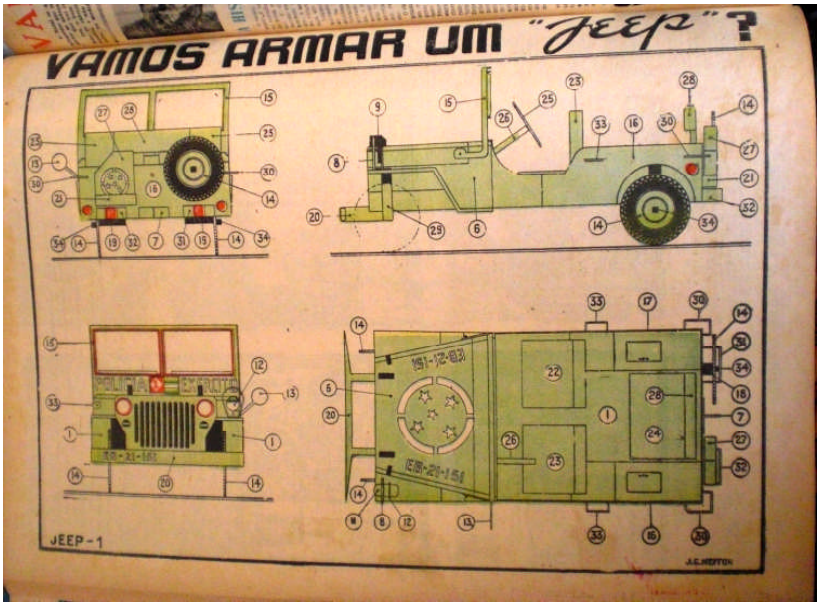
A invenção de Hrescak pode ser vista, assim, como a própria síntese desse período da história de São Paulo, que foi marcado pelo anseio de modernização e progresso, características essas que foram possíveis ao pensamento da época graças à economia do café, ao trem e à indústria. Todos esses elementos foram condensados no modelo de brinquedo de Fernando Hrescak, para o qual não foi encontrado registro de aprovação ou indeferimento na publicação, tampouco conhecemos a existência de algum exemplar restante desse invólucro-brinquedo ou mesmo fotografia, mas que hoje nos mostra os valores em circulação daquele contexto.

Também as revistas e almanaques infantis tiveram papel essencial para a difusão dos valores de época, pois, no ano de 1934, o *Almanach do “O Tico-Tico”* incluiu algumas paginas para que as crianças que lessem a publicação pudessem recortar e montar um modelo de locomotiva, semelhantemente ao invólucro sugerido por Fernando Hrescak. Na década seguinte, outro título de almanaque para crianças, d’*O Globo Juvenil*, também destinou uma seção para essa forma de distração e adestramento, onde perguntava aos pequenos leitores: “vamos armar um Jeep?”[260] **(Cf. figuras 78 e 79)**

---

[259] *Idem.*

[260] *Almanach do “O Tico-Tico* 1934 e *Almanaque do “O Globo Juvenil”* 1949, pp.84-94. A respeito da história da fundação d’*O Tico-Tico*, primeira revista de histórias em quadrinhos para crianças, ver Maria Cristina MERLO, *O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962).* São Paulo: Dissertação de Mestrado ECA-USP, 2003.



Figuras 78 e 79: páginas de almanaques infantis, d'O Tico-Tico (1934) e O Globo Juvenil (1949), respectivamente, para que as crianças montassem veículos modernos.
Essas são as primeiras páginas, que foram acompanhadas de outras 5 em ambas, com os desenhos faltantes para a montagem completa.
Acervo pessoal de Ana Maria de Almeida Camargo.

Fábricas paulistanas como a Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda, já em 1938, ano seguinte ao de sua fundação, e Ypiranga, de Alexandre Bitincof, após a obtenção do

registro de nome de seus respectivos estabelecimentos, também iniciaram as apresentações à *Revista da Propriedade Industrial* de invenções ensaiadas em suas unidades. Para o caso da Estrela, a descrição de invenção de olho móvel para bonecas foi a seguinte:

> "Termo 21063 de 17-6-38 (depositado na Insp. Reg. Do Estado de São Paulo, sob nº 2020)
> Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda. – São Paulo
> Pontos característicos da invenção de "um olho móvel para bonecas" (Modelo de utilidade)
> Um olho móvel para bonecas, caracterizado por um corpo ôco semi-esférico, à guisa de globo ocular, suspenso no interior de uma cápsula cilíndrica, por meio de um pino que o atravessa diametralmente e cujas extremidades são fixadas nos lados da cápsula, de modo que dito corpo possa mover-se para um ou para o outro lado do pino, movimentos esses, limitados pelo fundo da cápsula, tendo esta, no seu topo abaulado, uma abertura de forma semelhante à do olho humano, na qual aparece dito corpo móvel, substancialmente como descrito e representado nos desenhos juntos"[261].

Para o caso da fábrica de brinquedos Ypiranga, Alexandre Bitincof mostrou projeto relativo aos pianinhos, os quais foram a maior especialidade do industrial[262].

> "Termo nº 21.316 de 18-8-38
> Pontos característicos de invenção para "nova disposição em pianos brinquedo, de cauda" (Modelo de utilidade)
> 1 – Nova disposição em pianos brinquedo, de cauda, caracterizada na caixa de fundo do piano, disposta com as suas paredes perfeitamente paralelas, formando os cantos dos mesmos ângulos retos de 90 gráus.
> 2 – Nova disposição em pianos brinquedo, de cauda, como reivindicada em 1, caracterizada mais pelo fato de se sustentar a saliência livre da tampa do piano, por meio do prolongamento da parede lateral da caixa de fundo ou por um suporte colocado na parede trazeira da mesma.

---

[261] *Revista da Propriedade Industrial*, 1938

[262] No anúncio publicado no *Indicador Profissional de São Paulo* (cf. figura 21), há o destaque para a seguinte informação: "a maior fábrica de pianos para crianças", embora a fábrica de Bitincof também produzisse outros brinquedos.

3 – Nova disposição em pianos brinquedo, de cauda como reivindicado até 2, substancialmente como descrito e representado nos desenhos anexos".[263]

No entanto, ambas as fábricas tiveram o pedido indeferido segundo o laudo técnico, o qual, geralmente, justificava a "falta de requisito essencial da novidade" pela publicação oficial. A Estrela, no dia 21 de outubro de 1938 e, Alexandre Bitincof, no dia 8 de dezembro do mesmo, viram as suas tentativas não aprovadas[264].

Também outro projeto relacionado a brinquedo foi enviado, porém não sabemos se o proponente foi um fabricante ou simplesmente empreendedor. Mas não há dúvidas, como podemos perceber, de que havia o interesse por parte daqueles que residiam em São Paulo em publicar suas invenções ou melhorias aplicadas também nos brinquedos. A descrição do mecanismo para carrinho de crianças foi publicada, inclusive, com o desenho do projeto:

"Termo n. 20.831, de 26-5-38
Mássimo Paulo Ravarino – São Paulo
Pontos característicos da invenção de "Um mecanismo integral com nova disposição para carrinhos de crianças". Mod. Industrial.
(Figura do carrinho)
1 – Um mecanismo integral com nova disposição, para carrinhos de crianças, caracterizado por um dispositivo de movimentação compreendendo: uma roda pedaleira disposta inferiormente ao assento; uma roda trazeira sobre o eixo das rodas trazeiras.
2 – O mecanismo com nova disposição para carrinhos de crianças, como reivindicado em 1, caracterizado por uma longarina inferior e longitudinal ao chassis e suspensa neste, que sustenta um mancal fixo com eixo passante, e cujo eixo é o eixo da roda pedaleira.
3 – O mecanismo com nova disposição, para carrinhos de crianças, como reivindicado em 1 e 2, caracterizado por uma haste de guiar encimado pelo volante, que é disposta com um desvio inferior formando degrau, o qual tem função de excêntrico em relação

[263] *Revista da Propriedade Industrial,* terça-feira 23 de agosto de 1938, p. 16969.
[264] *Idem,* dia 21 de outubro de 1938, página 21240; quinta-feira, 8 de dezembro de 1938, página 24.811.

a uma chapa no centro de um tirante e fixa neste, de forma que o movimento de tal tirante é dependente exclusivamente da haste regida pelo volante.

4 – O mecanismo com nova disposição, para carrinhos de crianças como reivindicado até 3, caracterizado por um tirante transversal ao carrinho e com braços em cada extremo penetrantes em um garfo articulado em um suporte fixo , suspenso ao chassis, e dispostos tais garfos com pontas de eixos onde são fixas as rodas deanteiras, que, assim, ficam dependendo exclusivamente do aludido tirante.

5 – O mecanismo com nova disposição, para carrinhos de crianças, como reivindicado até 4, caracterizado por um breque constituído de uma peça tubular e de um setor dentado, fixos ambos ao chassis, e disposta a peça tubular com uma haste inferior sujeita à ação de um botão que, quando comprido, comprime uma mola que destrava o engate do referido setor dentado; e por meio de um tirante se atua sobre uma frição no eixo das rodas trazeiras.

6 – Um mecanismo integral com nova disposição para carrinhos de crianças, como substancialmente descrito e representado".[265] **(Cf. Figura 80)**

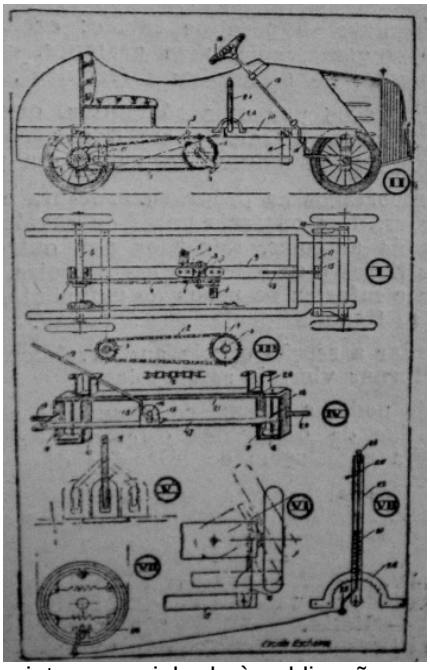


Figura 80: Desenho anexo do projeto encaminhado à publicação na *Revista da Propriedade Industrial*, no ano de 1938.
Acervo da Biblioteca Central da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

[265] *Idem*, 26 de maio de 1938.

Não foi encontrado registro de aprovação da proposta de invenção de Massimo Paulo Ravarino, porém, uma invenção foi, afinal, deferida segundo os laudos técnicos do Departamento de Propriedade Industrial. A pessoa em questão a obter o parecer favorável foi Astério Braga, e, de acordo com o seu projeto, servia como brinquedo ou para a prática desportiva. No dia 1 de junho de 1938, a descrição foi publicada, para no dia 4 de outubro, ter sido classificada a invenção como deferida.

quarta-feira, 1 de junho de 1938 página 10857

> "Termo 20.764 de 19-05-38
>
> Astério Braga – São Paulo
>
> Pontos característicos da invenção de "novo instrumento para brinquedo ou fins desportivos" (Privilégio de invenção):
>
> "Em resumo: reivindico como pontos característicos essenciais de um "novo instrumento para brinquedos ou fins desportivos" o fato de dito instrumento (girabolin) se constituir de um aro de metal, que poderá ser de qualquer outro material adequado, munido de um cabo fixado na sua superfície externa, aro que tem a sua superfície interna levemente côncava por onde deve girar uma bola de borracha, ou de outro qualquer material adequado, por meio de um movimento especial que provoque força centrífuga, destinado a servir de brinquedo ou fins desportivos, tudo como substancialmente descrito, reivindicado e demonstrado nos desenhos anexos."[266]

Finalmente, no período da industrialização paulistana marcado por forte discurso nacionalista, de defesa da indústria nacional e que associava os recursos naturais para a possibilidade de crescimento, não poderíamos deixar de notar um modelo de casinha de bonecas toda de folha de flandres litografada. O interessante a ser observado é que ela foi comercializada tanto pela Manufatura de Brinquedos Estrela S.A., como pela Metalúrgica Matarazzo, de acordo com os seus respectivos catálogos[267].

O artefato de lata, um sobrado de sete cômodos, com terraço, contendo decoração litografada imitando motivos luxuosos, como tapetes orientais, papéis de paredes nos recintos, sala de espaço amplo, muito provavelmente deve ter sido fabricado pela Metalma,

---

[266] Publicada na *Revista da Propriedade Industrial* na quarta-feira, 1 de junho de 1938, p.10857, para ter sido aprovada no dia 4 de outubro do mesmo ano, p.20037.

[267] Catálogo Brinquedos Estrela, 1949/1950; Catálogo Metalma, década de 1950.

pois vimos que a indústria foi especialista na elaboração de brinquedos dessa matéria-prima. No entanto, foi comercializada, também, pela Estrela, a qual não só costumava fabricar os seus brinquedos, mas também realizava licenciamentos de brinquedos de outros países, como oriundos dos Estados Unidos[268]. Assim, é possível que a Estrela também tivesse estabelecido relações de negócios com fabricantes da capital paulista, como a Metalúrgica Matarazzo S.A.

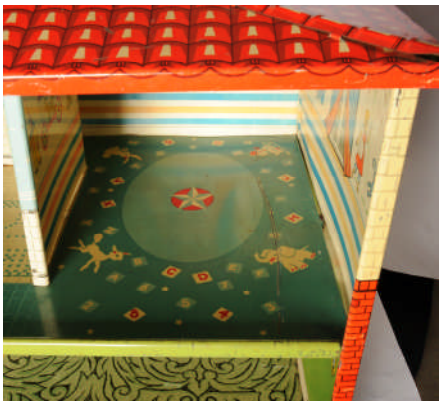
De fato, não há o nome de qualquer das duas marcas na casinha, daí podendo ter sido vendida por ambas. No entanto, no "quarto de bebê" desse brinquedo há uma figura litografada de uma estrela, semelhante ao símbolo da marca de brinquedos que se tornou a mais conhecida do país.

No catálogo da Estrela para os anos de 1949/1950, a descrição desse brinquedo não deixou de sublinhar que o mesmo representava "um novo passo no desenvolvimento da indústria nacional de brinquedos"; no catálogo seguinte, de 1950/1951, sublinhou que a casinha era "uma prova eloquente do desenvolvimento" desse ramo[269], certamente em função de suas qualidades, acabamento, enfim, um brinquedo de lata que, para o pensamento da época, teria superado até mesmo os de origem estrangeira. **(Cf. figuras 81 a 83)**

[268] Em catálogos da Manufatura de Brinquedos Estrela (da década de 1940 em diante), há uma seção dedicada à divulgação dos brinquedos de fabricantes estrangeiros, licenciados e comercializados pela fábrica paulistana.
[269] Catálogo Brinquedos Estrela, 1950/1951, p. 107.

A.

B.



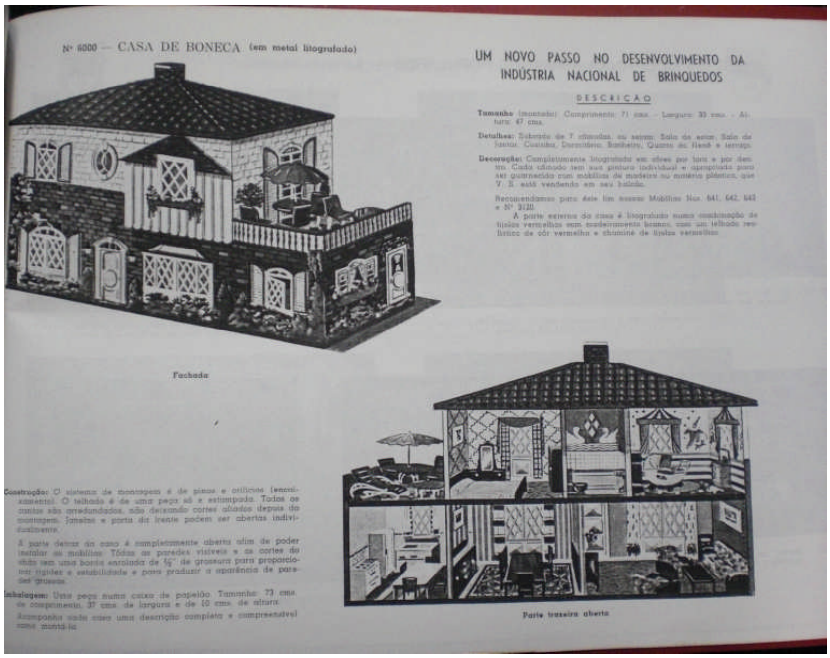
C.

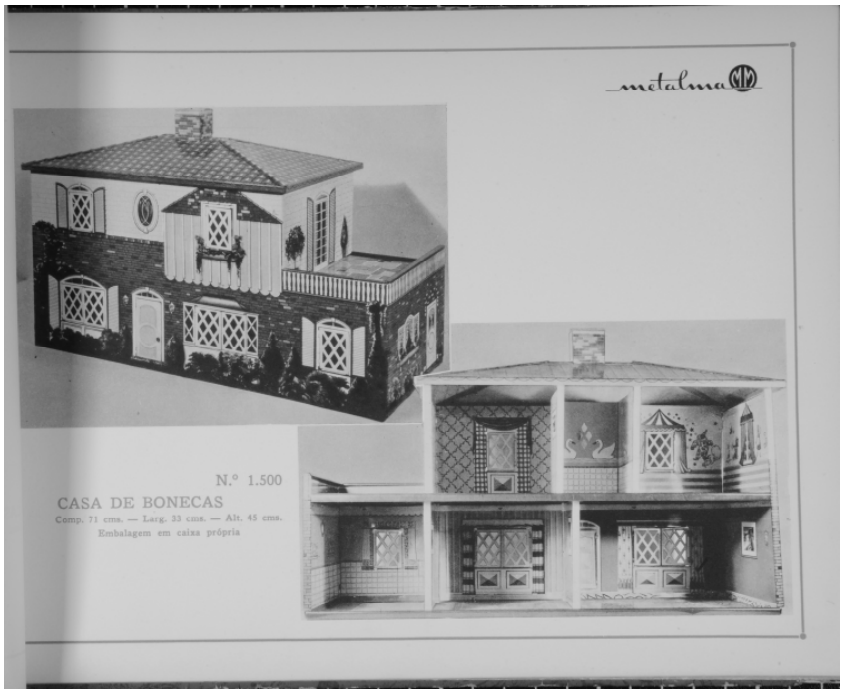
Figura 81 a, b, c: Casinha de folha de flandres litografada produzida pela Metalúrgica Matarazzo S.A., em fins da década de 1940 e início da década de 1950, também comercializada pela Manufatura de Brinquedos Estrela S.A.

C: Quarto do bebê. No chão, podemos observar o desenho de uma estrela, semelhante ao da fábrica de mesmo nome.

Dimensões do brinquedo: H: 76 X C: 71 X P: 30 cm.

Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.





Figuras 82 e 83: páginas dos catálogos da Estrela (edição de1949/50, s/ nº de página) e da Metalma (década de 1950), respectivamente, com a mesma casinha. No catálogo da Estrela sugeria-se a compra de mobília fabricada por ela,presente para escolha na mesma publicação, para incrementar o brinquedo principal.
Acervos: Biblioteca do Museu Paulista da USP; acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo.

Os esforços quanto à tentativa de promover o Estado de São Paulo como principal força econômica, moderna, industrializada, disseminados em exposições industriais, publicações oficiais do governo, enfim, em fase marcadamente nacionalista, couberam, também, pelo que pudemos perceber, à própria indústria paulistana de brinquedos (incluindo-se aí os empreendedores, com suas invenções, nem sempre bem sucedidas), a qual, através de determinados modelos selecionados para confecção e distribuição de seus objetos para consumo do público infantil, transmitiu valores, não só pelo uso de matérias-primas oriundas do Brasil, mas também pela demonstração de que era capaz de competir com o brinquedo estrangeiro, fosse na produção de modelos semelhantes, de temática moderna, fosse no esforço de tentativas de novas invenções nesse ramo.

Algumas considerações sobre o brinquedo visto como patrimônio da industrialização

Os estudos sobre o tema *patrimônio industrial* são relativamente recentes, mormente no Brasil. Segundo Beatriz Mugayar Kühl, o país precursor quanto ao interesse pelo tema foi a Inglaterra, a partir de meados do século XX, país onde o tema da industrialização é de significativa relevância, sobretudo porque é visto como herança cultural. Em seguida, os debates em torno do patrimônio industrial foram sendo realizados por outros países europeus. À realização do levantamento, estudo e preservação de bens industriais no país, convencionou-se chamar "arqueologia industrial", expressão essa que foi bastante questionada, embora seja usada em vários países. Ao contrário do uso do termo *arqueologia industrial,* há também estudiosos da área que adotam a expressão *patrimônio industrial*[270], sendo que Kühl propõe a designação "patrimônio da industrialização", que torna o campo mais abrangente.

Para o caso do Brasil, as pesquisas na área de arqueologia industrial vêm se multiplicando através de estudos desenvolvidos em níveis de mestrado e doutorado e de reuniões científicas organizadas em diferentes instituições pelo país. Em uma delas, o I Encontro em Patrimônio Industrial, promovido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFICH-UNICAMP) em 2004, foi instituído o comitê brasileiro do TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage)[271]. Além disso, como marco fundamental no país no que se refere à importância conferida ao patrimônio industrial, cite-se o tombamento federal do conjunto formado pelos remanescentes da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, localizada em Iperó (SP), no ano de 1964[272].

---

[270] Cf. Beatriz Mugayar KÜHL. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro.* (pp. 37-115); *idem, Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo,* 221-230.

[271] Apresentamos, em forma de pôster, o trabalho de Iniciação Científica sobre brinquedos, *op. cit.*, no referido encontro de 2004, organizado pelas docentes Cristina Meneguello e Silvana Rubino, da referida instituição, dentre outros pesquisadores que abordam o tema do Patrimônio Industrial.

[272] De acordo com Beatriz Mugayar KÜHL, *op. cit.,* pp.47-49. Ressalte-se que a Profa. Dra. Margarida Davina Andreatta foi pioneira nos estudos de arqueologia histórica em Iperó, onde a Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema foi instalada em 1810. Cf. Margarida Davina ANDREATTA, *Arqueologia histórica e a mineração de Ipanema, São Paulo.* São Paulo: Colóquio de História e Teoria do conhecimento geográfico. Campinas: UNICAMP, 1988. Anicleide Zequini, sob orientação da Professora Margarida Andreatta, desenvolveu a Tese de Doutorado intitulada *Arqueologia de uma fábrica de ferro: morro de Araçoiaba,* defendida em 2007 no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP).

A intenção aqui não é apresentar as diferentes definições e o que vem sendo discutido sobre o abrangente assunto que é o *Patrimônio Industrial*, o qual foi devidamente realizado por Beatriz Mugayar Kühl, em estudo minucioso[273]. Entretanto, o que tem de fato caracterizado a chamada arqueologia industrial na atualidade é a interdisciplinaridade e o interesse pelo patrimônio industrial por diversas disciplinas como história, engenharias mecânica e civil, arquitetura, geografia, metalurgia, as quais, segundo Kühl, ainda têm a necessidade de intercâmbio e complementaridade entre elas para o avanço nos estudos que envolvem o tema[274].

Dessa forma, como documento de uma época, o brinquedo industrializado também pode ser visto como patrimônio da industrialização paulistana, já que, no caso da Metalúrgica Matarazzo S.A., os seus brinquedos de folha de flandres marcaram determinado contexto.

Dentre as diferentes definições sobre a arqueologia industrial, uma delas é a que mais nos interessa, por ser a mais abrangente e permitir, dessa maneira, que não só os conjuntos de edifícios fabris sejam levados em consideração para estudo e preservação, mas outros artefatos ligados à história da industrialização, incluindo-se aí o brinquedo. Segundo R. Angus Buchanan, o autor da definição publicada pela primeira vez em 1972, a arqueologia industrial é

> "um campo de estudo relacionado com a pesquisa, levantamento, registro e, em alguns casos, com a preservação de monumentos industriais. Almeja, além do mais, alcançar a significância desses monumentos no contexto da história social e da técnica. Para os fins dessa definição, um 'monumento industrial' é qualquer relíquia de uma fase obsoleta de uma indústria ou sistema de transporte, abarcando desde uma pedreira de sílex neolítica até uma aeronave ou computador que se tornaram obsoletos há pouco. Na prática, porém, é útil restringir a atenção aos monumentos dos últimos duzentos anos, aproximadamente, tanto porque períodos anteriores são tratados por métodos mais convencionais da arqueologia e da história, quanto pela grande massa de material datando do começo da Revolução Industrial"[275].

---

[273] *Idem, ibidem.*
[274] Beatriz M. KÜHL, *Arquitetura do ferro…,* pp. 228-229.
[275] R. Angus BUCHANAN, *Industrial Archaelogy in Britain*, Harmondsworth, Penguin, 1972, pp. 20-21, *apud* Beatriz Mugayar KÜHL, *op. cit.,* p. 39.

Num estudo de Julieta Ortiz Gaitán, a autora utiliza como fonte fundamental para tratar do patrimônio industrial de seu país os anúncios publicitários de diferentes bens de consumo. Segundo ela,

> "las imágenes proporcionan entonces un importante documento sobre las construcciones mentales e históricas de los objetos. Nos hablan no tanto del objeto em si, sino de cómo lo veían los hombres de su época y lo que significaba para ellos, y este significado puede convertirse em um factor importante de valoración histórica, y em ocasiones estética, a favor del objeto en el proceso de recuperácion del patrimonio industrial"[276].

Vimos, no primeiro capítulo do presente estudo, que a Metalúrgica Matarazzo foi uma indústria bem sucedida, pela sua longevidade, pelo número expressivo de funcionários, pelas filiais estabelecidas em outros Estados do Brasil, pelas outras unidades fundadas na própria capital paulista, dentre outras evidências. Toda essa expansão não ocorreu somente nos locais destacados acima; também a unidade matriz, da Rua Carneiro Leão nº 439, sofreu modificações enquanto foi a sede da empresa metalúrgica. Cotejada a planta do que viria a ser a Metalúrgica Matarazzo em seus primórdios com a construção atual, podemos perceber as alterações implementadas, as quais descaracterizam por completo o que foi o edifício. **(Cf. Figuras 84 e 85)**

[276] Julieta Ortiz GAITÁN. "Iconos de la modernidad. Bienes y objetos industriales: su representación em el discurso publicitário de la prensa ilustrada". In: Cecilia Gutiérrez ARRIOLA (org.). *La Revolución Industrial y su patrimonio: 12º Coloquio del Seminario de Estudio y Conservación Del Patrimonio Cultural.* Mexico: UNAM, Instituto de Investigaciones Estéticas, 2007, pp. 221-242.

Figuras 84 e 85: Fachadas do edifício onde a Metalúrgica Matarazzo S.A. esteve instalada desde a sua fundação, até a década de 1990.
A primeira figura mostra a fachada do prédio na Rua Carneiro Leão nº 439. Abaixo, fachada vista da Rua Caetano Pinto.
Fotos da autora, 2011.

Conforme Margarida Maria de Andrade, na década de 1990 a unidade mencionada era considerada a maior fábrica dentre as demais da empresa e responsável por 30% da produção, ocupando um terreno de 36 mil m², com 40 mil m² de área edificada, no quarteirão delimitado pelas ruas Carneiro Leão, Visconde de Parnaíba, Caetano Pinto e a linha do metrô. **(Cf. figura 86)** Ainda segundo Andrade, nas sucessivas expansões ao longo das décadas, a empresa tentou comprar todos os imóveis do quarteirão, porém foi um projeto malsucedido, pois alguns deles tiveram a venda bloqueada por razões de litígio[277].

[277] Margarida Maria de Andrade, *op. cit.,* p. 203.

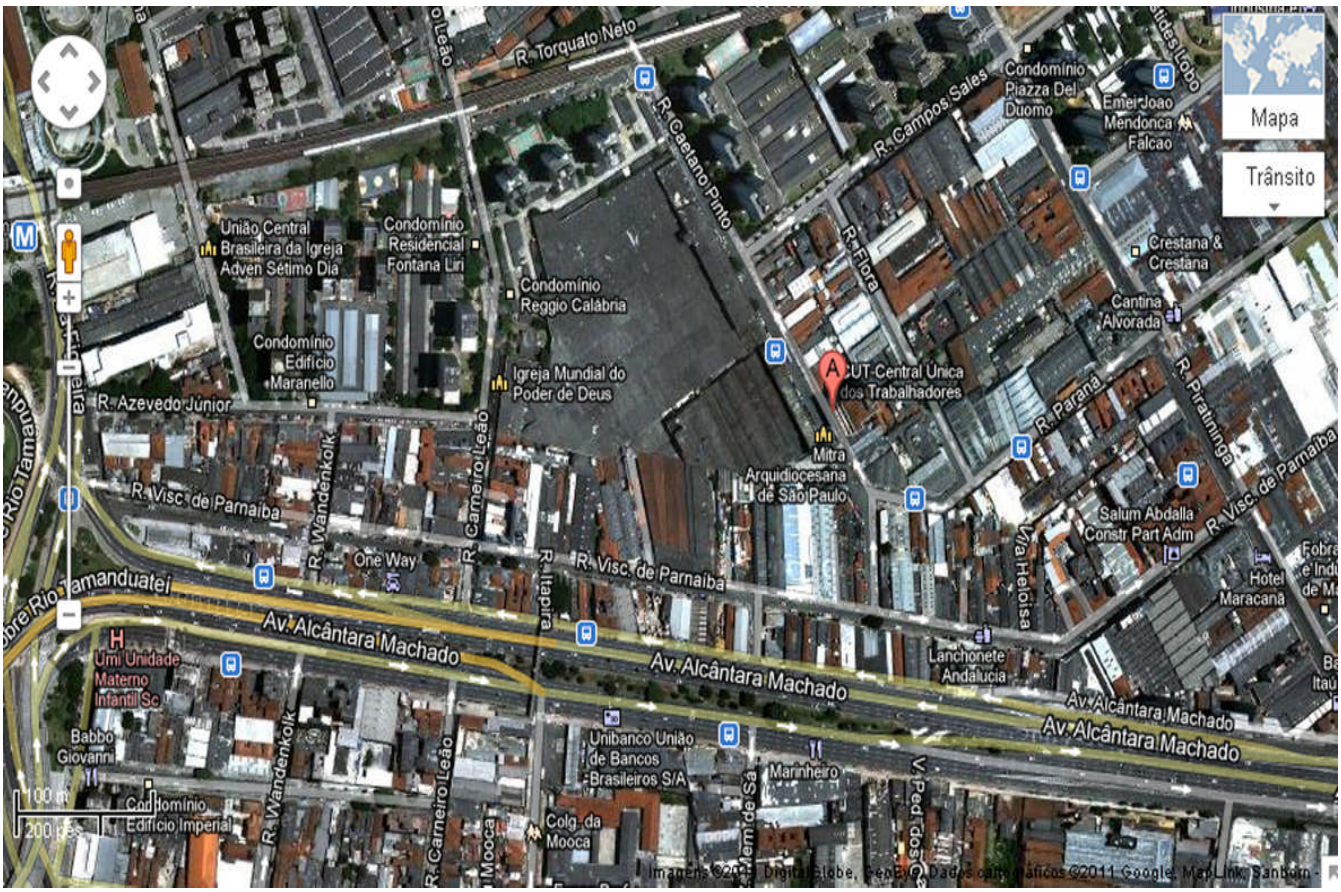


Figura 86: Imagem aérea de um trecho do bairro do Brás, onde, ao centro, encontra-se o maior dos edifícios da área, que sediou a Metalúrgica Matarazzo S.A. ao longo do século XX. Ocupa o quarteirão delimitado pelas ruas Visconde de Parnaíba, Carneiro Leão, Caetano Pinto e pela linha do metrô.
Fonte: http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl

A autora afirmou em seu estudo que os vínculos da fábrica com o bairro foram se enfraquecendo em função do estabelecimento de áreas residenciais nas imediações da indústria. Os moradores, no início dos anos 90, passaram a pressionar o encerramento das atividades no local, em função do mau cheiro produzido por compostos químicos liberados pelas chaminés. Andrade destacou que a empresa admitiu a grande valorização do local onde se encontrava a fábrica, beneficiada pelo projeto de recuperação do Brás, de iniciativa da prefeitura de São Paulo[278].

Passados pouco mais de vinte anos, a situação encontrada no local e arredores do bairro não é aquela que se pretendia. Atualmente, o edifício, outrora sede e estabelecimento

[278] *Idem, ibidem,* p. 204.

fabril da Metalúrgica Matarazzo S.A., abriga a sede de uma igreja neopentecostal, denominada *Igreja Mundial do Poder de Deus*[279].

O outro edifício, da Rua Caetano Pinto, nº 575, onde o escritório da Metalma esteve a partir dos anos 50, é, nos dias de hoje, uma unidade da Central Única dos Trabalhadores (CUT). **(Cf. figura 87)**

Figura 87: edifício que sediou o escritório da Metalúrgica Matarazzo S.A., na Rua Caetano Pinto, nº 575, atual unidade da CUT.
Foto da autora, 2011.

Não nos foi permitido o registro fotográfico do interior do prédio da Rua Carneiro Leão. Foi-nos dado um número de telefone para a solicitação de autorização, no entanto, em todas as tentativas as chamadas não foram atendidas. A igreja mencionada passa, no momento, por obras as quais possivelmente levarão a uma maior descaracterização daquilo que foi, originalmente, uma construção fabril.

[279] Fundada em Sorocaba em 1998 por Valdemiro Santiago, sabe-se que a instituição é uma dissidência da *Igreja Universal do Reino de Deus*.

O caso da Metalúrgica Matarazzo está relacionado a outros fatores que desencadearam a decadência dos bairros fabris que se desenvolveram no início do século XX em função dessa atividade econômica. Fernando de Pádua Laurentino observou que o início desse processo se deu nos anos 50, sobretudo durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-61), com o advento da era das multinacionais e do rodoviarismo, que ocasionou o surgimento de novos pólos industriais, como os encontrados ao longo das rodovias Dutra e Anchieta[280].

Os investimentos nas rodovias propiciaram a escolha de caminhões para o transporte de mercadorias produzidas e, consequentemente, não só as ferrovias entraram em decadência, como tudo o que a elas estava relacionado, como as fábricas e os próprios bairros historicamente fabris, como o Brás, Mooca, Belém, Pari, dentre outros[281].

A Manufatura de Brinquedos Estrela também pode ser tomada como um caso representativo desse processo: instalada originalmente na Rua Müller, no Brás, mudou de endereço quando ocorreu a primeira expansão auxiliada pela abertura de capitais: transferiu-se para a Rua Joaquim Carlos, nº 266, e depois nº 508, no Belém, onde permaneceu por muitos anos. A relação com a decadência dos bairros fabris devido à desativação gradual do transporte ferroviário e a transferência da fábrica da Estrela próxima às rodovias Dutra e Fernão Dias até o encerramento de suas atividades de produção na capital paulista, é algo a ser considerado[282].

Para o caso de São Paulo, a "cidade palimpsesto" na expressão cunhada por Benedito Lima de Toledo[283], há uma necessidade de preservação do patrimônio industrial por questões sociais, as quais envolvem a identidade da população com o local. Em bairros históricos como o Brás, e outros, isso se faz mais urgente, ao que parece. Um estudo que se preocupou nesse sentido foi o de Manoela Rufinoni, que versou sobre o conjunto arquitetônico industrial localizado no bairro da Mooca, construído entre os últimos anos do

---

[280] Fernando de Pádua LAURENTINO. *Op. cit.*, p. 93.

[281] Beatriz Mugayar Kühl mostrou o processo semelhante quanto à decadência do transporte ferroviário, em países como Grã-Bretanha e Estados Unidos: a ascensão das rodovias e veículos motorizados pós-II Guerra Mundial. Cf. *Arquitetura do ferro...*, p. 233-234.

[282] No ano de 1989 a Estrela passou por um processo de expansão e inaugurou a segunda unidade fabril em Manaus. Em 2002 inaugurou fábrica em Três Pontas, Minas Gerais. Atualmente, não há fábrica de brinquedos na capital paulista, somente escritório central. Há uma terceira fábrica que compõe o complexo industrial da Estrela, fundada em 2003, na cidade de Itapira, interior do Estado de São Paulo. Informações disponíveis em http://www.estrela.com.br/index2.html#/History/index, último acesso em janeiro/2012.

[283] Benedito Lima de TOLEDO, *op. cit.,* pp. 70-120.

século XIX e início do século XX e que constituiu o traço marcante do local. A Mooca, assim como outros bairros da capital, viu muitos de seus edifícios fabris serem abandonados ou demolidos e, assim, o trabalho citado também propõe meios de conservação e preservação das construções desse período relacionado ao desenvolvimento industrial paulistano, capítulo fundamental da história da cidade e do país[284].

Um dos valores do patrimônio industrial, segundo a *Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial* é que "o mesmo [se] reveste [de] um valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário"[285].

Sobre essa questão identitária e do vínculo afetivo relacionados ao local onde um estabelecimento fabril estava inserido, pudemos colher um registro no que diz respeito à Metalúrgica Matarazzo S.A. No site da São Paulo Turismo, há um espaço destinado aos cidadãos para que os mesmos possam contar histórias e lembranças vividas em diferentes locais da capital paulista. No dia 26 de outubro de 2007, um pequeno relato sobre a Rua Carneiro Leão foi postada por Pilar C. Fernandes, e, segundo suas palavras,

> "A Rua Carneiro Leão foi uma rua que fez muitas pessoas felizes, tanto crianças quanto adultos. A Rua Carneiro Leão era acolhedora, simples, lá havia muitos espanhóis e italianos, era uma festa.
>
> O bairro do Brás nos deixou grandes lembranças, não conheço uma pessoa que morou no Brás que não tenha saudade. Todas têm suas histórias, e lindas histórias. O Grupo Escolar Romão Puiggari, os famosos cinemas, o Teatro Colombo, quantas das relíquias do Brás já não existem mais. Mas de nossas memórias ninguém tira. Alguém que morou na Carneiro Leão a esqueceu? Todos nós temos nosso bairro, nossa rua, é coisa que nos pertence, e ficará conosco para o resto de nossas vidas."[286]

A pergunta da autora do trecho acima teve bastante repercussão pelo que pudemos constatar, pois recebeu muitas respostas de outros que acompanham o referido projeto do órgão pela internet. Mais de uma, inclusive, fez-se menção à Metalúrgica Matarazzo,

---

[284] Manoela Rossinetti RUFINONI, *op. cit.*
[285] Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), 2003.
[286] http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=1282 . Último acesso em dezembro/2011.

corroborando, dessa maneira, a importância fundamental da fábrica para a identidade de um bairro e o estabelecimento de ligações afetivas de determinada população com o ambiente em que vive. Evidentemente, não só os grupos escolares, os cinemas, como citados, integram essas memórias, mas também os edifícios fabris, sobretudo em locais como o Brás, a Mooca, Belenzinho, Pari, frequentemente associados como naturalmente aptos a esse tipo de atividade.

As principais menções à Metalma foram as seguintes:

> "Minha mãe Dona Pilar e Sr. Brasilino tinham pensão na Rua Carneiro Leão, morava numa vila ao lado da Metalúrgica Matarazzo e servia refeições para os funcionários, que quando apitava a Matarazzo, corriam e lotavam nossa casa, para comer um prato que chamavam de 'comercial'. Mãe, filha de espanhóis, e pai, filho de italianos, típico do Brás, muitos amigos, estudei no Grupo Escolar Eduardo Carlos Pereira, depois no Romão Puiggari. Trabalhei na Fontoura, no Biotônico Fontoura... ah! Que saudades..." (Zilda Amirati)

> "Não morei na Carneiro Leão, mais tive grandes amigos nesta rua, trabalhei na Metalúrgica Matarazzo. Éramos em uma turminha maravilhosa, fazíamos bailinhos e hoje estou com 68 anos e lembro deste bairro e dos amigos que fis nas duas ruas, era simplesmente maravilhoso, é uma pena que não continuou a amizade, hoje é só saudades, muitas saudades. Ai meus 15 anos!!" (Marlene Grimaldi)

> "Minha família inteira morou no Brás e de fato sinto muitas saudades daquele tempo, Cine Glória, Cantina 1060, Metalúrgica Mar, Metalúrgica Matarazzo, Colégio São Paulo, Parque Dom Pedro, terra dos Pasqualinos e Conchetas". (Antonio Sérgio Reynol).

Ainda que os comentários ao texto da Sra. Fernandes, assim como o da própria autora sobre a Rua Carneiro Leão, tenham uma visão bastante otimista do passado, com os problemas existentes do local amenizados no discurso baseado em lembranças, fica evidente o papel da unidade matriz da Metalúrgica Matarazzo, assim como de suas filiais, como referência no cotidiano de pessoas que ali viveram e trabalharam ao longo do século XX.

O edifício que abrigou por tantos anos a fábrica, por se tratar de um imóvel privado (e não tombado), está condicionado às leis do mercado. Hoje, sede de uma instituição que não estabelece qualquer tipo de relação com o cotidiano fabril, resta a sua descaracterização quase por completa, e que será, certamente, intensificada com as obras de reforma pelas quais vem passando. Resta-nos, dessa maneira, a coleta e a preservação dos bens de consumo produzidos pela Metalúrgica Matarazzo, como brinquedos, bandejas, catálogos e outros artefatos, pois além do edifício, não há evidências, tampouco do maquinário utilizado.

Sobre a coleta desses objetos, verificamos que o Museu Histórico Nacional, que vem nos últimos anos promovendo a expansão do acervo de brinquedos, não possui exemplares Metalma, conforme relatou a pesquisadora da instituição, Ângela Cardoso Guedes, responsável pelo fomento desta coleção. Isto sugere que talvez os brinquedos dessa marca não tenham tido grande consumo no Rio de Janeiro, o que aumentaria a responsabilidade em coletá-los e preservá-los em São Paulo onde, provavelmente circularam mais intensamente.

Capítulo IV – O Acervo de Brinquedos Metalma do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Conforme pudemos depreender ao longo deste estudo, o brinquedo pode ser visto como documento cultural repleto de significados no âmbito da História, assim como em sua condição de patrimônio da industrialização paulistana e, desta maneira, justifica-se a sua presença como item fundamental em acervos de museus históricos[287]. Isso, porém, é algo relativamente recente no Brasil e, no caso do Museu Paulista, também.

Em uma justificativa estabelecida para a aquisição de brinquedos para o acervo institucional, Heloisa Barbuy mostrou os fios pelos quais se chegou, no Museu Paulista, à aquisição desse tipo de objeto[288]. Criado pela Lei Estadual 192, de 25.08.1893, desde o seu início o Museu Paulista promoveu a prática de aquisições para ampliação de acervos relacionados à História, ainda que fosse uma instituição caracterizada, essencialmente, por coleções de ciências naturais[289]. No entanto, em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte, a política de aquisição era de abordagem restrita e visava coleta de acervos ligados a temas da História Nacional, do período que dizia respeito à Independência do Brasil e de acordo com a visão de história factual do período[290].

Na Europa, a partir de meados do século XX, os museus tenderam a vincular-se ao movimento conhecido como *História Nova*, formado por historiadores como Marc Bloch, Fernand Braudel, Jacques Le Goff, dentre outros. De acordo com essa nova historiografia, os objetos tridimensionais, produzidos pelo homem, devem ser considerados documentos históricos, fontes de pesquisa para os historiadores. Aquela historiografia tradicional, de caráter oficial, relacionada aos grandes eventos, feitos e "grandes personagens" da História,

---

[287] Roy Brigden, *op. cit.,* p.547, observou, em 1992, que os museus de história social, no sentido mais amplo, vêm ampliando mais rápido do que os outros a abordagem daquilo que ficou conhecido como "patrimônio industrial".

[288] Cf. Heloisa BARBUY. *Justificativa para aquisição de brinquedos para o acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo,* Processo nº 2009.1.355.33.0.

[289] Cf. Fábio Rodrigo de MORAES, "Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering". In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, volume 16, nº1, São Paulo, jan./jun. 2008, pp. 203-233.

[290] Ver Ana Cláudia Fonseca BREFE. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a Memória Nacional, 1917-1945.* São Paulo: Ed. UNESP: Museu Paulista, 2005.

cedeu lugar a uma nova forma de historiografia, que contemplava a maioria, o cotidiano, que buscava, enfim, uma história total[291].

Nas universidades brasileiras, assim como nos museus, também se difundiu a História Nova, sobretudo na Universidade de São Paulo, em razão da presença do Professor Fernand Braudel na formação da área acadêmica de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

No que tange ao Museu Paulista, desde a implantação, em 1990, do *Plano Diretor* elaborado pelo Prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses[292], diretor da instituição entre 1989 e 1994, a coleta de brinquedos, além de peças que compõem a indumentária infantil e outros artigos relacionados à criança, passou a ser de interesse aos propósitos da instituição.

Isso porque o campo de atuação do Museu Paulista passou a ser a *Cultura Material*, e uma de suas linhas de pesquisa é denominada *Cotidiano e Sociedade*, a qual visa a compreensão de papéis sociais que, até então, haviam sido negligenciados pela historiografia, incluindo-se aí aqueles referentes à criança. Desta forma, objetos de uso cotidiano considerados banais, ou deixados em segundo plano pela história oficial de outrora, passaram a ter a devida relevância segundo os preceitos da História Nova e, consequentemente, a política de aquisição foi alterada.

De acordo com o regimento atual do Museu Paulista, é de responsabilidade da instituição a seleção de patrimônio, devendo ampliar o seu acervo e desenvolver pesquisas a ele relacionadas[293]. Para o caso dos brinquedos, constituem o foco de coleta para a formação de seus acervos (baseada também em outra linha de pesquisa da instituição, denominada *Universo do Trabalho)*, mormente aqueles industrializados, de origem paulistana e produzidos até a primeira metade do século XX.

Além do Museu Paulista, outra importante instituição museológica no Brasil que vem se dedicando à formação de um acervo histórico de brinquedos é o Museu Histórico Nacional, desde fins dos anos 90, através da curadoria e pesquisa de Ângela Cardoso Guedes[294].

---

[291] Jacques LE GOFF, *op. cit.*
[292] Ulpiano Toledo Bezerra de MENESES. *Plano Diretor.* São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1990 (dat.).
[293] Regimento do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, baixado pela Resolução nº 4.393/97, artigo 3º.
[294] Cf. Ângela Cardoso GUEDES, *op. cit., passim.*

Embora os esforços nesse sentido em ambas as instituições citadas, além de outras, a obra *Thesaurus para acervos museológicos*, publicada em 1987[295], chega a classificar o brinquedo como documento museológico, porém o inclui genericamente na categoria "Lazer e Desporto". Em outras palavras, podemos perceber que os brinquedos, até aquele momento, não formavam conjunto relevante nas diversas instituições no país, daí terem sido adicionados apenas em categoria geral. A política de aquisição de brinquedos para acervo dos museus é posterior à publicação desse thesaurus e, com isso, ocorreu a necessidade de desenvolver sistemas mais avançados para a catalogação deste tipo de acervo.

O Museu Paulista buscou criar uma classificação própria para os brinquedos integrantes de seu acervo, que ainda está em desenvolvimento. Estes artefatos, incluídos na "Classe 14: Boneca/Brinquedo/Jogo", são primeiro catalogados em fichas manuais impressas para, em seguida, serem também sistematizados em banco de dados informatizado. Atualmente, a coleção é constituída 593 peças[296], entre brinquedos importados e nacionais, sendo que a aquisição desses últimos vem aumentando, de acordo com a política institucional de acervo.

Ângela C. Guedes, por sua vez, em sua tese de doutoramento discutiu o tema da documentação de acervos de brinquedos e indicou caminhos no que se refere à elaboração de novos instrumentos para o processamento e formação de catálogos apropriados a esse conjunto importante de acervo[297]. Para a pesquisadora, assim como para nós que realizamos esta pesquisa, o brinquedo é um objeto do cotidiano que certamente representa uma significativa fonte de informação sobre a vida em sociedade, e merece ser tratado com o mesmo respeito que outros tipos de documentos preservados em museus, arquivos e bibliotecas recebem[298].

Nas áreas de Educação e Psicologia há sistemas de classificação de brinquedos bastante consolidados e aplicados, que podem ser úteis aos museus, mas não resolvem as questões de classificação de acervos. O *Sistema ESAR* é um dos mais conhecidos,

---

[295] Helena Dodd FERREZ; Maria Helena BIANCHINI. *Thesaurus para acervos museológicos.* Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

[296] Das 593 peças do acervo de brinquedos, 591 estão inseridas em fichas do banco de dados informatizado da instituição e os outros dois brinquedos foram doados recentemente ao Museu Paulista e estão em processo de patrimoniação.

[297] *Idem, ibidem,* pp. 233-275.

[298] Ângela Cardoso GUEDES. *Op. cit.*

desenvolvido pela psicóloga canadense Denise Garon, em meados da década de 1980[299]; há também o *I.C.C.P. - International Council of Children's Play* (André Michelet - França) e *C.O.L. – Classement des Objets Ludiques* (classificação de objetos lúdicos), entre outros. Segundo a definição de Garon, o ESAR é um instrumento de classificação e de análise do material de jogos e brinquedos e foi elaborado com a finalidade de responder às necessidades dos diversos profissionais que atuam no campo da educação: os educadores profissionais encarregados de escolher o material de jogo para as coletividades de crianças, como brinquedotecários e educadores trabalhando com crianças nos serviços de creches, jardins de infância, grupos escolares, crianças em reeducação, etc[300].

Assim, "ESAR" é a composição a partir da primeira letra da palavra que identifica cada uma das categorias: E para "jogo de exercício"; S para "jogo simbólico"; A para "jogo de acoplagem" e R para "jogo de regras simples ou complexas", e tal sistema foi inspirado na psicologia e em ciências da informação.

A *Classificação dos Objetos Lúdicos* vem sendo implantada atualmente no LABRIMP (Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos da Faculdade de Educação da USP) e foi baseado no *Sistema ESAR*[301].

O acervo de brinquedos do Museu Paulista da USP é constituído não só por brinquedos de procedência nacional, mas também por brinquedos que foram importados no contexto da história de São Paulo, devido à própria condição do Brasil como país periférico no que se refere à industrialização de bens de consumo em fins do século XIX e início do século XX. Muitas famílias burguesas da cidade de São Paulo possuíam condições de adquirir produtos importados, incluindo-se aí os brinquedos, sendo que alguns deles foram doados à instituição. Neste campo, destacam-se doações importantes como da Sra. Carmencita Bettenfeld Julien, em 29/07/1993 e da Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães, em 20/06/2005.

No caso dos brinquedos de lata da Metalúrgica Matarazzo S.A., eles são bastante procurados por colecionadores, especialmente a série de trenzinhos com mecanismo de corda. Entretanto, fabricou-se outra variedade de brinquedos destinada a meninos e também

---

[299] Denise GARON. "Classificação e análise de materiais lúdicos – o Sistema ESAR". In: Adriana Friedmann et al. *O direito de brincar: a brinquedoteca.* São Paulo: Fundação ABRINQ/ Scritta Editorial, 1992.
[300] *Idem, ibidem,* p. 171.
[301] Cf. http://www.labrimp.fe.usp.br/ .

meninas (ou para os dois ao mesmo tempo, como os casos de brinquedos musicais e conjuntos de praia, formados por baldes e pazinhas). Aqueles produzidos entre as décadas de 1930 e 1940 são os mais raros e difíceis de serem encontrados ou doados, ao contrário daqueles dos anos de produção final (décadas de 1960 e 1970), alguns de características mais simples e, em certos casos, compostos também por plástico.

A própria formação da coleção de brinquedos Metalma e a ampliação das coletas de brinquedos de lata também de outros fabricantes vêm se dando, no acervo do Museu Paulista, a partir deste trabalho, consolidando a proposta da instituição enquanto museu universitário, entendendo-se que as ampliações de acervo devem se dar preferencialmente em conexão com projetos de pesquisa.

No que se refere à conservação dos brinquedos de lata, as conservadoras de acervo Virgínia Costa (do Laboratoire de Recherche des Monuments Historiques, França) e Gessônia Leite de Andrade Carrasco (do Centro de Preservação de Bens Culturais da Fundação Cultural de Joinville, SC), especialistas em objetos de metal de acervos museológicos, iniciaram, em meados de 2010, o exame preliminar das condições de conservação dos brinquedos de lata do Museu Paulista. A presente dissertação de Mestrado forneceu os subsídios históricos que permitiram estabelecer critérios para coleta de amostras do metal de brinquedos de diferentes períodos da Metalma, para o exame metalográfico e o desenvolvimento da conservação por elas iniciado[302].

[302] Solicitadas para o exame do acervo de numismática, a pedido de sua curadora, Angela Ribeiro, as especialistas estenderam o trabalho também a outros acervos metálicos, aí incluídos os brinquedos de lata. Um relatório vem sendo desenvolvido por Virginia Costa.

Indicações para a construção de um catálogo dos Brinquedos Metalma do Acervo do Museu Paulista da USP: 45 Unidades

Atualmente, a instituição dispõe de 45 brinquedos produzidos pela Metalúrgica Matarazzo S.A.(incluindo-se aí alguns em caixas originais, outros casos somente a caixa, em que o brinquedo não foi localizado para aquisição)[303]. Note-se que um deles não tem a marca Metalma; traz como marca registrada ("M.R.") a figura de um martelo, que foi uma das marcas também produzidas pela mesma indústria.

1 - Os brinquedos essenciais da Metalúrgica Matarazzo S.A.

Os agrupamentos apresentados a seguir foram elaborados com base nos catálogos disponíveis para consulta no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, bem como no acervo de que se dispõe, pois nem tudo está presente neste tipo de publicação industrial. Há um catálogo adquirido pela instituição e destinado à consulta na biblioteca do museu, e uma reprodução, disponível no Serviço de Objetos, de três catálogos pertencentes ao Dr. Andrea Matarazzo. Um deles é, provavelmente, do início da década de 1950, outro da década de 1970 e, por fim, um catálogo com a relação dos brinquedos fabricados e de seus respectivos preços, também da fase final de produção destes objetos.

Propusemos esses agrupamentos como sistema classificatório, já que nas publicações impressas a classificação não é direta.

Nossa proposta, neste capítulo, é apenas dar indicações para a catalogação dos brinquedos Metalma. Neste trabalho, não foi nosso objetivo elaborar um sistema de informação para os brinquedos de lata, a pesquisa buscou contribuir para a compreensão do processo histórico de produção de brinquedos em São Paulo, na primeira metade do século XX, e evidenciar seu potencial informativo como documento cultural. Entretanto, o levantamento de informações técnicas sobre os brinquedos foi intrínseco à pesquisa e por isso entendemos que seria interessante sistematizá-las no presente capítulo.

Notamos que existem obras que propõem sistemas descritivos para o acervo de brinquedos. Uma referência para aqueles que lidam com bonecas é o estudo de Caroline G.

[303] Há a intenção por parte da instituição em realizar novas aquisições de brinquedos da fábrica em questão.

Goodfellow, que criou padrão de descrição e identificação de diferentes características nelas presentes, a partir do acervo do Bethnal Green Museum of Childhood, localizado em Londres[304]. Os variados modelos de cabeça de bonecas que foram se modificando com os anos pelos fabricantes, parte principal desse artefato; os materiais para sua confecção; as formas do corpo e dos membros; as características do rosto (se olhos são pintados, de vidro, de dormir – os que abrem e fecham); o cabelo, podendo ser humano ou de mohair (pelo de cabra angorá); os tipos de movimento e produção de som; as marcas de fabricantes, enfim, constituem os elementos necessários e fundamentais para o estudo e datação em pesquisas de museus e interessados. Estudos que versam sobre os trenzinhos, que identificam marcas, escalas, padrões, enfim, também são significativos em países da Europa e nos Estados Unidos. Um deles é o de Pierce Carlson, intitulado *Toy Trains*[305].

Tendo como referência esse tipo de obra, elaboramos o catálogo dos brinquedos Metalma do acervo do Museu Paulista da USP.

Veículos

- **Transporte Ferroviário (Trenzinhos)[306]**

-Trenzinho de um ou mais vagões

-Locomotiva

-Locomotiva com tender e um vagão

-Trem de luxo: 1 locomotiva, 1 tender, 2 ou mais vagões, estação (ou não), 1 ou mais sinais, conjunto de trilhos em metal, podendo ser retos e/ou curvados

-Trem aerodinâmico

-Metrô

- **Veículos Terrestres**

Veículos para transporte coletivo de pessoas em cidades e estradas:

[304] Caroline G. Goodfellow, *op. cit.*

[305] Cf. Pierce Carlson. *Toy Trains.* Harper & Row, New York/Victor Gollncz Ltd., London, 1986; também o estudo de Hugo Marsh, op. cit.

[306] Adotamos a denominação "trenzinho", no diminutivo, por ser essa a principal forma de referência a esse brinquedo.

-Bondes

-Ônibus

Veículos para serviços públicos ou particulares:

-Caminhão de carga

-Caminhão de carga basculante

-Caminhão tanque

-Caminhão de carroceria coberta (transporte de leite, sorvetes, etc.)

-Guinchos

-Rolo compressor

-Trator

-Trator com reboque

-Carro de Polícia

-Carro de Bombeiros

-Carro Ambulância

Veículos particulares/ luxo

-Ford Galaxie

-*Buggy*

-Sedan Chevrolet

-Sedan Ford

-Jeep jardineira

-Carros de corrida

-Motocicletas: 1 motorista; 1 motorista e 1 passageiro, 1 motorista, 1 passageiro e sidecar.

-Karmann Ghia

-Acessório: garagem

Veículos de guerra

-Tanque

-Jipe

- **Veículos Aquáticos**:

-Lanchas

-Barca com hélice

- **Veículos Aéreos**:

-Avião PP-Gavião (pp= piloto privado)

-Avião Força Aérea Brasileira

-Jato

Acessório: Hangar

Conjuntos de Praia

-Carrinhos de puxar

-Baldinhos: diferentes tamanhos

-Pazinhas

-Forminhas/moldes de areia (formatos geométricos ou de animais)

Instrumentos Musicais

-Tamborzinho

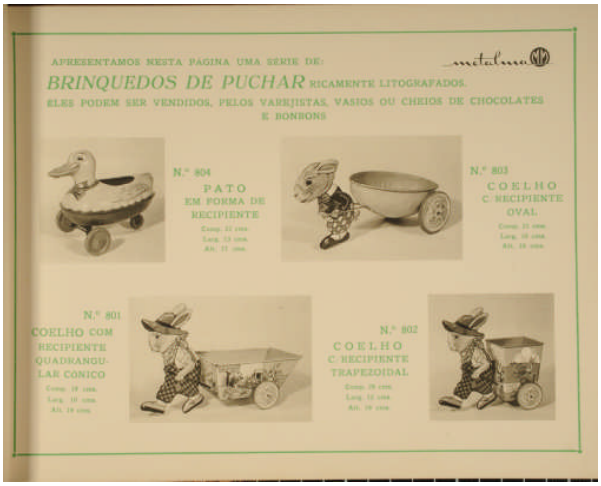
-Pandeiro

-Chocalho sonoro

Objetos para os Varejistas e para as Crianças: para acondicionamento de balas, bombons ou chocolates ou outros produtos

-Brinquedos de puxar, com figura de animal, podendo ser: coelhinhos com recipientes de diferentes formas geométricas: oval, trapezoidal, quadrangular cônico;

-Pato em forma de recipiente



página de Catálogo Metalma, década de 1950, com os modelos de brinquedos para puxar.

-Cestinhas (pintadas a jato)

<u>Brinquedos para o Carnaval</u>

-Reco-reco

-Pandeiro (quando litografado com motivos carnavalescos)

<u>Brinquedos para meninas</u>:

-Regadores

-Casinhas

-Cestinhas de piquenique para bonecas

-Jogo de xícaras para café

-Máquina de lavar roupa

-Copa cozinha

-Fogão

-Conjuntos de panelinhas: fogão de folha de flandres e panelas de alumínio

-Carrinho de bebê com pajem

-Cofrinho em formato de casinha

<u>Brinquedos Espaciais</u>:

-Disco voador

<u>Brinquedos Bélicos</u>

-Armas

<u>Brinquedos de Comunicação</u>

-Telefones

2 - Identificação da Marca

- <u>Brinquedos mais antigos, produzidos entre 1933 e 1938</u>.

(a palavra Metalúrgica com dois "L") Brinquedo: Bondinho RG 10.150, ver catálogo páginas 204-205.

(nome abreviado) Brinquedo: Casinha RG 10158, ver catálogo páginas 255-256.

(podendo ser também o nome completo, com uma letra "L") Brinquedo: Regador RG 9422, ver catálogos páginas 252-253.

- <u>Brinquedos fabricados entre 1938, ano que o nome Metalma foi publicado e registrado na *Revista da Propriedade Industrial*, e a década de 1970, fase final da produção de brinquedos pela Metalúrgica Matarazzo S.A. "*Metalma*" acompanhado do símbolo *MM*</u>.

- A Metalúrgica Matarazzo S.A. também produzia artigos domésticos com outras marcas, como Alumínios Rochedo, Combate, Imperador e Martelo (segundo anúncios veiculados nas décadas de 1930 e 1940). Dessas marcas, identificamos um tacho de brinquedo da Martelo M.R.

Martelo M.R. (marca registrada) Brinquedo: Tacho, RG 9446, ver catálogo página 258.

Embora os registros de fontes impressas sobre a marca Imperador não tenham sido encontrados, é provável que a panelinha abaixo possa ser desta marca, pelas seguintes evidências:

1: Foi doada à instituição pela Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães, no mesmo lote de brinquedos em 20/06/2005, que continha dois brinquedos fabricados pela Metalúrgica Matarazzo S.A. (regador RG 9422 e tacho RG 9446). A datação da panelinha é, portanto, similar aos outros dois brinquedos. Alguns anúncios da Metalúrgica Matarazzo S.A. citam as marcas Martelo e Imperador simultaneamente (conforme anúncio veiculado no *Catálogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre,* de 1935, figura 43).

2: É de alumínio, uma das matérias-primas fundamentais utilizadas pela Metalma.

3: A possível associação entre as palavras “Imperador” e a marca “Augustus”, encontrada na peça em questão.

RG 9441, panelinha tipo caçarola com cabo.

marca da panelinha, em sua base.

3 - As matérias-primas empregadas

- Material predominante: folha de flandres (composição de chapa de ferro simplesmente, ou aço, revestido por camada de estanho fundido). Material conhecido também como "lata".

É importante notar que os brinquedos de lata – não só os da Metalma, mas de outras marcas estrangeiras e nacionais – nem sempre eram feitos exclusivamente de lata, e com freqüência foram incluídos outros materiais, como tecido, madeira, ligas, papel, borracha e todos os tipos de plástico, de celulóide ao vinil. Principalmente nos últimos anos em que os brinquedos da marca foram produzidos, o emprego do plástico foi comum.

Alguns brinquedos da Metalúrgica Matarazzo S.A. eram produzidos com chapas metálicas mais finas se comparadas a brinquedos europeus e americanos de mesma matéria-prima[307].

- Outro metal também utilizado pela Metalma: alumínio, principalmente para produção de panelinhas de brinquedo

4 - Técnicas empregadas:

- Simples – chapas de metal pintadas a jato de tinta; também sem aplicação de tinta, caso de brinquedos de alumínio (conjuntos de cozinha)

- Litografia – a principal técnica utilizada nos brinquedos Metalma , a litografia é o processo pelo qual as chapas de folha de flandres são estampadas na lâmina antes de serem prensadas em fôrmas, processo também aplicado em artigos de papel.

[307] Informação fornecida por Sidnei Paulo Diana, proprietário da loja virtual Brinquedos Raros (www.brinquedosraros.com.br)

Geralmente os brinquedos de lata da Metalúrgica Matarazzo S.A. apresentavam os cantos arredondados, uma forma de acabamento para não deixar partes afiadas ou cortantes.

No caso dos conjuntos de praia para crianças, os baldinhos e carrinhos de puxar eram litografados, mas as pazinhas geralmente eram somente pintadas.

5 - Embalagens para acondicionamento de brinquedos Metalma

- Caixas de papelão, podendo ser litografadas e plastificadas. Geralmente os trenzinhos de luxo (com acessórios) possuíam caixas bem trabalhadas.
- Pacotes de plástico/celofane, com cartão de papelão indicando dados como o modelo, a marca Metalma, endereço da fábrica.

6 - Motivos:

Constituem os temas litografados nas chapas metálicas de regadores, baldes de praia, carrinhos de praia, etc. Os brinquedos de praia geralmente apresentavam motivos relacionados a este tipo de ambiente: crianças no mar; peixinhos no fundo do mar; crianças brincando na praia, etc.; porém outros motivos foram também empregados, como o circense. Para o caso de tambores, temas ligados a soldadinhos, e assim por diante.

7 – O Mecanismo

É a forma pela qual um brinquedo com movimento é acionado. Há vários tipos de mecanismos, porém os mecanismos fundamentais presentes nos brinquedos Metalma foram os seguintes:

- Simples: o tipo de movimento impulsionado pelas mãos, de empurrar e puxar; também denominado tração.
- Corda: um dos mecanismos mais utilizados, principalmente na série de trenzinhos de luxo. Como o nome sugere, é acionado por molas de vários tamanhos, através de uma chave, que pode ser acoplada ou não no próprio brinquedo. Para o caso dos

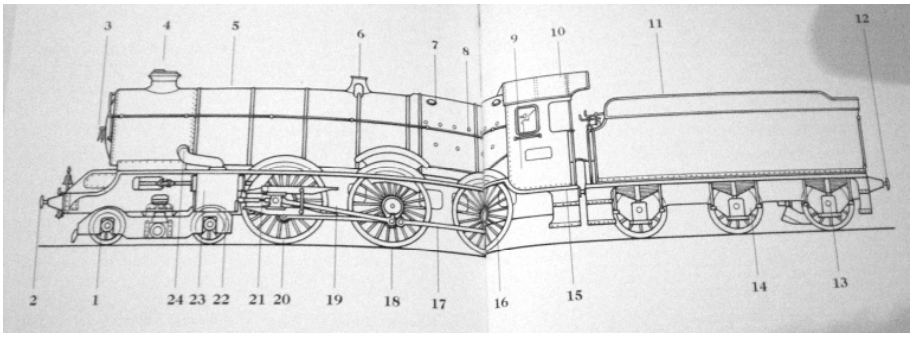
trens Metalma (RGs 9916 e 11065) que integram o acervo do Museu Paulista, as chaves são separadas.

- Fricção: mecanismo em que a criança arrasta o brinquedo de frente para trás, de modo que as rodas completem o mecanismo de atrito e ganhem impulso.

- Bateria: ou pilhas, geralmente encaixadas na base do brinquedo, podendo ser o objeto ser acionado por controle remoto ou ligado diretamente.

7.1 Os trenzinhos e outros veículos

Por terem sido os trenzinhos um dos principais brinquedos fabricados pela Metalúrgica Matarazzo S.A., apresentamos um esquema contendo as principais estruturas de uma locomotiva movida a vapor, com base em obras especializadas referentes a brinquedos estrangeiros.



Glossário do Trem

O trem é o meio de locomoção formado pela locomotiva, tender (vagão especial que carrega carvão ou água e sempre está localizado imediatamente após a locomotiva) e vagões (para transporte de passageiros ou carga).

O esquema acima traz o detalhe das principais partes e um trem movido a vapor.

1- Roda truque

2-Para-choque e para-raio

3-Porta da caixa de fumaça

4-Chaminé

5-Caldeira

6-Válvula de segurança

7-Área onde o combustível é queimado

8-Corrimão

9-Cabine do maquinista

10-Parede da caixa onde o combustível é queimado e onde os controles estão localizados

11-Tender

12-Engate

13-Caixa do Eixo

14-Guarda Eixo

15-Degrau da cabine

16-Roda sem mecanismo de movimento

17-Barra do engate

18-Roda de direção/condução

19-Biela

20-Roda principal de tração

21-Cruzeta

22-Cilindro externo e pistão

23-Válvulas

24-Cano principal de vapor para cilindro

Os trenzinhos Metalma não seguiram rigorosamente esse modelo, eram mais simples, mas há uma locomotiva com tender e um vagão (ver modelo de RG 11.055, catálogo) muito semelhante. O trenzinho Metalma apresenta as estruturas contidas no glossário acima, porém foi litografado, ao contrário daqueles que foram confeccionados ao longo do século XX pelos mais tradicionais fabricantes de trenzinhos do mundo, preocupados nos detalhes para que fossem mais realistas, isto é, mais fidedignos aos trens. Em relação ao tamanho dos trenzinhos, há um termo para isso, conhecido pelo termo "Gauges", que descreve a escala na qual uma locomotiva de brinquedo foi fabricada[308].

[308] Cf. Hugo MARSH, op. cit., pp. 176-180.

Note-se que os trenzinhos da marca paulistana não foram fabricados com tanta diversificação de modelos, em diferentes escalas e com diferentes estruturas em sua composição, como nos caso de alguns fabricantes europeus e americanos (Märklin, Lionel, Hornby, etc.). Essas últimas marcas são famosas na área de ferromodelismo devido aos detalhes realísticos e diferentes padrões de escalas de tamanho.

Além dos trenzinhos, a Metalúrgica Matarazzo também se preocupou em confeccionar veículos que estiveram associados ao cotidiano da população paulistana e do país como um todo. Além do modelo de rolo compressor por ela produzido, baseado nos veículos que foram importados para a execução de obras públicas na capital paulista desde as primeiras décadas do século XX, outros brinquedos foram fabricados segundo modelos e marcas que circularam no Brasil, como caminhões da marca Dodge (no catálogo da marca foi ressaltada a escala do brinquedo em relação ao original e os detalhes do artefato, ver RG 11.060); ônibus Scania; Kombis, Fuscas e Karmann Ghia da Volkswagen; modelos sedan tanto da Ford como da Chevrolet. A Fábrica de Juguetes Matarazzo, na Argentina, não fabricou durante o seu funcionamento os mesmos brinquedos que a Metalúrgica Matarazzo S.A, pois os modelos de meios de transporte que fizeram parte da vida dos argentinos foram distintos daqueles que circularam em nosso país na mesma época[309].

Não podemos deixar de mencionar a produção dos bondinhos, veículos de transporte de pessoas que foram tão utilizados nas ruas paulistanas até meados do século anterior.

Eram todos brinquedos pensados para meninos. Para as meninas, aquilo que se concebia como funções da mulher adulta foram sendo propostas principalmente através dos utensílios domésticos, de casinhas em miniatura, entre outros brinquedos confeccionados em folha de flandres e também em alumínio.

Os dados apresentados no catálogo a seguir, sobre o acervo de brinquedos Metalma do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, são constituídos por:

- Número do RG (registro geral do objeto na instituição, que constitui número de tombo interno)
- Denominação

[309] Cf. Diego LASCANO, *op. cit.,* catálogo, pp. 22-84.

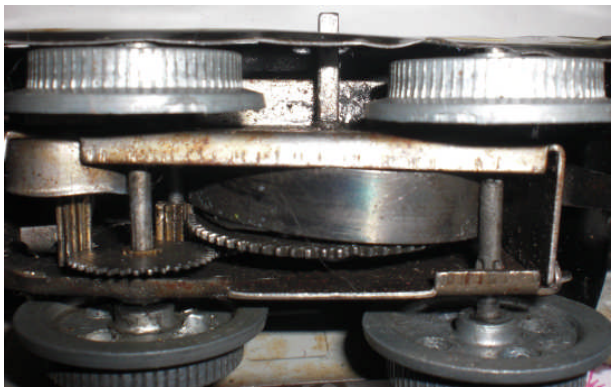
- Principais dimensões do brinquedo: Altura (H); Largura (L); Comprimento (C); e, dependendo do objeto, também Diâmetro (D).
- Material e Técnica: matéria-prima principal empregada no fabrico do objeto e o tipo de técnica utilizada: litografia em cores, jato de tinta, ou quando o brinquedo é simples (caso do alumínio).
- Mecanismo: a maneira na qual o brinquedo com movimento é acionado.
- Componentes: relação de peças que compõem um conjunto: caso do trem (trilhos, estação, etc.), conjunto de praia, etc.
- Fabricante: todos os brinquedos foram fabricados pela Metalúrgica Matarazzo S.A.
- Marca: sabemos que, além da Metalma, a Metalúrgica Matarazzo também produziu artefatos com outras marcas
- Cronologia: Período de fabricação do brinquedo.
- Origem da fabricação: em seus primórdios, a Seção de Brinquedos da Metalúrgica Matarazzo esteve na capital paulista e, mais tarde transferiu-se para o Estado de Minas Gerais
- Número de série/modelo presente em trenzinhos.
- Forma e Fonte de Aquisição: se comprado ou doado à instituição.
- Inscrições.
- Se o brinquedo consta em algum dos Catálogos Metalma disponíveis no acervo do Museu Paulista da USP.

Catálogo dos Brinquedos Metalma do Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

VEÍCULOS

Transporte Ferroviário (Os Trenzinhos)

1.
RG 9916
Denominação: Trenzinho
Modelo: Trem de Luxo
Número de série 421
Dimensões: H: 10,5 x L: 41 cm x C: 46 cm (caixa)
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; caixa de papelão litografada em cores.
Mecanismo: Corda
Componentes: 1 locomotiva, 1 tender, 3 vagões de passageiros, 1 estação, 3 sinais, conjunto de trilhos (peças curvas), chave para corda; caixa. Completo.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2005.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.



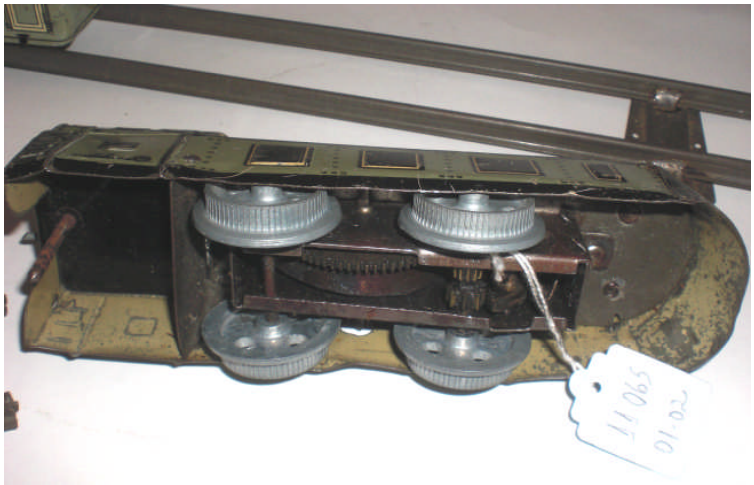
Mecanismo para acionamento de movimento: Corda (sob a locomotiva)

Chave para acionamento do movimento do trenzinho, com a inscrição da fábrica.

2.
RG 11.065-02-02
Denominação: Trenzinho
Modelo: Trem de Luxo nº 2
Dimensões:H: 8 x L: 39xx C: 45 cm (caixa)
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; caixa de papelão litografada em cores
Mecanismo: Corda
Componentes: 1 locomotiva, 1 tender, 3 vagões de passageiros, 1 sinal, conjunto de trilhos peças curvas e retas) e chave para corda; caixa. Completo.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Fabricado entre as décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.

Nº 2
TREM DE LUXO

METALURGICA MATARAZZO S.A.
SÃO PAULO
metalma
INDÚSTRIA BRASILEIRA



938

METALMA

3.
RG: 11.055
Denominação: Trenzinho
Modelo: nº 700
Dimensões: H: 11x L: 7 x C: 60 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Mecanismo: Tração (sem corda).
Componentes: Locomotiva com tender e um vagão. Completo.
Acessórios: Sem acessórios
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950

753

753
INDUSTRIA BRASILEIRA

E.F.C.B.
E.F.C.B.

4.
RG 9885
Denominação: Trenzinho
Modelo: Trem de Carga 1 nº 443
Dimensões: H: 7,5 cm x L: 31 x C: 41 cm (caixa)
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; caixa de papelão litografada em cores.
Mecanismo: A corda.
Componentes: 1 locomotiva, 1 vagão e 1 tender para carga, 1 vagão guindaste com carretel, conjunto de trilhos (8 peças curvas e 4 peças retas); caixa. Completo.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: fins dos anos de 1950 e início dos anos 60.
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: Doação por Roberto Silveira Barbuy, 29/07/1999.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
Não consta nos catálogos disponíveis no acervo do Museu Paulista.

Trem de Carga
metalma MM
Trem de Carga

RUA CAETANO PINTO, 575 - TELEFONES 33-2133 E 33-2137
TELEGRAMAS "METALMA" CAIXA POSTAL, 2400 - SÃO PAULO

Trem de Carga
N.º 443
1
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Veículos para transporte coletivo de pessoas em cidades ou estradas

Bondinhos

5.
RG 10.150
Denominação: Bondinho
Dimensões: H: 10,5 x L: 7,5 x C: 26,5 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Mecanismo: Tração (sem corda)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metallurgica Matarazzo
Cronologia: Entre os anos de 1933 e 1938
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta nos catálogos disponíveis no acervo do Museu Paulista.

Inscrição da marca Metallurgica Matarazzo

6.
RG 10.148
Denominação: Bondinho
Modelo: Bondinho Alegria
Dimensões: H: 9,5 x L: 7 x C: 26 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; caixa de papelão litografada em cores.
Componentes: bondinho; caixa
Mecanismo: Tração
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.
De acordo com o catálogo *"Brinquedos e Artigos Domésticos Metalma"*, o brinquedo emitia som de campainha quando em movimento.

bondinho
ALEGRIA
TLIM
TLIM
TLIM
TLIM
TLIM
ALEGRIA

Ônibus

7. e 8.

RGs 10.152 e 11.054
Denominação: Ônibus
Modelo: Ônibus Expresso Brasileiro
Dimensões: H: 10 x L: 9,5 x C: 42 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; plástico
Mecanismo: Fricção
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.
De acordo com catálogo Metalma (década de 1970), o brinquedo vinha acondicionado em caixa de papelão com tampa litografada em cores e plastificada.

SÃO PAULO

metalma
INDÚSTRIA BRASILEIRA
Expresso
Brasileiro

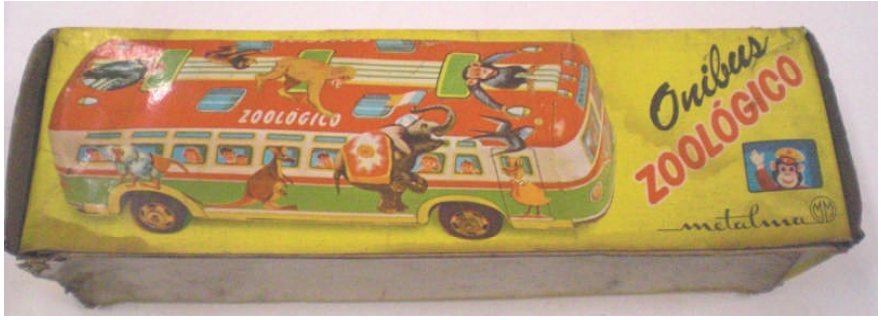
601

SÃO PAULO
11054

MM
S A
IND BRAS

Página de catálogo onde se vê o modelo do ônibus (Acervo A. Andrea Matarazzo)

9.
RG 11.056
Denominação: Ônibus
Modelo: Ônibus Scânia Luxo
Dimensões: H: 17 x L: 16,5 x C: 60 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; plástico (rodas)
Mecanismo: Tração
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.



10.
RG 11.072
Denominação: Caixa de Brinquedo
Modelo: “Ônibus Zoológico”
Dimensões: H: 8 x L: 8,5 x C: 27 cm
Material e Técnica: Papelão litografado em cores.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970.
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

Veículos para Serviços Públicos ou Particulares

Caminhões

11.
RG: 11.060
Denominação: Caminhãozinho
Modelo: Caminhão Basculante Dodge nº 376 (sem corda)
Dimensões: H: 11 x L: 11,5 x C: 30 cm
Material e Técnica: Folha de flandres em cores, com acabamento a duco[310]; borracha.
Mecanismo: Tração
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940/1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.

[310] Segundo informações do Catálogo Metalma: o modelo está em escala de 1:19 do verdadeiro, com perfeitos detalhes e acabamento à Duco* (*nome comercial de linha de produtos para indústria automotiva, criada em 1920 pela DuPont). De acordo com Daniela Pelegrinelli, "ao duco" pode ser também: "las pinturas al duco son lacas cuya principal característica es que están compuestas por nitrocelulosa (nitrato de celulosa, piroxilita o algodón pólvora) plastificada, que les otorga um alto grado de flexibilidad. Em la industria de juguetes se utilizaron muchísimo por el excelente acabado, y por lo general se aplicaron com aerógrafos" (*op. cit.,* página 303).

CAMINHÕES DODGE

metalma

EM CAIXAS LITOGRAFADAS

APRESENTAMOS NESTA PÁGINA E NA PÁGINA SEGUINTE, TRÊS MODELOS DE CAMINHÕES "DODGE" EM ESCALA APROXIMADA DE 1:19 DO VERDADEIRO, COM PERFEITOS DETALHES E ACABAMENTO A DUCO

N.º 376 Sem corda — CAMINHÃO BASCULANTE — N.º 376-C Com corda

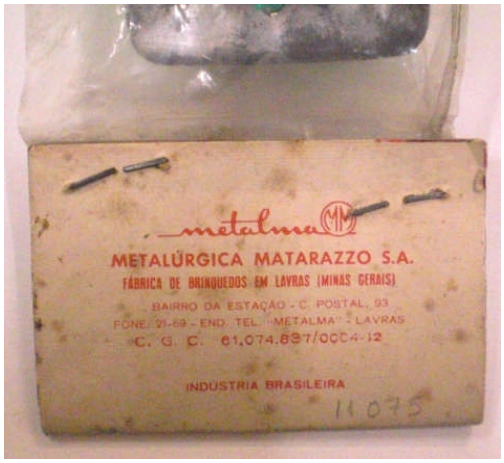
Este é um brinquedo mecânico de grande atrativo. E' uma perfeita miniatura em seus detalhes possuindo alavanca, trava, pistão de pressão com mola e porta traseira basculante.

Comp. 28,5 cms. — Larg. 11,5 cms. — Alt. 11 cms.

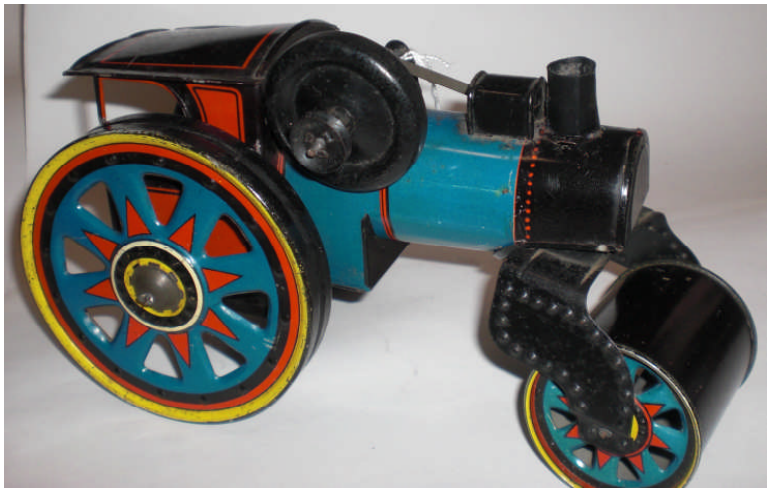
Página de catálogo onde se vê o modelo, nas versões com mecanismo simples de tração e corda. (acervo A. Andrea Matarazzo, reprodução disponível para consulta no Museu Paulista da USP)

12.
RG 11.057-01-02 e RG 11.057-02-02
Denominação: Caminhãozinho
Modelo: Caminhão Dodge com caçamba (2 unidades)
Dimensões: H: 10,5 x L: 11,5 x C: 51 cm
Material e Técnica: Folha de flandres em cores; borracha
Mecanismo: Tração (sem corda)
Componentes: 1 caminhão com caçamba vermelha, 1 caçamba azul.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.

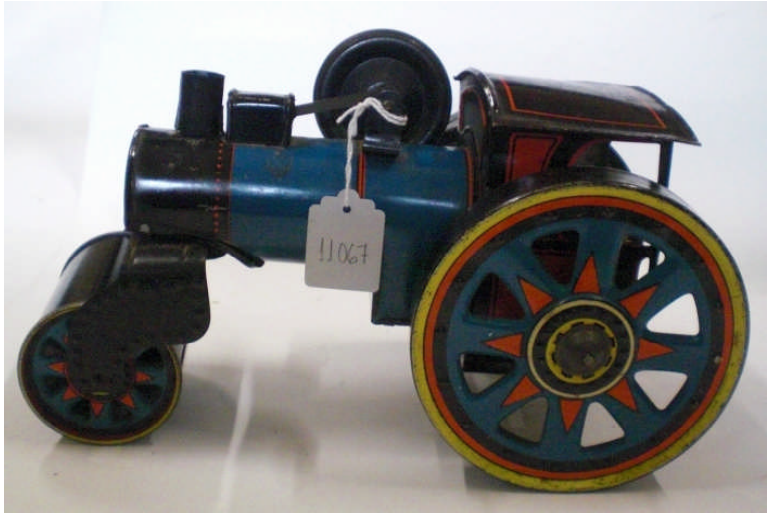
13.
RG 11.075
Denominação: Caminhãozinho
Modelo: Mini Caminhão Tora (em embalagem original)
Dimensões: H: 5 x C: 10,5 x L: 3 cm
Material e Técnica: Plástico, folha de flandres simples, madeira
Mecanismo: Tração (sem corda)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970.
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.



Rolo Compressor



14. e 15.
RGs 10.149 e 11.067
Denominação: Rolo Compressor
Modelo: Rolo Compressor, também designado como “veículo amassa-barro”
Dimensões: H: 12,5 x L: 11 x C: 23 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Mecanismo: Tração (sem corda)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.



Kombi

16.
RG 10.151
Denominação: Kombi
Modelo: Volkswagen Kombi Corpo de Bombeiros
Dimensões: H: 12 x C: 27 x L: 10,6 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores, plástico
Mecanismo: Fricção
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Inscrições: Placa do brinquedo com o número do telefone do escritório da Metalúrgica Matarazzo em São Paulo.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

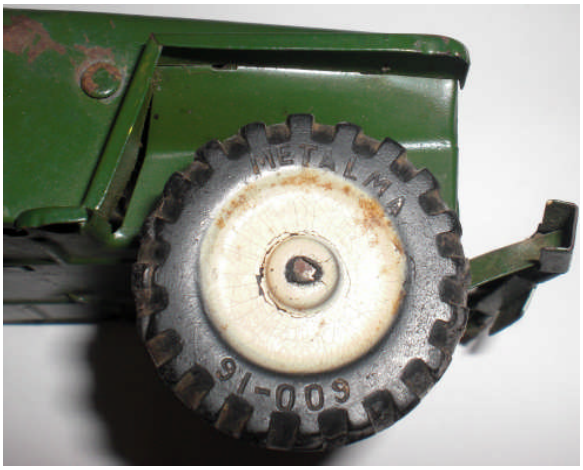
BOMBEIROS
33·21·33

17.
RG 11.073
Denominação: Caixa de brinquedo
Modelo: Volkswagen Polícia com fricção
Dimensões: H: 11,5 x L: 10,5 x C: 27 cm
Material e Técnica: Papelão litografado em cores
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

18.
RG 11.059
Denominação: Carrinho
Modelo: Chevrolet Polícia com fricção
Dimensões: H: 12,4 x C: 35 x L: 15,2 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Mecanismo: Fricção.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

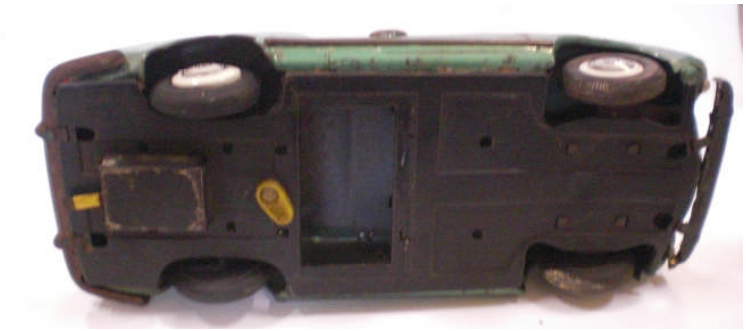
Veículo de Guerra

19. e 20.
RG 7939 e 11.064
Denominação: Jipinho militar
Modelo: Jeep Militar
Dimensões: H: 8 x L: 8 x C: 17 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores, plástico, borracha
Componentes: veículo; dois soldadinhos de plástico; galão de combustível
Mecanismo: Tração (sem corda)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologioa: Décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: Doação por Rosemari Pires dos Santos Guido, 01/09/1994 (RG 7939); compra de antiquario, 2009 (RG 11.064)
Inscrições: “Metalma 600-16” (rodas).
Falta o voltante, bem como a estrutrura metálica que sustenta o para-brisa (do Rg 7939). O brinquedo de RG 11.064 possui o para-brisa.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.

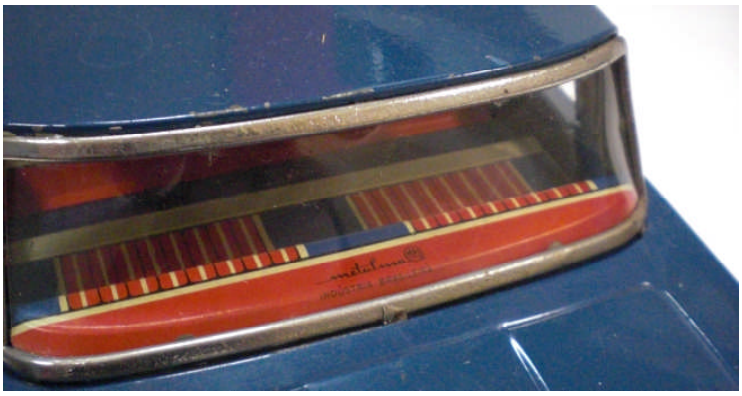

METALMA
600-16

Veículos Particulares/ Luxo

21.
RG 11.066
Denominação: Carrinho
Modelo: Volkswagen Karmann Ghia
Dimensões: H: 7,5 x L: 8,5 x C: 25 cm
Material e Técnica: Folha de flandres em cores (parte externa do brinquedo); folha de flandres litografada em cores (interior: assentos e painel); plástico.
Mecanismo: Bateria (pilha, 2 unidades)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: meados da década de 1960 a 1970.
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Inscrições: 33-2133 (na placa do carrinho; era o número do escritório da Metalma em São Paulo)
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.



22.
RG: 11.053
Denominação: Carrinho
Modelo: Chevrolet Sedan Luxo
Dimensões: H: 10 x L: 13,5 x C: 33 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; plástico; papelão litografado em cores
Componentes: 1 carrinho; 1caixa
Mecanismo: Fricção
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Inscrições: 33-2133 (na placa do carrinho; era o número do escritório da Metalma em São Paulo)
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP



CHEVROLET
· sedan
luxo
metalma

931
COM FRICÇÃO

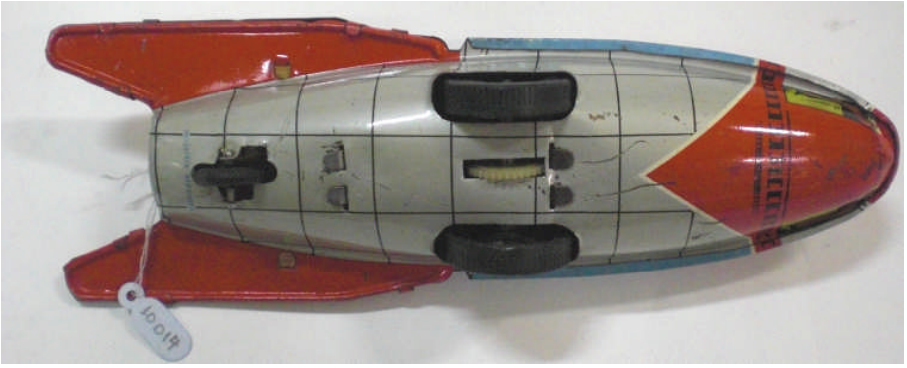
Veículo Aquático

23.
RG 11.058-00-02
Denominação: Lanchinha
Modelo: Lancha Karina Super Esporte
Dimensões: H: 12,5 x L: 15 x C: 31 cm
Material e Técnica: Plástico, folha de flandres simples e litografada em cores, papelão litografado em cores
Componentes: lancha, caixa original
Mecanismo: Bateria (pilha, 2 unidades)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP

LANCHA
KARINA
X2
SUPER ESPORTE
metalma
MM

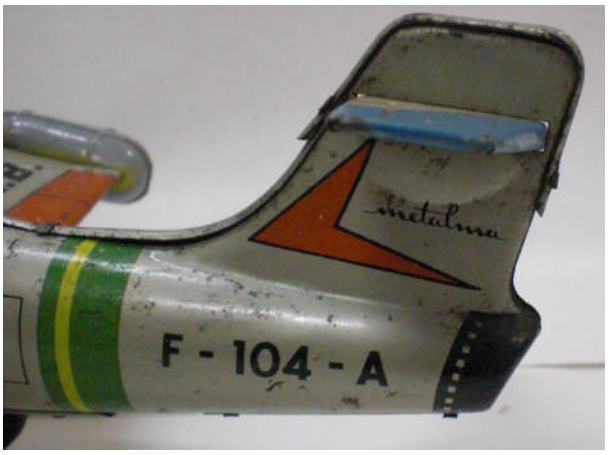
Veículos Aéreos

24. e 25.
RGs 10.014 e 10.156
Denominação: Jato
Modelo: Jato Metalma
Dimensões: H: 6 x L: 6 x C: 20 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; papelão litografado em cores.
Mecanismo: Fricção
Componentes: jatinho, caixa de papelão
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário (RG10.014: ano de 2006); compra de antiquário (RG 10.156: ano e 2009)
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970



JATO
metalma
INDUSTRIA BRASILEIRA
METALÚRGICA MATARAZZO S.A.
FÁBRICA DE BRINQUEDOS EM LAVRAS
(MINAS GERAIS)
BAIRRO DA ESTAÇÃO
C. POSTAL, 93 - FONE: 21-69
END. TEL. "METALMA" - LAVRAS

26.
RG 11.062
Denominação: Aviãozinho
Modelo: Avião Força Aérea Brasileira – F.A.B.
Dimensões: H: 9 x L: 24 x C: 40 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores, plástico
Mecanismo: Fricção
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.



.

CONJUNTOS DE PRAIA

Carrinhos de Puxar

27.
RG 10.143
Denominação: Carrinho de puxar
Motivo: crianças no mar
Dimensões: H: 12 x L: 13,5 x C: 23 cm
Material e Técnica: Folha de flandres simples e litografada em cores.
Mecanismo: Tração
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950.
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Falta o puxador.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950, porém com motivo diferente.

INDUSTRIA BRASILEIRA

28.
RG 10.144
Denominação: Carrinho de puxar
Motivo: Animais marítimos (Polvos e Siris)
Dimensões: H: 12 x L: 14 x C: 22,7 cm
Material e Técnica: Folha de flandres simples e litografada em cores.
Mecanismo: Tração.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950.
Origem: São Paulo/SP.
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950, porém com motivo diferente.

Baldinhos

29.
RG 10.146
Denominação: Baldinho
Motivo: crianças brincando em parque
Dimensões: H: 13 (20 cm com alça levantada) x D: 14,5 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970.
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP

30.
RG 10.145
Denominação: Baldinho
Motivo: Circo
Modelo: Balde médio
Dimensões: H: 12 x D: 10,5 cm
Material e Técnica: Folha de flandres simples (pazinha) e litografada em cores.
Componentes: balde e pá
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950

31.

RG 10.147

Denominação: Baldinho
Motivo: Crianças na praia
Dimensões: H: 13 (com a alça levantada: 21) x D: 14 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

Modelos de baldes para praia em catálogo Metalma (Acervo pessoal de A. Andrea Matarazzo, reprodução disponível no Museu Paulista da USP)

32.
RG 11.069
Denominação: Baldinho
Motivos: Peixes
Dimensões: H: 14 x D: 14,6 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras, Minas Gerais
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

Pormenor com a marca Metalma

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Tamborzinho

33.
RG 10.155
Denominação: Tamborzinho
Motivo: crianças e letras do alfabeto
Dimensões: H: 9 x D: 16,3 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; cordão
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta nos catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.

Pormenor da figura, onde se vê o símbolo da marca e a procedência brasileira.

34.
RG 11.068
Denominação: Tamborzinho
Motivo: crianças indígenas
Dimensões: H: 9 X D: 16,5 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; cordão; plástico e papelão.
Componentes: Tamborzinho e embalagem original
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre 1964 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.

Página de catálogo Metalma onde se vê o modelo de tambor (Acervo de A. Andrea Matarazzo)

35. e 36.
RGs: 10.153 e 10.154
Denominação: Tamborzinho
Motivo: Soldadinhos
Dimensões: H: 9 x D: 16,3 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; cordão
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/Minas Gerais
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta nos catálogos Metalma disponíveis no Museu Paulista da USP.

Chocalho

37.
RG 11.074
Denominação: Chocalho
Modelo: Chocalho Sonoro
Motivo: Infantis: crianças e animaizinhos
Dimensões: C:20,5 x D: 6 cm
Material e Técnica: Acetato; plástico (cabo)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1970.
Segundo catálogo, quando acionado, produz som de escala musical.

OBJETOS PARA OS VAREJISTAS E PARA AS CRIANÇAS: PARA ACONDICIONAMENTO DE BALAS, BOMBONS OU CHOCOLATES OU OUTROS PRODUTOS

Brinquedos de Puxar

38. e 39.
RGs: 10.160 e 11.070
Denominação: Coelhinho com recipiente
Modelo: Coelhinho com recipiente trapezoidal
Motivo: Animaizinhos em ambiente campestre
Dimensões: H: 19,5 x L: 9 x C: 29 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Mecanismo: Tração
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1940 e 1950
Origem: São Paulo, São Paulo
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Segundo Catálogo Metalma: *"Brinquedos de puchar ricamente litografados. Eles podem ser vendidos pelos varejistas, vasios ou cheios de chocolates e bonbons".*
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta em catálogo Metalma, década de 1950.
Havia também outros modelos de coelhinhos e pato com recipientes de formatos geométricos distintos, conforme página extraída de catálogo, na página a seguir.

(Acervo Pessoal de A. Andrea Matarazzo, reprodução disponível no Museu Paulista-USP)

BRINQUEDOS PARA AS MENINAS

Regador

40.
RG 9422
Denominação: Regador
Motivo: cena infantil
Dimensões: H: 22,5 x L: 11.5 x C: 28 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalúrgica Matarazzo S.A. S. Paulo
Cronologia: Entre os anos de 1933 e 1938
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: Doação pela Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães, 20/06/2005.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.

Pormenor do regador com a inscrição da marca, próxima à base do brinquedo.

Máquina de lavar roupa

41.
RG 10.159
Denominação: Máquina de lavar roupa
Dimensões: H: 16,5 x L: 11,5 x P: 12 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; plástico.
Mecanismo: Pilha (2 unidades)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Entre as décadas de 1960 e 1970
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Consta modelo semelhante em catálogo Metalma, década de 1970, que apresenta, porém, motivo infantil (meninas)

Casinha

42.
RG 10.158
Denominação: Casinha
Dimensões: H: 16 x L: 36 x C: 25 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; pano.
Componentes: casinha e boneca de pano
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Met. Matarazzo S.A. – S. Paulo
Cronologia: Entre os anos de 1933 e 1938.
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acompanha uma bonequinha de pano em seu interior; o interior do objeto contém um dispositivo que provavelmente fazia com que a bonequinha saísse da casinha quando a portinha fosse aberta.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.

Pormenor da inscrição da marca no brinquedo.

Cestinha de piquenique para bonecas

43.
RG: em processamento
Denominação: Cestinha de piquenique
Dimensões: H: 10 x C: 10 cm
Material e Técnica: Folha de flandres pintada a jato.
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalúrgica Matarazzo S.A.[311]
Cronologia: Entre os anos de 1933 e 1938
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: Doação, outubro/2011
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.

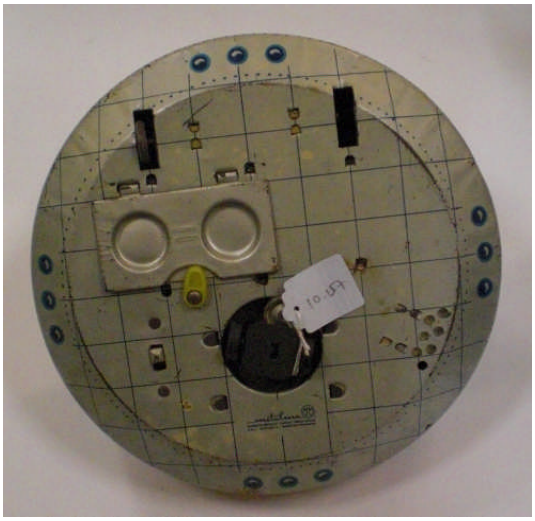
[311] Sem o registro da marca, provavelmente porque não só era vendida como brinquedo, mas também como embalagem para varejistas, caso da Falchi, conforme explicado no estudo.
Essa cestinha, antes de ser doada ao Museu Paulista, foi comprada em um site especializado em brinquedos antigos, o www.brinquedosraros.com.br, propriedade do Sr. Sidnei Paulo Diana.
Segundo ele, as compras de brinquedos para venda no site são feitas diretamente de seus primeiros proprietários, aqueles que têm as informações corretas sobre os objetos que vendem.
A cestinha foi comprada há mais de dez anos de um senhor, que informou ser ela fabricada pela Metalma.
O mesmo senhor levou à loja outros brinquedos, entre eles alguns reconhecidamente fabricados pela Metalúrgica Matarazzo S.A. e da época final dos anos 30 e início da década de 1940, sendo um indício a mais para identificar a cestinha como sendo da fábrica paulistana.
A chapa de metal é fina, outro indício de ser brinquedo nacional, porque os brinquedos alemães e americanos eram, geralmente, feitos com chapas de maior espessura.

Utensílios de Cozinha

44.
RG 9446
Denominação: Tacho
Dimensões: H: 3,5 x D: 15,7 x C: 21 cm
Material e Técnica: Metal: alumínio, simples (sem litografia ou jato de tinta)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Martelo M.R. [figura de um martelo e as iniciais M.R.]
Cronologia: Entre décadas de 1930 e 1940
Origem: São Paulo/SP
Aquisição: Doação pela Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães, 20/06/2005
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.

BRINQUEDOS ESPACIAIS

45.
RG: 10.157
Denominação: Disco voador
Dimensões: H: 11,5 x D: 20 cm
Material e Técnica: Folha de flandres litografada em cores; plástico
Mecanismo: pilha (2 unidades)
Fabricante: Metalúrgica Matarazzo S.A.
Marca: Metalma
Cronologia: Meados da década de 1960 a 1970.
Origem: Lavras/MG
Aquisição: compra de antiquário, 2009.
Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Não consta em catálogos disponíveis no Museu Paulista da USP.



Pormenor com a inscrição da marca e símbolo no brinquedo.

Bibliografia e Fontes

Instituições e Coleções

Acervo Particular de A. Andrea Matarazzo

Acervo Particular de Ana Maria de Almeida Camargo

Arquivo do Estado de São Paulo

Arquivo Histórico Municipal Washington Luís – Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo

Biblioteca Central da Faculdade de Direito da USP

Biblioteca da Associação Comercial de São Paulo

Biblioteca da Cinemateca Brasileira

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP

Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) – Departamento de História da FFLCH-USP

Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados)

Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Biblioteca, Serviço de Documentação Textual e Iconografia, Serviço de Objetos).

www.sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/

http://maps.google.com.br/

1 – Referências Bibliográficas

AFLALO, Maria Cecília Marques da Costa. *O brinquedo interessa a muita gente.* São Paulo, 1988, 149p., Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

ALMEIDA, Mário de. *O Comércio no Brasil: iluminando a memória.* Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1995.

ANDRADE, Margarida Maria de. *Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho.* São Paulo, 1991, 253 p., Tese de Doutoramento, FFLCH-USP.

ANDREATTA, Margarida Davina. *Arqueologia histórica e a mineração de Ipanema.* São Paulo: Colóquio de História e Teoria do conhecimento geográfico. Campinas: UNICAMP, 1988.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 (2ª edição brasileira).

ATKINSON, R.L. *Tin and tin mining.* Great Britain: Shire Publications Ltd., 1985.

BANDEIRA JR., Antonio Francisco. *A Industria no Estado de São Paulo em 1901.* São Paulo: Typ. do "Diário Official", 1901.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. "Brinquedos: modelos introjetados". In: Adilson Avansi de ABREU (org.). *Quantos anos faz o Brasil?* São Paulo: EDUSP, 2000, pp. 49-51.

_____. "Documentação museológica e a pesquisa em museus". In: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. *Documentação em museus*. Rio de janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2008, p. 33-44.

_____. *A Exposição Universal de 1889 em Paris.* São Paulo: Edições Loyola/História Social USP, 1999.

_____. *Justificativa para aquisição de brinquedos para o acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo,* Processo nº 2009.1.355.33.0.

BARTHES, Roland. *Mitologias.* 4. ed. São Paulo: DIFEL, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.* São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

BLAJ, Ilana. *A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo Colonial (1681-1721).* São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2002.

BLOCH, Marc. *Apologia da História.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOMTEMPO, Edda; HUSSEIN, C. L. e ZAMBERLAN, M. A. R. *Psicologia do brinquedo.* São Paulo: EDUSP, Nova Stella, 1986.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *A Teia Mercantil: negócios e poderes em São Paulo Colonial (1711-1765).* São Paulo: Alameda, 2010. (Originalmente Tese de Doutoramento, 2006).

BOWLER, Gerry. *Papai Noel: Uma Biografia.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, economia e capitalismo.* Trad.: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 3 v. (1ª Ed. Fr. 1979).

BREFE, Ana Claudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a Memória Nacional, 1917-1945.* São Paulo: Editora UNESP: Museu Paulista, 2005.

BRIGDEN, Roy. "Research Social History". In: THOMPSON, John M. A. (ed.). *Manual of Curatorship: a guide to museum practice.* 2nd. ed. Oxford, 1992.

BROUGÈRE, Gilles. *Le jouet: valeurs et paradoxes d'un petit objet secret.* Paris: Éditions Autrement, Série Mutations no. 133, 1992.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura.* São Paulo: Cortez Editora, 1995.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo.* 3ª ed. São Paulo: HUCITEC/Prefeitura Municipal de São Paulo, 1984. (1ª ed. 1953).

BUCHANAN, Angus. "The definition of industrial archeology". In: *L'Étude et la mise en valeur du Patrimoine Industriel.* 4eme. Conférence Internationale. Lyon-Grénoble, septembre 1981, Paris, CNRS, 1985, pp 104-108.

_____. *Industrial Archaelogy in Britain.* Harmondsworth: Penguin Books, 1972.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os primeiros almanaques de São Paulo: introdução à edição fac-similar dos almanaques de 1857 e 1858.* São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo.* São Paulo: DIFEL, 1977.

CARLSON, Pierce. *Toy Trains.* Harper & Row, New York/Victor Gollncz Ltd., London, 1986.

CARONE, Edgard. *A Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC, 2001.

_____. *O Pensamento Industrial no Brasil (1880-1945).* Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1977.

CARTA de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), 2003.

CARVALHO, C. H. de, MOURA, Esmeralda Blanco B. de e ARAÚJO, José Carlos de Souza (orgs.). *A infância na modernidade: entre a educação e o trabalho.* 1ª Ed., Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia (EDUFU), 2007, v.1.

CLARETIE, Léo. *Les jouets (Histoire, Fabrication).* Paris: Librairies-Imprimeries Réunies, 1893.

COLEMAN, Evelyn J. *The Collector's Encyclopedia of Dolls.* (2 Vs.). London/New York : Robert Hale Limited, 1986.

COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004, 2 v.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana, 1890-1915.* São Paulo: EDUC/FAPESP/Imprensa Oficial-SP, 2000.

DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC, 2002.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* Tradução de Octavio Mendes Cajado. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s.d.

DEL PRIORE, Mary. *História da criança no Brasil.* São Paulo: Contexto/CEDHAL, 1991.

DERTÔNIO, Hilário. *O Bairro do Bom Retiro.* Série História dos Bairros de São Paulo – IX. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1971.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena. *Thesaurus para acervos museológicos.* Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 34ª Ed.

GAITÁN, Julieta Ortiz. "Iconos de la modernidad. Bienes y objetos industriales: su representación em el discurso publicitário de la prensa ilustrada". In: Cecilia Gutiérrez ARRIOLA (org.). *La Revolución Industrial y su patrimonio: 12º Coloquio Del Seminario de Estudio y Conservación Del Patrimonio Cultural.* Mexico: UNAM, Instituto de Investigaciones Estéticas, 2007, pp. 221-242.

GARON, Denise. "Classificação e análise de materiais lúdicos – o Sistema ESAR". In: Adriana Friedmann *et alii*. *O direito de brincar: a brinquedoteca.* São Paulo: Fundação ABRINQ/ Scritta Editorial, 1992.

GAULUPEAU, Yves. *La France à l'École.* Paris: Gallimard, 1992.

GLEZER, Raquel. "A cidade de São Paulo e as indústrias". In: Heloisa BARBUY (org.). *Suplemento do Diário Oficial do Estado de São Paulo.* Volume 113, no. 18. São Paulo: Imprensa Oficial, 25 de Janeiro de 2003 (Número comemorativo do 449º aniversário de fundação de São Paulo).

GOODFELLOW, Caroline G. *Understanding dolls.* Woodbridge: Antique Collector's Club Ltd., 1986.

GUEDES, Ângela Cardoso. *Brinquedo: Fonte de informação museológica.* Rio de Janeiro, 2004, 285f., Tese de Doutoramento em Ciência da Informação, UFRJ/ECO-RJ.

_____. "Brinquedos: a formação da coleção do Museu Histórico Nacional", in: *Anais do Museu Histórico Nacional,* volume 34, 2002, Edição Comemorativa dos 80 anos de fundação do Museu Histórico Nacional (1922-2002), pp. 343-370.

_____. "A formação da coleção de brinquedos do Museu Histórico Nacional – memórias afetivas, história e histórias", in: *Anais do Museu Histórico Nacional,* volume 42, 2010, Edição alusiva aos 70 anos de publicação do 1º volume dos Anais do Museu Histórico Nacional (1940-2010), pp. 107-123.

HILTON, Stanley. "Vargas and Brazilian economic development, 1930-1945. a reappraisal of his attitude toward industrialization and planning". *Journal of Economic History.* 35 (4), December 1975, p. 754-778.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O jogo como element da cultura.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, 5ª edição.

JAULIN, Robert *et alii. Jeux et Jouets. Essai d'ethnotechnologie.* Paris: Éditions Aubier Montaigne, 1979.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo, a criança e a educação*. São Paulo, 1992, 276p., Tese de Livre-Docência, Faculdade de Educação – USP.

KITAHARA, Teruhisa. *Yesterday's toys: celluloid dolls, clowns and animals.* San Francisco: Chronicle Books, 1989.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo. Reflexões sobre a sua preservação.* São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP/Secretaria da Cultura, 1998.

_____. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro.* Cotia, SP: Ateliê Editorial/FAPESP, 2008.

LASCANO, Diego. *Juguetes uruguayos, 1910-1960.* Santiago de Chile: Ediciones Pictoria Ltda, 2004.

LASCANO, Diego & SUDALSKY, Daniel. *Matarazzo: Juguetes de Hojalata Argentinos.* Buenos Aires: Pictoria Books, 2005.

LAURENTINO, Fernando de Pádua. *Várzeas do Tamanduateí: industrialização e desindustrialização.* São Paulo, 2002, 155 p., Dissertação de Mestrado FFLCH-USP.

LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. *Entre o discurso e a realidade: a quem interessa o Centro de São Paulo? A Avenida São Luiz e sua evolução.* São Paulo, 1999, Tese de Doutorado, FAU-USP.

LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova.* Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O suplício do Papai Noel.* São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, Paula Coelho Magalhães de. *A Exposição de 1917 em São Paulo: representações do industrialismo na metrópole nascente.* São Paulo: Relatório final de Iniciação Científica, sob orientação de Heloisa Barbuy, apresentado à FAPESP, 2008.

LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização do Brasil (1808-1930).* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

MALAN, Pedro *et alii*. Política econômica externa e industrialização no Brasil, 1939-52. Rio de Janeiro: IPEA, 1980.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil.* São Paulo: EDUSP, 2003, 3 v.

MARSH, Hugo. *Toys and games: antiques checklist.* London: Reed International Books Limited, 1995.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).* São Paulo: EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo: o Empresário e a Empresa. Estudo de Sociologia do Desenvolvimento.* São Paulo: HUCITEC, 1974.

MAZA, Fábio. *O idealismo prático de Roberto Simonsen. Ciência, tecnologia e indústria na construção da nação.* São Paulo: FIESP/CIESP/IRS, 2004. (Originalmente Tese de doutoramento apresentada na área de História Social da FFLCH-USP em 2002).

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “A Cultura Material no estudo das sociedades antigas”. In: *Revista de História,* São Paulo, Departamento de História da FFLCH/USP, no. 115, p.103-117, jul.-dez. 1983.

_____. *Plano Diretor.* São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1990. (datilografado).

MERLO, Maria Cristina. *O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962).* São Paulo: Dissertação de Mestrado ECA-USP, 2003.

MIL brinquedos para a criança brasileira: uma exposição do Centro de Lazer SESC, Fábrica Pompeia. São Paulo: SESC/ Museu de Arte de São Paulo, 1982.

MITROVITCH, Caroline. *Experiência e formação em Walter Benjamin.* São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MORAES, Fábio Rodrigo de. “Uma coleção de história em um museu de ciências naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering”. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.* Volume 16 nº1, São Paulo, jan./jun. 2008, pp. 203-233.

MORAES, Maria Luiza de Paiva. *A atuação da firma Theodor Wille & Cia. no mercado cafeeiro do Brasil, 1844-1918.* São Paulo, 1988, Tese de Doutoramento História/FFLCH-USP.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo – de comunidade à metrópole.* São Paulo: DIFEL, 1970.

MOURA, Denise A. Soares de. *Sociedade movediça: economia, cultura e relações sociais em São Paulo, 1808-1850.* São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Mulheres e menores no trabalho industrial: sexo e idade na dinâmica do capital.* Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. “Infância operária e acidente do trabalho em São Paulo”. In: Mary Del PRIORE. *História da criança no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1991, pp. 112-128.

_____. “Crianças operárias na recém industrializada São Paulo”. In: Mary Del PRIORE (org.). *História das crianças no Brasil*, 1ª Ed., São Paulo: Contexto, 1999, pp. 259-288.

O’BRIEN, Richard. *The Story of American Toys: from the puritans to the present.* New York: Abeville Press Publishers, 1990.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *A inocência do brinquedo*. São Paulo, 1983, Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

_____. *Brinquedos artesanais e expressividade cultural.* São Paulo: Serviço Social do Comércio, 1982

_____. *O que é brinquedo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20.* São Paulo: Annablume, 2001.

PEARCE, Susan M. *Interpreting objects and collections.* London/New York: Routledge, 1994.

PEARSON, Sue; MILLER, Judith. *Miller's Antiques Checklist: Dolls and Teddy Bears.* London: Reed International Books Limited, 1993.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. *Casas importadoras de Santos e seus agentes: Comércio e Cultura Material (1870-1900).* São Paulo, 2010, 109 p., Dissertação de Mestrado, História Social/FFLCH-USP.

PELEGRINELLI, Daniela. *Diccionario de juguetes argentinos. Infância, industria y educación, 1880-1965.* Buenos Aires: El Juguete Ilustrado Editores, 2010.

PEREIRA, José Hermes Martins. *Louça Paulista. A implantação da indústria de louça em São Paulo, 1912-1937 (Estudo de História na perspectiva da Cultura Material).* São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSP/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2010. (Originalmente Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sob orientação de Heloisa Barbuy. São Paulo, 2002).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX.* São Paulo, HUCITEC, 1997.

PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil.* 10ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

PRESSLAND, David. *Jouets d'autrefois: histoire illustrée des jouets de fer-blanc.* ____: Edita-Vilo S.A., 1976.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais. Nascimento do consumo, séculos XVII-XIX.* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação do Patrimônio Industrial na cidade de São Paulo: o bairro da Mooca.* São Paulo, 2004, 183 p., Dissertação de Mestrado, FAU-USP.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. "Estradas de ferro e diversificação da atividade econômica na expansão cafeeira em São Paulo, 1870-1900", in Tamás Szmrecsányi (org.). *História econômica da Independência e do Império.* São Paulo: HUCITEC, 1996.

SALISBURY, David. *Toy Trains.* Buckinghamshire: Shire Publications Ltd., 1994.

SCHLERETH, Thomas J. *Cultural History and Material Culture. Everyday life, landscapes, museums.* Ann Arbor, Mich: UMI Research Press, 1990.

SOCIÉTÉ de Démographie Historique. *Annales de démographie historique: Enfant et sociétés.* Ouvrage publié avec les concours du CNRS, 1973.

SOUZA, Ludmila Érica Cambusano de. *Comércio, circulação e fabricação de brinquedos em São Paulo, 1901-1937. Estudo sobre Comércio, Industrialização e Cultura Material.* Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sob orientação de Heloisa Barbuy. São Paulo, 2004, 100 p.

SUZIGAN, Wilson. "A Industrialização de São Paulo: 1930-1945". In: *Revista Brasileira de Economia.* Rio de Janeiro: O Instituto, abr./jun.1971, pp. 89-111.

TAVARES, Maria da Conceição. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

TEMPEST, Jack. *Collecting Tin Toys.* London: New Cavendish Books, 1994.

THE 1912 Bing Toy Catalogue, including the 1912 plush & felt special catalogue. USA: Antique Collector, 2002.

THEIMER, François. *Les Guidargus des Jouets de Collection.* Paris: Les Éditions de l'Amateur, 1990.

THORP, Rosemary. "A reappraisal of the origins of Import-Substituting Industrialization, 1930-1950". *Journal of Latin American Studies.* 24 (1992), pp. 181-195; Pedro MALAN *et alii. Política econômica externa e industrialização no Brasil, 1939-52*. Rio de Janeiro: IPEA, 1980.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século.* São Paulo: Cosac & Naify/Duas Cidades, 2004.

Vidal, Diana Gonçalves VIDAL. "O Museu Escolar Brasileiro: Brasil, Portugal e a França no âmbito de uma história conectada (final do século XIX)". In: Alberto LOPES, Luciano Mendes de FARIA FILHO, Rogério FERNANDES (orgs). *Para a compreensão histórica da infância.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 199-220.

_____. "A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos". In: Cláudia Engler CURY, Serioja Cordeiro MARIANO (orgs.). *Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009, pp. 37-54.

WALTER, Gerhard G. *Metal Toys from Nuremberg. The Unique Mechanical Toys of the firm of Georg Kellermann & Co. of Nuremberg, 1910-1979.* West Chester: Schiffer Publishing Ltd., 1992.

ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII.* São Paulo, 1951, Tese de Doutoramento, FFLCH-USP.

ZEQUINI, Anicleide. *Arqueologia de uma fábrica de ferro: morro de Araçoiaba, séculos XVI e XVIII.* São Paulo, 2007, Tese de Doutoramento, MAE-USP.

2 – Fontes Impressas e Iconográficas

Album de Vistas de S. Paulo e Santos. Editores Portella e Puente, Edição Especial de 30.000 exemplares, 1914, 66 p.

Almanacco degli italiani del Brasile pel 1936. São Paolo: Empreza Italo-Brasileira de Publicidade, 1936, p.263.

Almanach d'O Tico-Tico, 1934, 1938. Edição e Propriedade da S.A. "O Malho". Diretor: Antonio A. de Souza e Silva. Rio de Janeiro.

Almanach Illustrado de São Paulo para 1902. Coordenado por Carlos A. Reis. São Paulo: Typ. A vapor M. L. Bühnaeds & C., s.d.

Almanach Illustrado de São Paulo para o anno de 1903. Organisado por Carlos A. Reis, 1903. São Paulo: Typographia a vapor de Rosenhaim & Meyer, 1902.

Almanach Illustrado de São Paulo. Director: Carlos A. Reis. São Paulo: Typographia Andrade e Mello, 1903.

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1901. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1901. (Obra Estatistica e de consulta, fundada em 1844, por Eduardo von Laemmert, reformada e organisada por Arthur Sauer, com o título Almanak Laemmert).

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1902. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1903. (Obra Estatistica e de consulta, fundada em 1844, por Eduardo von Laemmert, reformada e organisada por Arthur Sauer, com o título Almanak Laemmert).

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1903. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1903. (Obra Estatistica e de consulta, fundada em 1844, por Eduardo von Laemmert, reformada e organisada por Arthur Sauer, com o título Almanak Laemmert).

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1904. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1904. (Obra Estatistica e de consulta, fundada em 1844, por Eduardo von Laemmert, reformada e organisada por Arthur Sauer, com o título Almanak Laemmert).

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1905. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1905. (Obra Estatistica e de consulta, fundada em 1844, por Eduardo von Laemmert, reformada e organisada por Arthur Sauer, com o título Almanak Laemmert).

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1906. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1906. (Obra Estatistica e de consulta, fundada em 1844, por Eduardo von Laemmert, reformada e organisada por Arthur Sauer, com o título Almanak Laemmert).

Almanaque de Vida Infantil, 1953. Editado pela Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., empresa fundada por Jesus Gonçalves Fidalgo. Redação e Oficinas na Rua Riachuelo, 414, Rio de Janeiro. Sucursal em São Paulo: Amâncio Barreira – Rua Barão de Itapetininga, 50, 6º andar.

Almanaque do "O Globo Juvenil", 1949. Direção de Roberto Marinho. Rio de Janeiro.

Annuario Administrativo, agricola, profissional, mercantil e industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1913. 3° Volume – Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1913. (Obra estatisitca e de consulta, fundada em 1844 por Eduardo von Laemmert, com o titulo Almanak Laemmert).

Annuario Administrativo, agricola, profissional, mercantil e industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1915. 3° Volume – Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1915. (Obra estatisitca e de consulta, fundada em 1844 por Eduardo von Laemmert, com o titulo Almanak Laemmert).

Annuario Administrativo, agricola, profissional, mercantil e industrial da Republica dos Estados Unidos do Brazil para 1916. 3° Volume – Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1916. (Obra estatisitca e de consulta, fundada em 1844 por Eduardo von Laemmert, com o titulo Almanak Laemmert).

Annuario commercial, agricola, profissional e administrativo da Capital Federal e dos Estados Unidos do Brazil. 3° Volume – Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Officinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1928. (Obra de consulta, de estatistica e de informações geraes, fundada em 1844 com o titulo Almanak Laemmert).

Anuario Commercial do Estado de São Paulo 1904. São Paulo: Impressores Duprat & Comp., s.d.

Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. São Paulo: o Centro. Anos: 1952, 1955, 1959, 1961/62.

Anuario Geral das Profissões B.P. Registrado no Departº da Imprensa e Propaganda sob o número 13.258. Organização e Propriedade: Lygio de Souza Mello. Diretor Gerente: F. Koucher. 1ª Edição, Estado de São Paulo, 1942.

AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo. Acervo do Arquivo Histórico Municipal "Washington Luís", fundo "Diretoria de Obras e Viação", série "Obras Particulares", doc. 36/Cx C3/1919.

AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Desenho: *Augmento de uma fabrica Rua Carneiro Leão, no. 147.* Interessado: Industrias Reunidas F. Matarazzo. Acervo do Arquivo Histórico Municipal "Washington Luís", fundo "Diretoria de Obras", série "Obras Particulares", doc. 37/Cx C3/1919.

A CAPITAL Paulista commemorando o Centenario da Independencia. São Paulo, 1922.

A CAPITAL Paulista na commemoração do Centenario. São Paulo, 1922.

Catálogos "Brinquedos e Utilidades Domésticas Metalma" (entre décadas de 1940 e 1950; décadas de 1960/70).

Catálogo Brinquedos Estrela 1949/1950, 1950/1951.

Catálogo Oficial da Exposição Industrial organizada pelo Departamento da Produção Industrial da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, com a colaboração do Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. São Paulo, Agosto de 1950.

Catálogo Oficial da Feira Nacional de Indústria do Estado de São Paulo organizada sob o alto patrocínio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e sob os auspícios da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1940.

A Cigarra – Março, Agosto, Setembro, Novembro, Dezembro 1914; Maio 1915; Abril 1916; Dezembro 1917; Abril, Julho, Outubro 1919; Janeiro, Fevereiro, Dezembro 1920; Fevereiro, Março, Maio, Junho, Agosto, Setembro, Novembro 1921; Fevereiro, Março, Maio, Junho 1922; Janeiro, Fevereiro, Março, Maio, Junho, Agosto, Setembro, Novembro 1923; Março, Abril, Dezembro 1924; Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Outubro, Novembro 1925; Março, Abril, Junho 1926; Agosto 1929; Janeiro, Fevereiro, Dezembro 1930; Janeiro, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro 1931; Julho, Agosto, Outubro, Novembro, Dezembro de 1932.

Correio Paulistano – janeiro de 1866; 1933 (janeiro a dezembro); Mês de Dezembro dos anos de 1930 a 1950.

Departamento Estadual de Estatística. Divisão de Estatísticas da Produção e Comércio. *Catálogo das Indústrias do Município da Capital, 1945.* São Paulo: Tipografia Brasil, Rothschild Loureiro & Cia Ltda., 1947.

Digesto Econômico/Associação Comercial de São Paulo/ São Paulo: A Associação, 1945.

O Echo – Fevereiro de 1908.

O Estado de S. Paulo – Almanach para 1916.

O Estado de S. Paulo – Mês de Dezembro dos anos de 1901 a 1905, 1907 a 1911, 1915, 1925, 1933 (jan./dez), Mês de Janeiro de 1938; Mês de Dezembro dos anos de 1930 a 1950.
O Estado de S. Paulo – 2009 (12 de Outubro de 2009, Caderno Metrópole).

Exposição Nacional de 1908 (Rio de Janeiro). *Estado de São Paulo: Catalogo Geral Illustrado.* Rio de Janeiro: Commissão Executia da Exposição de S. Paulo, 1908.

Facts about the State of São Paulo. Published by the British Chamber of Commerce of São Paulo & Southern Brazil, 1950.

GUIA geral dos Estados Unidos do Brasil (S.A.) – Estado de São Paulo, Volume da Capital. _____, 1922-1923.

Ilustração Brasileira: Rio de Janeiro, s.n., no. 109, anno X, set. 1929; edição de novembro de 1935.

Indicador Profissional São Paulo, 2ª Edição de 1945; 1ª Edição de 1946.

Lista de assinantes São Paulo, Barueri, Caieiras, Caminho do Mar, Campinas, Cotia, Cubatão, Franco da Rocha, Guarujá, Guarulhos, Itapevi, Itaquera, Osasco, Perus, Ribeirão Pires, Sto. Amaro, Sto. André, Santos, São Bernardo do Campo, S. Caetano, S. Vicente e Sousas. 1ª Edição de 1946.

O Livro Vermelho dos Telephones. Anos 1928-29; 1934-35; 1935-36 (Edição VIII); 1943 (Ano XVI); 1944 (Ano XVII) e 1945 (Ano XVIII).

Matarazzo: 100 anos. São Paulo: CL-A Comunicações Ltda., 1982.

Ministério do Trabalho, Industria e Comercio. Departamento Nacional da Propriedade Industrial. *Revista da Propriedade Industrial.* Rio de Janeiro, GB-Brasil, Nov., Dez. 1933; 1934; 1935; 1936; 1937; 1938; 1939; 1941; 1942; jan.-março 1943; jan.-set. 1944.

Ministério do Trabalho, Industria e Comércio. Departamento Nacional do Comércio. *O Brasil Atual. Riquezas naturais – forças econômicas – progresso.* Rio de Janeiro, 1931.

Monographias Paulistas – Os Estados do Brasil, I Volume, 1917-18-22, director: Absay de Andrade (das Sociedades Paulista de Agricultura e Scientifica de S. Paulo). S. Paulo: Typ. Mercúrio, Campos, Alcides, Taveira & C.

O Mosquito – n°1, Setembro de 1901.

Paulistânia: documentário. São Paulo: s.n. números 6-11 (1940 e 1942); 17 (1943), 21 (1944) e 48 (1953).

PISANI, Salvatore. *Lo Stato de San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione.* São Paulo: Typ. Napoli, 1937.

Planta da cidade de S. Paulo mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados – 1924. (http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/img/mapas/1924.jpg).

Revista de Commercio e Industria. Publicação Oficial da Associação Commercial de São Paulo. São Paulo: Casa Editora Olegário Ribeiro, Anno II, Janeiro a Dezembro de 1916.

São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935.

Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de S. Paulo. Directoria de Estatística, Industria e Commercio – Secção de Industrias. *Estatística Industrial do Estado de S. Paulo.* São Paulo: Typ. Garraux/Siqueira/Freire & Cia. Anos: 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1937, 1938 e 1943.

Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo. Directoria de Publicidade Agricola. *A Capital de São Paulo em 1933* (separata do volume "Os municípios do Estado de S. Paulo"). São paulo: Typographia Brasil Rotschild & co., 1934.

Revista Industrial de S. Paulo/Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo. São Paulo: A Federação, dezembro de 1944, ano I (no.1) – novembro de 1948, ano IV (no. 48)

Primeiro Cartório de Registro de Imóveis da Comarca da Capital, 1883-1941. *Metalúrgica Matarazzo S.A.* Inscrição no. 101, código C 10378.

"São Paulo, a symphonia da metrópole". Companhia Produtora: Rex Filme. Direção de Adalberto Kemeny e Rodolpho Rex Lustig, 1930.

A Vida Moderna – Novembro 1912; Agosto 1913; Setembro 1913; Janeiro-Abril 1914; Julho 1920.

Fontes Tridimensionais – Serviço de Objetos do Museu Paulista da USP

Brinquedos:

Aviaõzinho, Modelo Avião força Aérea Brasileira (FAB), Metalma, RG 11.062.

Baldinho, motivo: Circo, Metalma, RG 10.145.

Baldinho, motivo: crianças brincando no parque, Metalma, RG 10.146.

Baldinho, motivo: crianças na praia, Metalma, RG 10.147.

Baldinho, motivo: Peixes, Metalma, RG 11.069.

Bondinho, Modelo: Bondinho Alegria, Metalma, RG 10.148.

Bondinho, s/ modelo, Metallurgica Matarazzo S.A., RG 10.150.

Caixa de Brinquedo, Modelo Ônibus Zoológico, Metalma 11.072.

Caixa de Brinquedo, Modelo Volkswagen Polícia com Fricção, Metalma, RG 11.073.

Caminhãozinho, Modelo Caminhão Basculante Dodge nº376 (sem corda), Metalma, RG 11.060.

Caminhãozinho, Modelo Mini Caminhão Tora, Metalma, RG 11.075.

Caminhãozinho, Modelo: Caminhça Dodge com caçamba (2 unidades), Metalma, RG 11.057-01-02 e 11.057-02-02.

Carrinho de Puxar, motivo: animais marítimos (polvos e siris), Metalma, RG 10.144.

Carrinho de Puxar, motivo: crianças no mar, Metalma, RG 10.143.

Carrinho, Modelo Chevrolet Polícia com fricção, Metalma, RG 11.059.

Carrinho, Modelo Chevrolet Sedan Luxo, Metalma, RG 11.053.

Carrinho, Modelo Karmann Ghia, Metalma, RG 11.066.

Casinha, Metalúrgica Matarazzo S.A., RG 10.158.

Cestinha de piquenique para bonecas, de folha de flandres pintada a jato, Metalúrgica Matarazzo, em processo de patrimoniação.

Chocalho, Modelo: chocalho sonoro, Metalma, RG 11.047.

Coelhinho com recipiente trapezoidal de brinquedo, Metalma, RGs 10.160 e 11.070.

Disco Voador, Metalma, RG: 10.157.

Jato, Modelo Jato Metalma, Metalma, RGs 10.014 e 10.156.

Jipinho Militar, Modelo Jeep Militar, Metalma, Rgs 7939 e 11.064.

Kombi, Modelo Volkswagen Kombi Corpo de Bombeiros, Metalma, RG 10.151.

Lanchinha, Modelo Lancha Karina Super Esporte, Metalma, RG 11058-00-02.

Máquina de lavar roupa, Metalma, RG 10.159.

Ônibus de brinquedo, Modelo Expresso Brasileiro, Metalma, RGs 10.152 e 11.054.

Ônibus de brinquedo, Modelo Scania Luxo, Metalma, RG 11.056.

Panelinha, tipo caçarola com cabo, provavelmente fabricada pela Metalúrgica Matarazzo, marca Augustus [figura de coluna romana], RG 9441.

Piano de brinquedo, de madeira, Fábrica de Brinquedos Ypiranga, RG 9869.

Regador, motivo: Cena Infantil, Metalúrgica Matarazzo S.A., RG 9422.

Rolo Compressor, sem modelo, Metalma, RGs 10.149 e 11.067.

Tacho de brinquedo, de alumínio, Metalúrgica Matarazzo S.A, marca Martelo M.R. [figura de martelo e inscrição M.R.].

Tamborzinho, motivo: crianças e letras do alfabeto, Metalma, RG 10.155.

Tamborzinho, motivo: crianças indígenas, Metalma, RG 11.068.

Tamborzinho, motivo: Soldadinhos, Metalma, RGs 10.153 e 10.154.

Trenzinho, Modelo: nº 700, Metalma, RG 11.055.

Trenzinho, Modelo: Trem de Carga nº443, Metalma, RG 9885.

Trenzinho, Modelo: Trem de Luxo nº 2, Metalma, RG 11.065-02-02.

Trenzinho, Modelo: Trem de Luxo, Número de série 421, Metalma, RG 9916.

Outros

Bandeja de folha de flandres (lata) litografada, Metalma, RG 9918.

Cestinha-brinde de lata, com inscrição da marca de chocolates Falchi, provavelmente produzida pela Metalúrgica Matarazzo S.A., RG 7583.

Lata de biscoito Petybon, comemorativa do IV Centenário da cidade de São Paulo, Metalma, RG 9693.

Piano para criança, de chão, confeccionado em madeira, Fábrica de Brinquedos Ypiranga, RG 9210.

Anexos

Anexo I - Tabela: Mapeamento dos principais estabelecimentos que comercializaram brinquedos na cidade de São Paulo, primeira metade do século XX.

Considerações prévias a respeito da Tabela a seguir

A tabela elaborada é uma sistematização das informações coletadas nas diferentes fontes impressas examinadas. Dessa forma, ela apresenta, em ordem alfabética, os 106 (cento e seis) estabelecimentos comerciais da cidade de São Paulo que disponibilizaram à venda diferentes tipos de brinquedos à população local, de acordo com os registros encontrados.

Além do nome dos estabelecimentos e/ou nome dos proprietários relacionados aos brinquedos (alguns comerciantes, inclusive, venderam brinquedos por atacado, como Bichara Issa Mohrdaui), a tabela também destaca o endereço das instalações comerciais, os tipos de brinquedos oferecidos ao consumo (algumas das fontes não citavam essa informação; sendo assim, a tabela informa que "não consta/ n.c."). Por terem sido os principais documentos pesquisados, isto é, aqueles em que se encontraram os registros mais sistemáticos, foram criadas colunas específicas para o *Almanak Laemmert,* para o periódico *O Estado de S. Paulo* e para a *Revista da Propriedade Industrial*. O campo denominado "Outras fontes" destina-se à citação das revistas de variedades (como *A Cigarra* e *A Vida Moderna*), de álbuns comemorativos da cidade de São Paulo, de outros títulos de almanaques e anuários, dentre outros exemplos.

Os tipos de brinquedos oferecidos ao consumo, conforme se pode verificar na tabela a seguir, eram bastante variados: bonecas, conjuntos de chá (para o adestramento da menina para a vida adulta), charretes com cavalinhos, bichos de tecido, palhaços, soldadinhos, cavalinhos de pau, carrinhos, trenzinhos e estradas de ferro, velocípedes, bicicletas, patins, rema-remas, tico-ticos (um tipo de velocípede), tiros ao alvo, enfim, além de brinquedos "instrutivos e científicos" que adestravam o menino para a vida adulta. Os brinquedos presentes no comércio paulistano desse período (1901-1937) eram, em sua maioria, importados da Europa e Estados Unidos (Casa Allemã e Casa Lebre, como exemplos, importavam brinquedos da Europa; a Casa Edison e o Bazar Yankee, além dos brinquedos oriundos da Europa, traziam diferentes tipos fabricados nos Estados Unidos).

Por fim, a tabela também aponta aspectos peculiares da circulação de brinquedos na capital paulista; o exemplo disso é o concurso que a revista de variedades *A Cigarra* promovia, junto com a Casa Edison, em sua seção infantil, intitulada *A Formiga – Jornal das Creanças.* As crianças que tinham acesso, através de suas famílias, à revista, podiam responder a charadas, completar jogos e alguns desafios contidos em cada edição do impresso e, caso fossem sorteadas, eram contempladas

com um brinquedo da Casa Edison. A associação da revista com a casa comercial permaneceu por pouco tempo, já que os concursos e a entrega de prêmios perduraram por certo tempo, porém a Casa Edison já não mais era citada na seção infantil do impresso.

Número de ordem	Estabelecimento ou nome do proprietário	Endereço	Tipo Brinquedo	Alm. Laemmert	O Estado de S. Paulo	Revista da Propriedade Industrial	Outras fontes
1	A Biela do Norte	Avenida Rangel Pestana, n.259	Não consta (n.c.)	-	-	-	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
2	A Capital	?	Bonecas marca “LENCI”	-	23/12/1925	-	-
3	A. Giradelli	Rua Liberdade, n. 10	n.c.	1928	-	-	-
4	Adolpho Moritz	Praça da Sé, n. 58-A	n.c.	1928	-	-	-
5	Alberto Schmidt & Cia.	Rua Santa Ephigenia, n.95-A	n.c.	1928	-	-	-
6	Alcides H. Pertica *(Grand Bazar Parisien)* loja fundada em 1895; fábrica de brinquedos em 1/1/1901	Rua São Bento, n. 87; Rua Brigadeiro Tobias, n. 61 (em 1928); em 1914 fica em endereço provosório: Praça Antonio Prado, n.73	Pequenos objetos à diversão da criança; bonecos; bonecas; carros para crianças; patins; charretes com cavalinhos; cestas de brinquedos	1901; 1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1913; 1915; 1916; 1928	dez./1902; dez./1907; dez./1909; dez./1911;	-	BANDEIRA JUNIOR (1901); Annuario Commercial do Estado de S. Paulo (1904); A Cigarra (1914); O Estado de S. Paulo – Almanach para 1916
7	André S. Carollo	Rua Itapirapes, n.12	n.c.	1928	-	-	-
8	Anis Cusam	Rua Francisca Miquelina, n. 60	n.c.	1913	-	-	-
9	Antonio Pereira da Cunha	Rua Direita, n. 30	n.c.	1901	-	-	-
10	Ao Bazar das Escolas	Rua do Ipiranga, n.127-A, Praça da República, tel. 1525,	n.c.	-	Dez/1907	-	-

		caixa postal, 325					
11	Ao Stadium Paulista	Rua Líbero Badaró, n.173	n.c.	1928	-	-	-
12	Arthur Boribello	Avenida Rangel Pestana, n.365	n.c.	1928	-	-	-
13	Augusto Justi – “Bazar São João”	Rua São João, n. 21	n.c.	1913; 1915; 1916	-	-	A Cigarra (1922)
14	Augusto Pirani & Filho	Avenida Rangel Pestana, n.167	n.c.	1913	-	-	-
15	Auto Cruzeiro Irmãos Motta	Rua 24 de Maio, esquina da Praça da República	Bicicletas para todas as idades	-	Dez. 1937	-	-
16	Bazar “A Normalista”	Rua 7 de Abril, n.124	n.c.	-	-	-	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
17	Bazar do Braz	Avenida Rangel Pestana, n.348	n.c.	-	-	-	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
18	Bazar Paulistano (Umeda Kiukiti)	Praça da Sé, n.84	“brinquedos” (automóveis em miniatura; cavalinhos; bonecas; ursinhos; bicicletas, etc.)	-	Dez. 1935; dez. 1937.	-	-
19	Bazar Santa Ephigenia – A. P. de Souza Braga & C.	Rua Santa Ephigenia, n.123, em 1936, n. 721.	Brinquedos e bonecas	1913; 1928	Dez. 1936.	1935 (2/4/1935, p. 6584)	A Cigarra (1920)
20	Bazar Sul-Americano	Rua São Bento, n. 8-A/18-A (?); Rua São	n.c.	-	Dez. 1908; dez.	-	-

		Bento, 31 (filial)			1910.		
21	Bazar Tymbiras	Rua Santa Ephigenia, n.56	n.c.	1913	-	-	-
22	Bazar Yankee – A. Oliveira Couto	Rua Líbero Badaró, n.83; em anúncio de 1922: Rua Direita, n.39-A	"Especialidade: Brinquedos"; em anúncio de 1925: "MAH JONGG LO" ("o moderno jogo chinês")	1928	19/Dez./ 1925	-	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922); A Capital Paulista na commemoração do Centenario (1922)
23	Bichara Issa Mohrdaui – "Casa Mohrdaui" – (fundada em 1896). Vendas de Brinquedos por atacado	Rua 25 de Março, n.263 (em 1910); Rua Florêncio de Abreu, n.10-A (já em 1911).	"Grande estoque" de Brinquedos europeus	1913	Dez. 1910; dez. 1911.	-	-
24	C. G. Dell'Ava – "Ao Paraíso das Crianças" – Loja de Brinquedos	Rua Carmo, n.39; em 1925: Rua Sebastião Pereira, 30 e 32.	Brinquedos e sortimentos para meninos e meninas (roupas, perfumarias, chapéus, etc.)	1913; 1915; 1916.	31/12/1935	-	-
25	C. Ribeiro	Rua Santa Ephigenia, n.73	n.c.	1913	-	-	-
26	Carlos Gusberti	Largo Arouche, n.2	n.c.	1913	-	-	-
27	Carvalho Filho – "Casa Carvalho Filho"	Rua Direita, n.31; (Rua Direita, n.22, já em 1917)	"variado stock de brinquedos"	1913	1/12/1915	-	A Cigarra (1917; 1920; 1921)
28	Casa Allemã (desde 1883)	Rua Direita, n.16-20	Bonecas em todo tamanho; brinquedos "modernos, interessantes e instrutivos"	-	Dez. 1908; dez. 1910; dez. 1935,	-	Correio Paulistano, dez. 1940.

			dos “mais famosos fabricantes europeus”		1936 e 1937.		
29	Casa Bevilacqua	Rua Direita, n.13	“Exposição de brinquedos”	-	22/12/1935.	-	-
30	Casa Bitifu	Largo do Riachelo, n.4-A	n.c.	-	-	-	Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil 1922-23, p.1518.
31	Casa Camargo (João Camargo) – fundada em 1892.	Rua Direita, n. 32; Rua 15 de Novembro, n. 9 (Alm. Laemm./1901)	n.c.	1901;1905; 1906; 1913	-	-	O Mosquito (1901); Almanach Illustrado de São Paulo (1902; 1904); Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
32	Casa Casoy (Manoel Casoy)	Rua José Bonifácio, 176 e Rua Santa Ephigenia, 345.	Automóveis, bicicletas com sidecar, navios, bonecas, bolas, carrinhos de bebê, etc.				Correio Paulistano, dez. 1940.
33	Casa Edison (Figner Irmão/ Gustavo Figner); “Galerias Edison” (já em 1920). Também vendia por atacado (anúncio de 19/12/1915)	R. 15 de Novembro, n. 29-A (1904); R. S. Bento, n. 26 (1905-6; 1908); R. 15 de Novembro, n. 55 (já em 1912)	“Sissa mágica oriental” (Jogo de adivinhação); “Salta” (jogo de salão para crianças, senhoras e cavalheiros); espingarda, tiros ao alvo; estradas de ferro; soldadinhos; bonecas; cinematógrafos; bebês; estojos; garruchinhas; carrinhos; jogos de paciência; piões; trens de ferro; brinquedos scientificos; surpresas;	1904; 1905; 1906	Dez.1902; dez.1904; dez.1905; dez.1908; dez.1909; dez.1910; dez. 1911; jul. 1915; dez. 1915.	-	O Echo (1908); A Vida Moderna (1912; 1913); A Cigarra (1914; 1920; 1921; 1922).

			“BRINQUEDOS QUE FORTIFIQUEM OS FILHOS”: automóveis; bicycletas; vehiculos; velocípedes; tricycletas; scudders; voadores; patins; *“Desde o mais simples pião até o mais luxuoso automóvel”*; brinquedos americanos (marca “Gibbs”).				
34	Casa Expedição (Carlos Camargo & Cia.)	Avenida São João, n.283	Anúncio de “30 brinquedos sortidos”: espingarda; auto de folha-de-flandres com mola; bebê de celulóide; aparelho de ferramentas; dominó; boneca de louça; caminhão de madeira; boneca de borracha; fogão com 3 panelas; aparelho de café; gaita; canhão de folha-de-flandres; bilboquê; dado de marfim; passarinho com mola; chocalho de osso, etc.	1928	2/12/1925	-	-
35	Casa Freitas	Rua São João, 124	n.c.	-	29/12/1904	-	-
36	Casa Fuchs (Jorge Fuchs & C.) – desde 1855	Rua São Bento, n. 83-A; Rua Líbero Badaró, 22 a 36	Exposição de brinquedos; bonecas “BÉBÉ” legítimas; máquinas a vapor, motores,	1913	Dez.1901; dez. 1902; dez. 1903; dez. 1910; dez. 1911; dez. 1935;	-	Annuario Comm. Est. S.P. (1904); Guia Geral dos Est. Uni. do Brasil 1922-23; Correio Paulistano 1937.

			automóveis, barcos e navios para crianças.		dez. 1937.		
37	Casa Gagliano	Rua São Caetano, n.23	“Brinquedos de todos os gêneros, a preços de fábrica”	-	22/12/1935.	-	-
38	Casa Henrique	Rua Direita, n.10-B	n.c.	-	22/12/1925	-	-
39	Casa Lebre (Lebre, Mello & Cia) – fundada em 1858.	Rua Direita, n. 2; Rua 15 de Novembro, n. 1	Bonecas, cavalinhos de “pau”; conjuntos de chá; bichinhos, etc.	1906; 1913; 1915.	Dez. 1909; dez. 1915; dez. 1925.	-	Almanach Illust. de S.P. (1902); Annuario Comm. do Est. S.P (1904); A Cigarra (foto) (11/12/1914); O Estado de S. Paulo – Almanach para 1916
40	Casa Lemcke	Rua Líbero Badaró, n.100-104, ou n.303.	Brinquedos, bonecas, jogos	-	Dez. 1935; dez. 1936; dez. 1937.	1935	A Cigarra (1920); Correio Paulistano, dez. 1942.
41	Casa Luiz Caloi (fundada em 1898)	Rua Barão de Itapetininga, 152.	Bicicletas “Steel-Horse”	-	6/12/1936.	-	-
42	Casa Manon	Rua Boa Vista, n.30.	Brinquedos musicais	-	Dez. 1936.	-	-
43	Casa Murano	Praça da Sé, n.56 (em 1925). Rua Marechal Deodoro, n.32	Brinquedos finos; velocípedes.	-	Dez. 1925.	30/11/1935, p.26180; 15/01/1936, p.1264.	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
44	Casa Odeon – Fred Figner (Succursal da Casa Edison do Rio de Janeiro)	Rua de S. Bento, n.62	Brinquedos sortidos (desenhos no anúncio, contendo figura de Papai Noel); “BONECAS	-	-	-	A Cigarra (1920)

			finíssimas allemãs”				
45	Casa Saade	Rua Florêncio de Abreu, 129	n.c.	-	Dez. 1936; dez. 1937.	-	-
46	Casa Salzani	Rua da Liberdade, n.280	n.c.	-	-	-	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
47	Casa São João – Propriedade de Francisco Sálvia	Rua Libero Badaró, n.370.	Brinquedos, jogos, bonecas. “Presentes de todos os recantos do mundo, para satisfazer a todos os gostos e ao alcance de todas as posses. Mais de 2.000 artigos por preços razoáveis!” (Correio Paulistano, 4/12/1938)	-	Nov. 1937; dez. 1937; dez. 1938, dez. 1939.	-	Correio Paulistano, dez. 1938, 1939.
48	Casa Secessionista	Rua José Bonifácio, n.3	Grande exposição de bonecas e binquedos	-	Dez. 1903; dez. 1905.	-	-
49	Casa Victor – filial da Casa Murano, de Vicente Murano	Rua São Bento, n.87	n.c.	-	Dez. 1925.	-	A Cigarra (1920; 1922); Guia Geral dos Estados Unidos do Brazil (1922-23)
50	Chafich & Rafick Farah	Rua Glória, n.165	n.c.	1913	-	-	-
51	Coimbra & Cia; J. CASA COIMBRA	Avenida Rangel Pestana, 381	n.c.	-	-	-	Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil 1922-23, p.1518.
-	Concurso *A Cigarra/Casa Edison* – publicado na seção *“A*	Redacção d’*A Cigarra:* rua Direita, n.8; Casa Edison: R.	Bonecas, estojos, garruchinhas, carrinhos, jogos de paciência, tiro ao	-	-	-	A Cigarra (1914)

	Formiga – Jornal das Crianças"	15 de Novembro, n.55	alvo, trens de ferro, piões, etc.				
-	Concurso d'*A Cigarra* – publicado na seção *"A Formiga – Jornal das Crianças"*	Redacção d'*A Cigarra:* Rua Direita, n.35 (1915); Theatro S. José (1916)	(18º concurso): bonecas; bolas de football; circo de cavalinhos; jogo de zanzi; "Slissa" para idade, bebés; cachorro e outros brinquedos não discriminados; 1916 – "60 prêmios em lindos brinquedos"	-	-	-	A Cigarra, n.21 (11/05/1915); n.41 (30/04/1916)
52	Elias Demetrio	Avenida Rangel Pestana, n.101	n.c.	1928	-	-	-
53	Feiras dos Brinquedos	Rua São Bento, 269-275.	Brinquedos para festas – donativos – atacado.	-	14/12/1937	-	-
54	Francisco Cuevas	Rua São João, n.124	n.c.	1913	-	-	-
55	Francisco Sarubbi Sobrinho	Rua São Bento, n. 87	n.c.	1928	-	-	-
56	G. Ernesto & Comp. – Unicos Concesionarios das Fabr. Reunidas de Brinq. E artefactos de borracha A Mundial	Rua Boa Vista, n.30-A	Bonecas; charrete com cavalinho (cf. anúncio)	-	-	-	Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil 1922-23.
57	G. Fincato & Filho	Rua Trez Rios, n.61	n.c.	1913	-	-	-
58	Gino Paganelli	Avenida Celso Garcia, n. 66	n.c.	1928	-	-	-

59	Giovanni Mari	Rua São Caetano, n. 7	n.c.	1928	-	-	-
60	Granja Sotto Maior & C. – Petit Bazar	Largo e R. S. Bento, n. 97	Brinquedos, bonecas	1903; 1904; 1905.	Dez. 1901; dez. 1902; dez. 1903.	-	Almanach Illustrado de S. Paulo (1903); Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
61	H. Palermo	Rua São Bento, n.18-A	n.c.	1913	-	-	-
62	Henrique Sadocco & C.	Rua Direita, Caixa Postal, 729	n.c.	1913	-	-	-
63	Irmãos Marzarella	Rua General Couto Magalhães, 30 n.30	n.c.	1928	-	-	-
64	Isnard & Cia (Casa fundada em 1868).	Rua 24 de Maio, n.88	Bicicletas “Rex”	-	17/12/1936.	-	-
65	J. F. de Mendonça & C.	Rua 15 de Novembro, n.6-A	n.c.	1913	-	-	-
66	João Frederico Hermann – Bazar Nürnberg	Rua Santa Ephigenia, n. 73	n.c.	-	-	-	Almanach Illustrado de São Paulo (1903; 1904); Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
67	João Panzer & Cia.	Largo de S. Bento, n. 10	n.c.	-	-	-	Almanach Illustrado de São Paulo (1902; 1903); Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
68	José da Cunha Freire (Casa Freire)	Rua do Commercio, n. 7; R. S. Bento, n. 25-A	n.c.	1905; 1906	14/12/1902.	-	Almanach Illustrado de São Paulo (1903; 1904); Annuario Comm. do Est.

							S.P. (1904)
69	Julio D'Eça (Casa São Nicolau)	Rua Líbero Badaró, 121 (em 1925); Praça do Patriarcha, n.14 a 18 (também nº8, dependendo do ano).	Brinquedos de "fabricação moderna"; automóveis, velocípedes, ursinhos, bonecas, soldadinhos, bichinhos, trenzinhos e estradas de ferro, bolas, bicicletas, etc.	1928	Dez. 1925; dez. 1935; dez. 1936; dez. 1937, 1938, 1940	-	Correio Paulistano dez.1939, 1940, 1941, 1942.
70	Kaisha Nippon Boyeki Kabushiki	Rua Quintino Bocayuva, n.80	n.c.	-	-	-	Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil 1922-23, p.1518.
71	L. Simon	Rua 15 de Novembro, n. 35	n.c.	-	-	-	Anuuario Comm. do Est. S.P (1904)
72	Loja da China – Loureiro, Costa & Cia. *(fundada em 1872)*	Rua São Bento, n.85-A; n. 519 (em 1937); Rua Líbero Badaró, n.19	Sortimento de meias de Natal com brinquedos	-	Dez. 1937.	1935; 06/01/1937, p.383	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
73	Loja do Japão	Rua São Bento, n.46	n.c.	-		-	A Cigarra (n. 184, 15/05/1922)
74	Lojas Brasileiras	?	n.c.	-	12/12/1937.	1937	-
75	Lojas Paulistas	?	n.c.	-	-	1937	-
76	Luiz Dalmon	Rua Glória, n. 8	n.c.	1913	-	-	-
77	Luiz de Souza	Rua 15 de Novembro, n.61	n.c.	1913	-	-	-

78	M. Barbelin	Alameda Barão de Limeira, 311-319.	Bicicletas de fabricação francesa, inglesa e alemã.	-	Dez. 1937.	-	-
79	M. Franco & Ferraz – Bazar Arouche – ou Mello & Ferraz (1928)	Largo Arouche, n.110	n.c.	1916; 1928	-	-	-
80	Mappin Stores – Sociedade Anonyma Ingleza	Praça do Patriarca	“brinquedos originais”; bonecas “Jumeaux” de Paris; brinquedos “instrutivos”; bebês de “qualquer continente ou latitude”, etc.	-	Dez. 1915; dez. 1925; dez. 1935; dez. 1936; dez. 1937 a 1950.	-	A Cigarra (1920)
81	Mario Vita	Rua Marechal Deodoro, n.18	n.c.	1913	-	-	A Capital Paulista commemorando o Centanrio da Independencia (1922)
82	MESBLA (Casas Mesbla) Mestre & Blatgé	Praça Ramos de Azevedo, ns.10-14; Avenida Rangel Pestana, 1038; Rua Butantã, n. 101; Rua 24 de Maio, 141.	Automóveis, caminhões, carrinhos, patinetes, velocípedes com side-car, voadores, bicicletas, bonecas, trenzinhos elétricos e de corda,caixas e ferramentas, piões, tambores, etc.	-	Dez. 1936; dez. 1937.	-	Correio Paulistano, dez.1942, 1943, Almanaque de Vida Infantil, 1950..
83	Merched Tamer	Largo Cambuci, n. 6-A	n.c.	1913	-	-	-
84	Meyer & Busson	Rua Visconde do Rio Branco, n. 122.	Bicicletas “Bravour”	-	Dez. 1937.	-	-

85	Mosé Manfredi	Rua Santa Ephigenia, n.112	n.c.	1913	-	-	-
86	Natale Daiuto	Rua Santo Antonio, n.42	n.c.	1928	-	-	-
87	O Gato Preto	?	n.c.	-	-	1937	-
88	O Japão em São Paulo (Fujisaki & cia.)	Rua São Bento, n.68-A	n.c.	1928	21/12/1911	-	-
89	P. Ranieri	Rua Florêncio de Abreu, n.158	n.c.	-	-	-	Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil 1922-23, p.1518.
90	P. Traldi	Rua Florêncio de Abreu, n.120-A	n.c.	1928	-	-	-
91	Pedro Halembeck	Rua Quirino Andrade, n.65	n.c.	1913	-	-	-
92	Pedro S. Magalhães	Rua do Commercio, n. 29	n.c.	-	-	-	Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
93	S. Innocenti & Irmão	Rua Fernandes Silva, n.58	n.c.	1913	-	-	-
94	S. Schoeler & Filha	Rua Boa vista, n. 68	(ilustrações em anúncio – Alm. Laemm. 1905)	1905; 1906	Dez. 1902	-	Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
95	Sarafana & C. – "Loja da China" *(fundada em 1876)*	Rua Florêncio de Abreu, n. 1; Rua de São Bento, n. 41 (a partir de 1907)	n.c.	1905	Dez. 1907; dez. 1910; dez. 1911.	-	-

96	Sarkis Korruquiam	Rua Mauá, n.115	n.c.	1913	-	-	-
97	Schulz & Nemitz	Rua da Victoria, n.46	n.c.	-	-	-	Almanach Illustrado de São Paulo (1902; 1903)
98	Senafé Maretti	Rua Boa Vista, n.68-A	n.c.	1928	-	-	-
99	Sociedade Telemorse Ltda.	Rua Barão de Itapetininga, 140.	Brinquedos originais, importados das "mais afamadas fábricas dos Estados Unidos": Mickey mouse, trens (ilustração do anúncio)	-	24/12/1936.	-	-
100	Torquato de Abreu & Cia.	Avenida Rangel Pestana, n.245	n.c.	1913	-	-	-
101	Valentim Guerra & Ruiz – CASA GUERRA	Rua D. Francisco de Souza, n.27	Máquinas tipográficas manuais, para crianças	-	19/12/1925.	08/01/1937, p.632	-
102	Viúva M. Genin	R. 15 de Nov., n.13; R. Dom. de Moraes, n.12,. Villa Marianna (a partir de 1902)	n.c.	1901; 1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1913.	-	-	Annuario Comm. do Est. S.P. (1904)
103	Viúva Martins & Cia.	Praça da Sé, n.4	n.c.	1928	-	-	-
104	Y. Segui & Cia.	Rua Conde Sarzedas, n.49	n.c.	-	-	-	Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil 1922-23, p.1518.
105	? (anúncio do periódico não discriminava)	Rua Direita, n.40	Não consta (n.c.)	-	Julho de 1915	-	-

106	? (anúncio do periódico não discriminava)	Rua da Quitanda, n.7	“Brinquedos bons e modernos”	-	12/12/1903.	-	-

Anexo II – Dossiês: as Fábricas de Brinquedos Paulistanas, primeira metade do século XX

1 – Alcides H. Pertica – Grand Bazar Parisien

De acordo com Antonio Francisco Bandeira Junior, foi a primeira experiência fabril referente a brinquedos na cidade de São Paulo, inaugurada em 1 de Janeiro de 1901. Foi um dos poucos casos em que a fábrica esteve situada na região central de São Paulo: o "Grand Bazar Parisien", estabelecimento de Pertica, esteve localizado na Rua de São Bento, nº 87 (endereço da loja e da exposição de seus artigos), sendo a fabricação realizada à Rua Libero Badaró, nº 10 (fundos da propriedade).[312]

Bandeira Junior ainda considerava o quadro pessoal diminuto, pois, segundo ele, "dispondo de oito machinas, estas bastam para as necessidades do seu commercio (...)".[313]

O proprietário do estabelecimento fabricava pequenos objetos necessários à diversão da infância, bonecos, manequins e carros para crianças, o que evitava a importação desses artigos oriundos da Europa e Estados Unidos.[314]

Alcides Pertica permaneceu nesse ramo até 1928, último ano de que se encontrou registro a seu respeito, no *Almanak Laemmert para o Estado de São Paulo.* Nesse mesmo ano, o primeiro fabricante de brinquedos da capital paulista encontrava-se em novo endereço: Rua Brigadeiro Tobias (entre o centro da cidade e o Bairro de Santa Efigênia)[315], número 61.[316]

---

[312] Cf. Antonio Francisco BANDEIRA JUNIOR. *A industria no Estado de São Paulo em 1901: estudo.* São Paulo, Typ. do "Diário Official", 1901, p. 45.

[313] *Idem, ibidem.*

[314] Sobre a importância das importações de mercadorias para o impulso da industrialização paulistana, ver Warren DEAN, *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* São Paulo, DIFEL, 1971, pp. 25-40. Alguns fabricantes paulistanos participaram de exposições industriais nesse período, onde receberam premiações pelos seus produtos. Segundo Heloisa Barbuy, "a participação de São Paulo tanto em Saint Louis em 1904 como no Rio de Janeiro em 1908 não deixaria dúvidas sobre o novo papel deste Estado no cenário nacional, cuja imagem de pujante centro comercial, agrícola e industrial era difundida pelas vitrines de exibição. Em Saint Louis, representantes de São Paulo ganharam várias medalhas e, entre eles, alguns fabricantes comerciantes do Triângulo, como (...) Alcides Pertica (Grand Bazar Parisien), como fabricante de manequins (...)". Cf. Heloisa BARBUY, *A cidade-exposição...,* p. 103.

[315] A informação sobre os bairros onde as ruas estavam inseridas foi pesquisada no *"Indicador de ruas, avenidas, bairros, caminhos, largos, praças"*, publicado no *Almanak Laemmert para 1928, volume Estado de São Paulo,* pp. 207-225. Consultamos essa publicação, pois na *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* o nome da rua não vinha acompanhado do respectivo bairro. Foi útil para o trabalho, pois pôde-se comprovar a questão do zoneamento urbano (comércio no centro, fábricas em bairros mais afastados).

[316] Cf. *Almanak Laemmert,* 1928, p. 477.

2- Alfredo Morbin

A fábrica de brinquedos de Alfredo Morbin teve o nome de "A Universal". Exerceu atividades entre os anos de 1928 – ano do lançamento da obra *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*[317] – e 1934. Contava, em 1928, com 4 operários, tendo diminuído o número no ano seguinte para 3[318]. Em 1930 exerceu as atividades com somente 2 operários[319]. Fabricou brinquedos de ferro e madeira, como automóveis e velocípedes, tipos de brinquedos amplamente anunciados pelas casas comerciais do Triângulo.

O endereço da fábrica "A Universal" foi a Rua 21 de Abril (Brás), 343- Fundos, entre 1928 e 1929. A partir de 1930, estabeleceu a atividade fabril na Avenida Celso Garcia, nº 388-A, Brás.

Já em 1933 estabeleceu sociedade, formando a firma "Morbin & Herrero", na mesma Avenida Celso Garcia, porém no nº 299[320]. A união com o outro proprietário favoreceu o aumento do quadro de operários, elevando-o para 8. Em 1934, último ano de registro de suas atividades, a firma de Morbin & Herrero contava com 7 operários[321].

3- A. Carvalho dos Santos

A fábrica de brinquedos de propriedade de A. Carvalho dos Santos esteve situada na Rua Almirante Barroso (Brás), número 118, tendo 21 operários no exercício fabril. Segundo a *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo*, confeccionava bonecas de pano.

Encontrou-se registro para essa propriedade somente no ano de 1937[322].

4 – A. Rodrigues

As únicas informações disponíveis a respeito desse industrial são a localização de seu estabelecimento – Avenida Celso Garcia, nº 337 (entre Brás e Belenzinho) – e o exercício de atividades em 1930[323].

5 – A. Salvatore

O estabelecimento fabril de A. Salvatore executou a fabricação de brinquedos nos anos de 1928 a 1930, conforme podemos observar nos registros da *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo.*

---

[317] Cf. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo,* 1928, p.36-37.
[318] Cf. *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo, 1929,* p.50.
[319] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1930, p. 180-181.
[320] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 243.
[321] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216.
[322] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[323] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1930, p. 244.

Em 1928 contava com 4 operários[324], em 1929 tinha 2 exercendo as atividades[325] e, finalmente, em 1930[326], manteve esse quadro.

No primeiro ano de atividade fabril, esteve localizada a fabriqueta na Rua Progresso, nº 80 (próxima à Avenida Celso Garcia, Brás). Nos dois anos seguintes, permaneceu na Rua Nova São José, nº 119.

Foram fabricados velocípedes, automóveis para crianças e patinetes.

6 – Adriano Seixas

A firma de Adriano Seixas esteve localizada à Rua Marcolina, nº 171, no Bairro do Brás. Foi registrada somente no ano de 1929, empregando 2 operários, os quais fabricavam velocípedes e autos para crianças.[327]

7 – Alexandre Bitincof – Fábrica de Brinquedos Ypiranga

A firma desse proprietário produziu pianinhos de madeira, brinquedos de folha de flandres, pianos de corda para estudo, bonecas, bebês, brinquedos de madeira, e outras matérias-primas, como o ferro e antimônio, soldadinhos e aviões de chumbo, espingardas, revólveres, a partir do ano de 1937, contando com 21 operários na execução do trabalho. Teve o nome da fábrica registrado na *Revista da Propriedade Industrial* em 22/08/1938[328]. O endereço inicial do estabelecimento foi a Rua Paulo Bregaro (atualmente localizada no Bairro Vila Monumento, próximo do Ipiranga), número 341[329]. Na década de 1940, a fábrica transferiu-se para a Rua Bom Pastor, nº1426, também próxima ao Museu Paulista, daí a origem do símbolo da fábrica que identificava os seus brinquedos, isto é, o edifício que abriga a instituição.

Os anúncios do *Indicador Profissional de São Paulo* para os anos de 1945 e 1946 destacaram ser o estabelecimento de Alexandre Bitincof "a maior fábrica de pianos para crianças"[330], que enviava catálogo de seus brinquedos a interessados.

Permaneceu ainda em atividade nos primeiros anos da década de 1950, conforme levantamento do *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo*[331].

8- Alumínio Fulgor S.A.

---

[324] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, p. 36-37.
[325] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1929, p. 50; 173.
[326] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1930, p. 180-181.
[327] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1929, p. 50; 173.
[328] Cf. *Revista da Porpriedade Industrial,* 1938, p.61.485.
[329] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[330] Indicador Profissional de São Paulo, 1945 p.70, 1946 p. 84.
[331] Cf. p. 34.

A fábrica, localizada na Rua Rubião Júnior nº 190, no Bairro da Mooca, anunciou, no ano de 1946, laminação de alumínio, cobre, prata e fabricação de artefatos e brinquedos de alumínio[332]. Note-se que há, no acervo de brinquedos do Museu Paulista da USP, utensílios de cozinha de brinquedo desta fábrica, como um raladorzinho e uma panelinha de escorrer, além de uma espiriteira em mniatura[333].

9 – Ângelo Mascia

As atividades de Mascia no ramo de brinquedos se deram entre os anos de 1931 e 1933, sempre no mesmo endereço, Rua Firmiano Pinto (Belenzinho), número 10. Exerceram atividade no local entre 2 e 3 operários, os quais fabricavam brinquedos de ferro, como velocípedes, tico-ticos, automóveis para crianças, etc.[334]

10 – Antonio Allegra

A sua fábrica de brinquedos permaneceu, nos três anos de atividade, na Avenida Celso Garcia, nº 222 (Brás). Em 1928 contou com 5 operários; nos dois anos seguintes teve 3 operários, os quais produziam automóveis para crianças e velocípedes.[335]

11 – Antonio Barozzi

Foram encontrados registros relativos a 1928 e 1929. Contou com 3 funcionários no primeiro ano e somente 1 no ano seguinte. A sua fábrica, que produziu bonecos, cavalos, carrinhos, ficava localizada na Avenida Rangel Pestana, nº 373, Brás[336].

12 – Antonio de Barros

Registrou, em 7 de Janeiro de 1937, na *Revista da Propriedade Industrial*, um brinquedo criado por ele, tendo-o descrito como "um novo e original modelo de brinquedo"[337].

No impresso oficial, assim ficou descrito o artigo empreendido por Antonio de Barros:

> "Termo nº 18.022, de 30-12-1936.
>
> Antonio de Barros – São Paulo
>
> Pontos característicos da invenção de 'um novo e original modelo de brinquedo' (Modelo de utilidade):
>
> I – Um novo e original modelo de brinquedo caracterizado por consistir em duas peças inteiramente originaes, successivamente, a primeira constituída por

[332] Indicador Profissional de São Paulo, 1946, p.26.
[333] RGS: 9449, 9445 e 9452, respectivamente, doados pela Sra. Inah Meirelles Faria Guimarães em 2005 á instituição.
[334] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1931, p.187; 1932, p. 199; 1933, p. 242.
[335] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp.180-181, 244.
[336] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173.
[337] Cf. *Revista da Propriedade Industrial,* 7 de Janeiro de 1937, p. 493.

duas espheras ligadas em achatamento em uma só peça, provida cada uma de um orificio de alto a baixo, sendo este fino na parte superior e em extensão mais longa e de maior diametro inferiormente, esta em forma semelhante a um '8'.

II – Um novo e original modelo de brinquedo como reivindicado em 1, caracterizado por ser constituída a segunda peça por um cabo bifurcado, em forma de um 'V', tendo superiormente cada bifurcação uma extensão em pino, na extremidade, adaptável no orifício da esphera correspondente, por serem eqüidistantes os pinos, dos mesmos orifícios, apresentando este cabo internamente uma perfuração afim de passar o barbante que liga a respectiva esphera, em disposição essencialmente original e attractiva, tudo como substancialmente descripto e representado no desenho anexo."[338]

13 – Antonio Costa & Carlos Costa

A fábrica permaneceu em atividade entre os anos de 1929 e 1933, na Rua Marcos Arruda, nº 145 (Belenzinho), fabricando brinquedos e bonecas de papelão. No primeiro ano, o estabelecimento contava com 2 operários, em 1931 possuiu 6 trabalhadores e, nos dois anos seguintes, o quadro de operários foi semelhante ao de 1929[339].

14 – Antonio Zanetti

Fabricou brinquedos de borracha durante 1933 a 1935.[340] Não foram encontradas outras informações a respeito desse fabricante.

15 – Arthur Bosetti

Entre 1931 e 1933, esteve localizada a sua fábrica na Rua Piratininga, nº 161 (Brás), onde eram fabricados velocípedes, brinquedos de borracha, de ferro e madeira. No primeiro ano, contou com 3 operários; no ano seguinte o número de trabalhadores dobrou e, finalmente, em 1933 foram 4 trabalhadores auxiliando na confecção dos brinquedos[341].

16 – Avelino S. Oliveira

Exerceu a fabricação de brinquedos em 1935, na Rua Almirante Barroso, nº 118 (Brás). Os brinquedos de tecidos eram produzidos por 10 operários[342].

17 – Aziz Behet

---

[338] *Idem, ibidem.* Nessa fonte consultada não foi encontrado o anexo a que se refere a descrição do brinquedo.
[339] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1929, p. 50, 173; 1930, p. 244; 1931, p. 187; 1932, p. 199; 1933, p. 242.
[340] Cf. *Estatisitca Industrial...,* 1933, p. 243; 1935, p. 228.
[341] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1931, p. 187; 1932, p. 199; 1933, p. 242.
[342] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1935, p. 228.

Com o auxílio de 4 trabalhadores, a fábrica localizada na Rua Monsenhor Andrade, 541, produzia velocípedes, patinetes e outros brinquedos, no ano de 1937[343].

18 – Candido Barboza

A fábrica desse proprietário exerceu a produção de brinquedos de folha-de-flandres, através do trabalho de 3 operários, na Rua Donatários, nº 49, em 1937[344]. Nesse mesmo endereço, no ano de 1946, esteve sediada a Indústria de Brinquedos Aurora Ltda.[345], onde se produziu artefatos de madeira para uso doméstico e outros finos, além de brinquedos de madeira. Não se sabe, no entanto, se ainda era de propriedade de Candido Barboza.

19 – Casa Flor

O estabelecimento exerceu atividades a partir de 1935. Em São Paulo, esteve localizada em dois endereços, simultaneamente: Avenida Tiradentes, nº 282 e Rua Libero Badaró, nº 653; possuía também uma filial no Rio de Janeiro, na Praça Tiradentes, nº 50.

Fabricava móveis de vime, junco, "pano couro", e cestas e brinquedos desses mesmos tipos de material.

Em anúncio de 11 de dezembro de 1936, destacava ser a "maior fabrica de brinquedos do Brasil"[346] e, no ano anterior, anunciava "brinquedos diretamente da fábrica ao consumidor", como forma de atrair o leitor do periódico *O Estado de S. Paulo*, pois os preços seriam mais acessíveis através dessa possibilidade oferecida pela Casa Flor[347].

Os diferentes tipos de brinquedos fabricados e oferecidos ao consumo para a capital paulista foram destacados em um grande anúncio, em primeira página n'*O Estado de S. Paulo*, no dia 5 de dezembro de 1937. A figura do Papai Noel estava presente e, ao seu redor, algumas ilustrações de brinquedos e outros artigos domésticos confeccionados em vime e outros materiais.

Esse anúncio da Casa Flor, que dizia ser "a casa onde Papai Noel fez o seu sortimento"[348], destacou, além dos artigos para a casa (cadeiras, sofás, berços, balanços para jardim, etc.), os seguintes brinquedos: "bicicleta com side-car, resistente, com rodas de borracha"; "automóveis de corrida, resistentes, vistosos, com rodas de borracha"; carrinhos para boneca de diferentes preços ("de 1$000 até 100$000"); bercinhos para bonecas; "automoveisinhos"; aeroplanos; tico-ticos; velocípedes – destacando ser esse produto "artigo reforçado" –; bicicletas; cadeirinhas para bonecas e cadeirinhas de "pano couro" para bonecas (com outros preços, por serem confeccionadas a partir dessa matéria-prima).

---

[343] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[344] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[345] *Indicador Profissional de São Paulo, 1946,* p.87.
[346] Cf. *O Estado de S. Paulo,* sexta-feira, 11 de dezembro de 1936, p. 12.
[347] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 1 de dezembro de 1935, p. 23.
[348] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 5 de dezembro de 1937, p. 1.

A Casa Flor ressaltava, no mesmo reclame, que "enviava mercadorias, sem taxa de entrega, desde que os pedidos fossem acompanhados de ordem de pagamento"[349].

No mesmo dia (1/12/1937), o estabelecimento anunciou os seus produtos diversos em forma de notícia, que enumerava, além dos brinquedos já citados, a venda de patinetes, conforme a seguinte reprodução:

> "Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio que a conhecida CASA FLOR, estabelecida nesta capital, á Rua Libero Badaró, 653, faz em outra secção desta folha sobre brinquedos, artigos para presentes, moveis e artefactos de vime e junco, tecidos lloyd, etc.
> O sortimento de brinquedos que a Casa Flor organisou para as festas é dos mais variados e offerecido a preços módicos.
> Em seu estabelecimento e nas filiaes que mantém no Rio de Janeiro, á Praça Tiradentes, 50 e Avenida 28 de Setembro, 19, encontra-se de tudo, inclusive uma vasta e selecta collecção de artigos para presentes.
> Só mesmo examinando suas exposições é que se poderá formar idea, principalmente em brinquedos para a petizada: automóveis, velocípedes, patinetes, bicycletas, carrinhos, etc, etc.
> Com o intuito de melhor servir a seus clientes, a Casa Flor recommenda que não deixem suas compras para os últimos dias do anno. Todavia, para facilitar, de segunda-feira em diante suas portas ficarão abertas até as 21 horas."[350]

Não foram encontrados registros sobre o proprietário da firma e o número de operários que lá executaram serviços, porém, a Casa Flor foi um dos exemplos de indústria de brinquedos paulistana que tomou como referência o brinquedo importado e, a partir dele, fabricou na cidade tais artigos com as matérias-primas aqui disponíveis (como o vime, outros tipos de madeira e borracha), levando em conta ainda, o brinquedo como difusor de valores ligados à modernidade (automóveis relacionados à velocidade e tecnologia, bicicletas que proporcionavam saúde, etc.).

Permaneceu em atividade na década seguinte a de sua fundação e, nos anos de 1941 e 1942, anunciou o "carro de assalto", um tanque de guerra de brinquedo, denominado em reclames veiculados em jornais da capital como o "brinquedo do momento"[351].

20 – Domingos Russo

Em 1930, a "Estamparia Russo" produziu brinquedos de folha-de-flandres, em geral, contando com 10 operários. O estabelecimento ficava situado na Rua Alexandre Lemy, nº 24[352].

---

[349] *Idem, ibidem.*
[350] Ver *O Estado de S. Paulo,* domingo, 5 de dezembro de 1937, p. 15.
[351] *Correio Paulistano*, 7/12/1941, p.13; idem, 16/12/1942, p.7.
[352] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1930, pp. 180-181.

21 – Donati & Salzano

Localizada na Rua Santa Clara, nº 46 (Bairro Bresser), a fábrica de 11 operários confeccionou, no ano de 1935, brinquedos de tecidos[353].

22 – Elemer Vass & C.

Desde 1934 fabricou brinquedos variados de folha-de-flandres, na Rua Major Diogo, nº 35 (Bela Vista). Em 1937, o número do estabelecimento era o de 285. No primeiro ano, havia 15 operários na fábrica; em 1935 eram 20 e, em 1937, o número caíra para 16 trabalhadores[354].

23 – Ernesto Nappo

Contando com o auxílio de 2 operários, eram fabricados em seu estabelecimento velocípedes, automóveis, patinetes, tico-ticos, etc. Localizava-se na Avenida Celso Garcia, número 939, na Região do Brás, em 1931[355].

24- Fábrica de Brinquedos Atlântico Ltda.

Localizada na Avenida Água Branca nº426, produziu os seguintes brinquedos e jogos: máquinas de costura, bridge oriental, bingo, roletas, boliches, xadrez chinês, corrida de cavalos e automóveis, croquet de mesa e jardim, paraquedas, aviões, jogos de construção, gangorra, caminhões, quebra-cabeça, tiro ao alvo, estojos de bordar, mesa de pingue-pongue e de jogo, escrivaninhas, carro de chá, ludo, Royal ludo, língua da sogra, bonecas, mobílias para bonecas, atelier infantil, trens, automóveis, tabuleiros, tanques de guerra, cubos, trançando cestinhas, jipe anfíbio, João bobo, fuzil planador, voador veloz, artigos de pelúcia, entre outros. Em anúncio de 1946, destacou "peçam Catálogo"[356]. Na década de 1950 ainda foram encontrados registros de funcionamento da fábrica[357].

25- Fábrica de Brinquedos Bandeirante – Nunzio Briguglio

Fabricou carrinhos de todos os tipos e brinquedos em meados da década de 1940 na Rua da Mooca, 2188. Segundo anúncio de 1945, a especialidade era a "charrete oscilante", patenteada. Também fabricou bicicletas, velocípedes, cavalinhos, automóveis, patinetes, cadeirinhas e berços[358].

26- Fábrica de Brinquedos Celeste

O seu proprietário foi Albrecht Ackermann. Fabricou bonecas, bebês, bichos, bolas, brinquedos de oleado e madeira e bichos de "massa" (também conhecido pelo termo "composição"),

---

[353] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1935, p. 228.
[354] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 275.
[355] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1931, p. 187.
[356] Indicador Profissional de São Paulo, 1946, p.84.
[357] *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.*
[358] Indicador Profissional de São Paulo, 1945, p.68.

desde a década de1940. A fábrica estava localizada na Rua Teixeira Leite, 422[359] e em 1952 ainda estava em funcioanento[360].

27 – Fabrica de Brinquedos Columbia Ltda.

Inaugurada em 1933, a Fábrica Columbia tinha, a princípio, 30 operários produzindo brinquedos de madeira. No ano seguinte, o quadro de operários era composto por 45, quando produziram brinquedos de ferro, celulóide e galalite. Finalmente, em 1935, foram 40 trabalhadores que confeccionaram brinquedos de ferro e madeira, e de tecidos. O estabelecimento estava situado na Rua Victorino Carmilo, nº 177 (localizada na Rua Glette e junto à linha Sorocabana Railway; Barra Funda); porém no último ano de atividade dessa fábrica, o número passa a ser 945[361].

Em 1934, a marca da fábrica foi registrada na *Revista da Propriedade Industrial,* no dia 22 de Junho, na página 12167[362].

28 – Fabrica de Brinquedos de Oronzo Scattone & Filho Ltda.

De 1934 a 1937, permaneceu no mesmo endereço: Avenida Celso Garcia, nº 253. Eram fabricados brinquedos de ferro e borracha e de folha-de-flandres, como automóveis, auto-caminhões, voadores, baratinhas, bicicletas, patinetes, tico-ticos e velocípedes[363].

No início, a fábrica empregava 8 operários; em 1935 foram 14 e, finalmente, trabalharam no ano de 1937 21 operários no estabelecimento de Oronzo Scattone[364].

Em meados da década de 1940, a Fábrica de Brinquedos Scatt, conforme anúncio, ainda fabricava os artefatos em estabelecimento localizado na mesma avenida, porém nos números 915 e 919[365].

29 - Fabrica de Brinquedos Santo Amaro

Anunciou suas atividades nesse ramo em 1936. O estabelecimento esteve localizado à Rua Domingos de Moraes, nº 84-A (atual rua dos Bairros Vila Mariana e Santa Cruz) e, de acordo com o próprio anúncio veiculado no periódico *O Estado de S. Paulo*, somente realizava vendas por atacado[366].

---

[359] Indicador Profissional de São Paulo, 1946, p. 86.
[360] *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo*, p. 34..
[361] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 242; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[362] Observe-se que a Fábrica de Brinquedos Columbia foi a única encontrada nos registros de marcas da *Revista da Propriedade Industrial,* tendo sido pesquisados os volumes desde 1933 até 1937, disponíveis na Faculdade de Direito da USP – Biblioteca Central.
[363] Exemplos de brinquedos confeccionados pela fábrica de Scattone foram citados em anúncio contido no *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre*, publicado em 1935.
[364] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 276.
[365] *Indicador Profissional de São Paulo,* 1946, p.86.
[366] *O Estado de S. Paulo,* domingo, 13 de dezembro de 1936, p. 36.

30 - Fábrica de Materiais Elétricos e Brinquedos Originais Febo

Fundada, provavelmente, na década de 1940 e em atividade nos primeiros anos da década de 1950 na capital paulista[367], anunciou diferentes seções brinquedos da fábrica: na Seção Brinquedos de Serralheria, produzia velocípedes, patinetes, tico-ticos, autos de corrida, caminhões, aviões, pequenos brinquedos de folha, revólveres.

Além dos brinquedos metálicos, também fabricou outros tipos de brinquedos em seções como "Bonecas de Massa Inquebrável", "Brinquedos de Cartonagem" e "Brinquedos de Madeira".

O escritório estava localizado no centro da cidade de São Paulo, na Rua Conselheiro Crispiniano, 20. Fornecia catálogos de seus produtos. Não há menção do endereço fabril[368].

31 – Fabrica Nacional de Artefactos de Borracha

Esteve localizada na Rua Abílio Soares, nº 169 (Paraíso), de 1928 a 1930, produzindo artigos diversos feitos com borracha nacional, inclusive brinquedos[369].

32 – Fasson & Filho

Produziram diferentes artigos a partir de matéria-prima nacional – a borracha –, inclusive brinquedos, como bolas, por exemplo. Entre 1928 e 1929, a fábrica dos proprietários esteve na Rua Barão de Jaguará, nº 104 (Cambuci). No ano seguinte, fixou estabelecimento em outro endereço: Rua Piquerobi, nº 36-A. O nome da fábrica era "Progresso" e, para a confecção de bolas de borracha foram empregados 6 operários em 1931.

Até 1935 a firma de Fasson & Filho permaneceu em atividade nesse ramo, mas nos impressos estatísticos posteriores não foram encontrados outros registros[370].

33 – Fernando Hrescak

Em Dezembro de 1933, foi registrado, na seção "Privilégios de Invenção" da Revista da Propriedade Industrial, um invento do empreendedor de nome Fernando Hrescak, da cidade de São Paulo, que se caracterizava por ser, ao mesmo tempo, um "invólucro para café e brinquedo". Assim era descrito o novo e original artigo, que sintetizava a importância do café para o crescimento econômico da cidade de São Paulo e a sua modernização, representada através de modelos de diferentes veículos também associados ao progresso, à tecnologia e à modernização da sociedade industrial em ascensão naquela conjuntura:

> "Ponto característico da invenção de um novo envólucro para café, aproveitável como brinquedo (modelo de utilidade).

---

[367] *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo*, p.34.
[368] *Indicador Profissional de São Paulo,* 1945, p.69 e 1946, p. 86.
[369] Cf. *Estatistica Industrial,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244.
[370] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37; 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187; 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.

> Um novo modelo de envólucro para café, aproveitável como brinquedo, caracterizado pelo fato de ter a forma de um ônibus moderno em miniatura, sendo o recipiente do pacote com o café representados pelo interior da carroserie e a tampa pelo chassis com as rodas trazeiras, as quais acompanham o movimento da tampa, que se desloca da parte trazeira do objeto, tudo como substancialmente descrito e mostrado nos desenhos juntos." (grifos nossos).[371]

Além desse modelo de ônibus descrito, segundo o inventor seriam oferecidos também outros tipos de veículos surgidos com o "advento da modernidade", compondo o invólucro: avião em miniatura; "auto-fourgon" em miniatura; vagão de estrada de ferro em miniatura; dirigível em miniatura; e, finalmente, um submarino em miniatura.[372]

Não foi encontrado registro de endereço da confecção desse artigo, realizado por Fernando Hrescak.

34 – Ferreira da Costa & Cia.

A firma produziu brinquedos de borracha a partir de 1929, e, até 1935 foi registrada a atividade no ramo de brinquedos desse tipo de matéria-prima. O endereço do estabelecimento esteve na Rua Itapira, nº8[373] (Móoca).

35 – Francisco Carceles & Irmão

Em 1929, a "Fabrica Belém" esteve localizada na Rua Catumbi, nº 30 (Belenzinho) e contava com 10 operários que confeccionavam bebês de papelão. Produziu também outros brinquedos a partir do mesmo material, executando a fabricação de artigos infantis até 1935, ainda na mesma rua, porém com o número distinto: 138. Nesse ano, o quadro de funcionários havia baixado para 7[374].

36 – Francisco Magon

Suas atividades no ramo de fabricação de brinquedos estiveram reunidas na Rua Dr. Pinto Ferraz, nº 90 (Vila Mariana), no ano de 1930. Não foram registrados, nesse mesmo ano, os tipos de brinquedos por ele confeccionados, nem quantos foram os seus auxiliares nesse empreendimento[375].

37 – Galdino Fogal

Anunciou no periódico *O Estado de S. Paulo* no mês de Dezembro dos anos de 1935 e 1936 a localização de sua loja e fábrica – Rua Palmeiras, nº35 (rua que percorria os Bairros de Santa Cecília e

---

[371] Cf. *Revista da Propriedade Industrial,* Dezembro de 1933, pp. 23346-47. Não havia os desenhos dos brinquedos anexados à essa descrição na fonte consultada.
[372] *Idem, ibidem.*
[373] Cf. *Estatistica Industrial,* 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[374] Cf. *Estatistica Industrial,* 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, 187, 253; 1932, 199, 269; 1933, 242; 1934, 216; 1935, 228.
[375] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1930, p. 244.

Perdizes) –, onde eram confeccionados carrinhos e berços para bebês e bonecas, veículos para crianças e outros brinquedos. O proprietário oferecia, conforme os anúncios, catálogos para o conhecimento de seus artigos e continuou a sua atividade no ramo durante os anos da década de 1940.[376]

38 - Guido Mancini

O proprietário Mancini dirigiu a manufatura de brinquedos entre os anos de 1928 e 1930. Nos dois primeiros anos a fábrica esteve localizada na Rua Monsenhor Anacleto, nº21-A (Brás). Já em 1930, as atividades foram transferidas para a Rua da Consolação, 342.

O primeiro ano de produção de brinquedos contou com 8 operários que produziam velocípedes e automóveis para crianças. Em 1929, a firma dispunha de 12 trabalhadores, tendo caído esse número no ano seguinte, para 5 operários, quando fora registrado apenas a fabricação de velocípedes[377].

39 – Hachiya Irmãos & Cia.

Os irmãos Hachiya desempenharam duas atividades em endereços distintos: na Rua Brigadeiro Tobias, nº108/110 (logo, nº 684/688), foram importadores de brinquedos, inclusive bicicletas da marca "Pony", de fabricação japonesa, entre 1935 e 1939.[378]. Já na Rua Barão de Jaguará, nº 835, executaram a fabricação de brinquedos de ferro, madeira e tecidos, com o auxílio de 55 operários, em 1935[379]. Em 1937 as atividades continuaram, porém contando com 14 trabalhadores, que produziram bonecas e brinquedos de folha-de-flandres, material também conhecido como "lata".[380]

40 – Holzer & Cainer & Cia.

O estabelecimento desses proprietários era denominado "**Mariposa – Fabrica de Bonecas de Feltro**" e exerceu atividades na capital paulista desde 1933 até, pelo menos, 1952[381], na Rua Santa Ephigenia, nº 91, depois a numeração foi modificada para 379. (Centro/Santa Efigênia).

No primeiro ano do empreendimento, contou com 14 operários na produção de bonecas de pano. Em 1934 e 1935, teve 22 operários confeccionando os mesmos artigos para crianças e, em 1937, a propriedade de Holzer & Cainer progrediu, tendo empregado 30 operários para o fabrico de bonecas e outros brinquedos.[382]

---

[376] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 8 de dezembro de 1935, p. 31; domingo, 6 de dezembro de 1936, p. 36; *Indicador Profissional de São Paulo,* 1946, p.88.
[377] Cf. *Estatistica Industrial,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244.
[378] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 1 de dezembro de 1935, p. 13; quarta-feira, 1 de dezembro de 1937, p. 12; *Correio Paulistano,* 3 de dezembro de 1939, p.24.
[379] *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo,* 1935, p. 228.
[380] *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[381] Cf. *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.* São Paulo, 1952, PP. 32-35.
[382] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 242; 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 275.

No *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição Farroupilha em Porto Alegre*, impresso organizado pelo Estado de São Paulo em 1935, a fábrica de Holzer & Cia anunciou suas atividades, destacando a venda tanto por atacado como no varejo. Segundo o anúncio, além de brinquedos finos e bonecas artísticas, fabricava também panos bordados, almofadas modernas, modas para crianças e fantasias para carnaval. Destacava, ainda, o conserto de bonecas[383].

41 – Indústria Brasileira de Bonecas Inquebráveis

Esteve localizada na Rua da Glória, nº 67 (Bairro Liberdade), onde 13 operários eram encarregados da produção de bonecas de louça. Encontrou-se registro dessa indústria somente em impresso de 1937[384].

42- Indústrias Reunidas Manfredi

Permaneceu em atividade na Rua João Boemer, na região do Brás, de 1928 até 1937, anos esses em que foram encontrados registros do estabelecimento. Em 1930 empregava 20 operários, no ano seguinte, somente para a produção de brinquedos (pois essa indústria também produzia outros artigos de borracha), foram designados 8 operários; em 1932 foram 15 operários responsáveis pela seção de brinquedos; em 1933 foram 17; 30 operários executaram serviços em 1934; no ano seguinte o quadro havia diminuído para 25 e, finalmente, no ano de 1937, foram 28 operários exercendo a profissão nessa indústria[385].

Diferentes tipos de brinquedos foram fabricados nas "Indústrias Reunidas Manfredi S.A.", a partir de determinadas matérias-primas, como papel maché (cavalos em qualquer tamanho, bebês, bonecas, máscaras, cornetas para carnaval); folha-de-flandres (brinquedos musicais, como tambores, pandeiros em vários tamanhos, cornetas, chocalhos; além de espadas, espingardas e carrinhos); madeira (carrinhos com cavalos, mobílias diversas, cofres estampados e jogos de construção); e borracha (bolas, bichos e bonecas)[386].

43 – Irmãos Herrero

Fabricaram bicicletas em 1937, na Avenida Celso Garcia, nº299, região do Brás. No local, trabalharam para o fabrico desse tipo de veículo 5 operários[387].

44 – Irmãos Vitale

---

[383] São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935, s.p.
[384] *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[385] *Estatistica Industrial...,* 1928, p. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187, 253; 1932, p.199, 269; 1933, p. 242; 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 275.
[386] Cf. *Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil, 1922-23,* p. 1519, anúncio.
[387] *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.

Foram citados no impresso "Estatística Industrial do Estado de São Paulo" nos anos de 1933 a 1935, pois fabricaram brinquedos a partir da borracha nacional[388].

45 – J. A. Kinker

As únicas informações encontradas desse fabricante de brinquedos foram o endereço de seu estabelecimento (Rua Brigadeiro Tobias, nº 22) e o ano em que exerceu atividade na cidade de São Paulo: 1904[389].

46 – J. H. Bernini

Em 1908, J. H. Bernini foi um dos expositores da Exposição Nacional, sediada no Rio de Janeiro, por ter produzido uma coleção de soldadinhos de chumbo. Esteve na sala 16 do "Palácio da Exposição"; e seu endereço em São Paulo era na Rua Conselheiro Carrão, nº 59 (Bela Vista).[390]

47 – J. Manfrinato

A fábrica "Brasil", de J. Manfrinato, foi citada na "Estatística Industrial do Estado de São Paulo" nos anos de 1931 e 1932.

No primeiro ano de atividade, havia 13 operários executando a produção de cavalinhos e violas para crianças. No ano posterior, o quadro de trabalhadores aumentou para 14; o endereço do estabelecimento foi a Rua João Boemer, número 307[391].

48 – João Barcellos

Segundo o *Guia Geral dos Estados Unidos do Brasil, 1922-23,* João Barcellos foi proprietário da "Fábrica de Brinquedos Belém", endereçada à Avenida Celso Garcia, nº 272, no início da década de 1920[392]. Não foram encontradas informações sobre os tipos de brinquedos que oferecia ao consumo.

49 – João Cappellina

Foi na Praça do Cambuci, nº 7, que João Cappellina e mais 6 operários fabricaram diferentes brinquedos de massa, no ano de 1935[393].

50 – João Perotti

---

[388] *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[389] *Annuario Commercial do Estado de São Paulo para 1904,* s.p.
[390] Cf. *Exposição Nacional de 1908 – Rio de Janeiro. Estado de São Paulo – Catalogo Geral Illustrado.* 2ª Edição, 1908, Commissão Executiva da Exposição de S. Paulo, p. 85.
[391] *Estatistica Industrial...,* 1931, p. 187, 253; 1932, p. 199, 269.
[392] *Guia geral dos Estados Unidos do Brasil, 1922-23,* p. 1518.
[393] *Estatistica Industrial...,* 1935, p. 228.

Desde o primeiro ano de publicação da *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* (1928), a propriedade fabril de Perotti, nomeada "Manufactura Orbis", já confeccionava brinquedos e outros artigos domésticos. Até 1952, pelo menos, perdurou na mesma atividade.

De 1928 a 1930, esteve localizado na Rua Miller, nº 51/53, a mesma rua (e possivelmente no mesmo prédio) em que, a partir de 1937, a Manufatura de Brinquedos Estrela ficaria instalada (Bairro do Brás, próxima ao Largo da Concórdia). No primeiro ano, o impresso estadual recenseou o trabalho de 80 operários na manufatura de Perotti e, no ano seguinte, foram 47 os responsáveis pelo fabrico de bonecas, brinquedos de pano e roupas de feltro para crianças. Em 1930, o número de operários baixou para 26.

A partir de 1931, até o ano de 1934, o estabelecimento esteve situado à Rua Uruguaiana, nº 125 (Brás). Nesses quatro anos, o número de operários na fábrica oscilou, sendo que em 1931, para a confecção de brinquedos de tecidos, foram 70 os operários responsáveis por essa atividade; no ano seguinte, foram recenseados 60 operários que executaram a produção de brinquedos feitos de madeira, ferro e tecidos; em 1933 a fábrica atingiu a marca de 100 operários, constituindo uma grande fábrica, segundo as palavras de Edgard Carone[394].

Já em 1934, o número de operários declinou para 55, mas em 1935, em novo endereço – Rua Dr. João Alves de Lima, 325 – eram 98 os trabalhadores que compuseram o quadro da Manufatura Orbis. Em 1937, foram 108 os operários que confeccionaram bonecas de pano para o consumo na cidade de São Paulo[395]. Em 1952, bonecas de massa também foram confeccionadas[396].

51 – João Ruocco

Segundo a *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*, de 1933, a fábrica de brinquedos de João Ruocco começou a exercer atividades em 1934, com o auxílio de 6 operários, na Rua General Carmona, nº 5. Nos anos posteriores, não há registro de seu nome nesse tipo de empreendimento, bem como não há referências a respeito dos brinquedos produzidos[397]. Ver também o "Dossiê nº 50".

52 – José Nejem Seyegh

Fabricou bonecas de massa, com o auxílio de 6 operários, em estabelecimento situado à Rua da Liberdade, nº 79, em 1937[398].

53 – José Ramalho

---

[394] Cf. Edgard CARONE, *O pensamento industrial no Brasil, 1880-1945.* São Paulo, DIFEL, 1977, p. 8.
[395] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187, 253; 1932, p. 199, 269; 1933, p. 242; 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 275.
[396] Cf. *Anuário das Indústrias do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo,* p.32.
[397] *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 242.
[398] *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.

Um dos poucos fabricantes com endereço na região central da cidade de São Paulo, onde era mais comum o estabelecimento de casas comerciais no período. Fabricou bonecas entre 1916 e 1928, na Rua Quintino Bocayuva, nº 29-A/ 43-A (em 1928)[399].

54 – Julio G. Germade

A *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* registrou que a fábrica desse proprietário fabricou diversos artigos de borracha e, dentre eles, brinquedos, desde 1928 até o ano de 1935. A propriedade de Germade esteve localizada na Rua Cesário Alvim, nº88/90 (Belenzinho), até, pelo menos, 1930[400].

55 – Lencioni & Ruocco Ltda.

Foi, certamente, a atividade que antecedeu a experiência própria de João Ruocco no ramo de fabricação de brinquedos. Em 1932, esteve em sociedade com Lencioni e, através do trabalho de 15 operários, fabricaram brinquedos de massa, na Rua General Carmona, nº 5[401]. Conforme "Dossiê nº 46", João Ruocco, já como único proprietário, permaneceu no mesmo endereço, no ano de 1934.

56 – Lima Penante & Filho

Em 1934, a fábrica desses proprietários esteve situada na Rua Major Diogo, nº 35 (Bela Vista). Foram recenseados 26 operários atuantes nessa firma, os quais produziram bonecas de massa[402].

57 – Luiz Sansone

A "Grande Fábrica de Brinquedos Sansão" foi fundada em 1914[403] e, ainda em 1942 permaneceu nesse ramo[404]. O proprietário, Luiz Sansone, estabeleceu o seu empreendimento na Rua Margarida, nº 43 (Barra Funda). Em 1935, o número do local havia sido modificado para 369.

A fábrica foi próspera, pois com o passar dos anos, o número de operários destinados à produção de diversos brinquedos foi aumentando: em 1931, foram 12 os operários responsáveis pela execução de brinquedos feitos a partir de ferro e madeira; em 1932 contava-se com o auxílio de 17 trabalhadores; no ano seguinte foram 28 que, além de brinquedos de ferro e madeira, também produziram tais artigos com folha-de-flandres como matéria-prima; em 1934, a *Estatística Industrial*

---

[399] Cf. *Almanak Laemmert para 1916,* p. 4729; *Almanak Laemmert para 1928,* p. 477.
[400] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp.36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187; 1932, p. 199; 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[401] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1932, p. 199, 269.
[402] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216.
[403] Cf. em anúncio publicado em São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935.
[404] *Anuário Geral das Profissões B.P.*, p. 56.

do Estado de São Paulo recenseou 47 operários; foram 61 em 1935 e, finalmente, em 1937, o quadro de trabalhadores nesse ano foi o mesmo daquele registrado em 1934, ou seja, 47 operários[405].

Os brinquedos oferecidos ao consumo em São Paulo por Luiz Sansone foram os seguintes: automóveis, baratinhas, autos para corridas, tico-ticos, patinetes, tripatinetes, piões com mola (o proprietário anunciava que era o único fabricante, no Brasil, desse artigo[406]), rema-remas, velocípedes, etc[407].

O estabelecimento de Sansone também oferecia artigos de estamparia para os demais fabricantes de brinquedos interessados, e, além disso, aceitava encomenda de cidades do interior e disponibilizava catálogo ilustrado de seus produtos[408].

58 – Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda.

Foi fundada em 1937 na Rua Miller, nº 62, na Região do Brás, por Siegfried Adler. Já nesse ano contava com 16 operários, os quais confeccionavam bonecas de pano. Anos mais tarde, tornar-se-ia a maior e principal indústria de brinquedos do país[409]. Transferiu para a Rua Joaquim Carlos na década de 1940, no nº 266 e, em seguida, para o nº 508. Fabricou variedade de brinquedos, como bonecas e bebês, animais de pelúcia, lã e flanela, bolas de pelúcia e veludo, brinquedos de madeira, brinquedos e chocalhos de matéria plástica, brinquedos com corda, brinquedos com aparelho de música, jogos educativos, desportivos e para divertimento, revólveres de ferro. Também possuía seção que comercializava brinquedos importados[410]. Atualmente, somente o escritório central da fábrica está localizado na capital paulista. Há três unidades fabris, localizadas em Manaus (AM), Três Pontas (MG) e Itapira (SP)[411].

59 – Mario Bizordi

Desde 1928 até 1937 foi citado como fabricante de brinquedos na *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo.* A fábrica de Bizordi permaneceu na Rua Maria Marcolina, nº10, no Bairro do Brás até 1936; no ano seguinte transferiu-se para a Rua Dr. Gomes Cardim, nº 102 (Brás).

No primeiro ano de atividades, a fábrica dispunha de 5 operários; oscilou, em alguns anos, entre 3 e 8 operários; em 1937 o quadro de trabalhadores foi o mesmo de 1938, ou seja, 5 operários que produziram brinquedos diversos de ferro e madeira, como velocípedes[412].

---

[405] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1931, p. 187, 253; 1932, p. 199, 269; 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 275.
[406] Cf. em anúncio publicado em São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935, s.p.
[407] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 12 de dezembro de 1937, p. 22.
[408] *Idem,* ver também *O Estado de S. Paulo,* domingo, 09 de janeiro de 1938.
[409] *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 275.
[410] Indicador Profissional de São Paulo, 1945 p. 71; 1946 p. 83.
[411] Segundo site oficial: http://www.estrela.com.br/index2.html#/History/index .
[412] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187, 253; 1932, p. 199, 269; 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228; 1937, p. 276.

60 – Masasi Shino

Em 1934 esteve estabelecido à Rua Theodureto Souto, nº 40 (Ipiranga), onde 27 operários foram responsáveis pela fabricação de brinquedos feitos a partir de tecidos, ferro e madeira[413].

61 – Max Maximini & Cia.

A Fábrica de Artefatos de Madeira de Max Maximini esteve localizada na Rua Anhaia, no Bairro Bom Retiro, entre 1933 e meados da década de 1940. "Rua que progrediu depressa, com grande atividade industrial, onde também os meninos do bairro brincavam com segurança e podiam correr em seus velocípedes de três rodas", segundo as palavras de Hilário Dertônio, em sua obra sobre a história do Bairro do Bom Retiro[414].

Em 1933 possuía 9 operários; no ano posterior contou com 30 trabalhadores; em 1935 esse quadro diminuiu para 19 e, já no ano de 1937, contou com 33 operários para a confecção de brinquedos feitos, sobretudo, com madeira. Não obstante, eram produzidos também esses artigos a partir de ferro e folha-de-flandres.

Os brinquedos fabricados no Bom Retiro pela firma de Maximini foram os seguintes: patinetes, móveis, pianos, caminhões, aeroplanos, fuzis, canhões, boliches, carriolas, loto, dominó, e jogo de damas[415], todos eles disponibilizados em catálogo para que as lojas varejistas paulistanas pudessem tomar conhecimento dos produtos desse estabelecimento[416]. Na década de 1940, também o empreendimento de Maximini era conhecido como "Fábrica de Brinquedos Juvena"[417].

62 – Melhoramentos

A Companhia Melhoramentos de São Paulo, indústria de papéis, fabricou livros e almanaques infantis, brinquedos e jogos educativos desde, pelo menos, a década de 1930[418].

63 – Metalúrgica Matarazzo S.A. – METALMA

A fábrica de latas de folha-de-flandres esteve instalada à Rua Carneiro Leão (Brás), pelo menos desde 1919, quando foi desmembrada das *Indústrias Reunidas F. Matarazzo* para constituir-se na empresa *Pignatari & Matarazzo*, da qual participavam Francisco Matarazzo Sobrinho e Julio Pignatari (genro de Francisco Matarazzo). Com o desligamento de Pignatari em 1933, quando fundou

---

[413] *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216.
[414] Ver Hilário DERTÔNIO. *O Bairro do Bom Retiro.* Série História dos Bairros de São Paulo – IX. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1971, p. 58.
[415] Cf. em anúncio publicado em São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935, s.p.
[416] Cf. *O Estado de S. Paulo,* domingo, 1 de dezembro de 1935, p. 13; quarta-feira, 2 de dezembro de 1936, p. 14; quarta-feira, 1 de dezembro de 1937, p. 12.
[417] *Indicador Profissional de São Paulo,* 1945, p.68.
[418] Cf. anúncio *Anuário das Senhoras,* 1947 Ano XIX, p. 62.

a *Laminação Nacional de Metais*, a empresa *Pignatari & Matarazzo* transformou-se na "Metalúrgica Matarazzo S/A", também conhecida pela sigla "METALMA".

A *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* registrou a partir de 1931 a fabricação de brinquedos pela firma de Pignatari & Matarazzo. No ano seguinte indicou também que a fábrica empregou 95 operários para a produção de brinquedos de folha-de-flandres litografadas, bem como o endereço do estabelecimento: Rua Carneiro Leão, 141[419].

Em 1933, já como "Metalúrgica Matarazzo S.A." (Rua Carneiro Leão, nº 439), o número de operários permaneceu equivalente em relação ao ano de 1932. No *Catálogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre*, de 1935, a METALMA anunciou que a sua seção de brinquedos fabricava em larga escala brinquedos de folha-de-flandres litografada, simples e com corda[420]. Trenzinhos e acessórios (trilhos, estações, sinais, pontes), automóveis, bondinhos, conjuntos de praia (baldes e pás), carrinhos de puxar, tamborzinhos e outros instrumentos musicais, ônibus em miniatura, regadores, casinhas, máquinas de lavar em miniatura, telefones, tratorzinhos, motocicletas com passageiros em miniatura, aviõezinhos, panelinhas e conjuntos de cozinha foram alguns dos brinquedos confeccionados pela Metalúrgica Matarazzo S.A., que utilizava a folha de flandres e alumínio como matérias-primas fundamentais para esses artefatos.

Em meados da década de 1940, a Seção de Brinquedos da Metalma estava localizada na Rua Rio Bonito nº 899, na capital paulista[421]. Na década de 1960, até o encerramento da produção de brinquedos pela empresa, no início da década de 1970, a produção de brinquedos foi realizada na cidade de Lavras, Minas Gerais, onde havia uma das filiais da metalúrgica que teve como fundador e presidente Francisco Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo).

Assim como outros fabricantes paulistanos de brinquedos, a Metalúrgica Matarazzo S.A. publicava catálogos de seus produtos infantis e artigos domésticos.

64 – Miguel Aguiar

A fábrica de brinquedos "Condor", de Miguel Aguiar, permaneceu em atividade entre os anos de 1928 e 1932, no Bairro do Brás.

No primeiro ano, esteve na Rua Xavantes, nº 79, onde 4 operários foram encarregados de produzir velocípedes e automóveis para crianças, feitos a partir de ferro e madeira. Em 1930 transferiu-se para a Rua Silva Telles, nº 116 e, com o mesmo número de operários também fabricou, além dos brinquedos já citados, voadores e patinetes. Dois anos depois, quando a sua firma foi

---

[419] *Estatistica Industrial...,* 1931, p. 187; 1932, p. 199, 269.

[420] Cf. em anúncio publicado em São Paulo (Est.). *Catalogo Geral do Pavilhão do Estado de São Paulo na Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre.* São Paulo: Edição da INDEX Ltda., 1935, s.p.; ver também *O Estado de S. Paulo,* domingo, 12 de dezembro de 1937, p. 1 (anúncio).

[421] Cf. *Indicador Profissional de São Paulo, 1945,* p.72.

registrada na *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* pela última vez, Miguel Aguiar contou com o auxílio de 6 operários[422].

65 – Nicolau Pinto da Silva

Produziu bonecas em 1937, na Rua Ministro Firmino Whitacker, nº 4, onde empregou 5 operários para a execução do trabalho[423].

66 – Nilo R. de Souza

Na Rua Brigadeiro Galvão, nº 120 (na estrada de ferro inglesa, Barra Funda), Nilo R. de Souza e mais 3 operários confeccionaram brinquedos diversos, feitos a partir das seguintes matérias-primas: ferro, madeira e celulóide[424]. Tem-se registro de suas atividades somente na *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* do ano de 1933[425].

67 – Oliveira & Giratti

Fabricaram diferentes tipos de brinquedos de tecidos, em 1934, na Rua Almirante Barroso, nº 118 (Brás), com o auxílio de 13 operários[426].

68 – Paul F. Buckup

De 1933 a 1935 sua fábrica de brinquedos esteve localizada na região central da cidade de São Paulo, na Rua Álvares Penteado, nº 24, 2º andar. No primeiro ano de atividades, 25 operários foram responsáveis pela fabricação de brinquedos de folha-de-flandres; em 1934 contaram-se 52 operários que produziram brinquedos a partir de ferro e madeira e, ainda nesse endereço no ano de 1935, a firma de Buckup pareceu ter prosperado, pois a *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* desse ano recenseou 75 operários nessa atividade[427].

Já em 1937 o estabelecimento de Paul Buckup ficara instalado na Rua Libero Badaró, nº 488, também uma das ruas centrais da capital paulista. Foram, nesse ano, 63 os operários encarregados na produção de velocípedes, bicicletas e outros brinquedos[428].

69 – Paulo Graziano

---

[422] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187, 253; 1932, p. 199, 269.
[423] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 276.
[424] A Alemanha foi o principal exportador de brinquedos de celulóide durante a Primeira Guerra Mundial, mas em 1927 e 1928 a produção japonesa aumentou para tornar-se a maior do mundo. É um material inflamável e, em função dessa característica, os brinquedos foram, a partir da década de 1950, fabricados a partir do plástico, recém descoberto nessa década e que não oferecia riscos à criança. Cf. Teruhisa KITAHARA. *Yesterday's Toys: celluloid dolls, clowns, and animals.* San Francisco: Chronicle Books, 1989 (introdução).
[425] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 243.
[426] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216.
[427] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[428] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 276.

Fabricou bonecas de papelão, na Rua Xingu, nº 137 (Móoca), contando com 5 operários em sua firma, durante o ano de 1933[429].

70 – Pedro Pinter

Em 7 de Janeiro de 1937 foi publicada e registrada na *Revista da Propriedade Industrial* a invenção de Pedro Pinter, que consistia em um tipo de massa para a fabricação de bonecas, bebês e estatuetas, feita a partir de matéria-prima nacional. Segundo o impresso, esse empreendedor era de São Paulo e assim foi descrito o seu invento:

> "Termo nº 17.992 de 28-12-1936 (Depositado na Inspectoria Regional de S. Paulo sob o n. 1498)
> Pedro Pinter – S. Paulo
> Pontos característicos da invenção de 'uma massa inquebrável para a fabricação de bonecas, bebés e estatuetas' (Privilegio de Invenção).
> I – Uma massa inquebrável para a fabricação de bonecas, bebés e estatuetas, caracterizada pelo fato de se obter taes objectos com duas camadas, sendo a externa constituída de um kilo de gesse, um kilo de colla de coqueiro, cento e cincoenta grammas de serragem de madeira, vinte e cinco grammas de cellulose em pó, quinze grammas de gazolina, quinze grammas de óleo de amendoi, e a interna, de vinte por cento de colla de coqueiro derretida e oitenta por cento de gêsso. (...)"[430]

O interessante a ser observado é a tentativa de adaptação de certos produtos que já eram produzidos em outros países para a fabricação de brinquedos, porém a partir de determinadas matérias-primas tipicamente nacionais; nesse caso, a cola obtida do coqueiro, por exemplo.

No Brasil, as bonecas feitas dessa mistura de gesso e outros tipos de materiais eram denominadas "bonecas de massa", ao passo que no exterior as bonecas produzidas por processo semelhante eram conhecidas como bonecas de "composição" (*"composition"*, tanto em inglês como em francês). A esse respeito, Caroline G. Goodfellow, em sua obra *Understanding Dolls,* evidenciou que a "composição" foi desenvolvida como substituta da madeira[431], feita a partir da mistura de diferentes materiais, como madeira e polpa de papel; podendo ser moldada e, após a modelagem, a superfície das bonecas tornava-se excelente para receber pintura[432].

---

[429] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1932, p. 199, 269.
[430] *Revista da Propriedade Industrial,* quinta-feira, 7 de Janeiro de 1937, p. 489.
[431] Note-se que tanto as bonecas como os brinquedos mais antigos eram confeccionados, principalmente, a partir da madeira, devido à abundância desse tipo de material na natureza, disponível para o homem. Cf. Caroline G. GOODFELLOW, *Understanding Dolls,* p. 39.
[432] Cf. Caroline G. GOODFELLOW, *op. cit.,* p. 42.

A experiência de Pedro Pinter, dentre outras, denota a busca e o anseio de fabricantes, industriais e outros empreendedores daquela época pela valorização do produto nacional, em contraposição aos artigos estrangeiros, que foram tomados como referência pela incipiente indústria brasileira. O exemplo da massa para a confecção de bonecas de Pedro Pinter, portanto, estava em confluência com os valores desse período, ou seja, a exaltação do nacionalismo em diferentes aspectos da sociedade brasileira. A respeito da temática do nacionalismo presente na imprensa paulistana, por exemplo, Ana Luiza Martins destacou que

> "A busca do nacional – um dos objetivos mais perseguidos para a definição da identidade – encontrou nas revistas paulistanas o espaço adequado para seu exercício e veiculação. A temática era da ordem do dia e, sob grafismos e apelos múltiplos, permeou aquelas publicações, divulgando em verso, prosa e imagem sucessivos modelos para a construção do Estado e da Nação".[433]

71 – Pick & Perotti

De 1929 até 1937, pelo menos, estiveram estabelecidos na Rua da Consolação, nº 327, onde foram fabricados brinquedos diversos de ferro, borracha e madeira; velocípedes e bicicletas foram dois exemplos de tais artigos.

Em 1929 exerceram atividades na fábrica 4 operários; no ano seguinte foram 6; em 1931, 9 operários auxiliaram na confecção de brinquedos; e, finalmente, 17 trabalhadores foram recenseados na firma de Pick & Perotti no ano de 1937[434].

72 – Prandini – Fábrica de Brinquedos Brasil

O estabelecimento do proprietário Prandini era nomeado "Fábrica de Brinquedos Brasil, de Prandini & Cia. Ltda.". Permaneceu no ramo de fabricação de brinquedos desde fins da década de 1910 (por volta de 1917-1918)[435], até 1928, pelo menos, ano em que se encontrou o último registro desse empreendedor.

Nos primeiros anos de atividade, a firma de Prandini esteve localizada à Rua Rangel Pestana, nº 318 e, em 1928, segundo o *Almanak Laemmert para São Paulo* desse ano, tinha endereço à Rua Fernão Magalhães, nº 318[436] (Brás, também).

Destacava-se a fabricação de cavalinhos de pau em 20 modelos variados em tamanho, cor dos pêlos e posições, tendo sido o principal artigo confeccionado por sua firma. A esposa de Prandini e os

---

[433] Ana Luiza MARTINS, *Revistas em revista...,* p. 526.
[434] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1929, p.50, 173; 1930, pp. 180-181, 244; 1931, p. 187, 253; 1937, p. 276.
[435] Cf. *Monographias Paulistas – Os Estados do Brasil, I Volume,* 1917-18-22, director: Absay de Andrade (das sociedades paulista de agricultura e scientifica de S. Paulo). S. Paulo: Typ. Mercúrio, Campos, Alcides, Taveira & C., s.p.
[436] Cf. *Almanak Laemmert para São Paulo*, 1928, p. 477.

dois filhos encarregavam-se também dos serviços da fábrica, responsáveis, sobretudo, pelo acabamento desses animais de brinquedo[437].

Em artigo sobre o empreendimento de Prandini, publicado na obra *Monographias Paulistas* (que apresentava diferentes aspectos do Estado de São Paulo, ou seja, a sua sociedade, algumas cidades, as suas indústrias, dentre outros), há uma fotografia de 14 tamanhos de cavalinhos de pau confeccionados pela indústria de Prandini e, além dessa ilustração que tentava realçar a qualidade dos produtos, o texto apresentado mostra-se notadamente nacionalista, exaltando os artigos e o estabelecimento de Prandini. Uma das estratégias para o convencimento do leitor sobre esse aspecto foi comparar os cavalinhos da indústria de Prandini com aqueles produzidos na Alemanha, país onde a indústria de brinquedos era tradicional naquele período e exportava para vários países:

> "A 'Fabrica de Brinquedos Brasil', de Prandini & C., Limitada, e seus progressos – compete os seus productos com os melhores europeos - a sua especialidade em 'cavallinhos' é incomparável, ultrapassando mesmo os da Allemanha (...)".[438]

O mesmo artigo ainda destacava que o proprietário havia participado da Exposição Industrial de São Paulo de 1918, onde recebeu medalha de ouro por seu trabalho no ramo de brinquedos. Além disso, afirmava-se que os brinquedos da fábrica de Prandini eram distribuídos "nos mercados de todo o Brasil" e inclusive nos principais bazares de brinquedos da cidade de São Paulo[439].

A ideologia do nacionalismo também pode ser deduzida nas últimas linhas do artigo, pois a mensagem enfatizava o incentivo à industrialização brasileira e as vantagens que a mesma oferecia, como podemos conferir a seguir:

> "ATTENÇÃO: – Estamos com o Natal e Anno Novo á porta; é de justiça que o publico não se esqueça da CASA PRANDINI como homenagem á INDUSTRIA BRASILEIRA EM S. PAULO, além de serem alli servidos com vantagens em preços e qualidade. PRANDINI & COMP. – Avenida Rangel Pestana, 318 – S. Paulo."[440]

73 – Ramiro Boto

---

[437] *Monographias Paulistas...,* s.p.
[438] *Monographias Paulistas...,* s.p.
[439] *Idem.*
[440] *Idem.*

Fabricou velocípedes, automóveis, cavalinhos, na Rua Silva Teles, nº 170 (Bairro do Oriente, próximo ao Brás), onde mais 4 operários o auxiliavam. O estabelecimento exerceu atividades entre 1928 e 1929[441].

74 – Rossi Colauti & C.

Colauti foi citado na *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* dos anos de 1933, 1934 e 1935 como um dos fabricantes de artefatos de borracha que também fabricavam brinquedos diversos a partir dessa mesma matéria-prima[442].

75 – Sociedade Anônima Fabricas Orion

Fabricou brinquedos de borracha entre 1933 e 1935, porém essa Sociedade não fabricava exclusivamente tais artigos, pois foi caracterizada pelo impresso *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo* como uma das firmas paulistanas que fabricavam artefatos diversos de borracha[443].

76 – Theodoro Putz

Segundo a *Revista de Commercio e Industria*, publicada pela Associação Comercial de São Paulo a partir de 1915, o primeiro estabelecimento manufatureiro de borracha instalado em São Paulo foi fundado graças à iniciativa do engenheiro Alfredo Luthold e do industrial Theodoro Putz, que constituíram uma sociedade comercial para a exploração dessa nova indústria no ano de 1913[444].

O artigo da revista, que conferia destaque e valor à matéria-prima nacional – e, sobretudo, paulista – oriunda das seringueiras ou de mangabeiras para o desenvolvimento da indústria brasileira, ressaltava também que

> "Dentre as indústrias novas que têm surgido ultimamente no Brasil, uma que promette desenvolver-se e adquirir importância, com o decorrer do tempo, é sem duvida a de manufaturas de borracha.
>
> Encontrando aqui, em abundancia, matéria prima da melhor qualidade, esta industria, cujos productos são consumidos no paiz cada vez em mais avultadas quantidades, está innegavelmente destinada a occupar importante logar na nossa economia, quando se desenvolver e alastrar de modo a poder satisfazer as exigências dos mercados internos. (...)

[441] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37, 111; 1929, p. 50, 173.
[442] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[443] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[444] Cf. *Revista de Commercio e Industria*, Anno II, nº24, Dezembro de 1916, p. 363.

> A borracha utilizada como materia-prima é, em parte, de mangabeira procedente do Estado [de São Paulo] e, noutra parte, provém das seringueiras do Amazônia, importando-se do Pará."[445] (grifos nossos).

Em 1916, a fábrica de Theodoro Putz esteve dividida em duas seções; uma em funcionamento na Rua Abílio Soares n° 179 (Paraíso), e a outra na Rua Livramento, n° 2 (Vila Mariana), e ambas ocupavam uma área de 3 mil metros quadrados, onde trabalhavam cerca de 30 operários[446].

Foram enumerados na *Revista de Commercio e Industria* de 1916 os seguintes artigos produzidos na industria de borracha de Putz & C.: rodas maciças para carrinhos de café; artigos para estradas de ferro, como peças para locomotivas e freios para carros; artigos para instalações elétricas; tubos para semeadores; tubos para o fabrico de arruelas para garrafas de água gasosa; guarnições para prensas hidráulicas; tabelas para bilhares; válvulas automáticas circulares; discos; rolhas de borracha e tampos para banheiros; cilindros para máquina de escrever; borrachas para polidores de arroz; saltos de botinas, dentre outros. Bolas de borracha também foram citadas como objetos produzidos nessa indústria[447].

De 1928 (ano da primeira edição da *Estatistica Industrial do Estado de São Paulo*) até 1935, a firma de Theodoro Putz foi indicada nesse impresso na seção de fábricas de brinquedos, pois também fabricava esses artigos, a partir da borracha nacional[448].

77 – Ulderigo J. Caroti

Entre os anos de 1935 e 1942 fabricou, na Rua das Palmeiras nº 56 (entre Santa Cecília e Perdizes), brinquedos diversos, feitos a partir de ferro e madeira. Para a confecção dos artigos havia 5 operários responsáveis na firma de Caroti[449].

78 a 83:

Na *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* de 1934 duas fábricas de brinquedos foram mencionadas, porém não discriminadas devido ao pequeno movimento ou porque permaneceram paralisadas durante aquele ano[450].

No impresso de mesmo título datado de 1937, foi descrito fato semelhante, ou seja, quatro fábricas de brinquedos que empregaram, ao todo, 21 operários nessa atividade foram recenseadas, embora sem os demais dados, como nome de proprietários ou firmas, endereços, e os tipos de

---

[445] *Idem.*
[446] *Idem.*
[447] *Idem.*
[448] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1928, pp. 36-37; 111; 1929, p. 50, 173; 1930, pp. 180-181; 1931, p. 187; 1932, p. 199; 1933, p. 243; 1934, p. 216; 1935, p. 228.
[449] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1935, p. 228; 1937, p. 276; *Anuário Geral das Profissões B.P.*, p.56.
[450] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1934, p. 216.

brinquedos – e os respectivos materiais para a confecção dos mesmos – oferecidos ao consumo na capital paulista[451].

[451] Cf. *Estatistica Industrial...,* 1937, p. 276.